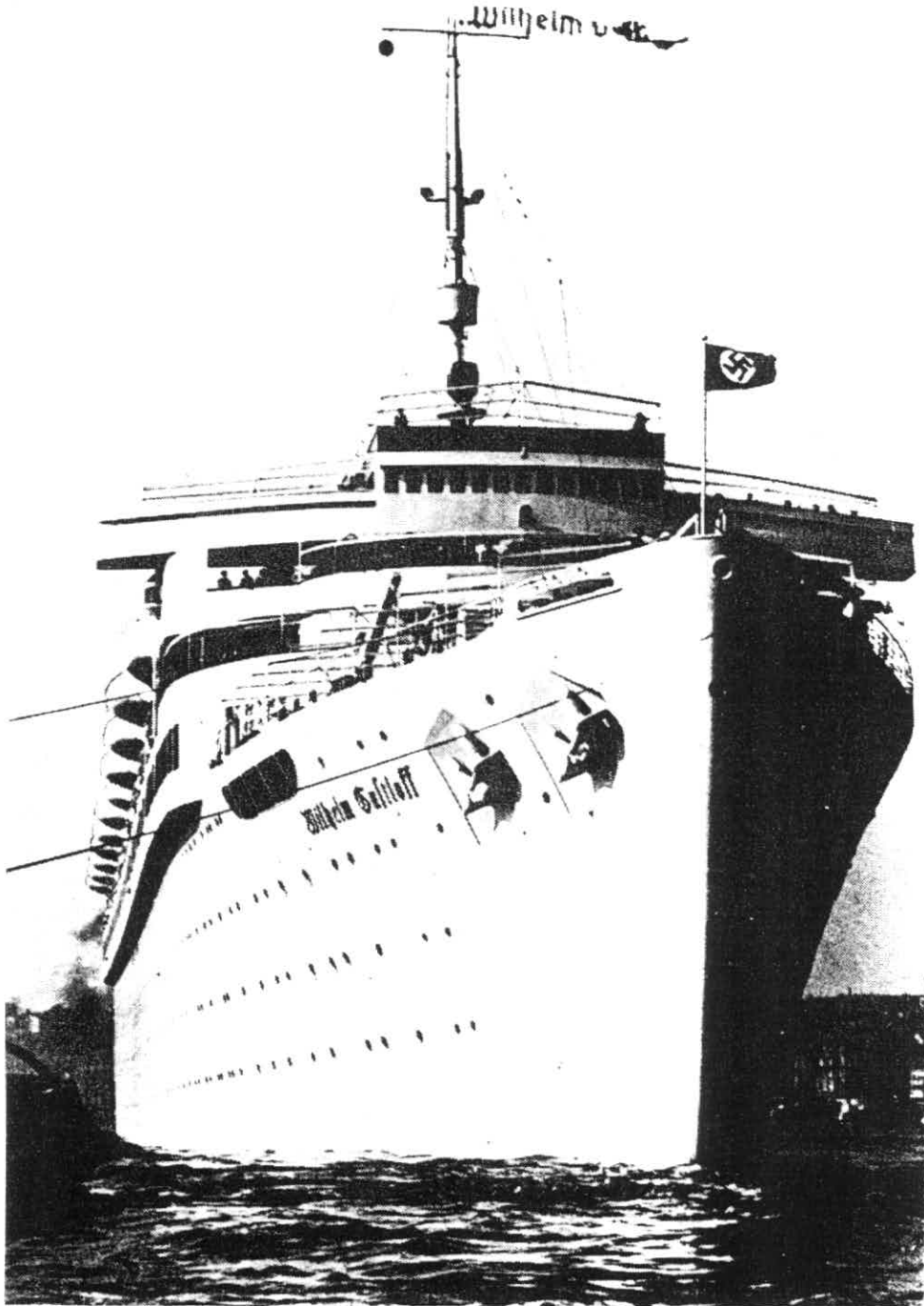




Mário Manuel Lima de Matos:

As viagens marítimas da organização nazi  
*Kraft durch Freude* a Portugal (1935-1939):  
turismo, literatura e propaganda



Universidade Nova de Lisboa  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
1996

Mário Manuel Lima de Matos:

**As viagens marítimas da organização nazi *Kraft durch Freude* a Portugal (1935-1939):  
turismo, literatura e propaganda**

82.992 (430) "19"



**Dissertação apresentada à  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa  
para obtenção do grau de Mestre em Estudos Alemães**

**sob orientação do  
Professor Doutor Alfred Opitz**

### **Lista das abreviaturas utilizadas no texto**

DAF - *Deutsche Arbeitsfront* (Frente de Trabalho Alemã)

FNAT- *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*

KdF - *Nationalsozialistische Gemeinschaft "Kraft durch Freude"* ("Força pela Alegria")

NSDAP - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (partido nazi)

OND - *Opera Nazionale Dopolavoro* (organização dos tempos livres da Itália fascista)

RWU - *KdF-Amt für Reisen, Wandern und Urlaub* (Secção de Turismo da KdF)

SPN - *Secretariado de Propaganda Nacional*

VMR - *Vertrauensmann für eine Reise* (informadores/espões nas viagens KdF)

## Introdução\*

Com a acelerada internacionalização do mundo e o consequente (re)despertar (neo)humanístico para o fenómeno *interculturalidade* pôde verificar-se por parte das ciências sociais e filológicas, sobretudo durante as duas últimas décadas, um crescente interesse pelo tema da *viagem* entendida enquanto "prática intercultural em que todos participamos"<sup>1</sup>. Inscrevendo-se nesta tendência, tem vindo a cristalizar-se no seio da Germanística contemporânea um prosperante ramo de investigação centrado num objecto de estudo tradicional e abrangentemente denominado de *literatura de viagens*. Apesar da - ou talvez precisamente por - falta de rigor delimitativo e definitorio subjacente a esta "categoria" literária, a que provavelmente o "género" mais abrangente de *relato de viagem* (*Reisebericht*) assentaria melhor<sup>2</sup>, constatou-se neste âmbito um considerável salto quantitativo na produção e publicação de trabalhos académicos. Esta ascendente tematização da viagem e suas formas de representação textual em língua alemã, de que Peter J. Brenner faz um exaustivo apanhado global (*Forschungsüberblick*)<sup>3</sup>, cobre praticamente todas as formas e períodos da multissecular história da viagem, desde a peregrinação na Idade Média ao turismo de massas da actualidade.

Perante esta abrangência cronológica e diversidade metodológica surpreende a quase inexistência de trabalhos filológicos sobre a viagem no *Terceiro Reich*. Tanto mais se se levar em consideração que o regime nacional-socialista, ao desenvolver uma gigantesca organização de cultura popular e lazeres, a *Kraft durch Freude* (Força pela Alegria), cuja subsecção turística (*Amt für Reisen, Wandern und Urlaub*) conseguiu "mobilizar" entre 1934 e 1939 dezenas de milhões de alemães, se apoderou da viagem turística enquanto instrumento para a estabilização do regime. Desta intencionada massificação - e, por isso mesmo, *nova* forma - da viagem resultaram *novos* "géneros" de literatura de viagens que se diferenciam pelas suas especificidades funcionais e formais. Porém, e exceptuando o âmbito da intensa pesquisa da *literatura de exílio*, em que por

---

\* Nota do autor: Todas as traduções do alemão são da minha autoria e inteira responsabilidade. Por uma questão de coerência estilística e sintáctica, optei por inserir no texto corrente as citações traduzidas na sua versão portuguesa, mantendo-se as graficamente destacadas na língua original.

<sup>1</sup> Alfred Opitz: "Das 'innere Auge'. Zur Problematik der interkulturellen Imagination in der Reiseliteratur des 19. Jahrhunderts", in Bernd Thum/Gonthier-Louis Fink (org.): *Praxis interkultureller Germanistik. Forschung - Bildung - Politik. Beiträge zum II. Internationalen Kongress der Gesellschaft für interkulturelle Germanistik*, Estrasburgo, 1991, pp. 659-668, aqui: p. 659.

<sup>2</sup> Sobre a questão e discussão do género em relação à "literatura de viagens", veja-se, por exemplo, o artigo de Wolfgang Neuber: "Zur Gattungspoetik des Reiseberichts. Skizze einer historischen Grundlegung im Horizont von Rhetorik und Topik", in Peter J. Brenner (org.): *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*, Frankfurt am Main, 1989, pp. 50-67.

<sup>3</sup> Peter J. Brenner: *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*, Tübingen, 1990.



razões óbvias o tópico da viagem e suas representações literárias pela pena de reconhecidos escritores em viagem forçada constitui um objecto de estudo fulcral, na investigação sobre a literatura de viagens referente ao período da "mancha negra" da história alemã os relatos das viagens *Kraft durch Freude* (KdF) parecem situar-se aquém de um certo limiar de pudor. Ficarão por esclarecer as razões desta latente relutância em relação à abordagem deste(s) género(s) de textos, e não será certamente o propósito do presente trabalho explicar os porquês deste *tabu*, mas antes contribuir para o seu rompimento. Partindo-se de um entendimento funcional dual do relato de viagem enquanto forma tanto de (auto)representação involuntária da(s) mentalidade(s) do autor e da(s) cultura(s) de partida em que se insere assim como da(s) cultura(s) visitada(s)<sup>4</sup>, com este estudo não mais se pretende senão dar um certo contorno a um objecto que continua a constituir na Germanística uma quase "mancha branca".

Numa tentativa de ultrapassagem de uma canonização "clássica", em que os relatos em questão pela manifesta falta de qualidade literária, a que também se poderia chamar *kitsch* ao serviço do poder político, não merecem de facto atenção, o tema revela a sua significância sobretudo numa óptica analítica da história das mentalidades e ideologias. A "literatura de viagens KdF" - se é que este conceito perante o carácter puramente instrumentalista da linguagem (pseudo)poética num regime totalitarista tem aqui validade - constitui, como duplo espelho da cultura de partida e da descrita, uma excelente "fonte" para o estudo e reconstrução do imaginário nacional-socialista. O método de abordagem de relatos de viagens enquanto fonte conforme sua aplicação na investigação historiográfica, que tende para uma leitura dos textos como forma de (re)produção de realidade, não é, porém, o que subjaz ao presente trabalho. O relato de viagem não pode ser lido como fonte de autenticidade sem que previamente se proceda a uma dissecção dos aspectos sociais, históricos e individuais, dos padrões culturais, que pré-condicionam a percepção e suas formas de representação. O objectivo principal será, assim, uma análise aproximativa das "interferências da percepção e imaginação do estranho"<sup>5</sup>, ou seja, do efeito dos elementos pré-formativos sobre a descrição representativa de um país visitado.

O facto de Portugal, nomeadamente Lisboa, a Madeira e os Açores, ter sido escolhido pelo regime nacional-socialista como um dos vários destinos das "viagens marítimas para trabalhadores" da *Kraft durch Freude*, em que só nos

<sup>4</sup> Vide Michael Harbsmeier: "Reisebeschreibungen als mentalitätsgeschichtliche Quellen: Überlegungen zu einer historisch-anthropologischen Untersuchung frühneuzeitlicher deutscher Reisebeschreibungen", in Anton Maczak/Hans Jürgen Teuteberg (org.): *Reiseberichte als Quellen europäischer Kulturgeschichte und Möglichkeiten der historischen Reiseforschung*, Wolfenbüttel, 1982, pp. 1-31.

<sup>5</sup> Alfred Opatz, *op. cit.*, p. 659.

cruzeiros com escalas em terras portuguesas participaram um total de cerca de 20 mil turistas, constituirá para a germanística portuguesa um interesse acrescido pelo tema. Se no âmbito da literatura de exílio de expressão alemã o tratamento da imagem de Portugal, sobretudo de Lisboa como porto de refúgio efêmero para várias dezenas de milhares de alemães em fuga do *Terceiro Reich*, já deu origem a diversos trabalhos desenvolvidos tanto por parte de investigadores da História Contemporânea como por germanistas portugueses e alemães<sup>6</sup>, o mesmo já não se verifica em relação ao período que o antecede de imediato, ou mesmo com ele coincide. Apesar das conhecidas afinidades e semelhanças - e obviamente salvaguardando-se a devida diferenciação - entre os dois regimes estado-novista e nacional-socialista, as relações luso-alemãs entre 1933 e 1939, em que as viagens KdF se inserem, representam um capítulo (negro) da história *intercultural* até ao momento pouco estudado.<sup>7</sup> Esperemos que com este trabalho<sup>8</sup> se possa contribuir, ainda que de forma diminuta, para o colmatar desta lacuna e sua clarificação.

<sup>6</sup> Para além da exposição e do colóquio interdisciplinar "Fugindo a Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945", organizados pelo Instituto Alemão de Lisboa em Maio de 1994, podem ainda ser referenciados, apenas exemplarmente, o excelente livro do historiador Patrik von zur Mühlen (*Fluchtweg Spanien-Portugal. Die deutsche Emigration und der Exodus aus Europa 1933-1945*, Bona, 1992), os estudos de Christa Heinrich ("Preservar do esquecimento. Refugiados na região de Coimbra e Curia") e de Irene Flunser Pimentel ("Refugiados entre portugueses"), ambos publicados in *Vértice*, Novembro-Dezembro 1995, n.º 69, respectivamente nas páginas 16-21 e 102-111, e ainda os trabalhos das germanistas Teolinda Gersão ("A passagem de Alfred Döblin por Lisboa", in *Runa - Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, n.º 17-18/1992, pp. 57-64) e Maria Assunção Pinto Correia ("<Eine bunte, südliche und friedliche Welt>? Portugal na Literatura Alemã no exílio", comunicação ao supracitado colóquio no Instituto Alemão).

<sup>7</sup> Alguns contributos esporádicos sobre as relações culturais luso-alemãs referentes ao período que antecede a Segunda Guerra Mundial são: a síntese da história da Germanística em Portugal da autoria de Teresa Seruya que, numa abordagem sem *tabus*, expõe também as influências e interferências do nazismo nas actividades da dita disciplina na vida académica portuguesa durante os anos 30 e 40 ("Germanistik in Portugal. Ein wissenschaftlicher Bericht", in *Sonderdruck aus dem Jahrbuch der Deutschen Schillergesellschaft*, XXXIX, Estugarda, 1995, pp. 391-417); os artigos de Alfred Opitz, com os títulos "Deutsch-portugiesische Kulturbeziehungen im europäischen Kontext. Überlegungen zur interdisziplinären Perspektivierung eines problematischen Forschungsbereichs" (in *Akten des Deutschen Hispanistentages Göttingen*, Frankfurt am Main, 1993, pp. 356-365) e "Friedrich von Sieburg: Estado Novo e Velho Portugal - um duplo retrato" [in A. Gama Xavier e António C. Franco (eds.): *Aspectos da História Luso-Alemã*, Lisboa, 1990, pp. 103-110], em que se denuncia o condicionamento ideológico pelo ideário nazi na imagem de Portugal projectada no livro de Sieburg *Neues Portugal. Bildnis eines alten Landes* (Frankfurt am Main, 1937); e, ainda, os estudos de Orlando Grosseguesse sobre as influências da *Hitlerjugend* na congénere *Mocidade Portuguesa* ["Das Märchen von der Mocidade Portuguesa", in *Tranvia. Revue der Iberischen Halbinsel*, n.º 35, Berlim, Dezembro 1994, pp. 13-17; "A lição alemã na Mocidade Portuguesa", in A. H. de Oliveira Marques/Alfred Opitz/Fernando Clara (coord.), *Portugal-Alemanha-África. Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político*. (Actas do IV Encontro Luso-Alemão, Lisboa, 1995), Lisboa, 1996, pp. 185-197].

<sup>8</sup> A minha comunicação ao IV Encontro Luso-Alemão constitui uma abordagem preliminar, uma primeira aproximação de cunho mais historicista e impulsionada por intuítos mais divulgadores do que propriamente científico-literários, à tematização mais aprofundada no presente trabalho sobre as viagens e "literatura" KdF. Vide: Mário Matos, "Turismo nazi em Portugal", in *Portugal-Alemanha-África...*, pp. 199-214.

Resumindo, o objectivo principal do presente trabalho consiste em apresentar a imagem de Portugal e suas formas de representação na "literatura de viagens KdF" e, sobretudo, em desmontar e demonstrar os "conceito(s) anterior(es) à observação"<sup>9</sup>, ou seja, os aspectos condicionantes e pré-formativos na percepção e (re)construção descritiva de fenómenos interculturais. Neste sentido, tentar-se-á analisar também a imagem que os vinte mil excursionistas da KdF terão projectado na opinião pública fascizada do Estado Novo, para finalmente se chegar a uma conclusão - certamente não definitiva - sobre *se* e *em* que medida o turismo e a "literatura de viagens KdF" terão contribuído para o alcançamento da então propagandeada aproximação entre dois povos, o alemão e o português, "unidos na luta contra a desordem e destruição em defesa do Ocidente."<sup>10</sup>

No que diz respeito à situação da investigação sobre as viagens KdF, denota-se desde logo uma acentuada heterogeneidade. As referências bibliográficas passivas provêm de diversas áreas e disciplinas das ciências sociais, o que por si só já nos parece justificar a inevitabilidade da abordagem metodológica transdisciplinar subjacente ao presente estudo.

A dissertação do historiador Wolfhard Buchholz *Die nationalsozialistische Gemeinschaft "Kraft durch Freude". Freizeitgestaltung und Arbeiterschaft im Dritten Reich* (1976), em cuja análise as viagens organizadas por esta instituição nazi, entre as outras suas áreas de intervenção, ocupam um lugar destacado, pode ser considerada a primeira abordagem específica do tema. O autor desenvolve primordialmente as implicações e consequências (sócio)políticas do projecto KdF, e chega à conclusão de que esta organização "contribuiu fortemente para o surpreendente êxito da política laboral nacional-socialista, representando assim um importante instrumento para a estabilização do regime."<sup>11</sup>

No entanto, o primeiro estudo de fundo exclusivamente dedicado às viagens KdF data de 1992. Trata-se da tese de doutoramento do politólogo Bruno Frommann, com o título *Reisen im Dienste politischer Zielsetzungen. Arbeiter-Reisen und "Kraft durch Freude"-Fahrten*. Neste trabalho, cujo valor acrescentado em relação ao mencionado consiste sobretudo na introdução de dados estatísticos muito pormenorizados e numa exposição bastante detalhada sobre o "turismo proletário" durante a República de Weimar, Frommann insiste

<sup>9</sup> Castelo Branco Chaves. *Os livros de viagens em Portugal no Século XVIII e sua projecção europeia*. Lisboa, 1987, p. 13.

<sup>10</sup> O barão von Huene, Ministro da Alemanha em Portugal, no seu discurso proferido na Legação Alemã a 10 de Outubro de 1937, aquando da condecoração de um operário português que salvara a vida a um turista KdF caído ao mar. (Cf. *Akten der Deutschen Gesandtschaft in Portugal*: "NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude-Fahrten". Bd.2)

<sup>11</sup> Wolfhard Buchholz: *Die nationalsozialistische Gemeinschaft "Kraft durch Freude". Freizeitgestaltung und Arbeiterschaft im Dritten Reich*, diss., Munique, 1976: p. 412.

numa minuciosa diferenciação entre a função social, que ele avalia positivamente, e os inegáveis propósitos puramente políticos subjacentes às viagens KdF. Frisando o seu aspecto turístico, "cujos programas", na sua opinião, "poderiam perfeitamente ter sido os de agências de turismo privadas"<sup>12</sup>, o autor rejeita uma sobrevalorização interpretativa das suas funções propagandística e doutrinária. Apesar do reconhecimento das viagens KdF como - conforme o título do seu estudo indica - "viagens ao serviço de objectivos políticos" de indole "apenas nacional e internacional"<sup>13</sup>, Frommann considera que "o que melhor caracteriza as viagens KdF é o facto de terem possibilitado a largas camadas da população trabalhadora com rendimentos baixos viagens até então não conhecidas, tornando-se assim o precursor do turismo de massas actual."<sup>14</sup> A viagem KdF distinguir-se-ia, portanto, pela sua alegada dimensão social e modernizante.

Uma outra contribuição importante para a pesquisa sobre a viagem durante o *Terceiro Reich* é-nos dada pelas "Ciências do Turismo" (*Tourismuswissenschaft*), aliás, um ramo de investigação que, olhando à significância (inter)cultural do turismo nas sociedades modernas, paradoxalmente ainda se encontra numa fase de consolidação.<sup>15</sup> Neste âmbito destacam-se os trabalhos de Hasso Spode<sup>16</sup>. Os seus estudos, globalmente dedicados à História do turismo e dos tempos livres, e publicados em diversas colectâneas sobre o tema, realçam-se por um prisma analítico do fenómeno da viagem (turística) enquanto parte integrante de um *processo* dos hábitos sociais. Bebendo nas fontes teóricas de Norbert Elias<sup>17</sup>, Spode analisa o fenómeno do turismo na sua vertente *transformacional* dos comportamentos sociais ao longo da história. Neste sentido, e para além de se reconhecer o carácter instrumentalista, endoutrinante e totalizante de que o turismo se reveste durante o regime nazi, os seus estudos focalizam os efeitos e repercussões duradouros da viagem KdF para a cultura quotidiana do pós-guerra.

<sup>12</sup> Bruno Frommann: *Reisen im Dienste politischer Zielsetzungen. Arbeiter-Reisen und "Kraft durch Freude"-Fahrten*, diss., Estugarda, 1992; p. 311.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 318.

<sup>15</sup> A primeira edição a nível mundial de um "manual" conceptual da *Tourismuswissenschaft* data de 1993: Heinz Hahn/H. Jürgen Kagelmann (org.), *Tourismuspsychologie und Tourismussoziologie. Ein Handbuch zur Tourismuswissenschaft*, (Quintessenz Verlag), Munique, 1993.

<sup>16</sup> Os seus trabalhos exclusivamente dedicados ao turismo KdF são: "Der deutsche Arbeiter reist: Massentourismus im Dritten Reich", in Gerhard Huck (org.), *Sozialgeschichte der Freizeit*, Wuppertal, 1980, pp. 281-306; "Arbeiterurlaub im Dritten Reich", in AA. VV., *Angst, Belohnung, Zucht und Ordnung. Herrschaftsmechanismen im Nationalsozialismus*, Opladen, 1982, pp. 275-328; "Die NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude - ein Volk auf Reisen?", in Hasso Spode (org.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*, Berlin, 1991, pp. 79-93.

<sup>17</sup> Referimo-nos às suas teses desenvolvidas no livro *Über den Prozeß der Zivilisation*, Frankfurt am Main, 1976. A versão portuguesa foi editada pela Dom Quixote, em 1989, com o título *O Processo Civilizacional*.

Segundo Spode, "no caminho para uma cultura de massas moderna, dominada pela nova classe média, a popularização do turismo pela KdF constituiu um passo a não subestimar. (...) Nas camadas sem experiência da viagem ultrapassou-se um limiar de pudor, dando-se ao viajante-noviço uma certa orientação e segurança."<sup>18</sup> O facto de com a KdF se ter criado um novo estilo de viajar, "um comportamento turístico médio"<sup>19</sup>, situado entre a "viagem proletária" de Weimar e a "viagem burguesa", não se podendo portanto falar de uma verdadeira "democratização da viagem", ajudaria a explicar a surpreendentemente rápida (re)implantação e massificação do turismo na sociedade alemã das décadas de 50 e 60. Na área da História do turismo, um outro trabalho pode ser destacado, não tanto pela abundância ou rigor, mas antes pelo facto de se tratar de uma obra de síntese provavelmente pioneira, em que às viagens KdF é dado um tratamento relativamente detalhado, sem, no entanto, se atingir a profundidade dos contributos de Spode para o tema. Trata-se do livro de autoria conjunta de Hans-Werner Prahl e Albrecht Steinecke, intitulado de *Der Millionen-Urlaub. Von der Bildungsreise zur totalen Freizeit* (1979), em que os autores também dedicam um curto capítulo ao turismo de massas organizado pelo regime nacional-socialista.<sup>20</sup>

Em *Der schöne Schein des Dritten Reiches. Faszination und Gewalt des Faschismus* (1991), revisitando e revitalizando as - na actual discussão sobre o(s) fascismo(s) não raramente marginalizadas - críticas políticas e culturais contemporâneas ao fascismo (como as de Benjamin, Bloch e Brecht), Peter Reichel traça um quadro interessante da política cultural nazi, na qual a KdF teve uma função de relevo. O interesse desta obra reside na sua abordagem "desdemonizante" do nazismo, conforme o título antecipa, a partir da sua vertente cativadora, da sua base de apoio popular maciça alcançada pelo domínio (quase) perfeito das técnicas da comunicação de massas, pela sua capacidade de fascinação e sedução. Denunciando toda uma maquinaria político-cultural nazi com que, em última instância, se visaria uma sistemática despolitização esteticista da sociedade alemã, Reichel vê nas viagens KdF um "elemento da (visada) transposição estetizante das condições de vida das classes sociais"<sup>21</sup>.

O livro *Die KdF-Schiffe und ihr Schicksal. Eine Dokumentation* (1987) da autoria de Heinz Schön, antigo contabilista no ramo da navegação mercantil alemã e historiador com várias outras obras publicadas sobre a história náutica alemã dos

<sup>18</sup> Hasso Spode: "Die NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude - ein Volk auf Reisen?", in Hasso Spode (org.): *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*, Berlin, 1991: p. 89.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> Hans-Werner Prahl/Albert Steinecke, "Und morgen die ganze Welt? Kraft durch Freude", in *Der Millionen-Urlaub. Von der Bildungsreise zur totalen Freizeit*, Darmstadt/Neuwied, 1979, pp. 160-177.

<sup>21</sup> Peter Reichel: *Der schöne Schein des Dritten Reiches. Faszination und Gewalt des Faschismus*, Frankfurt am Main, 1993, p. 251.

anos de 1930/40. constitui um exemplo paradigmático da proveniência heterogênea das referências bibliográficas sobre o tema das viagens KdF. Para além do facto de nele se reproduzir alguns extractos de relatos de viagens pessoais<sup>22</sup> - lamentavelmente nenhum sobre Portugal - escritos por turistas participantes nas viagens marítimas KdF, este trabalho prima sobretudo pela grande quantidade e diversidade do material documental fotográfico. Mas, conforme o autor anuncia no prefácio do seu livro, "esta documentação é mais que uma simples colectânea de relatos de viagens, fotografias e descrições do destino de certos navios. (...) A história dos paquetes da KdF está indissoluvelmente ligada à história do *Terceiro Reich* (...). Foram os nacional-socialistas (...) que criaram a *Nationalsozialistische Gemeinschaft Kraft durch Freude*, que fretaram, compraram ou mandaram construir os navios para trabalhadores (*Arbeiterschiffe*), para os utilizar como navios de propaganda para o nacional-socialismo e que, sob o conceito de *viagens marítimas para trabalhadores*, tentaram entusiasmar os trabalhadores alemães para o regime (...), conduzindo-os [efectivamente] a um caos inimaginável, a um mar de lágrimas e sangue."<sup>23</sup> Na verdade, Schön faz uma excelente contextualização política e social das viagens KdF e realça ainda, aspecto não mencionado pelos trabalhos atrás mencionados, a pelo regime premeditada multifuncionalidade dos paquetes KdF que, para além da sua utilização político-turística durante os anos que antecedem a guerra, a partir de 1939 passaram a estar quase exclusivamente ao serviço da marinha enquanto transportadores de contingentes humanos e de abastecimentos bélicos, funcionando também como "flutuantes hospitais militares" durante a guerra.<sup>24</sup>

Um outro contributo de relevância para o tema é o trabalho conjunto do fotógrafo Franz Zadnicek e do arquitecto paisagístico Jürgen Rostock. No seu livro *Paradiesruinen. Das KdF-Seebad der Zwanzigtausend auf Rügen* (1992) sobre a história do mega projecto nacional-socialista para a construção de uma

<sup>22</sup> Segundo informações obtidas no referido livro e, posteriormente, confirmadas pessoalmente pelo autor, estes testemunhos/re relatos fazem parte do espólio do seu arquivo privado (*Gustloff Archiv - Heinz Schön*). Olhando ao presumível interesse destes documentos para o presente trabalho, estabeleci vários contactos directos, por escrito e mesmo por via telefónica, no sentido de poder consultar o referido arquivo. Porém, e apesar de uma data previa e bilateralmente acordada para a minha deslocação a Bad Salzuflen/Bielefeld (Alemanha) em Abril de 1995, o acesso ao espólio foi-me, à última hora, objectivamente vedado.

<sup>23</sup> Heinz Schön: *Die KdF-Schiffe und ihr Schicksal*, Estugarda, 1987, p. 8.

<sup>24</sup> A primeira utilização dos navios (turísticos) da KdF, da "Frota da Paz", para fins militares data ainda antes do início da II Guerra Mundial. No verão de 1939 a *Legion Condor*, exército dos combatentes alemães ao lado das tropas falangistas de Franco durante a guerra civil de Espanha, é transportada de regresso à Alemanha a bordo dos cinco maiores paquetes da KdF. A *Arbeitertum*, revista oficial da *Deutsche Arbeitsfront* (*Frente de Trabalho Alemã*), encena verbalmente o evento, na sua edição de 1.07.1939 (pp. 8-10), sob o seguinte título: "Sie kehrten heim als Sieger: Legion Condor an Bord der KdF-Flotte".

instância balnear KdF que deveria albergar vinte mil turistas ao mesmo tempo<sup>25</sup>, os autores fazem uma exposição, excelentemente documentada com material fotográfico, dos designios (des)politizantes do turismo KdF em cujo âmbito "a arquitectura (megalómana do fascismo) aliada à organização da sua utilização correspondiam, também durante os tempos livres, a um padrão ideológico, a uma estruturação da vida imposta a partir do exterior."<sup>26</sup> Reconhecendo o projecto da instância turística de Rügen como "protótipo de umas férias com programa de acompanhamento e entretenimento completo"<sup>27</sup>, neste estudo considera-se o turismo KdF como ponto de viragem paradigmática do turismo enquanto ramo comercial para o surgimento de uma *indústria* do turismo de massas. Para além desta avaliação que, aliás, se insere na linhagem dos trabalhos aqui já mencionados, este livro particulariza-se pelo facto de apenas poder ter sido escrito após a queda do muro. Visto que a ilha de Rügen se situa na extinta RDA, cujo regime político, numa acepção do nazismo enquanto "acidente da História alemã", tudo fez para impedir uma abordagem sistemática e "objectiva" do passado que não se enquadrasse na ideologia vigente, e tendo-se em consideração que as bases dessa gigantesca obra arquitectónica, construção porventura abandonada a meio por imposição da guerra, serviram ao regime do SED como campo de instrução militar, a obra de Rostock e Zadniecek constitui um contributo interessante para o urgente estudo e "dominação" do "duplo passado" alemão (Habermas).<sup>28</sup> Abordando a temática KdF a partir da asserção de uma detectável continuidade tanto a nível dos comportamentos sociais, de que o turismo de massas faz parte, como numa perspectiva de leituras interpretativas da História, este livro reveste-se de um carácter pioneiro. Como nota de curiosidade apenas, já que a questão transcende os propósitos deste nosso trabalho: o *KdF-Bad* Rügen encontra-se

<sup>25</sup> Veja-se a este respeito também dois artigos publicados no semanário alemão *Die Zeit*. Thomas E. Schmidt/Christian Richters: "Die Strandburg", in *Zeitmagazin*, n.º 17, 22.04.1994, pp. 22-29; Manfred Sack: "Sturm über Prora", in *Die Zeit*, 13.05.1994.

<sup>26</sup> Jürgen Rostock/Franz Zadniecek: *Paradiesruinen. Das KdF-Seebad der Zwanzigtausend auf Rügen*. Berlim, 1992, p. 44.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>28</sup> A leitura de um artigo recentemente publicado no *Süddeutsche Zeitung Magazin* (31.5.1996; pp. 10-17), com o título "Es lebe die Völkerfreundschaft", em que se conta a história e se denuncia o papel político-propagandístico dos cruzeiros para trabalhadores a bordo do luxuoso paquete com o emblemático nome de *Völkerfreundschaft* organizados pelo regime SED da extinta RDA entre 1960 e 1985, sugere, apesar de em todo o artigo se mencionar apenas uma vez a sigla KdF, a urgência de se proceder a estudos comparatísticos sobre o aproveitamento político e endoutrinante dos tempos livres, nomeadamente da viagem marítima, por dois regimes (alemães) totalitários. As muitas semelhanças entre estas duas formas de "turismo político", desde a multiplicidade de funções e objectivos ideológicos subjacentes tanto às viagens da KdF como as organizadas pelo (pseudo)sindicato da RDA, o *Freier Deutscher Gewerkschaftsbund* (FDGB), até à presença de informadores dos regimes a bordo dos navios, parecem-nos merecedoras de serem investigadas num trabalho mais aprofundado e sistemático. A eventual produção de uma "literatura de viagens SED", cuja existência neste momento apenas podemos supor, poderia constituir um novo e interessante objecto de estudo para a Germanística.

novamente em via de ser transformado num mega projecto de instância balnear, obviamente não estatal. "com um *aquapark*, piscinas, ginásios e recintos desportivos, bancos e *boutiques*, enfim, com tudo que é considerado imprescindível a uma maquinaria turística"<sup>29</sup>.

Podem ainda ser mencionados alguns contributos de menor dimensão, dispersos por revistas e colectâneas de áreas diversas, entre os quais dois trabalhos merecem ser destacados. Por se tratar de estudos provenientes de disciplinas diferentes das até aqui referidas e, por isso, acrescentarem outras perspectivas de abordagem e fornecerem dados de relevância para a aproximação à temática das viagens KdF, não podíamos deixar de referir os trabalhos do sociólogo Friedhelm Vahsen<sup>30</sup> e da pedagoga Ursula A. J. Becher<sup>31</sup>. Num prisma sócio-histórico da sua *Geschichte des modernen Lebensstils*, Becher interpreta o projecto KdF como "programa de um estilo de vida pré-moderno, condenado ao falhanço"<sup>32</sup>. Segundo a opinião da autora, os objectivos totalitaristas do regime nazi de enquadramento e endoutrinação das massas não terão sido alcançados, visto que "a maioria dos viajantes aproveitaram (apenas) a oportunidade de uma oferta para viajar. Até que ponto se teriam deixado influenciar ideologicamente não pode ser verificado."<sup>33</sup> Vahsen, por seu lado, analisa o fenómeno KdF pelo binómio trabalho/tempos livres e chega à conclusão que a eficiência da política laboral e de lazeres do regime nacional-socialista, num conjunto de aspectos simultaneamente politizantes e despolitizantes, se caracterizou por uma "interligação indissolúvel de elementos de ideologização, de função regenerativa, de compensação do mundo laboral, de instrução, de satisfação das necessidades vivenciais, pautada por objectivos políticos"<sup>34</sup>. O autor reconhece, em suma, na "diluição da privacidade" pela organização KdF não só um instrumento de estabilização política mas também uma "parte integrante de um processo de socialização industrial, em cujo contexto a instrução de adultos (de que também a viagem KdF deveria funcionar como elemento constitutivo) se orienta pelas exigências de produção e processos de qualificação."<sup>35</sup> No entendimento de Vahsen, a política laboral e de tempos livres

<sup>29</sup> Manfred Sack, *op. cit.*.

<sup>30</sup> "Freizeiterziehung im NS-Staat. Über die scheinbare Chance der Glücksbefriedigung", in *Animation* (Fachzeitschrift für Freizeit), Maio/Junho 1987, Hannover, 1987, pp. 116-127; "Nationalsozialistische Freizeiterziehung als Sozialpolitik", in Hans-Uwe Otto/Heinz Sünker (org.): *Soziale Arbeit und Faschismus*, Frankfurt am Main, 1989, pp. 63-80.

<sup>31</sup> Originalmente in Ursula A. J. Becher: *Geschichte des modernen Lebensstils. Essen - Wohnen - Freizeit - Reisen*, 1990, pp. 219-221. Aqui citado a partir da inserção em Christoph Studt (org.): *Das Dritte Reich. Ein Lesebuch zur deutschen Geschichte 1933-1945*, Munique, 1995, pp. 126-129.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 128.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 129.

<sup>34</sup> Friedhelm Vahsen: "Nationalsozialistische Freizeiterziehung als Sozialpolitik", in Otto/Sünker (org.): *Soziale Arbeit und Faschismus*, p. 78 s.

<sup>35</sup> *Ibidem*.



nazi terá, portanto, substancialmente contribuído para a solidificação do princípio da competência (*Leistungsprinzip*) pelo qual se regem as sociedades superindustrializadas do pós-guerra e - apesar do autor não o afirmar explicitamente - sem cuja consideração o "milagre económico alemão" dificilmente poderá ser explicado.

Para completar esta breve exposição sobre a situação bibliográfica da investigação relacionada com as viagens KdF, eis - finalmente, e porventura datando ambos de uma altura posterior à da escolha do tema para o presente estudo - dois trabalhos oriundos da Germanística. Um é o recentemente publicado livro *"Die notwendige Reise". Reisen und Reiseliteratur junger Autoren während des Nationalsozialismus* em que Johannes Graf, conforme o subtítulo indica, se ocupa de um tema até ao momento praticamente inexplorado: a literatura de viagens durante o período do fascismo alemão.<sup>36</sup> Apesar do autor reconhecer, com base na leitura de alguns dos aqui já referidos estudos, nomeadamente os de Buchholz, Prah, Steinecke e Spode, omitindo, no entanto, o pormenorizado trabalho de Frommann sobre as viagens em questão, "o importante papel que a KdF desempenhou na auto-encenação do *Terceiro Reich*"<sup>37</sup>, Graf chega à conclusão que "a influência desta forma de viagem nacional-socialista sobre o sector do turismo não deveria ser sobrevalorizada"<sup>38</sup>, já que a introdução do regime geral de férias anuais pelos nazis teria tido repercussões positivas não só no âmbito do turismo KdF como também terá possibilitado um "forte aumento das viagens privadas".<sup>39</sup> Admitindo a relevância do "efeito mediático" e político-propagandístico das representações literárias das viagens KdF, sobretudo as marítimas, por exemplo, pela pena do "autor de sucesso Jakob Schaffner"<sup>40</sup>, e advertindo para o perigo de se "banalizar a política de férias nacional-socialista como uma aquisição social no fundo positiva"<sup>41</sup>, Johannes Graf defende o ponto de

<sup>36</sup> O texto da comunicação apresentada por Hans-Wolf Jäger ao *Internationales Symposium zur Reiseliteratur* (University College Dublin, 10-12 de Março de 1994), publicado sob o título "Missionsreise eines Nationalsozialisten. Hanns Johst 1935", in Anne Fuchs/Theo Harden (org.), *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne*, Heidelberg, 1995, pp. 542-551, parece constituir, para além do livro de Johannes Graf, o único trabalho no seio da Germanística especificamente dedicado à literatura de viagens durante o nazismo. A "literatura de viagens KdF" não é, porém, abordada nesta comunicação. Jäger apresenta a "volumosa obra de literatura de viagens de Johst", composta por cinco livros de viagens editados entre 1925 e 1940, centrando sua análise sobre a "carga ideológica" detectável em *Maske und Gesicht*, publicado precisamente em 1935, altura em que o reputado poeta *völkisch-national* Hanns Johst assume os cargos presidenciais das instituições nazificadas *Deutsche Akademie der Dichtung* e da *Reichsschrifttumskammer* em Berlim.

<sup>37</sup> Johannes Graf, *"Die notwendige Reise". Reisen und Reiseliteratur junger Autoren während des Nationalsozialismus*, Estugarda, 1995, pp. 109-119.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> *Ibidem*.

<sup>40</sup> *Idem*, p. 117.

<sup>41</sup> *Idem*, p. 119.

vista de que "não se pode de modo algum sobreavaliar a (sua) influência sobre o tradicional comportamento dos viajantes individuais"<sup>42</sup>. Ao aproximar-se da literatura de viagens produzida durante o *Terceiro Reich* a partir de um prisma que, relegando a sua influência pelo nazismo para segundo plano, a entende sobretudo como expressão de um processo de progressiva modernização, será precisamente aos relatos de viagens *não* intrinsecamente fascistas, com especial incidência nos dos "jovens escritores"<sup>43</sup>, que Graf dedica sua atenção, preenchendo desta forma (mais) uma lacuna da "mancha branca" - e simultaneamente "negra" - que o período do *Terceiro Reich* continua a constituir na florescente investigação da literatura de viagens em língua alemã. No entanto, para o presente estudo, as escassas dez páginas que o autor destina no seu livro à "literatura de viagens KdF", para além da pertinente referência à evidente (sem que, porém, qualquer dos estudos até aqui referidos o mencione) exclusão de alemães "não arianos" de todos os eventos relacionados com a "organização comunitária de lazeres" nazi - o nome oficial da KdF é precisamente *NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude* -, pouco acrescentam ao nível de informação e interpretação.

O mesmo já não se pode de modo algum afirmar em relação ao segundo trabalho vindo da área dos estudos germanísticos. Na sua comunicação ao 3º Colóquio Internacional - *Literatura de Viagens, Narrativa, História, Mito*, promovido de 11 a 14 de Junho de 1995 pela Universidade da Madeira, com o título "*Força pela Alegria - O Mito da Madeira na Versão Nacional-Socialista*"<sup>44</sup>, Martina Emonts apresentou um excelente estudo baseado na análise de quatro relatos de viagens KdF efectuadas à Madeira. Numa abordagem basicamente filológica do tema, e apesar da autora advertir para o facto de ter "deixado de parte a problemática do género (...) por se poder constatar" nos textos analisados "um desvio constante aos princípios que o constituem", Emonts ocupa-se apenas dos relatos que apresentam pelo menos "algumas características de romance", ou seja, que em última instância ainda possam ser qualificáveis a partir do cânone de literariedade.<sup>45</sup> Demonstrando alguns aspectos pré-formativos na percepção e

<sup>42</sup> *Ibidem*.

<sup>43</sup> Alguns representantes da "jovem geração" a que Graf se refere são escritores de nomes entretanto tão sonantes como, por exemplo, Marie Luise Kaschnitz ou Wolfgang Koeppen. O romance de viagem *Die notwendige Reise* (1932) de Walter Bauer serviu, conforme o autor afirma na introdução, como inspiração para este seu estudo sobre a literatura de viagens como expressão da busca de identidade por parte de uma geração perdida num "mundo que se tinha tornado estranho", um mundo (pré)moderno, e que, por isso mesmo, em muitos casos não foi capaz de resistir à utopia demagógica proposta pelo nazismo.

<sup>44</sup> Apesar de ainda não publicado, Martina Emonts (Universidade da Madeira) teve a amabilidade colegial de me pôr à disposição o texto dactilografado da sua comunicação, facto pelo qual gostaria aqui de reafirmar a minha gratidão.

<sup>45</sup> Os relatos semi-romanescos/novelescos a que Emonts se refere são os de Hans Biallas: *Der Sonne entgegen! Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*, Berlim, 1936; Karl Busch: *Nach den "glücklichen Inseln". Mit KdF-Flaggschiff "Robert Ley" nach der farbenprächtigen Welt von*

representação do estranho, neste caso a Madeira, e introduzindo o conceito - a meu ver, muito a propósito - de "viagem ideológica", a autora chega à conclusão projectiva de que uma análise da "literatura de viagens ao serviço da KdF", numa perspectiva mais global de inserção no conjunto da "literatura ligeira dos anos 20 e 30, produzida na Alemanha e em outros países, ou seja, os romances produzidos na fase de instauração dos fascismos europeus", poderia contribuir para o estudo das "continuidades e descontinuidades do imaginário e ideário alemão numa perspectiva histórica mais alargada (para se) mostrar em que medida as estruturas mentais submersas podem ser consideradas as responsáveis por fenómenos políticos."

As referências de bibliografia passiva de relevância para o tema, conforme facilmente se pode depreender, caracterizam-se, portanto, por uma grande heterogeneidade metodológica e disciplinar. Esta mesma diversidade se constata no que se refere às "fontes", já que o conjunto de textos que constitui o objecto de análise do presente estudo se desdobra por diversos "géneros".

O cunho populista do fascismo, na sua ânsia de alvejar, alcançar e enquadrar as massas - e de que a popularização da viagem pela KdF durante o regime nazi constitui apenas *um* exemplo paradigmático -, exigia e fomentava uma "desliterarização" da literatura na sua acepção clássica. Assim, também a literatura de viagens, porventura um género cuja popularidade mais tardar a partir da segunda metade do século XVIII jamais parara de aumentar<sup>46</sup>, sofre uma "degeneradora" instrumentalização ao serviço do regime nacional-socialista. A diluição e dispersão do género, que passou a invadir os meios de comunicação de massas, conduziu irremediavelmente a uma certa massificação da literatura de viagens num sentido lato. A viagem KdF e seus modelos de representação transcendem os cânones tradicionais, passando a apresentar novas especificidades funcionais e formais. Assim, no imaginário nazi "o livro KdF" transforma-se em "amigo do trabalhador"<sup>47</sup>. Até finais de 1938 terão sido publicados pelo menos treze livros sobre as viagens KdF, entre os quais (semi)romances, novelas e poemas, peças de teatro e ensaios, em que "o historiador, mais tarde, encontrará grande prazer, com a tarefa simplificada para entender a obra *Kraft durch Freude* nos seus primórdios. Dos aspectos político ao não político, do sério ao divertido,

---

*Madeira und Teneriffa*, Berlim, 1940; Otto Paust: *KdF - Das große Urlauberschiff*, Dresden, 1936; Jakob Schaffner: *Volk zu Schiff. Zwei Seefahrten mit der KdF-Hocheeflotte*, Hamburgo, 1936.

<sup>46</sup> *Idem*, por exemplo, Hans-Wolf Jäger: "Reisefacetten der Aufklärungszeit", in Peter J. Brenner (org.): *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*, Frankfurt am Main, 1989, pp. 261-283.

<sup>47</sup> É este o título de um artigo sobre "literatura de viagens KdF" publicado na revista quinzenal do (pseudo-)sindicato unitário alemão (*Deutsche Arbeitsfront* - DAF), a *Arbeitertum*, ano 6, n.º 15, 01.11.1936, p. 24.

do desejado ao realizado, de tudo isto nos falam estes livros. São o espelho do tempo."<sup>48</sup> A imprensa nazificada abunda em notícias e reportagens sobre os feitos turísticos da KdF; os espaços públicos enchem-se de cartazes multicolores evocando paisagens idílicas; a rádio transmite *spots* publicitários e peças radiofônicas produzidos pela KdF; há exposições de fotografias e diapositivos das viagens até então efectuadas; representam-se peças de teatro, como a de August Hinrichs com o título *Petermann fährt nach Madeira*; nos cinemas exibem-se com frequência regular nos jornais cinematográficos, a *Wochenschau*, filmagens da partida de viajantes, tendo a KdF mesmo produzido filmes pretensamente documentais - em que, porém, não se hesita em entrelaçar elementos ficcionais - sobre as viagens a Lisboa e à Madeira<sup>49</sup>. Em suma, pode-se constatar um inegável processo de massificação da viagem e suas formas de representação textuais e audiovisuais durante o *Terceiro Reich*.

No intuito de conseguir corresponder minimamente a este fenómeno de multirepresentatividade textual, optámos no presente estudo por uma tripartição do *corpus* de análise sumariamente constituído pelas seguintes "categorias":

1) os relatos de viagens KdF que, apesar do seu vínculo nitidamente ideológico, apresentam pelo menos alguns aspectos característicos de literariedade ou poeticidade, ou seja, o romance, a novela e o poema.<sup>50</sup>

2) Enquanto exemplo paradigmático da forte presença do relato de viagem nos meios de comunicação de massas, serão tratados os muitos textos com referências aos cruzeiros da KdF a Portugal, uma espécie de "reportagens de viagens ideológicas", publicados na revista oficial da organização KdF, a *Arbeitertum*.<sup>51</sup>

3) Os *Spitzelberichte*<sup>52</sup>, isto é, os relatórios redigidos pelos informadores do regime que acompanhavam as viagens KdF (*Vertrauensmänner für eine Reise* -

<sup>48</sup> "Madeira daheim in der Lese-Ecke. Eine Bücherschau über das KdF-Erlebnis", in *Arbeitertum*, n.º 16, 15.11.1938, p. 19.

<sup>49</sup> Sobre as viagens KdF efectuadas a Portugal conseguimos localizar no *Filmarchiv* do *Bundesarchiv* três filmes: *Arbeiter heute* (1935), *Schiff ohne Klassen* (1938), *Echo der Heimat* (n.º 5, 1936).

<sup>50</sup> Neste grupo incluem-se os seguintes textos: Hans Biallas: *Der Sonne entgegen. Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*, Berlim, 1936; Karl Busch: *Nach den "Glücklichen Inseln. Mit KdF-Flaggschiff "Robert Ley" nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa*, Berlim, 1940; a antologia de poemas e pequenos textos de prosa organizada por Otto Paust: *KdF. Das große Urlauberschiff*, Berlim/Dresden, 1936; Jakob Schaffner: *Ein Volk zu Schiff. Zwei Seefahrten mit der KdF-Hochseeflotte*, Hamburgo, s.d. (1936).

<sup>51</sup> A revista *Arbeitertum*, órgão oficial da KdF, contém nas suas edições quinzenais ao longo dos anos de 1935 a 1939 em praticamente todos os números relatos/reportagens das viagens efectuadas a Portugal, maioritariamente redigidos por jornalistas da imprensa nazificada ou por colaboradores da secção de imprensa da própria KdF, o *Presseamt der KdF*.

<sup>52</sup> Os *Spitzelberichte* dos *LMR* encontram-se nas actas dos Serviços de Segurança nazi (*Reichssicherheitshauptamt*), situados no *Bundesarchiv* (Koblenz) sob a sigla R 58: *Überwachung von Reisen ins Ausland*.

IMR), pela latente preocupação de transmitir "autenticidade", constituem uma excelente "fonte" para o estudo do *esquema mental ideológico* nazi subjacente à forma de representação de um país e povo estranhos.

No que concerne as representações filmicas das viagens KdF - porventura a linguagem imagética de maior utilidade para a sistemática diluição da realidade visada pelo nazismo e apesar do papel importantíssimo que o Ministro de Propaganda Goebbels lhe reservou enquanto instrumento da estabilização do regime -, por ultrapassarem o âmbito delimitado do presente trabalho, não serão aqui objecto de uma análise detalhada, o que, no entanto, não impedirá que, aqui ou acolá, a elas recorramos sempre que sua referência nos pareça relevante.

A avaliação da relevância ou não das muitas e por vezes longas passagens extraídas do *corpus* de análise, ou, com outras palavras, o problema da selecção dos trechos textuais para fins de ilustração documental, foi, aliás, uma das dificuldades com que nos debatemos ao longo deste trabalho. Pelo facto de se tratar de material na sua grande maioria de todo desconhecido, e olhando ao designio propositadamente mais divulgador do que propriamente teórico-literário do presente estudo, optámos muitas vezes por "deixar falar os textos por si" sem, no entanto, prescindirmos dos comentários que achámos indispensáveis a uma devida contextualização e compreensão histórico-cultural do tema. Esta escolha metodológica parece-nos portanto ser a mais adequada para se desvendar e reconstruir de modo o mais objectivo possível o abominoso *esquema pré-formativo* subjacente à percepção e representação do estranho na "literatura de viagens" nacional-socialista.

## I. A *Nationalsozialistische Gemeinschaft "Kraft durch Freude"*

### I. Origens

#### 1.1. O exemplo do fascismo italiano: a *Opera Nazionale Dopolavoro* e a *KdF*

No início, era a palavra ... do *Führer*:

Ich will, daß dem Arbeiter ein ausreichender Urlaub gewährt wird und daß alles geschieht, um ihm diesen Urlaub sowie seine übrige Freizeit zu einer wahren Erholung werden zu lassen. Ich wünsche das, weil ich ein nervenstarkes Volk will, denn nur allein mit einem Volk, das seine Nerven behält, kann man wahrhaftig große Politik machen.<sup>53</sup>

Segundo as afirmações de Robert Ley, chefe do (pseudo)sindicato unitário alemão, a *Deutsche Arbeitsfront (DAF)*, substituinte dos sindicatos livres e independentes "aniquilados" a 2 de Maio de 1933, terá sido esta ordem de Hitler que desencadeou e impulsionou o desenvolvimento de um projecto para a criação de uma gigantesca organização de lazeres e cultura de massas integrada na DAF: a *Nationalsozialistische Gemeinschaft "Kraft durch Freude"*. O que o nacional-socialismo entenderia por uma "política verdadeiramente grandiosa" disso a História entretanto se encarregou de nos mostrar. Porém, mesmo para quem já na altura tivesse uma determinada - não obrigatoriamente extraordinária - sensibilidade política, as palavras supracitadas deveriam ter constituído uma ameaça alarmante. O objectivo nuclear subjacente a esta concessão de férias pagas e tempos livres que proporcionassem ao trabalhador usufruir de "um verdadeiro descanso" é aqui explicitamente apontado na sua vertente instrumental e funcional ao serviço da política. E, já mesmo antes do acto da fundação oficial, decorrido a 27 de Novembro de 1933 perante a elite nazi - porventura sem a presença de Hitler que se deslocara de Berlim a Nürnberg para assistir ao funeral do "soldado imperial abatido a tiro quando solitariamente guardava a fronteira com a Áustria"<sup>54</sup> -, se faziam publicamente anunciar os propósitos totalizantes da KdF:

Am 27. November tritt die deutsche Revolution in ihre dritte und letzte Phase ein: Vom 30. Januar über den 1. Mai zum 27. November geht der Weg zur Schaffung eines neuen deutschen Menschen und einer neuen deutschen Gesellschaftsordnung. Der politischen und der wirtschaftlichen folgt die gesellschaftlich-kulturelle Neuordnung der deutschen Volksgemeinschaft.<sup>55</sup>

Estas duas breves passagens reflectem paradigmaticamente, de um modo muito sintético e explícito em que a habitual retórica demagógica nazi parece de todo

<sup>53</sup> Citado por Robert Ley no seu discurso de inauguração da KdF, transcrito na íntegra no livro *Unter dem Sonnenrad. Ein Buch von Kraft durch Freude*, Berlim, s.d. (1938), aqui: p. 12.

<sup>54</sup> Assim se afirma em *Unter dem Sonnenrad*, p. 14.

<sup>55</sup> *Informationsdienst* (serviço de imprensa da DAF), n.º 17, 20.11.1933; aqui: cit. cf. Frommann, *op. cit.*, p. 106.

ausente, as intenções que o regime prosseguia com a sua "obra de lazeres" (*Freizeitwerk*). Numa formulação muito sucinta, poder-se-ia resumir desde já o objectivo último da seguinte maneira: numa indissolúvel interligação entre política do interior e política do exterior, a KdF deveria assegurar a *paz no interior*, a ilusão de coesão social e nacional que a ideologia nacional-socialista resumia no conceito de *Volksgemeinschaft*, para que se pudesse avançar para a planeada *guerra no exterior*, afinal a tal "política (nacional e internacional) verdadeiramente grandiosa".

Contudo, não teria sido certamente com este género de "discurso sóbrio" - mas nem por isso menos radical e megalómano - que o nacional-socialismo teria alcançado o seu relativamente elevado grau de popularidade junto das massas. Das classes trabalhadoras, nomeadamente a operária, cujos interesses com a extinção dos sindicatos e absorção das suas colectividades e órgãos associativos tinham sofrido um forte golpe, o regime temia - já pela longa tradição de organização e combate político do movimento trabalhista - uma possível, senão provável, resistência. A latente preocupação por atrair, seduzir e "domesticar"<sup>56</sup> o operariado tornar-se-ia, portanto, pelo menos durante a fase de solidificação do regime, o tónico da política laboral e social nacional-socialista. Assim, a obra de lazeres e cultura de massas KdF, cuja subintegração legal na DAF reflecte de certo modo a acepção nazi dos tempos livres na sua evidente subordinação ao trabalho e competitividade<sup>57</sup> - o conceito de *Leistungsgemeinschaft* era um *leitmotiv* da fraseologia nazi -, assumiria um carácter instrumental ao serviço de, simultaneamente, vários objectivos. Enquanto expoente máximo da complexa e inteligentemente montada máquina de "demagogia social", em que se sintetizava a "dupla face" do fascismo composta por elementos de sedução e terror, a KdF caracteriza-se, sobretudo, pela sua multifuncionalidade.

Antes de aqui se expor, de forma mais detalhada, esta complexidade e diversidade dos objectivos, nomeadamente os que se prendem com as viagens marítimas a Portugal, afinal o tema do presente trabalho, gostaríamos de proceder previamente a uma breve apresentação do(s) contexto(s) político, social e cultural em que o surgimento da mega organização *Kraft durch Freude* se tornou possível.

Ao contrário do que se poderia imaginar, a ideia de se criar uma obra de lazeres e cultura popular sob a tutela do Estado não é nenhuma originalidade do nacional-socialismo e nem sequer do(s) fascismo(s). Sendo certo que a organização fascista italiana *Opera Nazionale Dopolavoro (OND)*, cuja fundação datava de 1925 e que

<sup>56</sup> Timothy W. Mason intitula o seu prefácio à colectânea *Angst, Belohnung, Zucht und Ordnung. Herrschaftsmechanismen im Nationalsozialismus* (Opladen, 1982, pp. 11-53) peremptoriamente de "Die Bändigung der Arbeiterklasse im nationalsozialistischen Deutschland"

<sup>57</sup> Vide Friedhelm Vahsen, *op. cit.*

a partir de 1927 fora oficialmente integrada na organização do partido de Mussolini, funcionou para o nacional-socialismo como modelo de inspiração que o então deputado do parlamento regional da Prússia Robert Ley, numa viagem a Itália a convite do Ministro das Finanças italiano em 1929, tivera oportunidade de conhecer<sup>58</sup>, no discurso de inauguração da KdF, o mesmo Ley - agora já enquanto chefe da DAF e figura carismática da sua subsecção KdF a que inicialmente se tinha dado o nome, literalmente traduzido do italiano, *Nach der Arbeit* - tenta acentuar os aspectos idiossincráticos da obra alemã:

Das einzige Land, wo die Organisation einer wirklichen Freizeit Erfolge zeigte und tatsächlich den ersten Ansatz zu einem neuen Wollen zeigt, ist das faschistische Italien. Die Bewegung des *Dopolavoro* ist fast so alt wie der Faschismus selbst und wurde schon, ehe der Faschismus an die Macht gelangte, von diesem als politisches Kampfmittel benutzt. (...) Kennzeichnend ist, daß sich die Organisation *OND* des faschistischen Italien aus der Gruppe der verschiedenen *Dopolavoros* zusammensetzt. Wir haben das *Dopolavoro* der Eisenbahn, der verschiedenen Industriezweige, der verschiedenen Ortschaften, es ist also eine Summe von nach Berufen, Klassen und Orten getrennten Organisationen. Hier folgt es zum Teil dem korporativen Aufbau des faschistischen Italien. Besonders kennzeichnend ist an dem *Dopolavoro* Italiens, daß die Unternehmer völlig fehlen. Ein zweites Kennzeichen (...) ist die verhältnismäßig geringe Zahl seiner Mitglieder. 2 Millionen dürften bei immerhin 20 Millionen schaffenden Menschen eine Minderheit bedeuten. (...) Wir müssen unsere Freizeit anders organisieren wie (sic) das faschistische Italien, da der nationalsozialistische Staat auf anderen Voraussetzungen aufgebaut ist wie (sic) der faschistische Staat. Wir dürfen nicht den Feierabend für bestimmte Schichten, Berufe, Klassen, Beamten und andere Gruppen machen, sondern wir müssen eine Freizeitorganisation schaffen, in der alle Menschen zu Hause sein sollen, vor allem auch der Unternehmer, der in Italien fehlt.<sup>59</sup>

Na verdade, a imitação alemã do original italiano viria a distinguir-se pelo carácter perfeccional da política totalizante do *Terceiro Reich*. Pois, "a propaganda nazi", conforme já Hannah Arendt afirmava nos anos 50, "melhor do que qualquer outra propaganda de massas conhecia os desejos das massas modernas.<sup>60</sup> (...) Não a tendo inventado, aperfeiçoou as suas técnicas"<sup>61</sup>. Rejeitando uma concepção corporativista ou classista da sociedade, a que a doutrina nacional-socialista opunha uma visão "orgânica", nacionalista e racista, a retrógrada "comunidade do povo" (*Volksgemeinschaft*) em que alegadamente não haveria lugar para classes e consequentes lutas sociais, a KdF deveria, portanto, constituir uma organização abrangente "em que todas as pessoas se dev(eri)am sentir em casa, *sobretudo* também o empresário". A encenação desta utopia totalitária iria, pois, exigir aos encenadores-demagogos do regime um esforço brutal. E, de facto, não se poupou nem em esforços nem em meios, podendo mesmo falar-se de um intenso

<sup>58</sup> Bruno Frommann. *op. cit.*, p. 105.

<sup>59</sup> *Unter dem Sonnenrad*, pp. 16-17

<sup>60</sup> Hannah Arendt: *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft*, Munique, 1986 (ed. orig. em inglês: 1951), p. 570.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 558.



"activismo social e cultural"<sup>62</sup> por parte da DAF, especialmente no que concerne a sua secção KdF. E, nesse aspecto parece haver unanimidade nos trabalhos de investigação sobre o tema, a KdF transformou-se provavelmente no instrumento mais eficaz e popular da política social do nazismo. O salto quantitativo e - porque não? - qualitativo da instituição alemã em relação à *Dopolavaro* torna-se evidente quando se compara os números de pessoas inscritas e as ofertas proporcionadas por ambos os programas. Se, de acordo com as afirmações de Ley, apenas 10% da população activa italiana era enquadrada pelo Estado fascista nos seus tempos livres, o número citado de dois milhões adquire um certo grau irrisório se o compararmos com os cerca de 20 milhões membros (à força) da DAF<sup>63</sup>, aliás a quase totalidade da população activa alemã da época, cuja quota de "sócio" era na ordem de 1% do rendimento anual de cada trabalhador e que automaticamente lhe dava a possibilidade de usufruir dos programas da KdF. As suas ofertas programáticas, também estas, sobretudo no que diz respeito às viagens, ultrapassando largamente as da organização italiana, eram desenvolvidas por diferentes secções, os *KdF-Amter*, cujo número e designações se alteraram ao longo dos anos, o que, porém, não aconteceu com a secção de turismo (*Amt für Reisen, Wandern und Urlaub*), afinal a que no âmbito deste trabalho se reveste de maior importância. Para além desta, a gigantesca KdF, que em 1937 tinha ao seu serviço o número espantoso de 106.000 colaboradores livres e dava emprego fixo a cerca de 4. 400 pessoas<sup>64</sup>, apresentava em 1934 uma complexa estrutura organizacional semelhante às da DAF e do Partido, composta por mais nove secções: *Amt für Ausbildung* (instrução), *Kulturamt* (cultura), *Organisationsamt* (organização), *Amt für Presse und Propaganda* (imprensa e propaganda), *Schatzamt* (tesouraria), *Amt für Schönheit der Arbeit* ("beleza" no trabalho, ou seja, estetização/embelezamento dos lugares de trabalho), *Amt für Selbsthilfe und Siedlung*, *Sportamt* (desporto), *Amt Volkstum und Heimat* (cultura popular e folclore). A estrutura organizacional da KdF reflecte, assim, numa espécie de microcosmo, paradigmaticamente, o pretensiosismo megalómano do nazi-fascismo por enquadrar a sociedade alemã na sua *totalidade*. A área em que as metas estabelecidas nos programas desta "obra de lazeres" mais perto se terão encontrado de ser alcançadas terá sido a do "turismo para trabalhadores". Já que a secção *Reisen, Wandern und Urlaub* oferecia o bem provavelmente mais cobiçado de todas as promoções da KdF, a viagem, o tal "privilegio burguês" com que o

<sup>62</sup> Norbert Frei: *Der Führerstaat. Nationalsozialistische Herrschaft 1933 bis 1945*, Munique, 1993, p. 108.

<sup>63</sup> Martin Broszat: *Der Staat Hitlers. Grundlegung und Entwicklung seiner inneren Verfassung*, Munique, 1992, p. 199.

<sup>64</sup> Números citados por Frommann, *op. cit.*, p. 107.

nacional-socialismo prometia romper, não surpreende a enorme popularidade de que esta secção passaria a gozar, trazendo evidentes dividendos para um regime que, com sua reconhecida habilidade propagandística para alcançar e cativar as massas, soube desenvolver e aperfeiçoar as bases precárias para um "turismo proletário" criadas pelo movimento trabalhista de Weimar.

## 1.2. "Turismo proletário" anterior ao *Terceiro Reich*

A ideia da criação de instituições que promovessem a "viagem para trabalhadores" não é, portanto, da exclusividade originária do nacional-socialismo. As primeiras organizações alemãs a promover viagens para camadas populacionais do ponto de vista material menos abastadas surgiram durante os anos 20. Com o empenho do movimento trabalhista da República de Weimar, nomeadamente do Partido Social-Democrata Alemão (SPD), dos sindicatos livres e do *Touristenverein «Die Naturfreunde»*, cuja fundação remonta a 1895 e que já antes da primeira guerra mundial constituía uma organização de acção internacional com um número de associados bastante elevado<sup>65</sup>, promovem-se, pela primeira vez, curtas viagens e excursões para trabalhadores, empregados e funcionários a preços mais ou menos compatíveis com os seus rendimentos. Para além da transformação de casas do povo e edifícios de propriedade dos sindicatos em lares ou campos de férias e hotéis já dotados de um certo conforto, criaram-se ainda agências de viagens e transportes de regime cooperativo, edita-se o primeiro - e último - guia turístico "proletário", o *Dietz Arbeiter - Reise - und Wanderführer* (1932), como alternativa ao tradicional *Baedeker* destinado ao turista "burguês". No entanto, os alicerces do que se poderia chamar de uma "infra-estrutura do turismo proletário"<sup>66</sup>, de uma tentativa de edificação de uma contra-cultura de férias e lazes, não iriam ter oportunidade para se solidificarem, visto que, já poucos dias após a tomada do poder, os nacional-socialistas se apropriam de todos os bens pertencentes aos sindicatos, futuramente usufruindo deles, para fins próprios sob a bandeira da cruz suástica, como campos de férias KdF ou, durante a guerra, como hospitais militares, orfanatos ou asilos.<sup>67</sup> Na verdade, o impeto inovador do "turismo social" preconizado por organizações politicamente conotadas com a social-democracia é rapidamente travado pelo novo regime antes que a promessa

<sup>65</sup> Sobre a associação de turismo *Die Naturfreunde* veja-se o artigo de Dieter Kramer: "Ferien für jedermann", publicado a propósito do aniversário centenário desta instituição, no semanário *Die Zeit* (03.11.1995, p. 77).

<sup>66</sup> Christine Keitz: "Reisen zwischen Kultur und Gegenkultur - Baedeker und die ersten Arbeitertouristen in der Weimarer Republik", in Hasso Spode (org.): *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*, Berlim, 1991, pp. 47-60; aqui: p. 47.

<sup>67</sup> Heinz Krumbholz: "Zur Geschichte des Sozialtourismus - Die Anfänge der gewerkschaftlichen Einrichtungen", in *Zur Sonne, zur Freiheit!*, pp. 61-70; aqui: p. 68.

do movimento trabalhista, ainda anterior ao período da República de Weimar, feita aos trabalhadores de que "um dia iriam andar em carros próprios, em navios próprios turisticamente cruzando os mares"<sup>68</sup> tenha oportunidade de se tornar uma "realidade socialista". O pequeno navio *Baldur* parece ter constituído uma excepção ao serviço de "viagens sociais" (*Gesellschaftsreisen*) de baixas tarifas que podiam durar de um a sete dias.<sup>69</sup> No entanto, os itinerários desta espécie de mini-cruzeiro nunca ultrapassaram os limites das águas fluviais alemãs. As viagens para trabalhadores ao estrangeiro, de um modo geral, restringiam-se ao âmbito de intercâmbios institucionais entre delegações de organizações sindicais ou congéneres, como o "Sindicato Geral Alemão" (*Allgemeiner Deutscher Gewerkschaftsbund*) e suas "Viagens a Dez Países" (*Zehn-Länder-Reisen*) ou a "Associação dos Amigos do Trabalho Internacional" (*Vereinigung der Freunde internationaler Kleinarbeit - Fredika*) com sede em Berlim e representações em grande parte dos países europeus, entre estes também Portugal, cujas funções consistiam (apenas) na intermediação e acompanhamento de "turistas socialistas". Apesar do balanço anual desta última organização apontar para o ano de 1930 o número vistoso de cerca de 32. 000 intermediações, a conjuntura positiva das "agências de viagem proletárias", de que as de Carl Degener representam um exemplo paradigmático, é já no ano seguinte asfixiada pela crescente crise económica e financeira.<sup>70</sup> As sementes de um "turismo social", embora em proporções incomparavelmente limitadas em relação ao "turismo KdF", pautado por uma iminente preocupação em aproximar internacionalmente as classes trabalhadoras dos povos no sentido de - pela via turística - se contribuir para a pacificação do mundo, foram, em suma, lançadas pelo movimento trabalhista de Weimar. Os frutos, porém, iriam ser colhidos pelos nacional-socialistas, obviamente sob designios e com resultados bem diferentes, senão diametralmente opostos, das visões socialistas. O *pathos* com que por exemplo os *Naturfreunde*, maioritariamente social-democratas, prosseguiam os seus objectivos sociopedagógicos e políticos e cuja ideologia se reflectia no mote libertador "Empor zum Licht, in die Berge, wo die Freiheit wohnt" culminando no cumprimento dos "amigos da natureza" "Berg frei!" - em vez do "Berg heil!" do

<sup>68</sup> Panfleto social-democrata de 1 de Maio de 1904, citado por Hans Biallas na sua "novela de viagem" *Der Sonne entgegen. Deutsche Arbeiter fahren auf Madeira*, Berlim, 1936, p. 8. Esta promessa simbólica, metafórica e projectiva dos social-democratas alemães é pelos nacional-socialistas sistematicamente aproveitada para fins contra-propagandísticos. A referência a este panfleto constitui quase que um *must* em todos os géneros de textos sobre as viagens KdF por nós analisados.

<sup>69</sup> Erich Hobusch: "Proletarische Gesellschaftsreisen mit dem Motorkabinenschiff *Baldur* um 1930", in *Zur Sonne, zur Freiheit!*, pp. 71-77.

<sup>70</sup> Bruno Frommann (*op. cit.*, pp. 21-104) faz uma exposição bastante detalhada acerca da diversidade e das actividades das organizações turísticas ditas "proletárias" anteriores ao *Terceiro Reich*.

rival conservador *Alpenverein*<sup>71</sup> - a partir de 1933, iria ser substituído por uma fraseologia nazi demagógica, simultaneamente romântico-mistificante e militarista, que se radicalizava numa expressão que bem poderia ter sido adoptada como *slogan* oficial para as viagens KdF: "Ein Volk erobert die Freude!"<sup>72</sup>. Bastaria proceder-se a uma ligeira manipulação gráfica, alterando-se a letra "u" em "Freude" para "m", e ter-se-ia denunciado o objectivo totalizante do nazismo para o qual a KdF deveria instrumentalmente contribuir: "A organização de todo um povo com o fim (último) de conquistar o mundo"<sup>73</sup>.

## 2. Objectivos: Diversidade e complexidade das funções da KdF<sup>74</sup>

De que forma deveria a gigantesca obra de *lazer*, a que à partida se associariam características e funções meramente apolíticas, subsidiar os propósitos políticos do regime? Como poderia a KdF conduzir à visada "reorganização social e cultural da comunidade do povo alemão" de acordo com os valores nacional-socialistas? Quais seriam afinal as suas funções concretas neste processo totalizante?

O próprio discurso nazi encarregou-se de pública e insistentemente divulgar as suas visões acerca dos objectivos e funções sociais e culturais da política laboral e dos tempos livres do regime. Assim, já no seu discurso de inauguração da KdF, Robert Ley tenta explicar a *multifuncionalidade* dessa "obra pioneira". Admitindo ter encontrado nas teses do sociólogo belga Hendrik de Man - porventura um socialista, o que aliás o orador não menciona - "ideias que influenciaram profundamente as ideias subjacentes à nossa obra (KdF)", Ley, numa típica atitude usurpante do ideário socialista por parte do(s) fascismo(s)<sup>75</sup>, defende "que nos tempos livres se deve elevar a personalidade e eliminar os complexos de

<sup>71</sup> Dieter Kramer, *op. cit.*

<sup>72</sup> É este o título de um relatório de balanço das actividades da KdF: Robert Ley, *Ein Volk erobert die Freude. Leistungsbericht und Zielsetzung zum 4. Jahrestag der NS-Gemeinschaft "Kraft durch Freude"*, Berlim, 1937.

<sup>73</sup> Hannah Arendt, *op. cit.*, p. 570.

<sup>74</sup> Acerca da diversidade e complexidade dos objectivos da KdF veja-se: Wolfhard Buchholz, *op. cit.*, pp. 118-196; Bruno Frommann, *op. cit.*, pp. 108-114; Friedhelm Vahsen, *op. cit.*, p. 66 ss.

<sup>75</sup> Para além dos trabalhos sobre os contributos pioneiros do movimento trabalhista dos anos 20 na área do "turismo social" (vide as obras já citadas de Frommann, Keitz, Hobusch e Kramer), veja-se o artigo de José Carlos Valente: "A FNAT: das origens a 1941. Estado Novo e Alegria no Trabalho" [in *História*, (Nova Série), ano XVII, nº 6, Março 1995, pp. 4-17, aqui: pp. 4-7], em que se demonstra que as preocupações pela ocupação do tempos livres e pelo bem-estar social e laboral têm as suas origens nas democracias ocidentais, entre as quais se destacam as novidades vindas dos Estados Unidos da América. "Entre 1920 e 1929, a Europa tem os olhos fixados nos Estados Unidos, pelo prestígio da sua organização industrial, um *americanismo* que se impõe rapidamente e com facetas visíveis nos *loisirs*." (p. 5).

inferioridade do trabalhador"<sup>76</sup>. Depois de acusar os governos marxistas de "com a gloriosa proclamação da jornada das oito horas laborais terem obrigatoriamente entregado o povo à mecanização e racionalização (do mundo do trabalho) sem de resto se terem preocupado de forma alguma com o preenchimento dos tempos livres deste povo", a figura carismática da DAF e sua subsecção KdF, consciente de que "no processo laboral se gastam forças (físicas) e substâncias psíquicas que provocam a sensação de frieza e vazio", advoga para a KdF a nobre função de "dar ao homem laboral (*schaffender Mensch*) os tempos livres como alimento para a alma, o espírito e o corpo", já que "o povo não vive só do pão", para que não se repetissem os erros do passado marxista. Com estas palavras Robert Ley dava contorno ao objectivo primário da KdF: a *função regenerativa* tanto a nível psíquico como físico. Noutra altura, a mesma pessoa iria, numa radicalização discursiva paradigmática da sua concepção fascistoide e demofóbica do Homem, formular o mesmo objectivo de forma deveras inequívoca: "A KdF, de tempos a tempos, faz uma revisão a cada força de trabalho humana (*Arbeitskraft*) do mesmo modo como se deve rever, após determinado número de quilometragem, o motor de um veículo."<sup>77</sup>

Mas esta obra não deveria circunscrever o seu campo de acção apenas à regeneração física e mental da "comunidade laboral" (*Arbeitsgemeinschaft*). À KdF caberia também o desempenho de diversas "subfunções integrativas"<sup>78</sup>. Se, conforme Ley adianta no mesmo discurso oficial da fundação desta organização, "o maior e último objectivo" seria o de "com esta obra de lazeres se formar uma ordem social verdadeiramente nacional-socialista" em que "o único ser humano que na Alemanha ainda possui uma vida privada é aquele que dorme"<sup>79</sup>, a KdF pautar-se-ia portanto pela preocupação de enquadrar as massas com os valores nazi. Assim, "a organização dos tempos livres" - que, enquanto espaço de privacidade, individualidade e liberdade, sob o fascismo deixariam óbvia e paradoxalmente de ser tempos *livres* - deveria também constituir um "espaço de educação política"<sup>80</sup>, tornando-se um importante instrumento para a inculcação ideológica no sentido de "conduzir" as massas a uma incondicional identificação com o Estado e a "comunidade nacional" moldada à feição da doutrina nacional-socialista. Esta

<sup>76</sup> *Unter dem Sonnenrad*, p.16. Sobre as ideias do socialista De Man, Reichel afirma em *Der schöne Schein ...* (p. 21): "O socialista e sociólogo belga Hendrik de Man apelava para que se saciasse o desejo das massas pelo mito, pela liderança e utopia". A obra referida de De Man é *Zur Psychologie des Sozialismus* (Jena, 1926) que se insere na corrente marxista crítica à política social e cultural preconizada pelos regimes socialistas então no poder.

<sup>77</sup> Robert Ley, cit. cf. Ursula Becher, *op. cit.*, aqui in Christoph Stüdt (org.) *Das Dritte Reich. Ein Lesebuch zur deutschen Geschichte. 1933-1945*, Munique, 1995, p. 127.

<sup>78</sup> Friedhelm Vahsen, *op. cit.*, p. 67 s.

<sup>79</sup> Robert Ley, cit. cf. Hannah Arendt, *op. cit.*, p. 543.

<sup>80</sup> Friedhelm Vahsen, *op. cit.*, p.67.

visada integração maciça numa mística e retrograda *Volksgemeinschaft*, de que afinal a *Nationalsozialistische Gemeinschaft Kraft durch Freude*, nome completo e oficial desta organização, não mais deveria ser do que uma espécie de reflexo em miniatura, só poderia ser alcançada por uma actuação multifuncional. Assim, no intuito de produzir junto dos médios e baixos estratos sociais a sensação do desejado efeito integrativo sem se ter de proceder a uma redução dos horários laborais e a um aumento dos salários, ou seja, a um efectivo melhoramento da situação material das massas que não se coadunaria com os propósitos de uma economia balizada pelos objectivos bélicos do regime, a KdF deveria agir primordialmente a nível psicológico. A sistemática construção de um mundo de faz de conta, um *Scheinwelt*, que aparentemente "correspondia ao ímpeto das massas para um mundo fictício, (que ia ao encontro) da mentalidade das massas desterradas"<sup>81</sup>, só poderia funcionar em pleno e surtir o desejado efeito se o regime fosse capaz de inculcar às atomizadas classes trabalhadoras uma consciência ilusória de pertença, identificação e integração. Na óptica nacional-socialista, este enquadramento global, para o qual o direccionismo e controle dos tempos livres preconizados pela KdF deveria instrumental e substancialmente contribuir, processar-se-ia por via de diversos níveis integrativos. Para além da mencionada regeneração em função de um aumento da produtividade industrial, os objectivos imediatos visados pela instrumentalização dos lazes seriam sumariamente os seguintes:

- elevação psicológica dos trabalhadores
- sua (pseudo)valorização social;
- criar a ilusão de coesão nacional;
- fomentar o patriotismo;
- solidificar a auto-estima nacional;
- divulgação internacional da (auto)imagem da "nova Alemanha";
- nazificar a diáspora alemã;
- intensificar os laços de amizade com países ideologicamente próximos.

Para se alcançar a robustez física e psíquica da "comunidade dos trabalhadores de punho e dos trabalhadores de testa" (*Arbeiter der Faust und Arbeiter der Stirn*) - fórmula tão abrangente como imprecisa criada e insistentemente evocada pelos nacional-socialistas -, condição absolutamente incontornável para se alcançar os objectivos expansionistas estabelecidos por Hitler, era imprescindível fomentar-se a ilusão de coesão e valorização sociais. A seguinte afirmação, deveras peremptória,

---

<sup>81</sup> Hannah Arendt, *op. cit.*, p. 539.

extraída da revista oficial da KdF, a *Arbeitertum*, atesta de forma inequívoca a intenção psicologizante que o regime prosseguia com a sua "organização de lazeres":

Es kommt durchaus nicht darauf an, was man dem schaffenden Volke gibt, sondern wie man es ihm gibt.<sup>82</sup>

O destinatário primordial desta perversa consciencialização seriam obviamente as grandes massas, as classes médias e operárias, que afinal iriam constituir o arsenal humano da *Wehrmacht*, que iriam fornecer a carne para os canhões. Prosseguindo o objectivo último de transformar a *consciência* social do trabalhador, o que "não pode ser confundido com uma alteração (efectiva) da realidade social, mas apenas sua percepção e avaliação"<sup>83</sup>, o regime nazi pretende inculcar ao operariado e pequena burguesia uma fraudulenta sensação de equilíbrio ou mesmo igualdade social. Pôr ao seu dispor bens e serviços culturais a que tradicionalmente só as classes mais elevadas tinham tido acesso afigurava-se como o melhor meio para iludir e enquadrar as massas populacionais. Acusando-se "o Estado de Weimar de nem sequer ter conseguido romper com o privilégio das classes proprietárias em relação ao acesso à arte e aos bens culturais do povo", o "movimento" nazi, pressupondo que "se o ser humano puder usufruir directamente dos bens vitais, em vez de sentir inveja ou ódio, sentir-se-á feliz e grato", propunha-se "eliminar o tédio" donde "advêm ideias estúpidas e muitas vezes criminosas", "elevar a personalidade do ser humano, sobretudo a do trabalhador", "matar os complexos de inferioridade no povo trabalhador" e proporcionar-lhe "a sensação de plenitude e integralidade".<sup>84</sup> A "elevação" psicológica das massas passaria, portanto, tanto pelo retórico e demagógico enobrecimento do "trabalhador do punho" - segundo o lema *Arbeit adelt* -, cujas tarefas deveriam ser "valorativamente equiparadas ao trabalho mental", assim como incontornavelmente pela "satisfação dos desejos do trabalhador alemão".<sup>85</sup>

Para se produzir os desejados efeitos e se alcançar os propósitos controladores sobre as classes média e baixa, a KdF procedeu a uma intensa campanha promocional de espectáculos culturais de massa, tais como sessões de cinema, teatro e concertos "populares". Massifica-se, na ordem das centenas de milhares, a venda do *Volksempfänger*, aparelhos de "rádio para o povo"; publicita-se o *KdF-Wagen*, mais conhecido por *Volkswagen*, que, no entanto, permanecerá até ao pós-

<sup>82</sup> *Arbeitertum*, ano 5, nº 1, 1.4.1935, p. 8.

<sup>83</sup> Peter Reichel: "Ästhetik statt Politik? Zum Verhältnis von Kultur und Politik im NS-Staat", artigo publicado na revista *Politische Vierteljahrsschrift*, Sonderheft, ano 28, pp. 133-134.

<sup>84</sup> Robert Ley, cit. cf. *Unter dem Sonnenrad*, p. 18 s.

<sup>85</sup> Idem, p.21.

guerra uma promessa não cumprida: promovem-se espectaculares campanhas de ofertas de viagens no interior da Alemanha e ao estrangeiro, de cruzeiros em paquetes de luxo: aos fiordes da Noruega, a Portugal, à Itália, à costa adriática, à Grécia, à ilha espanhola de Tenerife e mesmo a África, nomeadamente a Tripoli na Líbia, então uma colónia da "amiga" Itália do *Duce*. E tudo isto a preços até aí nunca praticados e sem concorrência num mercado quase que monopolizado pela gigantesca KdF, então "o maior operador turístico a nível mundial"<sup>86</sup>. O efeito desta atracção deveria ser ampliado por "excepcionais" formas de pagamento destes bens culturais de massa a que o regime ia dando acesso. Demonstrando uma grande habilidade no domínio das técnicas do *marketing* - nesse aspecto o nazismo manifesta, de facto, uma vertente modernista -, o financiamento das "viagens para trabalhadores" deveria ser facilitado por contas de poupança especificamente criadas para esse fim (*Reise-Sparkarten*). Além disso, pedia-se aos empresários que contribuíssem, na medida do possível, para o co-financiamento dos eventos KdF, sobretudo as viagens, aliciando-os com o argumento do aumento de produtividade que estes originariam. De todo um vasto leque de ofertas turísticas, o produto mais atraente foram, sem dúvida, as *Atlantikfahrten*, as viagens marítimas à Madeira, a "pérola do Oceano Atlântico", efectuadas respectivamente na Primavera e no Outono, ou seja, nas épocas baixas. O preço global de um destes cruzeiros com uma duração de duas a três semanas, inclusive as escalas de dois dias no Funchal e em Lisboa, ascendia a cerca de 155 *Reichsmark*, o que correspondia mais ou menos à média do salário mensal líquido de um trabalhador. Apesar de ser facto irrefutável que a mesma viagem numa das grandes agências privadas da época custaria mais 100 *Reichsmark*<sup>87</sup>, a verdade é que nem os baixos preços praticados pela KdF estariam ao alcance da grande maioria dos operários cuja representação nestas (ainda hoje) paradigmáticas "viagens de luxo" raramente ultrapassou os 15%, tendo sido a esmagadora maioria desta percentagem de participação operária apenas possibilitada por via de subvenções e prémios de mérito, dedicação e devoção ao *Betriebsführer* concedidos pelo patronato. E, não

<sup>86</sup> Hasso Spode: "Die NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude - ein Volk auf Reisen?", in *Zur Sonne, zur Freiheit!*, p. 82. Spode enuncia sumariamente as seguintes razões para os baixos preços praticados pela KdF: apropriação pelo Estado nazi dos bens anteriormente pertencentes a sindicatos e organizações do movimento trabalhista alemão; contribuições obrigatórias de todos os trabalhadores para o (pseudo)sindicato unitário na ordem de 1% do total dos rendimentos anuais; a companhia dos caminhos de ferro alemães era obrigada a fazer reduções para a KdF na ordem dos 75%; os operadores turísticos privados não eram autorizados a promover viagens excursionistas de baixas tarifas; as campanhas promocionais eram suportadas pelo enorme aparato propagandístico do regime; face à elevadíssima quantidade de viagens, a KdF podia quase que ditar os preços a hotéis, transportadoras e outro tipo de empresas do ramo turístico.

<sup>87</sup> Wolfhad Buchholz, *op. cit.*, p. 159; Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 181. Hasso Spode (*op. cit.*, p. 82) aponta para um preço um pouco mais baixo (cerca de 120 *Reichsmark*), o que se poderá explicar pelo facto de os dois primeiros autores se referirem aos preços praticados após o ano de 1937 em que se constatou uma subida de cerca de 20% nos preços.



obstante a retórica nacional-socialista que pretendia fazer dos alemães um "povo de navegadores"<sup>88</sup>, na realidade nem sequer um em cada mil alemães pôde usufruir dos cerca de 700.000 bilhetes para viagens marítimas vendidos pela KdF. Os próprios relatórios dos informadores do regime nos paquetes KdF, os *Spitzelberichte* dos IMR, ao denunciarem a efectiva subrepresentação de operários durante os cruzeiros, desmentem a discursividade demagógica de que a "comunidade de bordo" constituía "um espelho da comunidade nacional", o que significaria que mais ou menos metade dos passageiros dos paquetes da KdF seria constituída por "trabalhadores de punho". Por exemplo, num relato referente a uma viagem KdF à Madeira durante a Primavera de 1938, o *Vertauensmann* Bruno Kolb constata no que diz respeito à composição sociológica dos excursionistas:

Die Länge der Reise sowie die Höhe des Reisebetrags (170 RM), zu dem noch ein weiterer Betrag von ca. 30 bis 50 RM für sonstige Aufwendungen während der Reise hinzukommt, machen diese Art Reisen für den deutschen Arbeiter unmöglich. Von den rund 1.500 Teilnehmern waren daher auch nur 8% Arbeiter (91 Arbeiter und 33 Arbeiterinnen). Dieser geringe Prozentsatz hat außerdem fast durchweg die Reise auf Kosten ihrer arbeitgebenden Firma auf Grund besonderer Verdienste oder langjähriger Zugehörigkeit zur Firma gemacht. Bei diesen Firmen handelt es sich zum größten Teil um Industriezweige der Metall- und Bauindustrie, die besonders mit Rüstungs- und Staatsaufträgen beschäftigt sind. (...) Es zeigte sich daher auch im Laufe der Reise bei allen Gelegenheiten sehr deutlich, daß nicht der Arbeiter, sondern der Handwerker (10%), der Beamte (4%), der Angehörige des freien Berufes (7%) und der Angestellte, hier wiederum der Besserbezahlte (48%), an Bord waren. (...) Der Rest der Teilnehmer verteilte sich auf Wehrmacht, SA und SS mit ca. 0,6 % und ohne Beruf (21%). Von diesem sehr hohen Prozentsatz ohne Beruf waren 19,5 % Frauen.<sup>89</sup>

Não se podendo negar o empurrão dado pela KdF no sentido de impulsionar uma certa *modernização* social - a não confundir com *democratização*, conforme facilmente se poderá depreender do extracto supracitado -, sobretudo no âmbito da cultura de massas, das comunicações de massas, da motorização e do turismo<sup>90</sup>, a verdade é que esta aura modernizante se inscreve numa estratégia global da espécie de uma "versão moderna da política *panem et circense*"<sup>91</sup>. Esta tática calculista de

<sup>88</sup> *Volk zu Schiff* é o título do relato de uma viagem KdF à Madeira do escritor suíço Jakob Schaffner, que no seu livro se confessa um nacional-socialista convicto.

<sup>89</sup> *Übwachung von Reisen ins Ausland*, R 58 950.

<sup>90</sup> Peter Reichel: *Der schöne Schein* ..., p. 103.

<sup>91</sup> Simon Kuin refere-se nestes termos às actividades da *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho*, num artigo com o título "Alegria no Trabalho", publicado na *Revista* do semanário *Expresso*, 24.9.1994, pp. 36-37. Gostariamos ainda de chamar aqui a atenção para os estudos comparatísticos que Simon Kuin tem vindo a publicar em revistas e órgãos de comunicação portugueses referentes a instituições de doutrinação fascista ou fascistoide alemãs, italianas e portuguesas. Veja-se, para além do trabalho supracitado, por exemplo, os seus artigos "A Mocidade Portuguesa nos anos 30: anteprojectos e instauração de uma organização paramilitar da juventude", in *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, 4a. série, vol. XXVIII, 1993, 3º, pp. 555-589; "O Baptismo da Mocidade Portuguesa" (na Alemanha em 1936), in *Revista do Expresso*, 1.6.1996, pp. 108-110, ou, ainda, acerca da utilização da rádio como instrumento de propaganda do Estado Novo, "A aventura da rádio", in *Revista do Expresso*, 5.8.1995, pp. 37-39.

uma pseudovalorização psicológica e social das camadas menos abastadas, a quem programaticamente se destinariam estas ofertas de cultura de massas<sup>92</sup>, encontrou no místico-demagógico conceito da *Volksgemeinschaft* um suporte conceptual de ordem ideológica. A "comunidade do povo", entendida como modelo substituto da sociedade moderna de classes, em que as disparidades e tensões sociais seriam alegadamente ultrapassadas em prol de uma "comunidade sanguínea" (*Blutsgemeinschaft*), deveria sugerir às massas desterradas e atomizadas a reconfortante sensação de pertença. À instituição KdF caberia precisamente o papel de proporcionar o espaço e tempo por excelência para o exercício, melhor, para a encenação desta mística ideia de *Volksgemeinschaft*, esse tópico-ideologema provavelmente mais sedutor de toda a fraseologia doutrinária nacional-socialista. Por sua vez, o navio, espaço de certo modo hermético, garantindo assim simultaneamente o sucesso de inculcação ideológica e o isolamento perfeito de eventuais "contaminações anti-nazis", proporcionaria na óptica nacional-socialista, enquanto metáfora, enquanto "espelho da *Volksgemeinschaft*", "a melhor escola para a formação de uma comunidade"<sup>93</sup> em que, numa aparente diluição das fronteiras entre as diversas classes, conviveriam fraternalmente trabalhadores, patrões<sup>94</sup> e artistas<sup>95</sup>. Esta visão/ilusão gritantemente arcaica - resultado de uma abstrusa mi(s)tificação rácica e organicista do povo e da nação germânicos -, aliada à fraudulenta tentativa de modernização da sociedade sem alteração efectiva da estrutura social, com que em última instância se visava a sedução e cativação do operariado e pequena burguesia, manifesta paradigmaticamente no projecto *Kraft durch Freude* a ambiguidade, a "dupla face" do(s) fascismo(s). Ernst Bloch, já em 1935, reconheceu e denunciou este cunho bifronte, identificando-o como os "dessincronismos" (*Ungleichzeitigkeiten*)<sup>96</sup> subjacentes à *Weltanschauung* e *praxis* política nacional-socialistas. A convivência dicotómica e simultânea de elementos anacrónicos, modernistas e primitivistas, na difusa ideologia e discursividade nazis constituía um premeditado e funcional ajuste à "discrepância entre a opinião

<sup>92</sup> Apesar destas "viagens para trabalhadores" se destinarem originalmente às "camadas menos abastadas" (*weniger Bemittelte*), a KdF nunca chegou a estabelecer um valor de rendimentos oficial que pudesse funcionar como linha mestra legal para a autorização de participação nas suas excursões. Nos documentos e literatura crítica estudados mencionam-se diversos valores "aconselhados", cujos valores máximos do rendimento líquido mensal variam entre 150 e 250 Reichsmark.

<sup>93</sup> *Arbeitertum*, ano 8, n.º 2, 15.04.1938; p. 16.

<sup>94</sup> Aos empresários era feito o apelo para também participarem nas viagens KdF, quer activa e pessoalmente quer por via de apoios monetários aos seus empregados "merecedores de tal prémio".

<sup>95</sup> Veja-se exemplarmente uma reportagem na *Arbeitertum* (ano 7, n.º 19, 01.01.1937, pp. 16-18), com o título "Künstler mit KdF auf Fahrt", em que numa perspectiva extremamente populista se descreve o espírito de camaradagem reinante entre o "homem simples" e muitos artistas, do compositor ao realizador de cinema, do poeta ao humorista, afectos ao regime.

<sup>96</sup> Tese de Ernst Bloch desenvolvida em *Erbschaft dieser Zeit*.

manifesta e os latentes valores"<sup>97</sup>, entre consciência e realidade sociais, profundamente enraizada no seio das classes médias. Fundamentado num programa cultural de "síntese moderno-tradicional"<sup>98</sup>, que resulta de uma concepção reaccionária de modernidade<sup>99</sup>, o regime nacional-socialista tentou (com bastante êxito) iludir as massas "dessincronizadas" com a fórmula fraudulenta *nazismo = modernidade*. Porém, perante a inconciliabilidade do inconciliável, ou seja, olhando à impraticabilidade desta demagógica ilusão totalitária do fascismo, e apesar de aqui já se ter reconhecido ao nazismo um *determinado* pendor modernizante - mas nunca democratizante -, no que concerne o papel desempenhado pela KdF não se poderá, em suma, falar senão de um fingimento, de uma "simulação de modernização"<sup>100</sup>.

Um outro objectivo explicitamente atribuído à KdF pela voz pública do regime, seria o de através das suas viagens se veicular e exaltar o patriotismo, o "amor pela

<sup>97</sup> Cf. Wolfgang Bonß no seu comentário editorial do estudo sociopsicológico de Erich Fromm sobre as atitudes socioculturais e opiniões políticas das classes trabalhadoras no final dos anos vinte, mais concretamente em 1929. A partir da análise de 584 questionários, recolhidos entre 3.300 distribuídos e compostos por cerca de 641 perguntas das mais diversas áreas, Fromm chega à conclusão que, apesar da grande maioria dos inquiridos (que ele acha serem representativos das classes trabalhadoras) ser votantes dos partidos social-democrata e comunista, a classe média baixa assenta sobre um "carácter" estruturalmente mais "autoritário", reaccionário, do que liberal ou "revolucionário", podendo portanto afirmar-se que a social-democracia, em finais dos anos vinte, nunca teria tido hipóteses de travar um "movimento emergente" como o nazismo que, ao fim e a cabo, iria ao encontro dos traços autoritários do carácter e dos latentes desejos dos trabalhadores. Na verdade, conforme com este nosso trabalho tentamos demonstrar, os nazis souberam tirar dividendos dos mitos e sonhos submersos nas mentes de uma parte substancial da população alemã, independentemente de sua proveniência social. *Ibid*: Erich Fromm, *Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Dritten Reiches. Eine sozialpsychologische Studie*, editado por Wolfgang Bonß, Munique, 1983; citação de Bonß: p. 38.

<sup>98</sup> António Costa Pinto: *O Salazarismo e o Fascismo Europeu. Problemas de interpretação nas Ciências Sociais*, Lisboa, 1992, pp. 128-129. O autor defende neste seu estudo comparatístico a tese de que "o projecto cultural do salazarismo procurou uma *restauração sistemática dos valores da Tradição*", factor, entre muitos outros enunciados por Costa Pinto, pelo qual o regime salazarista se diferenciaria do paradigma fascista alemão e italiano. Costa Pinto parece, assim, implicitamente atribuir ao nacional-socialismo e ao fascismo italiano um pendor demasiadamente modernista, não lhe reconhecendo a sua vertente de veras arcaica, senão primitivista, como o culto do "sangue e solo" (*Blut und Boden*) ou a mistificação pagã do passado "germânico". Não serão também estes, apesar de atingirem uma dimensão quase que tragicómica de misticidade, traços de uma "sistemática restauração da tradição"? O programa cultural de "síntese moderno-tradicional", que Costa Pinto atribui ao Salazarismo, não é de modo algum uma tipicidade do fascismo português, e muito menos um factor distintivo entre este e o nazi-fascismo. Uma das características do fascismo genérico é precisamente a sua contradição interna de precisar simultaneamente da modernização e da reacção, ou seja, da tecnologização e da mitificação.

<sup>99</sup> Jeffrey Herf: *Reactionary Modernism. Technology, Culture, and Politics in Weimar and Third Reich*, Cambridge, 1984, p. 218 ss.; aqui cit. cf. Reichel, *op. cit.*, pp. 101-102.

<sup>100</sup> Hans Mommsen, "Nationalsozialismus als vorgetäuschte Modernisierung", in Hans Mommsen, *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft. Ausgewählte Aufsätze*, ed. por Lutz Niethammer e Bernd Weisbrod, Reinbek/Hamburgo, 1991, pp. 405-427. Mommsen demonstra ao longo deste artigo que, "exceptuando as bases específicas das (suas técnicas de) organização e agitação para a mobilização de massas (...), o nacional-socialismo não teve qualquer pendor inovador" [p. 420], concluindo que "se se quiser falar de modernização durante o *Terceiro Reich*, serão as perversas aplicações de teorias medicinais assim como a aniquilação de massas com base em meios técnicos (que caracterizam) a sua forma específica." [p. 423]

pátria" (*Heimatliebe*), se fomentar a incondicional identificação com a nação e, conseqüentemente, com o governo que aparentemente concedia a *todos* os trabalhadores o "privilégio burguês" de viajar. Tratando-se de valores imprescindíveis numa guerra prevista pela conquista de *Lebensraum*, seria portanto necessário aproximar os alemães do seu país, das suas regiões e seus povos. Ainda no mesmo discurso proferido durante o acto de inauguração da KdF, Ley resume este propósito "repatriante" - ideia alegadamente inovadora do fascismo<sup>101</sup> - da seguinte forma:

Der Marxismus konnte nur deshalb Millionen bester deutscher Menschen zu vaterlandslosen Gesellen machen, weil diese Ärmsten ihr Vaterland nicht kannten. Wollen wir aber, daß das Volk unser Vaterland lieben lernt, so müssen wir dafür sorgen, daß das Volk auch sein Land kennenlernt. Wochenendfahrten und Ferienfahrten müssen dies dem Volk ermöglichen.<sup>102</sup>

Num texto de promoção às viagens dentro da própria Alemanha, cujo registo mistificante de exaltação à pertença sanguínea reflecte exemplarmente o darwinismo rácico (*Blut und Boden*) subjacente ao ideário nazi, pode ainda ler-se acerca dos objectivos deste género de excursões:

Was ist das Erlebnis *Deutschland*? Doch nur das, wie man den Reichtum seiner blutmäßigen, seiner geschichtlichen und seiner geographischen Elemente in sich selbst erlebt. (...) Und dieser Weg vom Ich zurück in die Gemeinschaft eines Brudertums aus dem Blut ist der einzig mögliche Weg in den mythischen Kern des Nationalsozialismus.<sup>103</sup>

Seria, porém, precisamente no estrangeiro que o mito de uma forte coesão nacional encontraria seu terreno privilegiado. A seguinte passagem, extraída de um relato de viagem referente a um cruzeiro com escala nos Açores, atesta de modo exemplar este fenómeno de idealização da pátria no e pelo contacto com o estranho:

Nach Haus! Dieses Gefühl des Nachhausefahrens, dieses Glück, im Ausland abends auf ein deutsches Schiff zurückkehren zu können, diese Gewißheit, eine Heimat zu haben. (...) Was es bedeutet, ein Vaterland zu haben, das haben wir erfahren. (...) Viele von uns

<sup>101</sup> Apesar de temporalmente descontextualizada do tema aqui em análise, não resistimos aqui a relembrar uma passagem das viagens *Por Terras de Portugal e da Espanha* (ed. orig. 1911) de Miguel de Unamuno que Robert Ley bem poderia ter inserido no seu discurso sem ter tido de proceder a qualquer alteração: "Estas viagens (por Espanha) não são somente um consolo, um descanso e uma lição: são além disso, e talvez sobretudo, um dos melhores meios de adquirir amor e apego à pátria. Por razões de patriotismo deveriam fomentar-se e ajudar associações de excursionistas, os clubes alpinistas e todas as colectividades análogas." [cit. a partir da edição portuguesa da *Assírio & Alvim*, Lisboa 1989, p. 95]. A grande e substancial diferença entre o patriotismo de Unamuno e o do propagandeado pelo nazismo consiste no cálculo político, nomeadamente expansionista, que o fascismo oculta por detrás da sua fraseologia neo-romântica.

<sup>102</sup> Robert Ley, cit. cf. *Unter dem Sonnenrad*, p. 20.

<sup>103</sup> *Arbeitertum*, ano 4, n.º 9, 01.08.1934, p. 25.

gingen allein durch die Straßen von Ponte Delgada und Horta. Fremde Gesichter, fremde Menschen, eine fremde Sprache, fremde Sitten und Gebräuche umgaben uns. Manchen überkam da wohl ein Gefühl der Verlassenheit. Aber ein Blick auf das Schiff, ein Blick auf die deutschen Flaggen - und alles war gut. Das haben wir als schönstes Geschenk von unserer Azorenfahrt mit in die Heimat mitgebracht.<sup>104</sup>

Nas viagens ao estrangeiro acresce outro objectivo específico: a reconstituição da honra e auto-estima nacionais dos alemães que, numa perspectiva revisionista do "ditado" de Versalhes, se encontrariam fortemente lesadas. Um pequeno extracto de um discurso proferido por Robert Ley em 1935 evidencia a preocupação da discursividade nazi em, por um lado, fazer sugerir a recuperação do "orgulho operário" a nível nacional e, por outro, encenar a presença de trabalhadores alemães em terras estrangeiras como manifestação da vontade da "nova Alemanha" para reafirmar o seu prestígio internacional.

Wer unsere Arbeiter gesehen hat, wie sie sich in Lissabon benahmen und so stolz einhergingen: die Einheimischen glaubten alle nicht, daß das deutsche Arbeiter seien. Sie konnten es nicht fassen, daß diese Menschen, daß das deutsche Arbeiter sein sollten. Sie mußten ihnen immer wieder die schwierigen Hände zeigen, die als Beweis galten, sonst konnten sie es nicht fassen. Es ist für mich der Beweis, daß wir auf dem richtigen Wege sind und auf dem allein richtigen Wege, den Sozialismus zu lösen, d. h. die Menschen zu einem Herrtum zu bringen, sie aus dem Proletariat herauszureißen, aus der Knechtseligkeit, und ihnen Stolz auf ihre Leistungen, auf ihre Rasse und auf ihre Nation zu geben. Und außenpolitisch (...) ist der Erfolg nicht minder groß.<sup>105</sup>

Descrevendo de seguida a hospitalidade e a simpatia com que os turistas *Kraft durch Freude* teriam sido recebidos pelos portugueses na sua primeira excursão a Portugal, Ley conclui:

Wir wollen, daß die übrigen Länder und Völker uns nicht als Barbaren sehen, und als dumm-tölpelhaft oder gar gemein, sondern wir wollen, daß sie das neue Deutschland als ein Deutschland der Vernunft, der Erkenntnis, der Ehre, der Achtung und der Vornehmheit sehen. (...) Wir sind wieder eine Macht geworden. (...) Die Welt wird sich dran gewöhnen müssen, es mit einem neuen Deutschland zu tun zu haben, keinem Deutschland der Überheblichkeit (...) keinem Deutschland der Knechtseligkeit, wie es nach dem Kriege war, einem Deutschland voll innerer Kraft, weil es eine Gemeinschaft hat. (...) Das danken wir Adolf Hitler, unserem Führer! Das neue Deutschland und unsere Freiheit: Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!<sup>106</sup>

A intenção subjacente a estas palavras paradigmáticas do *pathos* do discurso nazi-fascista é a de promover o "estrondoso sucesso da política social do regime nacional-socialista", não só a nível nacional como também internacional. E, diga-se de passagem, esta forma de propaganda internacional por via do turismo parece ter surtido um determinado efeito junto do país visitado, já que as reacções às

<sup>104</sup> *Arbeitertum*, ano 5, n.º 4, 15.05.1935, p.10.

<sup>105</sup> Hans Biallas e Gerhard Starcke: *Leipzig: Das Nürnberg der Deutschen Arbeitsfront*, Munique, 1935, pp. 36-37.

<sup>106</sup> *Idem*, p. 38.

excursões KdF por parte da opinião pública fascizada do Estado Novo foram *grosso modo* positivas. Os artigos da imprensa portuguesa de então traduzem, por vezes num discurso verdadeiramente apologético, as simpatias pela Alemanha e "seu interessante organismo social de recreio <Força pela Alegria>"<sup>107</sup>. Como exemplo demonstrativo - apenas um entre centenas -, leia-se a seguinte notícia do *Diário da Manhã*, órgão de comunicação social da União Nacional, que na sua edição de 8 de Outubro 1937 anunciava:

São amanhã esperados em Lisboa 3 navios da flotilha KdF, conduzindo 3.000 operários daquela organização de protecção ao operariado da Alemanha. (...) A população de Lisboa já está habituada a estas visitas amigas e é com carinho e interesse que as acolhe, (estando) encantada com a alegria e a compostura dos milhares de excursionistas.

António de Menezes do Secretariado de Propaganda Nacional, o autor do artigo, após um longo elogio à KdF e reconhecendo nessa mesma organização "o melhor agente de propaganda turística de Portugal na Alemanha", conclui que apesar da "lamentável falta de uma casa da cultura portuguesa em Berlim e outras grandes cidades alemãs (...), o resultado final (destas visitas) é para Portugal extremamente lisonjeiro e faz aumentar a simpatia dos portugueses pelo povo alemão."

Mas se é latente que as viagens ao estrangeiro deveriam, numa retórica oficial, contribuir para uma aproximação dos povos regidos por regimes anti-democráticos e anti-comunistas, com este tipo de viagens prendem-se outros objectivos não detectáveis à primeira vista. Se o sentimento patriótico podia e devia ser suscitado pela viagem dentro da própria Alemanha, com a viagem ao estrangeiro, enquanto possibilidade de comparação, pretendia-se também intensificar o nacionalismo incondicional que o regime nazi exigia dos alemães. Integrando os países visitados pela KdF, na sua totalidade, um conjunto de Estados pertencentes a uma esfera economicamente periférica, o contacto com o estrangeiro "menos desenvolvido", para além de criar laços de amizade com países politicamente semelhantes - e apenas esses foram escolhidos como destinos da "Frota da Paz" <sup>108</sup>-, poderia e deveria mesmo contribuir para aumentar a identificação total dos viajantes com a pátria nacional-socialista. A quantidade de alusões a esse objectivo nos

<sup>107</sup> *Diário da Manhã*, 17.03.1936.

<sup>108</sup> As primeiras viagens marítimas da KdF tiveram como destino a costa do sul da Inglaterra. Tratando-se de um país de regime democrático, a Inglaterra parece constituir uma excepção no que diz respeito ao círculo dos países de governos fascizados ou fascistas escolhidos como destino dos paquetes da KdF. No entanto, se se tiver em consideração que nas viagens a Inglaterra não houve incursões em terra, ou seja, não se proporcionaram contactos directos com a população britânica, e que em 1934/35 existia entre os governos inglês e alemão um certo clima de aproximação - que afinal viria a culminar no convenio anglo-alemão sobre a construção naval de 18 de Junho de 1935 -, a opção de se visar a costa britânica como alvo "turístico" já não parece de todo desenquadrada da calculista política internacional subjacente às viagens marítimas da KdF.

documentos estudados é enorme. Eis um exemplo apenas, proveniente do órgão oficial da KdF:

Und das ist ja gerade der Sinn der Hochseefahrten der nationalsozialistischen Gemeinschaft *Kraft durch Freude*, daß sie die Arbeitskameraden durch die Anschauung der Lebensbedingungen anderer Völker davon überzeugen, daß der Nationalsozialismus den arbeitenden Menschen unseres Volkes ein Maß an Betreuung angedeihen läßt, das in der Welt beispieillos dasteht. Wer einmal in seinem Leben über die Grenzen des Vaterlandes in eine andere Welt hinausschauen konnte - und sei sie auch gesegnet mit Palmen, Bananen und ewig scheinender Sonne -, der ist gefeit gegen alle noch so verführerischen Ideen, die ihm ein Paradies auf Erden versprechen. Er weiß jetzt, was die zusammengeballte Kraft einer Nation auch für ihn selbst bedeutet. (...) Und alle werden ein Erlebnis von dieser Fahrt mitnehmen: sie werden nicht traurig sein, wenn sie von Bord gehen, sondern nach allem, was sie (...) draußen in der Welt sahen, von dem Glück beseelt sein, daß die deutsche Heimat doch am schönsten ist.<sup>109</sup>

Se este tipo de discurso destinado à opinião pública alemã ainda se queda por uma mensagem de teor patriótico-chauvinista, nos relatórios secretos dos VMR, os *Spitzelberichte*, um dos informadores que participou num cruzeiro KdF a Portugal em 1938 já não se coíbe de manifestar a sua alegada superioridade biológica ao afirmar que "a população média de Lisboa oferece do ponto de vista rácico uma fraca imagem, já que aparentemente representa um conglomerado de todas as raças do sul, incluindo a moura."<sup>110</sup>

No entanto, os nacional-socialistas estavam bem conscientes de que, perante um quadro conjuntural de crescentes tensões a nível das relações internacionais, a manifestação de um nacionalismo exacerbado poderia prejudicar a imagem exterior da "nova Alemanha". É que a Alemanha tinha abandonado a Sociedade das Nações e, precisamente no dia de chegada a Lisboa da primeira excursão *Kraft durch Freude*, em Março de 1935, procedido - numa atitude demonstrativa de afronta ao Tratado de Versalhes - à reintrodução do serviço militar obrigatório. Por isso, as viagens ao estrangeiro, cuja "Frota da Paz" deveria constituir "uma poderosa manifestação do novo espírito de uma Alemanha mais bela"<sup>111</sup>, enquanto instrumento da propaganda internacional, teriam também o objectivo de convencer o mundo das alegadas intenções pacíficas dos alemães. Na discursividade nazi, os cruzeiros KdF constituiriam afinal um maior e muito mais significativo contributo para o "entendimento entre os povos" - tratando-se, porventura, apenas de países e povos regidos por sistemas fascistas ou pelo menos fascizantes - do que o que a própria Sociedade das Nações jamais teria conseguido.

Wie steht es mit der *Völkerverständigung*? - Besser, als sie jemals in einem offiziellen *Völkerbund* gewesen ist. In geradezu herzlicher Kameradschaft begegnen und finden sich bei den *Kraft durch Freude*-Reisen Italiener, Portugiesen und Deutsche. Allerdings

<sup>109</sup> *Arbeitertum*, ano 6, n.º 4, 15.5.1936, p. 12.

<sup>110</sup> *Überwachung von Reisen in das Ausland*: R 58 / 950, p. 334.

<sup>111</sup> *Unter dem Sonnenrad*, p. 87.

sind es hier Vertreter dreier Völker, die eine große Gemeinsamkeit haben - unbändige Vaterlandsliebe, Willen zur Ordnung und Sauberkeit und zur wehrhaften Festigung des Ansehens der Nation. Eine Völkerverständigung entsteht hier aus den Völkern heraus auf der Grundlage gegenseitiger Achtung, an der sich jene ein Beispiel nehmen können, die seit Jahrzehnten vom grünen Tisch her weltfremde Theorien verzapfen.<sup>112</sup>

Atento à imponência dos navios *Kraft durch Freude*, que para Portugal viajavam em grupos de três ou quatro paquetes com um total de aproximadamente 3.000 passageiros a bordo, e à desconfiança que poderiam causar junto dos países visitados, a KdF baptiza o conjunto dos seus navios de "Frota da Paz" (*Flotte des Friedens*) e atribui aos viajantes o papel simultaneamente de "mensageiros da paz" (*Sendboten des Friedens*) e de "representantes do povo alemão"<sup>113</sup>, sendo "enviados mundo fora como documento da (nova) Alemanha"<sup>114</sup>. A preocupação por decorar estas viagens com o emblema da paz é latente, não apenas na esfera pública, como as publicações na imprensa e os discursos públicos de então - apesar de neles já se poder detectar um tom de certo modo prenunciador do expansionismo previsto - o demonstram:

Kein ehrlicher und anständig denkender Mensch kann dem Friedenswillen, der in dieser Reise lebendigen Ausdruck fand, mit kaltem Mißtrauen begegnen. Die Ausländer, die unsere Schiffe und Menschen sahen, wissen wie wir, was diese Reise im großen politischen Geschehen der Welt bedeutet: Ein Land rüstet seine Flotte. Es war eine Flotte des Friedens.<sup>115</sup>

Mas também nos bastidores da alta política nacional-socialista se jogava a cartada da imagem pacífica dos cruzeiros KdF. Quando no final do ano de 1935, após o enorme sucesso das primeiras viagens a Portugal, Bodo Lafferentz, chefe da secção de turismo da KdF (*Amt für Reisen, Wandern und Urlaub*), numa fase de planeamento das próximas "viagens atlânticas", se dirige à Legação Alemã em Lisboa no intuito de saber se seria aconselhável aumentar a frota na sua visita a Portugal para "quatro, cinco ou, eventualmente, seis navios", de modo a que "o número total de excursionistas passaria a ser de cerca de 6 000". Baron von Huene, o ministro da legação, responde:

Es ist ein Stück schönster Propaganda, die hier geleistet wird. (Aber) den Besuch einer größeren Flotte würde ich für bedenklich halten; es läge darin schon eine Demonstration, die die hiesigen leitenden politischen Kreise unangenehm berühren müßte.<sup>116</sup>

<sup>112</sup> *Arbeitertum*, ano 7, n.º 17, 1.12.1937, p. 12.

<sup>113</sup> *Arbeitertum*, ano 6, n.º 2, 15.4.1936, p. 10.

<sup>114</sup> Robert Ley: "Wir wollen die Gemeinschaft vor allem. Die Erlebnisse auf der Madeira-Fahrt", in Hans Biallas e Gerhard Starcke (org.): *Leipzig. Das Nürnberg der Deutschen Arbeitsfront*, Munique, 1935, p. 35.

<sup>115</sup> *Arbeitertum*, ano 6, n.º 2, 15.4.1936, p. 17.

<sup>116</sup> *Akten der Deutschen Gesandtschaft in Portugal. NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude-Fahrten*, Bd. 1, 5. Dezember 1935 - 31. Dezember 1936 [Actas da Legação Alemã em Portugal].



E em relação à eventualidade de a KdF passar a incluir no seu programa a partir de 1937 cruzeiros à costa das colónias portuguesas em África, projecto que afinal não se concretizou, o mesmo von Huene, consciente da questão colonial como "única nuvem negra que paira sobre as relações luso-alemãs", confessa-se preocupado:

Ihr Telegramm, in dem Sie uns Ihre Absicht mitteilen, portugiesische Kolonialhäfen anzulaufen, hat mich in nicht geringen Schrecken versetzt. (...) Zu meinem schmerzlichen Bedauern muß ich erhebliche Bedenken gegen die Durchführung dieser Absicht geltend machen und darauf hinweisen, daß die Landung eines einzigen Urlaubers an der Küste einer portugiesischen Kolonie die jahrelange deutsch-portugiesische Freundschaftsarbeit (...) zu nichte machen könnte. Eigentlich die einzige Wolke, die über dem deutsch-portugiesischen Himmel liegt, ist die koloniale Frage (...). Sie können mir glauben, lieber Herr Dr. Lafferentz, wie ungern ich negative Auskünfte gebe und wie schwer es mir wird, besonders Ihnen und Ihrem Werk eine schöne Idee auszureden. (...) Die Reise kann übrigens auch ohne eine Landung in den Kolonien reizvoll gestaltet werden, indem Sie nur auf Madeira, den Azoren und vielleicht den Cap Verden landen und die afrikanische Küste nur von weitem genießen.<sup>117</sup>

As implicações e repercussões políticas do "turismo (nacional-)social(ista)" são portanto evidentes ao mais alto nível das relações internacionais. Assim, apenas poucas semanas após a primeira excursão KdF a Lisboa e à Madeira, também o Estado português, muito provavelmente impressionado pelo "grandioso feito" do fascismo alemão, iria criar, a 13 de Junho de 1935, uma organização de lazeres, senão igual pelo menos, basicamente inspirada nos modelos italiano e alemão, a *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT)<sup>118</sup>. Durante

---

referentes às viagens KdF realizadas entre 5 de Dezembro de 1935 e 31 de Dezembro de 1936], situadas no *Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes*, em Bona, com o código "Portugal 20/125".

<sup>117</sup> *Ibidem*.

<sup>118</sup> A propósito das origens e dos propósitos da FNAT, veja-se: José Carlos Valente, *op. cit.* e Simon Kuin, "Alegria no Trabalho", in *Revista do Expresso*, 24.09.1994, pp. 36-37. Estes dois artigos parecem constituir, até ao momento, os únicos trabalhos de pesquisa específica acerca da FNAT. De resto, as considerações sobre esta instituição do Estado Novo e suas respectivas funções no âmbito do "projecto doutrinário totalizante para a sociedade portuguesa" (Fernando Rosas, *O Estado Novo*, vol. 7 da *História de Portugal* de José Mattoso, Lisboa, 1994, p. 281 s.) nas obras de referência sobre este período da História de Portugal são escassas. Manuel de Lucena (*A Evolução do Sistema Coporativo Português. I. O Salazarismo*, Lisboa, 1976, p. 233 s.), por exemplo, reconhece que "a FNAT assumiu funções análogas às da 'Dopolavoro' italiano, ocupando-se de desportos e tempos livres, de colónias de férias e de actividades culturais nacionalistas", desempenhando assim o papel enquadrante de 'distrain' os trabalhadores de acordo com a prática do regime salazarista de 'politizar a despolitização' (...). Fernando Rosas (*op. cit.*, p. 281 s.) engloba as actividades das FNAT na tentativa do salazarismo em "moldar todos os níveis da sociedade civil de acordo com os 'novos valores'" e Heloísa Paulo (*Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil*, Coimbra, 1994, p. 37 s.) considera que, "desenvolvendo toda uma acção no sentido de divulgar a imagem do regime, (a FNAT foi) um dos seus mais activos aparelhos de propaganda. A sua acção no campo da divulgação do ideário oficial processa-se na organização de actividades que divulguem os pressupostos do Estado Novo e sua concepção de cultura." Todos os autores referem as semelhanças entre a FNAT e a congénere italiana 'Dopolavoro', mas estranhamente apenas José Carlos Valente menciona as afinidades e os (intensos?) contactos entre a instituição portuguesa e a KdF, aquela fundada precisamente poucos meses após a primeira visita desta a Lisboa e à Madeira. Uma investigação mais aprofundada,

todas as excursões KdF a Portugal houve contactos institucionais, convites e visitas mútuas a nível oficial. O próprio Robert Ley, figura de destaque do regime nazi, foi recebido pelo Chefe de Estado português e convidado de António Ferro no Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). A troca de galhardetes entre ilustres da vida pública portuguesa e alemã por ocasião das festas a bordo dos paquetes alemães (*Bordfeste*) ou de recepções dadas quer pela embaixada alemã em Lisboa, quer pelo SPN, quer pela FNAT, encontraram na imprensa portuguesa da época um grande destaque, não raramente como notícia de primeira página com adorno fotográfico.<sup>119</sup> Para além das exaustivas e repetidas coberturas das chegadas, estadias e partidas dos "turistas-trabalhadores" alemães nas suas passagens por terras lusitanas, eram constantemente realçados episódios simbólicos da propagandisticamente encenada amizade luso-alemã, como a oferta por parte do jardim zoológico de Berlim de um leão bebé transportado para Lisboa num paquete KdF<sup>120</sup> ou a atribuição de uma medalha de mérito alemã e de um relógio de pulso a um operário portuário português que salvara a vida a um turista KdF caído ao mar.<sup>121</sup>

Para terminar a inventariação dos objectivos visados com as viagens marítimas KdF, mais concretamente dos que a própria discursividade nazi se encarregou de publicamente divulgar, resta ainda mencionar o alargamento da sua função integrativa aos alemães residentes no estrangeiro. A manifesta tentativa por parte do regime de enquadrar as diversas classes sociais numa ilusória *Volksgemeinschaft* não se restringia apenas àqueles alemães que viviam e trabalhavam na Alemanha mas visava também a sedução e o controlo da diáspora, os *Auslandsdeutsche*. Neste sentido, as viagens para além fronteiras constituíam "um meio ideal para dar aos alemães residentes no estrangeiro o sentimento de pertença, possibilitando-lhes poderem experienciar, sobretudo lá fora em terras estranhas, a sensação da *Volksgemeinschaft*"<sup>122</sup>. Assim, a encenação do fraternal convívio entre os viajantes da KdF e a comunidade de alemães residentes em Portugal, que nos anos trinta, ainda antes da afluência dos refugiados do nazismo,

---

certamente de interesse *intercultural* para o presente estudo, não me foi possível, visto que o meu pedido, em meados de 1995, à direcção do INATEL, no sentido de consultar os seus arquivos históricos onde se encontra o material de documentação da extinta FNAT, foi indeferido por alegada falta de catalogação do material relativo aos anos 30.

<sup>119</sup> Os jornais diários portugueses que deram maior cobertura às visitas da KdF foram: *O Século*, o *Diário da Manhã*, o *Diário de Lisboa* e *A Voz*. Visto que os paquetes também ancoravam nos arquipélagos, os respectivos jornais madeirenses, como *O Jornal*, o *Diário da Madeira* e o *Diário de Notícias do Funchal* e, nos Açores *O Telégrafo*, deram cobertura significativa ao assunto.

<sup>120</sup> *O Século* e o *Diário da Manhã*, 01.11.1937.

<sup>121</sup> *O Século* e o *Diário da Manhã*, 11.10.1937.

<sup>122</sup> *Unter dem Sonnenrad*, p. 192.

ascendia a aproximadamente 1.200 pessoas, das quais 900 fixadas em Lisboa<sup>123</sup>, constituiu sempre um ponto alto das escalas em cidades portuguesas. Conforme nos mais diversos relatos de viagem se descreve e os artigos e fotografias na imprensa portuguesa fascizada o comprovam, muitos dos alemães lisboetas compareciam, munidos de bandeirinhas em papel com a cruz suástica, aos cais portuários onde ancoravam os luxuosos e imponentes "navios sem classes"<sup>124</sup>. A revista *Der Deutsche im Ausland*, na sua edição de Junho de 1935, representa a chegada da frota KdF a Lisboa na sua primeira "visita" a Portugal, em que também participou o próprio Robert Ley, nos seguintes termos:

Morgens gegen 7.00 Uhr taucht aus dem Morgendunst der erste KdF-Dampfer. *Der Deutsche*, auf Hunderte von Augenpaaren blicken ihm erwartungsvoll entgegen. Dichtgedrängt stehen die Menschen am Kai. Und während die Schlepper das Schiff heranziehen, während an Bord die ersten Marschklänge zum Kai hinüberbrausen, schallen auch schon zur Begrüßung die Heilrufe den Besuchern entgegen. Die Kinder der Deutschen Schule sind zum Empfang mit Hakenkreuzfähnchen angetreten. Sie werden des Winkens nicht müde. Ihren Lohn erhalten sie, nachdem Dr. Ley, der als erster von Bord zur Begrüßung der Teilnehmer herunterkommt, jedem der Kinder die Hand schüttelt. Inmitten der Kinderschar werden von ihm unzählige Aufnahmen gemacht. In kurzen Abständen treffen die anderen Dampfer *Sierra Cordoba*, *Oceana* und die *St. Louis* ein. Nach ihrem Festlegen dürfen die Deutschen aus Lissabon an Bord der Schiffe.<sup>125</sup>

Após a "calorosa recepção", não teriam sido poucos os representantes da colónia alemã que acompanharam, enquanto guias voluntários<sup>126</sup>, os compatriotas nos seus passeios turísticos pela cidade e nas excursões ao Estoril, a Cascais e Sintra. Se olharmos à quantidade dos excursionistas em cada viagem (2.000 a 3.000) e à constantemente enunciada escassez de moeda estrangeira (*Devisenknappheit*) com que o Estado nacional-socialista se veria confrontado, o que aliás limitava a soma de que cada viajante KdF podia dispor como dinheiro de bolso nas suas duas escalas, respectivamente em Lisboa e no Funchal, a não mais que 10

<sup>123</sup> Números citados por Frommann, *op. cit.*, p. 189. Estranhamente, Frommann omite a fonte desta informação, que provavelmente terá sido um relato dos *IMR* (R 58/950: referente a Outubro de 1938; p. 337 ss.) em que se afirma que dos 1.200 alemães residentes em Portugal 900 viveriam em Lisboa. Segundo o mesmo informador, mais ou menos 900 dos *Auslandsdeutsche* com residência fixa em Portugal seriam membros do NSDAP e "a vida comunitária e a solidariedade (entre a colónia alemã) pode(ria)m ser classificadas como sendo muito boas."

<sup>124</sup> *Klassenlose Schiffe* era o cognome dado pelo regime aos dois primeiros (e últimos, apesar de ainda em Agosto de 1939 se afirmar que muitos mais estariam em projecto) paquetes exclusivamente construídos para a KdF. Na verdade, o "Wilhelm Gustloff" e o "Robert Ley", baptizados respectivamente em 1938 e 1939, e tendo ambos ainda efectuado cruzeiros com escala em Lisboa e na Madeira, apresentavam uma estrutura uniforme sem as tradicionais divisões classistas dos paquetes. Todas as cabines eram, de facto, concebidas da mesma forma, aspecto que com o início da guerra e a utilização dos navios KdF como "lazaretos flutuantes" se viria a provar ser de grande utilidade militar.

<sup>125</sup> Cit. cf. Heinz Schön, *op. cit.*, p. 34 s.

<sup>126</sup> Bruno Frommann (*op. cit.*, p. 190) constata em relação a um cruzeiro efectuado na Primavera de 1936 o número de 80 guias provenientes da colónia alemã em Lisboa.

*Reichsmark*<sup>127</sup>, ou seja, a cerca de 100 escudos, o facto de os *Auslandsdeutsche* não serem remunerados pelo seu acompanhamento, que normalmente deveria competir a agências de viagens<sup>128</sup> e guias turísticos profissionais, constitui um aspecto a não ser subestimado no que diz respeito à viabilidade financeira destas viagens de baixa tarifa. Para além desta propagandística e financeiramente valiosa "mobilização" da colónia alemã também o Estado português contribuiu na medida do possível para que os custos destas "excursões para operários" se mantivessem acessíveis, perdoando aos navios da KdF 99% das taxas portuárias - a lei portuguesa não permitia pois uma abolição no seu valor total<sup>129</sup> - a par de, a pedido da legação alemã em Lisboa, se proceder regularmente a reduções significativas ou mesmo a ofertas dos bilhetes de transporte nas visitas a Sintra.<sup>130</sup> O agradecimento à diáspora alemã e à colaboração portuguesa revestia a forma retributiva de convívio alegre e muita cerveja.<sup>131</sup> Nas primeiras noites passadas em portos portugueses, organizavam-se festas a bordo dos paquetes em honra dos convidados alemães residentes em Portugal e de muitos notáveis locais. Os programas destes *Bordfeste*, em que também os jornalistas dos principais jornais lisboetas e funchalenses não podiam deixar de marcar presença, encarregando-se obviamente de noticiar o evento de forma simpática, eram constituídos por uma considerável diversidade - embora sem grandes variações de visita para visita - de ofertas (inter)culturais: desde concertos de música clássica por orquestras alemãs e marchas tocadas por bandas portuguesas, passando por bailes e representações de danças tradicionais de diversas regiões da Alemanha e de Portugal até aos usuais discursos solenes de altas personalidades alemãs e portuguesas. Enfim: uma perfeita encenação do espírito de alegria, festa, convívio e camaradagem, reinante entre a *Volksgemeinschaft* como também entre "dois povos amigos" unidos por determinadas afinidades ideológicas.

---

<sup>127</sup> *Ibidem*

<sup>128</sup> Segundo as actas da Legação Alemã em Lisboa [*Akten der Deutschen Gesandtschaft in Portugal* (20/125: "NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude-Fahrten 1935-1938)], a agência de viagens incubida da organização e do acompanhamento turísticos das excursões KdF em Lisboa era a *Safari*.

<sup>129</sup> *Ibidem*

<sup>130</sup> *Idem*, p. 191.

<sup>131</sup> Um dos presentes de retribuição mais apreciados junto da colónia alemã terão sido os mil litros de cerveja oferecidos pela KdF. *Vide* Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 190.

## II. A viagem KdF: espaço e tempo de entretenimento e endoutrinamento

Apesar da própria voz pública nacional-socialista não deixar dúvidas acerca do carácter instrumental, ou melhor, totalizante da KdF, convém determo-nos um pouco sobre a pergunta: porque é que foram precisamente as viagens marítimas ao estrangeiro o instrumento mais popular, uma espécie de *ex libris*, da política social e cultural do regime? Não teria sido mais fácil e muito menos dispendioso atrair e endoutrinar as massas no seu dia-a-dia, no seu espaço habitual, através do já engenhosamente montado aparelho de propaganda, pela imprensa e rádio nazificadas, pelo Partido e suas inúmeras suborganizações enquadrantes?

Bruno Frommann, na sua dissertação com o aparentemente inequívoco - mas no fundo ambíguo - título *Reisen im Dienste politischer Zielsetzungen*, coloca esta (falsa) questão para, a partir de uma resposta afirmativa e admitindo que "as viagens KdF, enquanto instituição do Estado nacional-socialista, estão indissoluvelmente conectadas com a sua política global", podendo neste sentido "ser vistas como viagens ao serviço de objectivos políticos", concluir que, no entanto, "o seu elemento básico é de natureza social"<sup>132</sup>. Não lhe negando o seu "contributo para a estabilização e persistência do regime nazi", tese já em 1976 defendida por Wolfhard Buchholz, Frommann concentra porém os seus esforços interpretativos e argumentativos para realçar, a meu ver excessivamente, o valor social, modernizante e turístico das viagens KdF, relativizando a "possibilidade de influência"<sup>133</sup> ideológica dos turistas já que estes se caracterizariam sobretudo por um "modo de pensamento e comportamento apolítico"<sup>134</sup>.

Na verdade, o "turismo para trabalhadores" preconizado pelo regime nacional-socialista gozou de uma enorme popularidade junto das classes médias e mesmo operária. A eficiência e o poder de atracção das viagens KdF eram de tal forma evidentes que mesmo os movimentos de oposição esquerdista o tiveram de reconhecer. Nos relatórios dos informadores do Partido Social-Democrata Alemão exilado, os *Deutschland-Berichte der Sozialdemokratischen Partei Deutschlands*, então camuflados sob a sigla *Sopade*, constata-se:

Das alles hat Methode. (KdF scheint zu beweisen), daß die Lösung der sozialen Frage umgangen werden kann, wenn man dem Arbeiter statt mehr Lohn mehr *Ehre*, statt mehr Freizeit mehr *Freude*, statt besserer Arbeits- und Lebensbedingungen mehr kleinbürgerliches Selbstgefühl verschafft. KdF ist nicht nur eine raffiniert erdachte und

<sup>132</sup> Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 318.

<sup>133</sup> Idem, p. 313.

<sup>134</sup> Idem, p. 283.

geleitete Organisation zur *Betreuung* der Massen, sondern geradezu ein Symbol des von der NSDAP repräsentierten *nationalen Sozialismus*.<sup>135</sup>

Enquanto que esta apreciação oposicionista realça o propósito *representativo* e *consciencializante* da KdF enquanto característica da prática política do regime nazi, nas palavras extraídas de um relato de viagem de uma participante que viajara sob as bandeiras da cruz suástica e da "roda solar", o símbolo emblemático da KdF, o objectivo nacional-socialista de despolitizando enquadrar as massas, dando aos eventos da sua obra de lazeres uma aparência meramente hedónica e simultaneamente social, parece ter-se realizado:

Zum ersten Mal sind wir richtig in den Urlaub gefahren. Mit der *Oceana* von der HAPAG. Früher konnten ja nur die Reichen mitfahren, das hat mindestens 300, 400 Mark gekostet. Und wir haben für eine Woche 54 Mark bezahlt. (...) Sechs Mahlzeiten gab es täglich und zu Mittag immer mehrere Gänge. Bedient worden sind wir von livrierten Kellnern. Es gab keine Propagandareden, wenig Parteiabzeichen und überhaupt keine Politik an Bord. Statt dessen wurden wir bestens unterhalten mit Bordspielen, Musik, Tanz, neuen Filmen und Lichtbildvorträgen.<sup>136</sup>

A plena satisfação desta viajante berlinense com o programa turístico oferecido pela KdF durante uma viagem marítima aos fiordes da Noruega, mesmo que se aceite a pressuposição de que estas impressões reflectem paradigmaticamente a apreensão destas viagens pela maioria dos turistas participantes enquanto sensação de um evento apolítico, não deve porém induzir-nos à ingenuidade de avaliar o turismo KdF como exemplo da benevolência da política social do regime nazi, a que Frommann - embora não de um modo explícito - me parece querer aludir ao, se não contestar preliminarmente, pelo menos relativizar a tese de Buchholz de que as viagens KdF não só desempenharam uma função propagandística como constituíram mesmo uma espécie de "viagens de conversão apologetica" (*Bekennnisfahrten*) ao nacional-socialismo<sup>137</sup>. A afirmação de Frommann de que a influenciabilidade ideológica das massas seria durante a viagem KdF indubitavelmente menor de que no seu dia-a-dia, no seu *habitat* natural, parece-nos insustentável. Se é pois verdade que "a organização de lazeres nacional-socialista pode ser caracterizada como uma instituição que à primeira vista não se enquadra na imagem global moralmente negativa que se tem do nazismo"<sup>138</sup>, o fenómeno KdF, por não corresponder a um esquema interpretativo do fascismo alemão enquanto regime unicamente demoníaco e aterrorizante, não pode porém ser

<sup>135</sup> *Deutschland-Berichte der Sozialdemokratischen Partei Deutschlands (Sopade), 1934-1940*, 7 vol., Frankfurt am Main, 1980; aqui: vol. 3 (1936), p. 879 s., cit. cf. Peter Reichel, *op. cit.*, p. 249.

<sup>136</sup> Cit. cf. Peter Reichel, *op. cit.*, p. 248.

<sup>137</sup> Wolfhard Buchholz, *op. cit.*, p. 406.

<sup>138</sup> Idem, p. 412.

convertido num símbolo, numa (falsa) prova, do pendor social e modernizante, da face positiva do nacional-socialismo. Por mais que a KdF possa ter contribuído para a modernização da sociedade alemã, para a popularização da viagem ao deixar a porta entreaberta para o exclusivo mundo turístico<sup>139</sup>, para a pelo regime nunca intencionada democratização do turismo nos nossos tempos, a política social nazi, nomeadamente a sua *performance* pela KdF, não pode ser analisada senão a partir da sua função instrumental numa indissolúvel relação com a ideologia totalitária do nazismo. E esta caracteriza-se, para além do exercício do terror, sobretudo pela sua prática demagógica, pela "bela aparência", pela sua "dupla face", em suma, pela "estetização da vida política (como também social e cultural) que o fascismo pratica"<sup>140</sup>, conforme Walter Benjamin afirma no posfácio ao seu famoso ensaio de 1935 *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*.

É precisamente a viagem KdF que melhor sintetiza e reflecte esta prática política do nazismo. Na e pela viagem constrói-se a ilusão do "socialismo do acto" (*Sozialismus der Tat*), da *Volkgemeinschaft*, da igualdade social, da "revolução nacional-socialista", procede-se, conforme o próprio discurso nazi anuncia, à "transposição de um mundo distante e mágico para a esfera da realidade"<sup>141</sup>. O projecto de consciencialização e socialização das massas de acordo com o ideário nazi encontrou na viagem um cenário ideal em que todos os ingredientes, todos os condicionantes e todas as pré-disposições psicológicos se conjugam para possibilitar uma perfeita encenação da "demagogia social", da fascinação intencional e sistematicamente irradiada pelo fascismo. Para além da premeditada massificação e instrumentalização da "literatura de viagem KdF" como veículo ideológico, aspecto que será analisado na parte principal deste trabalho, a viagem em si, apesar do seu acentuado pendor turístico e ao contrário do que Frommann parece querer provar, terá desempenhado um papel extremamente importante para o endoutrinação e consequente enquadramento das massas. Vejamos porquê.

Mesmo que nas supracitadas impressões de viagem de uma turista KdF não haja a consciência de práticas propagandísticas e políticas a bordo, a verdade é que os navios foram factualmente palco de realizações intrínseca e explicitamente políticas. Os paquetes da KdF funcionaram, por exemplo, pelo menos duas vezes como "local festivo de eleições"<sup>142</sup>. Segundo Robert Ley no seu anual discurso de

<sup>139</sup> Hasso Spode, "Die NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude - ein Volk auf Reisen?", in Hasso Spode (org.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*, Berlin, 1991, p. 87.

<sup>140</sup> Walter Benjamin, "Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit", in *Gesammelte Schriften. Abhandlungen*, Bd. I-2, (org.: Rolf Tiedemann, Hermann Schweppenhäuser), Frankfurt am Main, 1991, p. 469.

<sup>141</sup> *Monatshefte für NS-Sozialpolitik*, 1937; cit. cf. Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 65.

<sup>142</sup> "Festliche Wahl auf dem Kraft-durch-Freude-Schiff *Wilhelm Gustloff*" é o título de um artigo na *Arbeitertum*, ano 8, n.º 3, 01.05.1938, p. 15.

abertura da época primaveril dos cruzeiros à Madeira, a "viagem atlântica" (*Atlantikfahrt*) de Março de 1936 seria "coroada com um evento especial": o plebiscitário de 29 de Março, cujo resultado, um indubitável "sim" à ocupação da Renânia, acto contra as estipulações do Tratado de Locarno já consumado por Hitler a 7 de Março, Ley já conheceria de antemão.<sup>143</sup> Num folheto distribuído a bordo, com o título *Das "Ja" der Madeirafahrer!*, apelava-se, num tom deveras patético e aclamatório, senão mesmo divinizador, ao incondicional "sim" dos passageiros e pessoal de bordo à política e personagem do *Führer*:

Mannschaft und Passagiere der *St. Louis* sind durch gemeinsames Schicksal und Erlebnis kameradschaftlich verbunden. Jenen gab der Führer mit dem wundervollen Werk *Kraft durch Freude* die Möglichkeit, Deutschland und die Welt kennen zu lernen; diesen gab er wieder Arbeit und Brot und damit neuen Lebensmut und neue Lebensfreude. Jeder, der gesehen hat, mit welcher Andacht und Begeisterung Mannschaft und Urlauber an den Lautsprechern im Schiff den Worten des Führers lauschten, der weiß: Es gibt keine treueren Anhänger des Führers und seiner Bewegung als die Volksgenossen auf der *St. Louis*, vom Kapitän bis zum Schiffsjungen und vom Betriebsführer bis zum Fabrikarbeiter. Alle bewegt das Gefühl tiefsten Dankes an den Mann, der ihnen und dem ganzen Volke ein neues Leben schenkte. (...) So steht denn die Madeirafahrt 1936 unter einem ganz besonderen Zeichen. Am 29. März findet die Volksbefragung statt, bei der das deutsche Volk entscheiden soll, ob es die Maßnahmen des Führers billigt. Die Antwort kann und wird nur ein gemeinsam brausendes *Ja* sein. Dieses *Ja* hat mehr als symbolische Bedeutung. Es wird Stütze und starker Halt für den Führer des Volkes sein, der frei und offen vor alle Welt hintreten kann wie kein anderer Staatsmann, denn hinter ihm steht eine geeinte Nation, deren Wille auch sein Wille ist und die an ihn glaubt und ihm restloses Vertrauen schenkt. (...) Arbeitskameraden! Es ist nur wenig, was wir dem Führer geben können. Nur das kleine Wörtchen *Ja*. Damit sollen wir alles vergelten, was er an uns getan hat! Er gab uns die Freiheit, er schenkte unserm Volke einen neuen Glauben, und er gab uns Waffen, Arbeit und Brot. Der Führer schuf *Kraft durch Freude* für uns, und unser Dank, den wir am 29. März bekunden, heißt: *Ja*. Möge es über die Meere erschallen und aller Welt in die Ohren gellen: *Deutschland ist frei und wird seine Ehre wahren!*<sup>144</sup>

Dois anos mais tarde, um paquete da KdF iria novamente servir como uma espécie de urna de votação flutuante. A 10 de Abril de 1938, o *Wilhelm Gustloff*, então o maior e mais imponente navio da frota KdF, deslocou-se a Inglaterra, onde ancorou durante doze horas na doca de Tilburn perto de Londres, para que os alemães e austriacos residentes nesse país tivessem oportunidade de confirmar por sufrágio a *Anschluß*, ou seja, a anexação da Áustria. Esse "acto eleitoral" decorreu, segundo uma notícia ilustrada com diversas fotografias na *Arbeitertum*, num ambiente festivo com "jogos, canto e dança que encurtaram aos alemães de Inglaterra o tempo passado a bordo"<sup>145</sup>. Mas se estes dois exemplos reflectem apenas a utilização política dos navios e viagens KdF na sua vertente mais institucionalizada, vários outros aspectos podem ser enunciados para se

<sup>143</sup> Cf. Heinz Schön, *op. cit.*, p. 44.

<sup>144</sup> Idem, p. 45.

<sup>145</sup> *Arbeitertum*, idem.



demonstrar o ambiente simultaneamente politizante e *despolitizante* durante estas viagens marítimas. Se no citado extracto do relato de viagem pessoal de uma turista KdF se chama a atenção para a ausência de propaganda política a bordo, o que já pelo facto de o mencionar sequer nos sugere tratar-se de uma descrição consciente ou inconscientemente pré-formada, um informador do regime que participara numa das viagens KdF a Portugal em Outubro de 1938 constata no seu relatório:

Es fanden täglich allgemeinbildende Vorträge statt, soweit sie mit der KdF-Fahrt in irgendeinem Zusammenhang standen. Bei diesen Vorträgen verstand es der Vortragende (...), in außergewöhnlich geschickter Weise seine Vorträge mit nationalsozialistischem Gedankengut zu durchsetzen.<sup>146</sup>

Também o estado-novista António de Menezes, que se deslocara em 1935 ao congresso do NSDAP em Nuremberga e que de seguida fora convidado pela DAF a participar num cruzeiro da KdF aos fiordes da Noruega, descrevendo as suas impressões de viagem num artigo publicado no *Diário da Manhã* de 20 de Março de 1936, alude às actividades endoutrinantes a bordo:

Todos os dias havia a bordo pequenas palestras de propaganda doutrinária, que Dr. Ley fazia numa admirável espontaneidade (sic), com verdadeiro senso de orador popular, numa linguagem apropriada a cada auditoria.

Nestas duas breves observações realça-se a habilidade táctica subjacente à prática endoutrinante a bordo dos paquetes da KdF. Correspondendo à "propaganda psicológica" enquanto elemento constitutivo da máquina demagógica nazi, cujo engenheiro, o doutor em filosofia Joseph Goebbels, desde cedo reconheceu as desvantagens de um discurso ideologizante demasiadamente politizado com que as massas *não* deveriam ser constantemente bombardeadas, o endoutrinamento a bordo caracterizar-se-ia pela sua subtilidade, mas nem por isso menor eficácia, apresentando-se sob a forma camuflada de entretenimento. Acatando as advertências do maior "artista da psicologia popular" nazi de que "não se pode estar sempre a bater o tambor, visto que se estiver sempre a rufar o tambor o público se vai habituando ao som do tambor, levando-os a já não repararem nele"<sup>147</sup>, a encenação do culto da *alegria* no navio - o lexema *Freude* está implícito no próprio nome da organização de lazeres - encontraria num ambiente de festa, de jogos infantis tradicionais, como o *Sackhüpfen* ou a "cabra cega", de danças folclóricas e músicas populares, de *sketches* humorísticos e recitais de

<sup>146</sup> R 58 / 950, p. 334.

<sup>147</sup> Joseph Goebbels, cit. cf. Helmut Heiber (org.), *Goebbels Reden*, vol. I: 1932-1932, Düsseldorf, 1971, p. 238; aqui: cit. cf. Wolfgang Benz, *Herrschaft und Gesellschaft im nationalsozialistischen Staat. Studien zur Struktur- und Mentalitätsgeschichte*, Frankfurt am Main, 1990, p. 11.

poetas afectos ao regime, o cenário perfeito para a acção do que se poderia chamar de um "fascismo patusco" (*Schunkel-Faschismus*)<sup>148</sup>. O navio, espaço psicológica e fisicamente hermético, terá sido o palco ideal para a prática do que Bertolt Brecht denomina de "teatralidade" (*Theatralik*) do nazismo<sup>149</sup>. Afirmar-se, como Frommann o faz, que a possibilidade de endoutrinação durante as viagens marítimas KdF - porventura nunca efectuadas a países democráticos - seria incomparavelmente menor de que na vida quotidiana do *Terceiro Reich*, significaria pois estar-se a subestimar - por ingenuidade ou não - as técnicas persuasivas do fascismo, por mais subtis que pareçam ser, materializadas numa grande diversidade de manifestações aparentemente apolíticas de cultura de massas, constituindo a viagem KdF apenas um aspecto desta complexa estetização da vida política, social e cultural preconizada pelo regime nazi.

Mas mesmo que não se queira ou consiga identificar a inegável existência de uma indissociável conexão entre as esferas da cultura (de massas) e da política enquanto elemento básico do exercício e solidificação do poder nacional-socialista, outros aspectos, de certo modo mais palpáveis, poderiam ser evocados para se demonstrar a significância das viagens KdF, sobretudo as marítimas ao estrangeiro, no âmbito do projecto totalizante do *Terceiro Reich*. Se assim não fosse, como se poderia explicar a grande preocupação por parte da organização dos cruzeiros KdF de se "instalar em todos os navios fretados para o fim, assim como no único paquete de sua propriedade, sistemas de altifalantes em todos os conveses e salas (inclusive as cabines) para que nos navios (...) a voz do *Führer* pudesse alcançar cada um dos trabalhadores"<sup>150</sup>, e pelos quais entoavam, diariamente às 6 e 30 h da manhã, as alegres marchas para uniformemente se despertar a "comunidade de férias", de resto muito disciplinada, conforme quase todos os relatos estudados fazem realçar? Os regulamentos comportamentais, impressos com destaque em todos os "programas turísticos", testemunham pois o propósito uniformizador e disciplinador subjacente à organização total(izante) das viagens KdF:

<sup>148</sup> O termo de *Schunkel-Faschismus* é utilizado por Fritz J. Raddatz numa pequena recensão sobre um recente livro de Karsten Witte (*Lachende Erben. Toller Tag. Filmkomödie im Dritten Reich*, 1995) em que se tematiza o papel político e propagandísticos dos filmes humorísticos produzidos no *Terceiro Reich*: vide "Große Liebe - große Lüge. Filmproduktion im Dritten Reich", in *Kulturchronik* 6, 1995, pp. 36-38.

<sup>149</sup> Na sua peça (meta)dramatúrgica *Der Messingkauf* (1937-1951), Bertolt Brecht identifica e explica numa cena, precisamente com o título *Über die Theatralik des Faschismus*, o recurso a técnicas teatrais por parte dos regimes fascistas como elemento importante da sua prática política. Vide Bertolt Brecht, "Der Messingkauf", in *Gesammelte Werke 16. Schriften zum Theater 2*, Frankfurt am Main, 1967, pp. 558-568; e Wolfgang Emmerich: "Massenfascismus und die Rolle des Ästhetischen. Faschismustheorie bei Ernst Bloch, Walter Benjamin, Bertolt Brecht", in Lutz Winkler (org.), *Antifaschistische Literatur I*, Kronberg, 1977, pp. 223-290.

<sup>150</sup> Heinz Schön, *op. cit.*, p. 30.

Um einen reibungslosen Verlauf der Fahrt zu gewährleisten, muß ich Disziplin halten. Ich bin als Teilnehmer einer Urlaubsfahrt der *Kraft durch Freude* Repräsentant des deutschen Arbeitertums und habe als solcher nationalsozialistisch, d. h. vorbildlich zu handeln. Ich habe Gemeinschaftsgeist zu pflegen, mich kameradschaftlich zu verhalten und den Anordnungen des Reiseleiters unbedingt Folge zu leisten. Ich weiß, daß Teilnehmer, die das Ansehen dieses großen Gemeinschaftswerkes durch ihr Verhalten schädigen oder gefährden, ohne jeden Ersatzanspruch durch den Reiseleiter von der weiteren Teilnahme an der Reise ausgeschlossen werden.<sup>151</sup>

O raio de alcance do discurso uniformizador e endoutrinante do regime, que no dia-a-dia se intensificava numa rede de comunicação de massas cada vez mais densa, constituída pela imprensa, pela rádio, pelo filme nazificados e assembleias e festas de massas (des)politizadas, adquiriria assim no espaço (semi)público do navio uma dimensão quase que compacta a que nenhum membro da simbólica *Volksgemeinschaft* em miniatura poderia escapar. Constituindo o pacote KdF e a convivência no seio da "comunidade de bordo" uma espécie de envolvimento que inspira confiança e "transmite a sensação de segurança no estrangeiro"<sup>152</sup>, poder-se-á imaginar melhores condições espaciais e temporais para o projectado controle e penetração ideológicos de todo e qualquer indivíduo? Não será a pressão de grupo, afinal um importantíssimo factor de determinação do comportamento humano, muito mais forte num enquadramento de espaço fechado, como o é o barco, do que num mundo quotidiano em que, não obstante a latente tentativa do regime de anular a privacidade, haveria mais possibilidades de refúgio ao espaço público? Hans Biallas, autor da "novela de viagem KdF" *Der Sonne entgegen*, demonstra na seguinte passagem estar consciente das vantagens destas disposições proporcionadas pelo ambiente a bordo:

Die größte Gefahr des Bordlebens, die Langeweile, wird siegreich überwunden. So sind alle Tage ausgefüllt mit Unterhaltung, wie sie reichhaltiger nicht sein kann. Abends aber hört das ganze Schiff die Führerreden aus Deutschland, die von den Lautsprechern übertragen werden. Die ganze Schiffsordnung kommt dadurch manchmal ins Wanken, wenn die Arbeitskameraden, statt zum Abendessen zu kommen, um die Lautsprecher geschart sind. Für sie ist es ein überwältigendes Erlebnis, unter südlichem Himmel, bei funkelnem Sternenglanz und der warmen Brise, die über das Meer weht, auf den Decks zu sitzen und zu liegen und dabei den Worten des Führers zu lauschen, der Deutschlands Freiheit verkündet und sich an alle Volksgenossen wendet, die guten Willens sind, ihn bei seinem schweren Werk zu unterstützen. Auch an Bord der *Kraft durch Freude*-Schiffe wird von Urlaubern und Besatzung gewählt, und der Erfolg ist noch überwältigender als in der Heimat.<sup>153</sup>

Se o navio oferece pois as condições físicas ideais para os propósitos de instrução e endoutrinamento políticos das massas populares, a viagem em si fornece o indispensável quadro de pré-disposições mentais e emocionais por parte

<sup>151</sup> Cit. cf. Wolfhard Buchholz, *op. cit.*, p. 274.

<sup>152</sup> Hans-Werner Prah e Albert Steinecke, *op. cit.*, p. 174.

<sup>153</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 59 s.

dos turistas. Assim, não surpreende que logo o primeiro texto da antologia organizada por Otto Paust apresente o estado psicológico anterior à viagem metaforicamente como a "verdejante ilha da esperança"

Ich - ich - ich! Wahrhaftigen Gott: mein Ich stand noch niemals so im Vordergrund meines Daseins wie in diesen Tagen. Und es ist verbunden mit einem zweiten Worte. Und alles zusammen heißt: 'Ich reise!' - Wie oft erwache ich (...) aus der Hast des Alltages, aus dem Lärm des Schaffens, aus der Umgebung der Pflicht und finde mich auf der grünen Insel jener klaren Zukunftshoffnung, die da heißt: 'Ich werde Reisen!'<sup>154</sup>

Se entendermos a viagem como um acto psicológico de "temporalização subjectiva do espaço e de espacialização subjectiva do tempo"<sup>155</sup>, de anulação subconsciente de espaço e tempo que conduz a um "estado de excepção comportamental"<sup>156</sup>, a uma transformação dos modos de apreensão, constituindo assim um terreno fértil para visões e projecções evasivas, para a encenação de um mundo ilusório de magia, facilmente se entenderá o interesse e o empenho financeiro e político que o regime dispensou à organização das suas "viagens marítimas para trabalhadores". Conscientes dos desejos e ânsias previamente existentes numa sociedade de massas dilacerada por sentimentos de alienação, de fragmentação e atomização social, de uma galopante proletização das classes operárias e um objectivo e inegável empobrecimento da pequena burguesia, de uma crescente e insustentável competitividade no mundo laboral, de uma latente disposição escapista que se manifestava numa grande apetência pela "cultura de diversão e dispersão", a *Zerstreuungskultur* a que Bloch se refere nas suas crónicas publicadas em *Erbschaft dieser Zeit*, e que, a partir de meados dos "dourados anos vinte", se traduz na ascensão cultural do cabaret, da revista e teatro, do filme, da dança e da viagem<sup>157</sup>, os mentores do regime nazi souberam, pela representação da pérfida política social e cultural da KdF, rentabilizar os tempos livres como "espaço de ideologização"<sup>158</sup>. Os *loisirs*, e muito particularmente o turismo, ofereciam aos demagogos do fascismo "as massas no seu estado líquido", facilitando-lhes a sua moldagem em uniformidade com o ideário desejado. E. Krieck, pedagogo considerado um dos ideólogos mais influentes do nacional-socialismo, sintetizou o

<sup>154</sup> Otto Paust, "Schließt auf die Ferne des Südens", in *KdF. Das große Urlauberschiff*, p. 5.

<sup>155</sup> Ernst Bloch, *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt am Main, 1985, p. 431.

<sup>156</sup> Hasso Spode, *Zur Geschichte des Tourismus. Eine Skizze der Entwicklung des touristischen Reisens in der Moderne*, Starnberg, 1987, p. 39.

<sup>157</sup> Ernst Bloch em *Erbschaft dieser Zeit* (Frankfurt am Main, 1985; ed. orig.: Zurique, 1935) e Siegfried Kracauer em *Das Ornament der Masse*, colectânea de crónicas originalmente publicadas na imprensa alemã da segunda metade dos anos vinte e editadas em livro em 1963 (Frankfurt am Main), analisam e descrevem este clima de euforia evasiva entre as classes médias no período que antecede de imediato o nazismo.

<sup>158</sup> Friedhelm Vahsen, *op. cit.*, p. 72.

objectivo último desta *praxis* de política educacional e cultural na seguinte máxima:

Masse muß flüssig werden, wenn sie gestaltbar sein soll.<sup>159</sup>

A liquidificação das massas, não pela opressão mas por via do entretenimento, pela demagogia psicológica, parece ter sido a estratégia adequada ao "cálculo político" do regime de, "diluindo os padrões de percepção específicos do meio social (operário e pequeno-burguês)", proceder a uma "transformação da auto e hetero-imagem que proporcionasse ser entendida como a expressão de uma realidade social factualmente transformada."<sup>160</sup> Assim, em vez da obtenção de salários mais elevados, o trabalhador, pela sugestão de uma fraudulenta consciencialização, deveria ter a percepção (distorcida) de estar - e ter-se-á muito provavelmente sentido - equiparado ao "burguês" que desde sempre teria tido a oportunidade de fruir das "belezas exóticas do mundo". O Estado nacional-socialista, ao abrir aparentemente a *todos* os alemães as portas para o "paraíso do longe", parecia mesmo "saciar o ancestral desejo alemão de conhecer o mundo."<sup>161</sup> Como se já não bastasse o conhecido impeto das massas apolíticas para imitar o estilo de vida da burguesia, até então detentora do "privilegio da apetecida viagem", com o intuito de se aguçar ainda mais o apetite pela viagem, no discurso nazi o desejo de viajar é histórica e misticamente elevado a um alegado estado de alma comum à raça alemã. Conforme se pode depreender de um breve extracto do luxuosamente ilustrado livro *Unter dem Sonnenrad*, editado pela própria KdF em 1938, a viagem, numa altura em que o sonho de uma *Großdeutschland* parece passar à sua fase de concretização com a *Anschluß* da Austria e a ocupação da Boémia checa, é, numa espécie de prenúncio das aspirações expansivas do nazismo, não só encarada como um bem de lazer turístico adquirido por vastas classes sociais, mas antes descrita quase como a essência do carácter nacional, como elemento unificador do espírito da *Volksgemeinschaft*.

Immer verspürte der Deutsche den Drang in sich, hinauszuziehen in die Ferne, die Welt zu sehen, sich an ihren unbekannten Schönheiten zu erfreuen. Die Völkerwanderung, die Streifzüge der germanischen Wikinger über die Meere, im gewissen Sinne auch die Kreuzzüge, das Wirken der Hanse, der Zug deutscher Bauern von Rhein und Mosel die Donau hinunter bis zum Schwarzen Meer, das alte Landsknechtstum, die in allen deutschen Gauen vor Jahrhunderten lebendig gewordene Parole *Nach Ostland wollen wir reiten* sind Beispiel für diese tief im Gemüt unseres Volkes und unserer Rasse

<sup>159</sup> E. Krieck, *Nationalpolitische Erziehung*, Leipzig, 1932; cit. cf. Jürgen Schiedeck e Martin Stahlmann, "Die Inszenierung totalen Erlebens", in Hans-Uwe Otto e Heinz Sünker (org.), *Politische Formierung und soziale Erziehung im Nationalsozialismus*, Frankfurt am Main, 1991, pp. 167-202, aqui: p. 167.

<sup>160</sup> Peter Reichel, *op cit.*, p. 235.

<sup>161</sup> *Unter dem Sonnenrad*, p. 83.

wurzelnde Sehnsucht nach der Ferne. Die Wanderbewegung, die schon vor dem Kriege einen Großteil der deutschen Jugend erfaßt hatte, rundet diese geschichtliche und rassische Erkenntnis ab. Und was war unser alter Brauch des Gesellenwandens anderes, als dieser Drang nach der Weite der Welt und diese Sehnsucht nach dem neuen unbekannten Schönen! Die Freude des Deutschen an Reisen und Wandern ist ein Teil der deutschen Seele.<sup>162</sup>

Para terminar este breve enquadramento teórico da viagem KdF na "amalgama ideológica"<sup>163</sup> e prática política do nacional-socialismo, atrever-nos-íamos a formular a tese de que é precisamente no espaço e tempo da viagem que a versão moderna do *panem et circenses*, que a demagogia social do nazismo encontra o campo ideal (e idealizante) para a sua *performance* política, para a concretização experiencial da sua utopia totalitária. O turismo KdF, pelo facto de habilmente se ter valido e apoderado de desejos individuais e colectivos, por ter preenchido um nicho de aspirações e ânsias das massas até então mal aproveitado pelos regimes liberais, democráticos e socialistas, e ter "entulhado o vazio da dispersão com *kitsch* e um mito nacional"<sup>164</sup>, terá constituído um factor fundamental para a fascinação e dominação de vastas camadas populares, e, por conseguinte, para a legitimação, estabilização e manutenção do poder nazi. Aceitar-se a leitura proposta por Frommann de que as viagens KdF, no âmbito global de uma análise da prática política do fascismo alemão, devem ser sumariamente avaliadas de forma positiva, significaria por isso vedarmo-nos a uma evidência de grande importância para o reconhecimento de uma das causas pela qual o nazismo se pôde tornar, por via da sua tática de "politização negativa"<sup>165</sup>, um "movimento de massas despolitizado"<sup>166</sup>. Ernst Bloch, já em *Erbschaft dieser Zeit* (1935), resumia uma das razões fundamentais para o sucesso popular do nazi-fascismo nesta simples frase antitética, em que a aparente ingenuidade em relação à prática política marxista só poderá ser entendida como reflexo irónico de um certo distanciamento crítico da ortodoxia comunista por parte do autor:

Nazis sprechen betrügend, aber zu Menschen, die Kommunisten völlig wahr, aber nur von Sachen.<sup>167</sup>

Serão precisamente a análise desse discurso populista de apelo à emoção, da retórica e demagogia discursiva, e a desmontagem das condicionantes pré-formativas na produção literária de um mundo ilusório nas diversas formas de

<sup>162</sup> Idem, p. 84.

<sup>163</sup> Konrad Ehlich, "Über den Faschismus sprechen - Analyse und Diskurs", in Konrad Ehlich (org.), *Sprache im Faschismus*, Frankfurt am Main, 1989, pp. 7-34, aqui: p. 17.

<sup>164</sup> Ernst Bloch, *Erbschaft dieser Zeit*, p. 149.

<sup>165</sup> Enzo Collotti, *Fascismo, Fascismos*, Lisboa, 1989, p. 53.

<sup>166</sup> Wolfgang Emmerich, *op. cit.*, p. 227.

<sup>167</sup> Ernst Bloch, *op. cit.*, p. 153.

representação textual das viagens marítimas KdF efectuadas a Lisboa, à Madeira e aos Açores entre 1935 e 1939 que nos irão ocupar nos dois capítulos que se seguem, constituindo estes aliás a parte principal do presente trabalho.

### III. Sobre a tipologia de "literatura de viagens KdF"

#### 1. Problemas de uma definição de "literatura nazi": *Schrifttum versus Literatur*

Numa primeira abordagem dos relatos das viagens marítimas da KdF que nos propúnhamos analisar deparamos desde logo com uma dificuldade de ordem genericamente filológica. Estaríamos a lidar com textos literários? Poderíamos aproximar-nos destes relatos com os propósitos e modelos analíticos e interpretativos e as ferramentas usuais que as ciências literárias nos fornecem para tal? Onde estaria a "verdade artística", a capacidade estética e linguística, que nos permite falar de "literatura"? Será que este conceito ainda tem alguma validade quando nos referimos a um momento da história da cultura em que a palavra - poética ou não - se encontrava exclusivamente ao serviço da política, em que a arte se deveria restringir à sua função meramente ideológica e propagandística, à sua dimensão instrumental? Perante a manifesta ausência de elementos básicos que ainda nos possibilitassem uma aproximação dos textos em questão enquanto "literatura" na sua acepção clássica - por mais complexa e discutível que a problemática *literariedade* continue a ser, discussão em que, aliás, o presente trabalho não pretende de modo algum envolver-se -, optámos por enveredar basicamente por um método de abordagem transdisciplinar. Mas, seria a instrumentagem heurística proposta pelas diversas ciências sociais, sejam elas a História nas suas múltiplas e diferenciadas variantes, a sociologia ou a politologia, por si só suficiente para que pudéssemos alcançar o que nos propuseramos, ou seja, demonstrar em que medida a apreensão e a representação verbal de um quadro cultural estranho, neste caso o português, constitui um acto de produção "literária" (pré-)condicionada por um determinado esquema ideológico? Se era pois de textos, de manifestações literárias - numa acepção por mais lata que possa ser -, que pretendíamos tratar, como poderíamos abdicar de métodos filológicos para provar a nossa tese da funcionalização político-ideológica da "literatura de viagens KdF"? Uma proposta metodológica, senão plenamente satisfatória pelo menos aceitável como ponto de partida para a nossa abordagem, encontrámo-la numa documentação acerca da *Literatura sob a Cruz Suástica*<sup>168</sup>. Falando de *Schrifttum* nazi, conceito pelo qual a própria discursividade nacional-socialista mostrou preferência em detrimento do de *Literatur* e que o autor acha adequado por melhor corresponder ao carácter instrumental desta (*Gesinnungsliteratur*)<sup>169</sup> ("literatura ideológica"), Ernst Loewy desenvolve o seu estudo a partir da pressuposição de que no *Dritte Reich* "entre a literatura que pela sua indole

<sup>168</sup> Ernst Loewy, *Literatur unterm Hakenkreuz. Das Dritte Reich und seine Dichtung. Eine Dokumentation*. Frankfurt am Main, 1983 (1a. ed.: 1966).

<sup>169</sup> Idem, p. 25.



desliza sempre para a critiqueice, isto é, que muitas vezes não é mais do que *ideologia* empolada sob a forma de *poesia*, e as publicações puramente jornalísticas e políticas quase não existem diferenças estruturais"<sup>170</sup>. Esta objectivamente detectável diluição das tradicionais fronteiras entre os "gêneros literários" sistematicamente fomentada pelo nazi-fascismo com o intuito de popularizando a literatura cativar, moldar e uniformizar as massas, aspecto a que já na introdução do presente trabalho fizemos referência, justifica assim uma abordagem do *corpus* textual em questão por um prisma que, deixando de lado a habitual análise dos elementos propriamente ditos "literários", focaliza a "motivística específica do *Schrifttum* nazi"<sup>171</sup>, ou seja, o conjunto dos tópicos, dos "símbolos verbais de mitos políticos"<sup>172</sup> e apolíticos, subjacente à dita "literatura" nacional-socialista. Tomando por empréstimo a Loewy uma abordagem dos relatos das viagens KdF efectuadas a Portugal entre 1935 e 1939 a partir de tópicos/motivos constitutivos da *Weltanschauung* nazi, o que certamente nos permitirá uma maior flexibilidade analítica e assegurará uma maior fluidez e coerência discursiva, não abdicaremos porém, embora de modo sucinto, de uma análise estilística e linguística. Apesar da mencionada permeabilidade - senão mesmo diluição - dos limites entre os gêneros, nomeadamente entre literatura e textos jornalísticos, pensamos ser de uma relativa importância, mais que não seja por uma questão de orientação formal, procedermos em primeiro lugar a uma breve descrição do *corpus* na frouxa trirepartição por nós estabelecida<sup>173</sup>.

## 1.2. Trirepartição tipológica da "literatura de viagens KdF":

### 1.2.1. Os "romances", as "novelas" e os poemas

Neste grupo tipológico de relatos de viagens KdF efectuadas a Lisboa e à Madeira, que aqui definimos como "romances", "novelas" e poemas, sem que, na verdade, o sejam de um ponto de vista rigorosamente filológico, incluem-se cinco livros<sup>174</sup>, a que ainda se poderia acrescentar a "primeira peça de teatro popular sobre *Kraft durch Freude*" de August Hinrichs: *Petermann fährt nach Madeira*, levada a palco pela primeira vez em 20 de Outubro de 1936 na pequena cidade de

<sup>170</sup> *Ibidem*.

<sup>171</sup> *Idem*, p. 34.

<sup>172</sup> Kurt Sontheimer, *Antidemokratisches Denken in der Weimarer Republik*, Munique, 1994 (1a. ed.: 1962), p. 244.

<sup>173</sup> *Ide* p. 11 s. do presente trabalho.

<sup>174</sup> Não será aqui considerado o romance policial de Hedda Lindner *Glück auf Madeira* (1934), visto que, conforme Matina Emonts (*op. cit.*) afirma, foi escrito e editado antes da primeira viagem KdF à Madeira (1935), não podendo por isso ser incluído na categoria "literatura de viagens KdF".

Oldenburg<sup>175</sup>. Porém, o presente estudo baseia-se apenas na análise de três relatos, dois "romances" e um próximo da reportagem, e uma antologia de curtos textos em prosa e alguns poemas, já que não conseguimos localizar nem o texto do drama de Hinrichs nem a novela de Mario Heil de Brentani, certamente um pseudônimo, editada em 1936 na série de literatura de cordel *Die bunten Novellen* com o título *Atlanta und die Siebenhundert. Novelle um eine Urlauber-Fahrt nach Madeira*. Os três semi-romances/novelas/reportagens são:

a) Jakob Schaffner: *Volk zu Schiff. Zwei Seefahrten mit der KdF-Hochseeflotte* (1936)

b) Hans Biallas: *Der Sonne entgegen. Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira* (1936)

c) Karl Busch: *Nach den "Glücklichen Inseln". Mit KdF-Flaggschiff "Robert Ley" nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa* (1940).

d) A referida antologia organizada por Otto Paust tem o título: *KdF. Das große Urlauberschiff* (1936).

O que salta desde logo à vista, por se tratar de um denominador mínimo comum a três destes livros, é o facto de, para além dos seus inequívocos títulos panfletários, terem sido editados em 1936. Sem nos querermos aqui lançar em excessos de interpretação especulativa, pensamos ser sustentável afirmar-se que nesta data editorial, apenas um ano após a "sensacional novidade" de a KdF se ter aventurado, depois dos seus cruzeiros setentrionais ao longo das costas da Inglaterra e Noruega, para destinos mais exóticos, se reflecte o propósito propagandístico do regime em fazer divulgar por via da "literatura" de massas os então recentes feitos sociais e culturais do nacional-socialismo. Se pudermos dar algum crédito às palavras de um alto-funcionário do Secretariado de Propaganda Nacional, António de Menezes, aliás, um relativamente bom conhecedor da Alemanha nazi aonde efectuou durante os anos trinta várias viagens, os livros de Schaffner e Biallas terão gozado junto do público alemão de uma grande popularidade. Num longo artigo publicado no *Diário da Manhã* de 8 de Outubro de 1937, sob o título "*Kraft durch Freude* e a Propaganda de Portugal", Menezes destaca a importância da popularização dos livros de viagens KdF para a imagem exterior do Estado Novo.

Dois livros, dois belos livros, publicados há dois anos para cá [na verdade teria sido há apenas um ano], correm de mão para mão dos alemães ansiosos por leitura sobre viagens aos países do Sul e nós vemo-los espalhados pelas montras dos livreiros de todas as cidades da Alemanha, nos estancos das estações de caminhos de ferro e nos bazares dos paquetes das linhas alemãs de navegação. Chamam-se esses livros "Ao encontro do sol" (*Die Sonne entgegen*) [sic] e "Povo a bordo" (*Wolk zu Schiff*) [sic] e foram escritos por

<sup>175</sup> Vide entrevista com o autor publicada in *Arbeitertum*, ano 6, n.º 15, 01.11.1936, p. 22.

passageiros de excursões da KdF a Lisboa e à Madeira. O hino ao Mar, ao Atlântico, ao divino pitoresco da nossa paisagem, à recepção carinhosa feita pelo nosso povo, não poderia ser mais caloroso nem mais cheio de harmonia. Belíssimas fotografias e desenhos falam de Lisboa e do Funchal, sublinhados com legendas cativantes. Uma vista da Avenida da Liberdade tem o subtítulo: A mais linda rua do universo! Os autores escrevem como se tivessem estado no paraíso. (...) Que valiosa é, pois, para a propaganda de Portugal na Alemanha cada excursão a Lisboa e à Madeira que a KdF organiza, e como a devemos receber com galas, do coração, já que não podemos abstrair do alto interesse que ela também nos traz. (...) Chegam amanhã os 3.000 excursionistas da KdF. Que sejam bem-vindos, que Lisboa e o Funchal lhes abram comovidamente os seus braços fraternais com redobrado carinho e com profundo reconhecimento!

Sem que possamos provar o alegado êxito editorial destes dois livros na Alemanha, pode pelo menos suspeitar-se que esta espécie de literatura de viagens tenha encontrado um relativamente grande público-leitor, parecendo-nos portanto legítimo falar-se de um processo - mais que não seja tendencial - de massificação da literatura KdF. Afinal, os "romances" em questão, para além de "entreterem", obedecem à linha-mestra nazificadora imposta pela *Reichsschrifttumskammer*. Numa recensão sumária dos livros sobre viagens KdF publicados até finais de 1938, pode ler-se no órgão oficial da KdF, a revista quinzenal *Arbeitertum*, sob o título "Madeira daheim in der Lese-Ecke. Eine Bücherschau über das KdF-Erlebnis":

Der Dichter Jakob Schaffner, Schweizer von deutscher Herkunft, hat uns in seinem Buche *Volk zu Schiff* zwei Seefahrten geschildert: eine nach Lissabon und Madeira und eine in die Fjorde Norwegens. Eben weil Schaffner Ausländer ist, wiegen seine Worte doppelt, und seine aus anderen Büchern bekannte Kunst dichterischer Durchdringung von Reiseerlebnissen wird hier zu einem hochpolitischen Beitrag zum deutschen Sozialismus. Zwei schöne Bücher muß man gleich nach Schaffner nennen: Hans Biallas: *Der Sonne entgegen* und Gerhard Starcke: *Brandelmann auf großer Fahrt*. Das erste führt nach Madeira, das zweite in die Fjorde; beide haben eine Menge prächtiger Lichtbilder. Während Biallas die reine Schilderung pflegt, gestaltet Starcke zum Roman. Format und Ausführung machen beide Bücher auch zu Geschenkzwecken recht geeignet. (...) Und uns Schaffenden und Reisenden bleibt nur, unseren kleinen oder größeren Bücherbestand daheim *literarisch* zu bereichern. Welche Auswahl! Fahrten seewärts und landwärts! Schilderung und Roman! Mit und ohne Bilder! (...) Preise von 90 Pfennig bis 4.80 Reichsmark! Eine beglückende Vielfalt. Ein Beweis, daß die Schriftsteller und Dichter im Volke stehen, denn das ist das köstlichste an allen genannten Büchern: so verschieden sie auch sonst sein mögen, sie sind Pulsschlag eines großen Herzens.<sup>176</sup>

O valor propagandístico destes livros é portanto inegavelmente reconhecido não só a nível da política interior mas também exterior. Não terá sido, pois, por acaso nem pela sua qualidade literária que a KdF enviou, em Outubro de 1936, quarenta exemplares do livro de Schaffner à legação alemã, com o pedido em anexo de von Huene "os fazer chegar aos senhores interessados do governo português"<sup>177</sup>. De

<sup>176</sup> *Arbeitertum*, ano 8, n.º 16, 15.11.1938, p. 19.

<sup>177</sup> Actas da Legação Alemã em Portugal [Akten der Deutschen Gesandtschaft in Portugal: "NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude-Fahrten", vol. I.: 5.12.1935 - 31.12.1936]

acordo com a lista de destinatários elaborada pela Legação Alemã em Lisboa<sup>178</sup>, os referidos livros terão sido distribuídos pelas seguintes pessoas e instituições: 20 exemplares para o *Grémio Luso-Alemão*, em cujos "cursos de língua avançados com participantes capazes de ler alemão sem dificuldades (este livro) iria ser adoptado como manual de leitura"<sup>179</sup>, e os restantes 20 vinte para altas personalidades da esfera política e cultural, como o Dr. Gustavo Cordeiro Ramos, o Dr. António de Menezes, o Prof. José Vianna da Motta, Higinio de Queiroz (então director da FNAT), entre outros, e instituições, como a Escola Alemã de Lisboa, o Instituto Alemão da Universidade de Coimbra e as respectivas bibliotecas do SPN e da FNAT. O livro de Hans Biallas, jornalista de profissão e, porventura, chefe do gabinete de Imprensa (*Presseamt*) da KdF, terá tido em Portugal sensivelmente o mesmo público destinatário, já que também neste caso o "lançamento editorial" passou pela Legação Alemã.<sup>180</sup> No que diz respeito à antologia de Paust, não dispomos de quaisquer dados em relação à sua recepção em Portugal. Na referida recensão da *Arbeitertum* apenas se refere que Paust "dá a palavra a dezasseis poetas, entre os quais alguns de renome, como Heinrich Lersch ou Heinz Steguweit." Quanto ao relato próximo da "reportagem de viagem" *Nach den "Glücklichen Inseln"*, da autoria de Karl Busch, não encontramos qualquer referência no que concerne o seu acolhimento quer pelo público alemão quer português.

Depois desta pequena excursão à (breve) história da recepção de alguma "literatura de viagens KdF", convém aproximarmo-nos dos textos propriamente ditos, começando por uma descrição formal. Se, por mero exercício académico, estabelecêssemos uma escala descendente de literariedade como critério de avaliação dos textos em questão, o relato de viagem de Jakob Schaffner surgiria em primeiro lugar. O facto de o autor suíço ter escrito, para além de *Volk zu Schiff*, em que se confessa um nacional-socialista convicto, uma série de outros livros, todos eles indicando já nos títulos a sua proximidade senão identificação com o ideário nazi<sup>181</sup>, não seria por si só suficiente para a legitimação de um certo grau de qualidade literária que lhe conferimos. A evidência com que Schaffner entrelaça no tecido narrativo acerca da sua viagem KdF a Portugal trechos de reflexão intrinsecamente política, ou seja, passagens de um discurso inegavelmente

<sup>178</sup> Idem.

<sup>179</sup> Idem.

<sup>180</sup> Idem, vol. II: 1936-1938.

<sup>181</sup> Cf. Günter Scholdt (in *Autoren über Hitler. Deutschsprachige Schriftsteller 1919-1945 und ihr Bild vom "Führer"*, Bona, 1993, p. 964) a obra literária de Jakob Schaffner é principalmente constituída, para além de *Volk zu Schiff*, pelos seguintes títulos: *Offenbarung in deutscher Landschaft*, Estugarda/Berlim, 1934; *Freies nationales Arbeitsvolk*, Zurique, 1937; *Die schweizerische Eidgenossenschaft und das Dritte Reich*, Estugarda/Berlim, 1939; *Bekenntnisse (Gedichte)*, Estugarda/Berlim, 1940; *Das Reich in uns*, Berlim, 1943.

endoutrinante, não invalida o seu domínio manipulativo de meios estilísticos. A sua linguagem, que se encontra a uma considerável distância da crueza, brutalidade e trivialidade da *Lingua Tertii Imperii*<sup>182</sup>, ou seja, da linguagem corrente do *Terceiro Reich*, apesar de servir o propósito anti-poético, destruidor da criação e liberdade - artística e não só - do nazismo, não deixa de reflectir uma *certa* poeticidade. Num constante saltitar entre a narração e a descrição das suas impressões sobre pessoas, coisas, ambientes e passagens de reflexões interiores e político-ideológicas, o autor consegue imprimir à sua linguagem, ao longo de 127 páginas, uma aura mística, um tom quase que sacral e arcaico. Apesar do latente esforço do poeta por diversificar no seu discurso os meios estilísticos, numa espécie de "elevação da retórica até ao imperativo"<sup>183</sup>, a sua linguagem resvala não raramente para um latente epigonismo, para um neo-romantismo que, se já nos anos trinta - depois do simbolismo, depois do impressionismo, depois do expressionismo, depois do surrealismo, depois de a linguagem ter passado pelas mais diversas fases experimentalistas, enfim, depois da emancipação linguística - cheiraria a mofo, em meados dos anos noventa se apresenta pura e simplesmente como *kitsch* insuportável, que, porém, não deve ser subestimado. Pois, a partir do momento em que o *kitsch*, a produção artística/artificial de um mundo cor de rosa, fenómeno que historicamente não se limita ao período dos fascismos, passa a estar ao serviço de visões e práticas políticas *acivilizacionais* ele terá de ser analiticamente enfrentado e suportado. Há que reconhecer e desmontar o mecanismo pelo qual a literatura se transforma num instrumento agudo com a função de arma politicamente manipuladora. O seguinte excerto do relato de Schaffner, em que o autor descreve a passagem do navio KdF pelo Canal da Mancha, exemplifica de forma paradigmática a retórica, o estilo e a metafórica do que se poderá entender por *kitsch* politizado, ou melhor, nazificado. Para que se possa ficar com uma ideia concreta acerca do grau de empolamento "poético" na escrita deste "poeta" místico-romântico, tenha-se a paciência de ler este trecho um pouco longo:

Die Sonne ist durchgebrochen und eröffnet uns im Untergang einen unvergeßlichen Abend. Da liegt und wallt leise, beinahe zärtlich das Meer wie blau und rot gestrichelte und punktierte Seide. Gold ist auch dazwischen und etwas Violett. Das kost und liebt mit der schwerwolkigen und nun festere Gestalt gewinnenden Landmasse. Das schmiegt sich an und schmeichelt entlang. Das bekränzt und umarmt, bekleidet und enthüllt! Es ist eine Art von Tanz, bei dem abwechselnd die Liebende - das Meer - sich selbst entschleiert und den Geliebten verhüllt, oder den Geliebten entschleiert und sich verbirgt, während an allen Ufern, in Buchten und an Landzungen das Fest der Liebe und der Schönheit entbrennt, breitlohend und tiefblütend. Aus den Himmeln steigt es lächelnd in dies schöne Land, und aus den Abgründen unter dem Leben scheinen

<sup>182</sup> Esta designação é obviamente tomada por empréstimo ao estudo pioneiro sobre a degeneração linguística ocorrida durante o *Terceiro Reich* da autoria do filólogo Victor Klemperer: *LTI. Die unbewältigte Sprache*, Munique, 1969, (1a. ed.: 1946).

<sup>183</sup> Ernst Loewy, *op. cit.*, p. 26.

versöhnte Geister aus fernen Jahrhunderten geschlechterweise herauszuwallen. Jetzt bricht die feste Landmasse stolz auflachend auseinander. Bergreihen gehen hinter Bergreihen hoch. Täler brechen auf wie Überwinder und dringen sieghaft ans Meer vor, während andere erobernd in das dunkle Landesinnere eindringen, wo dem Licht ewig verborgen das Herz schlägt, das alte starke englische Herz, das so wenig von sich weiß, und das bis heute in großen Zeiten immer so traumhaft mächtig das schöpferische Wort sprach. Welches Wort regt sich heute auf dem Grund dieses geheimnisvollen Lebens? Schafft da und pulst immer noch das prophetische Gefühl des alten England? Die deutschen Urlauber wissen es nicht. Sie schauen und schicken Fühlfäden der Seele aus, aber sie können es nicht erraten, denn England, das große, starke England weiß selbst noch nicht, was es heute denken soll und was es morgen sprechen und übermorgen tun wird. England hat tief geschlafen. (...) Deutschland hat den Schläfer angerufen. Er ist zunächst nicht sehr erbaut und murrte. Bald wird er aber zu begreifen und dann zu denken anfangen. (...) Die sinkende Sonne strömt den deutschen Arbeitskameraden und Urlaubern ein mächtiges Amen zu, und diese fremde, schöne, berühmte Steilküste verweist sie kühl und streng auf sich selbst.<sup>184</sup>

Se nesta passagem do texto se reflectem as esperanças e tentativas de aproximação, literariamente erotizada, entre a Alemanha e a Inglaterra - em Junho de 1935 tinha-se, por exemplo, procedido à assinatura do convénio anglo-alemão sobre a construção naval -, as dúvidas em relação a uma futura convivência pacífica com o país da outra margem do canal dissipam-se por completo: a França é indubitavelmente o arqui-inimigo dos alemães, mensagem que Schaffner se encarrega de entrelaçar na sua mística descrição paisagística:

Das Licht wird kalt und blutet sich aus. Die Täler schließen sich feindlich (...). Wir fahren in die Nacht hinein. Um uns flüstern und wabern die Wasser des Atlantik, die den Kanal durchströmen. Uns umfängt der feuchtkalte Wind, aus dem schauernder Nebeldunst niederschlägt. Wie ein schwimmender Gluthaufen liegen die Lichter von Dover über der Wasserlinie, die wir nun kaum noch ahnen. Überall blitzen und zucken Seezeichen. Fern, dünn und nur feindlich stechen Lichter von der französischen Küste herüber. (...) Übereinstimmend sind überall die Empfindungen England gegenüber leise hoffend - wie man nach schweren Erfahrungen und vielen Rückschlägen hofft: zurückhaltend und auf Deckung bedacht - und durch eine stumme ernste Bereitwilligkeit zur Freundschaft bestimmt, die aber niemand aufdrängen will. Gegenüber dem politischen Frankreich, das dem deutschen Volk das bitterste angetan hat und ihm fortlaufend das Schwerste und Kummervollste zumutet, steht das Gefühl der Urlauber mit dem Rücken: 'Mit diesen Leuten haben wir nichts mehr zu schaffen. Wir haben die Kraft gefunden, uns selber unser Recht zu nehmen. Jetzt ist's aber auch Schluß.' Nach einer Operation schlägt das Blut andere Wege ein. Mag sein, daß die Völker hier selber mal Ordnung schaffen - voran die Kriegskameraden auf beiden Seiten.<sup>185</sup>

Deixando para já de lado uma análise tópica ou motivística do relato de Schaffner, passaremos a uma breve descrição formal da "novela de viagem" de Hans Biallas. À semelhança do "poeta" suíço, também o jornalista Biallas tenta dar ao seu relato um certo colorido poético. Como Schaffner, que introduz no seu livro alguns personagens romanescos, entre os quais três com nomes e vozes próprios, os trabalhadores Heinrich Hummel de Hamburgo e Fritze Kümmel de

<sup>184</sup> Jakob Schaffner, *Volk zu Schiff*, p. 25 s.

<sup>185</sup> Idem, p. 27 s.

Berlim e a jovem empregada de comércio, Erna, a protagonista de uma história de amor durante a viagem com um alemão proveniente da colônia alemã funchalense<sup>186</sup>, a que autor dedica um capítulo com o título *Zwischenspiel*, também a história de Biallas tem um protagonista. Mas, enquanto que aos personagens de Schaffner só esporadicamente lhes é conferida a palavra, na maior parte dos casos sob a forma de pequenas intervenções e comentários simplistas senão mesmo anedóticos em diversos dialectos regionais que não desempenham uma função pertinente para o desenrolar da narrativa, em *Der Sonne entgegen* o herói da obra, o trabalhador Fritz Oldenkamp, filho de um marxista convicto que no fim da viagem adere ao nacional-socialismo, terminando sua viagem com a jubilosa aclamação "Dem Führer Sieg heil!", adquire um papel preponderante no enredo da "novela". Oldenkamp simboliza, pois, a *katharsis* do operariado alemão que durante as viagens KdF se liberta do ideário e promessas marxistas para se entregar braços abertos ao credo nazi. A viagem KdF, para além de proporcionar ao trabalhador uma vivência turística, funciona assim primordialmente como "viagem de conversão" ao nazismo, como *Bekennnisfahrt*, conforme a feliz expressão de Wolfhard Buchholz. A ausência de longas e místicas reflexões e de uma estilística cuidada como no caso de Schaffner permite no relato de Biallas uma maior fluidez discursiva e leveza narrativa que resulta num estilo indubitavelmente mais populista. Esta "novela", que em parte se aproxima da reportagem, de um discurso jornalístico que denuncia a proveniência profissional do autor, pela sua simplicidade estrutural e linguística terá ido - mais do que o livro de Schaffner - ao encontro do gosto das massas e, simultaneamente, dos propósitos totalizantes do regime: entreteendo com "literatura leve", seduzir, endoutrinar, enquadrar, uniformizar, domar as massas. A mensagem aos trabalhadores, afinal o grande público-leitor visado com este tipo de literatura popular, implicitamente, propagandística, sem no entanto o parecer, é simples: esquecer as promessas socialistas e aceitar as ofertas reais do novo "socialismo nacional". O autor tenta fazer passá-la por um simples mecanismo dramático. A história da viagem primaveril de 1936 a Lisboa e à Madeira, apenas parcialmente descrita na perspectiva do seu protagonista literário, inicia e termina com a referência a um panfleto do Partido Social-Democrata Alemão<sup>187</sup> do ano de 1904, em que se promete ao operariado poder futuramente usufruir dos mesmos privilégios da burguesia, inclusive as luxuosas viagens marítimas. A passagem deste panfleto literal e integralmente transcrito na "novela" é a seguinte:

---

<sup>186</sup> Idem, p. 110-118.

<sup>187</sup> Em muitos dos discursos e textos referentes às viagens da KdF, sobretudo nos relatos de viagens publicados na *Arbeitertum*, este panfleto constitui quase que um *leitmotiv* contra-propagandístico.

Ihr Arbeiter werdet einst auf eigenen Wagen fahren, auf eigenen Schiffen touristisch die Meere durchkreuzen, in Alpenregionen klettern und schönheitstrunken durch die Gelände des Südens, der Tropen schweifen, auch nördliche Zonen bereisen. Oder ihr saust mit eurem Luftgespann über die Erde im Wettflug mit den Wolken, Winden und Stürmen dahin. Nichts wird euch mangeln, keine irdische Pracht der Erde gibt es, die euer Auge nicht schaut. Was je euer Herz ersehnt, was euer Mund erwartungsschauernd in stammelnde Worte gekleidet, dann habt ihr das leibhaftige Evangelium des Menschentums auf Erden! - Und fragt ihr, wer euch solches bringen wird? Nun, einzig und allein der sozialdemokratische Zukunftsstaat!<sup>188</sup>

O trabalhador Oldenkamp chega a bordo com este panfleto no bolso, a partir do qual o autor inicia, numa espécie de biografia retrospectiva que se assemelha às técnicas do filme, o seu discurso melodramático, (pseudo-)trágico e, simultaneamente, de um inocultável cunho político-(contra)propagandístico. Por acharmos pertinente observar-se um pouco mais de perto, isto é, num contexto mais lato, as técnicas "poéticas" a que Biallas recorre a fim de transmitir uma mensagem mera e intrinsecamente política, passamos a transcrever um trecho um pouco mais extenso:

Der Arbeiter Oldenkamp wendete das Blatt hin und her, das ihm ein Kollege geheimnisvoll zugesteckt hatte. Er wollte es nicht recht glauben. Das war es ja gerade, was er sich immer in jenen Stunden ersehnt hatte, wenn er andächtig die bunten Reiseberichte und Erzählungen, die er sich aus der Volksbibliothek auslieh, studiert hatte. 'Das ist nichts für uns', hatte er seiner Frau immer gesagt, wenn er abends vor dem schlafengehen noch beim Lampenlicht sich mit ihr über das unterhielt, was er gelesen hatte. 'Das ist nur für die Reichen', hatte die ihm bestätigt - und dann hatten sie beide darüber geschimpft, daß ihr Junge immer die wilden und doch so herrlichen Karl-May-Bücher las. 'Er setzt sich auch nur dummes Zeug in den Kopf, der Fritze' - darin waren sie sich einig. Sie selbst kannten es ja nicht anders. Ihr Leben bestand ja nur aus Arbeit und Sorge um das tägliche Brot. Für Sommerreisen - von Wintersport hatten sie überhaupt noch nichts gehört - hätten sie trotz aller Sparsamkeit kein Geld erübrigen können. (...) Der Arbeiter Oldenkamp war in seinem ganzen Leben noch nicht aus seiner Heimatstadt hinausgekommen. (...) Die Sehnsucht, ihr Vaterland kennenzulernen, seine Berge und Täler, Ströme, Wälder und Auen, Meer und Heide zu sehen - diese Sehnsucht ruhte tief in ihrem Innersten; aber sie war wohlverwahrt - und niemals hätten sie sich diese eingestanden. Niemals hatten sie überhaupt gewagt, sie in Worte zu kleiden - und hier - hier stand es schwarz auf weiß - ihre künftigen Hoffnungen sollten erfüllt werden - der sozialdemokratische Zukunftsstaat - der wolle das alles bringen !! In dieser Stunde hatte die Sozialdemokratische Partei einen Anhänger mehr gewonnen. Mit diesem Flugblatt hatte aber auch gleichzeitig der Marxismus einer seiner größten Verbrechen am deutschen Arbeiter begangen. Er mißbrauchte die tiefe Sehnsucht des arbeitenden deutschen Menschen, der seinen Anteil an den Schönheiten des Lebens forderte, für seine volksfeindlichen Pläne - und verriet ihn! (...) Als Fritz Oldenkamp nicht einmal mehr wie einst mit seinen Eltern sonntags ins Grüne fahren konnte, weil selbst die paar Pfennige Fahrgeld nicht mehr da waren - da verfluchte er jene Lehre und die Verbrecher, die das Volk belogen und betrogen hatten. Die Dutzend Bücher aber, Reisebeschreibungen aus allen Ländern, die sich sein Vater gekauft hatte, warf er in den Ofen, als er - nur einer unter Millionen seiner Volksgenossen - hungernd und frierend in seiner trübseligen Kammer saß und das Weinen seines Kindes nicht mehr hören konnte.<sup>189</sup>

<sup>188</sup> Cit. cf. Hans Biallas, *Der Sonne entgegen*, p. 8.

<sup>189</sup> *Ibidem*, p. 8 s.



Interessante é a referência meta-literária do autor à popularidade da literatura de viagens entre o operariado durante a República de Weimar.<sup>190</sup> Demonstrando assim a sua habilidade demagógica para explorar desejos de massas pré-existentes, o autor tenta evidenciar, ao longo das cerca de 60 páginas que constituem o texto do seu livro, a "traição do marxismo" e o resgate e cumprimento das promessas por parte do nacional-socialismo. E, assim, faz praticamente terminar a viagem como a fizera iniciar, com uma referência, dramaticamente encenada, ao dito panfleto, isto é, ao marxismo, e seu respectivo "enterro" definitivo:

Behutsam zieht Fritz Oldenkamp aus seiner Brusttasche ein vergilbtes Papier. Lange betrachtet er es, wie es auseinandergefaltet vor ihm liegt. In seinen Händen ist das Original jenes Mai-Flugblattes der Sozialdemokratie aus dem Jahre 1904, das seinen Vater zum Marxisten machte, und das all den Jammer und das Elend, das dieser ehrliche, vertrauende Arbeitskamerad und seine Kinder und Kindeskinde tragen mußten, mit auf dem Gewissen hat. Eigentlich hatte er ja etwas anderes vor. Im Kreise seiner Kameraden, bei lustiger Geselligkeit, wollte er es auf der Rückfahrt vorlesen, dieses Dokument der Lüge und des gemeinsten Volksbetruges, den jemals die Welt sah. Er weiß, es wäre der rhetorische Erfolg seines Lebens gewesen, und dann wollte er es freilich - unter Teilnahme aller Kameraden - öffentlich mit einem portugiesischen Streichholz verbrennen. Aber jetzt, da er dieses Blatt in der Hand hat, jetzt packt ihn ein unüberwindlicher Ekel. Nicht eine Minute länger mag er dieses Dokument der Schmach, das ihm die Zornröte ins Gesicht jagt, bei sich tragen. Er nimmt es, zerreißt es in kleine Fetzen und läßt sie langsam aus der sich langsam öffnenden Faust ins Meer flattern. Während er den kleiner und kleiner werdenden Schnitzeln nachsieht, da geht ihm der ganze hohe Sinn dieser Handlung auf. Jetzt erst, das fühlt er, war endgültig ein Strich gezogen unter das, was einmal war. Es verlohnt sich nicht mehr, über den Verrat des Marxismus zu reden - er hat sich selbst durch seine Taten gerichtet. Leuchtend steht ein neuer Glaube am Himmel Deutschlands. Strahlend wie noch nie liegt die Zukunft des deutschen Volkes da, was sollen da noch die Schlacken einer vergangenen Zeit. Auch ihm, dem deutschen Arbeiter, gehören die Schönheiten der Welt! Der Marxismus hat durch ihn, Fritz Oldenkamp, ein Begräbnis erster Klasse erhalten.<sup>191</sup>

Se neste extracto do relato de viagem de Biallas ainda se reflecte paradigmaticamente a relativa linearidade de um estilo discursivo populista subjacente a um género de literatura de entretenimento (*Unterhaltungsliteratur*) e, simultaneamente, de endoutrinação (*Gesinnungsliteratur*) destinado às massas, no que diz respeito ao livro de Otto Paust, já pela sua natureza antológica, a sua descrição tipológica torna-se mais complexa. Em primeiro lugar, porque se trata de uma colectânea eclética de dezasseis autores com qualidades literárias diferenciadas; em segundo lugar, porque inclui textos pertencentes a diversos

<sup>190</sup> No que diz respeito à popularidade da literatura de viagens durante a República de Weimar, particularmente das aventuras e viagens fantásticas de Karl May, veja-se por exemplo: Ernst Bloch, *Erbschaft dieser Zeit*, p. 173 ss.; Walter Nutz, "Massenliteratur", in Horst Albert Glaser (org.), *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte*, Reinbek bei Hamburg, 1989, vol. 9, pp. 200-211; Herbert Jost, "Selbst-Verwirklichung und Seelensuche. Zur Bedeutung des Reiseberichts im Zeitalter des Massentourismus", in Peter J. Brenner (org.), *Der Reisebericht*, pp. 490-507, aqui: p. 495.

<sup>191</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 57

gêneros, nomeadamente, poemas, pequenos textos novelescos e anedóticos. Quanto aos autores, ombreiam nesta colectânea poetas de renome do *NS-Schrifttum* com escritores desconhecidos. Ao lado dos então bastante famosos "poetas dos trabalhadores" (*Arbeiterdichter*), como Max Barthel<sup>192</sup> e Heinrich Lersch<sup>193</sup>, ou o - por várias vezes premiado<sup>194</sup> - "poeta da geração da frente" e autor de "romances *Blut und Boden*" Heinz Steguweit<sup>195</sup>, ou o próprio Otto Paust<sup>196</sup>, escritor de romances históricos, ou, ainda, o alto-funcionário do aparelho nazi Gerhard Starcke que, para além do referido romance sobre uma viagem KdF aos fiordes da Noruega *Brandelmann auf großer Fahrt*, assinou varios dos artigos sobre as viagens KdF a Portugal publicados na *Arbeitertum*, surgem nomes a que não se encontram quaisquer referências, como Heinz Bader, Martin Bethke, Wolf Durian, entre outros. Por não acharmos ser conveniente citarmos eclecticamente, no âmbito desta breve delimitação tipológica da "literatura de viagens KdF" analisada, excertos que formalmente atestem a ausência óbvia de uma linearidade estilística, contentemo-nos aqui, já que na análise tópica recorreremos a citações desta antologia, por referir a curtíssima recensão desta colectânea no mencionado artigo da *Arbeitertum*:

(Im Buch Otto Pausts) steht Fröhlichkeit obenan und findet ihren Ausdruck in Gedichten. Kurzerzählungen und Kohlezeichnungen.

Para concluir a descrição formal dos textos genérica e, de certo modo, arbitrariamente circunscritos como sendo "semi-romanescos e novelescos", eis algumas considerações acerca do livro de Karl Busch *Nach den "Glücklichen Inseln". Mit KdF-Flaggschiff "Robert Ley" nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa*. Neste pequeno livro constituído por 64 páginas, das quais apenas três são exclusivamente dedicadas à Madeira e meia dúzia a Lisboa, relata-se a primeira e última viagem marítima a Tenerife, com escala em Lisboa e no Funchal, durante a Primavera de 1939, já que as viagens KdF ao estrangeiro terminam de imediato com a eclosão da guerra, não se tendo por isso organizado o

<sup>192</sup> Vide a curta biografia e bibliografia de Max Barthel in Ernst Loewy, *op. cit.*, p. 302 s. Veja-se também a referência a Barthel por parte de Alexander von Bormann, "Lyrik", in Horst Albert Glaser (org.), *op. cit.*, pp. 235-254, aqui: p. 247.

<sup>193</sup> Vide Ernst Loewy, *op. cit.*, p. 318; e Alexander von Bormann, *ibidem*.

<sup>194</sup> Cf. Ernst Loewy, *idem*, p. 323, Heinz Steguweit, então director regional da *Reichsschrifttumskammer*, recebeu em 1938 o *Rheinischer Literaturpreis* e em 1939 o *Erzählerpreis des Verlages Felhagen & Klasing*. O sucesso literário de Steguweit não terminou, porém, com o fim do *Terceiro Reich*, tendo recebido ainda em 1960 o *Erzählerpreis der Bundeszentrale für Heimatdienst* e o prémio da *Westdeutscher Autorenverband*.

<sup>195</sup> Vide Ernst Loewy, *idem*, p. 323; Walter Nutz, "Massenliteratur", in Horst Albert Glaser, *idem*, p. 204; Helmut Vallery, "Völkisch-nationalsozialistische Erzählliteratur", in *ibidem*, p. 148.

<sup>196</sup> Vide Helmut Vallery, *ibidem*.

previsto cruzeiro outonal ao mesmo destino. O propósito mediático desta espécie de brochura de luxo, ilustrada com algumas fotografias de grande formato e prefaciada pelo próprio chefe da secção de turismo da KdF, Bodo Lafferentz, terá sido o de, mais do que publicar mais um relato sobre Portugal, divulgar sobretudo o novo destino dos cruzeiros KdF: as "Ilhas da Felicidade", "o resto da lendária Atlantis"<sup>197</sup>, pertencentes ao território de Espanha, um país com que a Alemanha "estabeleceu em pouco tempo uma amizade cordial e onde não raramente se demonstra o orgulho e a alegria em relação aos feitos e à prontidão do amigo na Europa Central"<sup>198</sup>. Este relato de viagem, redigido num tom discursivo pouco "literário", em que a intenção publicístico-propagandística parece sobrepor-se à maquilhagem poética detectada nos textos até aqui referidos, estará, por isso, formalmente mais próximo de uma espécie de "reportagem de viagem". Poderia, assim, ter sido incluído no segundo grupo tipológico. Porém, o certamente discutível critério de este texto ter sido publicado em forma de livro e não no *medium* da imprensa levou-nos à opção de o inserir na primeira secção da nossa frouxa tripartição. No que diz respeito à sua recepção, quer na Alemanha quer em Portugal, não somos capazes de avançar com qualquer tipo de informação concreta, podendo, no entanto, pressupor-se que, olhando à sua data de publicação, o ano de 1940, numa altura em que a guerra já estalara e em que Portugal passava progressivamente a assumir o seu ambíguo posicionamento de "neutralidade beligerante", numa altura em que na Alemanha o divertimento, os tempos livres teriam certamente passado a segundo plano, transformando-se as viagens *turísticas* em viagens *forçadas* às frentes de batalha, e em que o entusiasmo do período fascizante da sociedade portuguesa e sua admiração pela "nova Alemanha" em vastos sectores da vida política e cultural teria acalmado, este tipo de literatura já não terá sido acolhido pelo público-leitor com a mesma intensidade que especulativamente concedemos à "literatura de viagens KdF" anteriormente referida.

### 1.2.2. As "reportagens de viagens" publicadas na revista da KdF *Arbeiterium*

O segundo subgrupo do *corpus* textual analisado é constituído por uma dezena de relatos de viagens KdF a Portugal publicados na imprensa nazificada. Por reflectir paradigmaticamente o fenómeno da "invasão" do tema da viagem KdF - afinal, o *ex libris* da política social nazi - nos meios da comunicação de massas e para não extravasarmos o âmbito do que nos propuséramos fazer no presente

<sup>197</sup> Karl Busch, *Nach den "Glücklichen Inseln"*, p. 28.

<sup>198</sup> Idem. p. 44. Busch refere-se obviamente ao apoio logístico e militar alemão (*Legion Condor*) durante a guerra civil de Espanha.

estudo, delimitamos representativamente a nossa análise às "reportagens de viagem" divulgadas no órgão oficial da própria KdF: a *Arbeiterzeitung*. Olhando ao elevado número dos (obrigatoriamente) "associados" da DAF que automaticamente podiam usufruir das ofertas da KdF, ao preço simbólico de 10 *Pfennige* e às suas características formais de imprensa de massas ilustrada<sup>199</sup>, parece-nos legítimo afirmar hipoteticamente que esta revista quinzenal de grande alcance desempenhou uma importante função instrumental para a divulgação da auto-imagem do regime e, simultaneamente, da hetero-imagem de um "país amigo". Desempenhando o duplo papel de, ao trazer em palavra e imagem o *cliché* do exótico para a sala de estar dos alemães e ao encenar os sensacionais feitos sociais do nazismo por via de relatos das "viagens KdF para trabalhadores", saciar os desejos e sonhos das massas da sociedade moderna e, ao mesmo tempo, atraí-las e endoutriná-las, este conjunto de textos representativos do *modus* da reportagem de viagem nacional-socialista, para que os próprios nazis utilizavam o conceito genérico de *Reiseberichterstattung*, denuncia exemplarmente o ideário subjacente às formas de representação da auto e hetero-percepção nos relatos das viagens KdF efectuadas a Portugal entre 1935 e 1939. Tratando-se de artigos abundantemente ilustrados com fotografias e desenhos e com títulos sugestivos como "Uns ging die Sonne nie unter. Mit der KdF-Flotte zum zweiten mal nach Lissabon und Funchal", "Mit der Flotte des Friedens nach Madeira", "Fahrt ins Reich der unbegrenzten Möglichkeiten mit dem KdF-Schiff *Wilhelm Gustloff*" ou "KdF mit fröhlichen Menschen auf Fahrt", estes relatos de viagem de indole publicístico, ou melhor, propagandístico, mais do que transmitir impressões acerca do país visitado exaltam os valores da *Weltanschauung* nazi, descrevendo pateticamente a vivência da alegria e do "espírito comunitário" entre os viajantes a bordo. As relativamente escassas referências aos destinos das *Atlantikfahrten* revestem-se, *grosso modo*, de fórmulas turísticas estereotipadas. Nestas "viagens alegres ao Sul solarengo", à "magia da paisagem subtropical da Madeira" em que "o sol meridional bronzeia" os viajantes, as vivências mais excitantes não teriam sido, ao contrário do que se poderia esperar, as observações do novo, do alheio, mas antes os momentos de encontro com os conterrâneos e os eventos protagonizados por alemães. O seguinte excerto de uma "reportagem" da *Reiseberichterstattung* da KdF exemplifica-o de modo paradigmático:

Wir erlebten den Zauber der südlichen Landschaft, als wir durch die Bucht von Vigo fuhren. Wir sahen die lehmigen Wasser des Duro [sic] bei der Hafenstadt Oporto sich in den tiefblauen Atlantik ergießen. Und dann erlebten wir das portugiesische Volk in Lissabon und auf Madeira. Wir trafen unsere auslandsdeutschen Volksgenossen und

<sup>199</sup> Acerca da imprensa de massas ilustrada durante o *Terceiro Reich* veja-se: Norbert Frei e Johannes Schmitz, *Journalismus im Dritten Reich*, Munique, 1989, pp. 71-82.

verbrachten glückliche Stunden mit ihnen und den portugiesischen Gästen beim Bordfest in Lissabon. Ein unbeschreiblich schönes Erlebnis war es, als wir auf der Fahrt nach Madeira unser Schwesterschiff *Der Deutsche* überholten. Flaggengrüße wechselten und es mit Salutschüssen und Feuerwerk begrüßten. Nicht zu vergessen die Begegnung mit dem Zeppelin. Und dann umfing uns in Funchal auf Madeira der Zauber der subtropischen Landschaft, und die Sonne des Südens brannte uns braun. (...) Bei uns an Bord befand sich die Kapelle der Leibstandarte Adolf Hitler. (...) Überhaupt gaben die uniformierten Musiker der Leibstandarte dem Bordleben das äußere Gesicht. Es war wohl das erste mal, daß die schwarze SS-Uniform auf fremden Boden in Erscheinung trat. Für die Stadt Funchal war es ein großes Ereignis, als am Ostersonnabend (1936) die Kapelle der Leibstandarte Adolf Hitler im öffentlichen Garten ein Konzert gab. Die Beteiligung der einheimischen Bevölkerung an diesem Konzert war außerordentlich stark. (...) Unter den zahlreichen Zuhörern sah man neben dem Obergruppenführer Sepp Dietrich (...) den deutschen Konsul und den Gouverneur von Madeira, der mit seiner Gattin zum Konzert der Leibstandarte gekommen war. Das Konzert schloß mit der portugiesischen Nationalhymne, dem Deutschlandlied und dem Horst-Wessel-Lied. (...) *Uns geht die Sonne nie unter!* Dieses Wort stand wie ein ungeschriebener Leitstern über der ganzen Fahrt, auf der wir, wie selten auf Madeirafahrten, die strahlende Sonne des Südens, das brandende Meer und den Zauber südlicher Landschaft so ausgiebig erlebten.<sup>200</sup>

Num outro relato, referente ao cruzeiro primaveril de 1938 a Portugal, é explicitamente realçada a primazia do propósito *intranacional* sobre o interesse *intercultural* destas viagens KdF:

'Dieses schöne und stolze Schiff (*Wilhelm Gustloff*) gehört der Deutschen Arbeitsfront und damit euch!' ruft der Reiseleiter den Urlaubskameraden zu. Die wenigen Stunden, die die Volksgenossen sich an Bord befinden, haben schon genügt, um ihnen dieses Schiff an das Herz wachsen zu lassen. Das Bewußtsein, ein Stückchen Eigentumsrecht zu besitzen, daß nun für mehr als zwei Wochen die Heimat bedeutet, erfüllt jeden einzelnen mit dankbarer Freude und Genugtuung. Als der erste Abend anbricht, bilden die Urlauber bereits eine große Familie, so wie es auf einem Schiff der KdF-Flotte sein soll. (...) Im ganzen Schiff werden Pläne geschmiedet. Pläne, die den Landgang in Lissabon betreffen. Es ist das erste mal, daß die Urlauber fremdländischen Boden betreten. Freudige Erwartung liegt nun über der ganzen Gemeinschaft. Ein fremdes Land kennenzulernen, in das Leben eines fremden Volkes Einblick zu gewinnen, ist ein großes Erlebnis. Eines aber steht für jeden Urlaubskameraden fest: er weiß, daß er auf fremder Erde Repräsentant seiner Heimat und seines Volkes ist. Er ist sich auch bewußt, daß ihm damit ein Vertrauen entgegengebracht wird, das er nicht zuschanden machen darf. Er ist stolz darauf, daß er als deutscher Arbeiter draußen in der Welt auftreten darf. Diese Erkenntnisse werden für sein Auftreten bestimmend sein. Dies ist sein Dank an den Mann, der dem deutschen Volke sein Ansehen und seine Machtstellung in der Welt wiedergegeben hat: Adolf Hitler.<sup>201</sup>

É sintomático o facto de esta alegada "reportagem de viagem" terminar com a aclamação a Hitler, a encenação "literária" do culto do *Führer*, sem que sequer se faça qualquer referência concreta aos locais de visita visados pela frota da secção de turismo da KdF.

<sup>200</sup> "Uns ging die Sonne nie unter! Mit der KdF-Flotte zum zweiten Male nach Lissabon und Funchal", in *Arbeitertum*, ano 6, n.º 4, 15.05.1936, pp. 12-15.

<sup>201</sup> "Wir stechen in See! Urlaubstage auf dem KdF-Flaggschiff *Wilhelm Gustloff*", in *Arbeitertum*, ano 8, n.º 4, 15.05.1938, p. 11 s.

Neste conjunto de textos jornalísticos publicados na *Arbeitertum*, em que a uniformidade linguística e motivística na *Reiseberichterstattung* nacional-socialista é mais que evidente, convém ainda destacar-se uma reportagem intitulada de "*Kraft durch Freude*" - *Azorenfahrt. 640 Arbeitskameraden aus allen Gauen fahren über den Atlantik*". A singularidade deste relato perfeitamente enquadrado nos referidos moldes redactoriais prende-se com o facto de se tratar de uma representação textual sobre a única viagem da KdF aos Açores que decorreu entre os dias 2 e 21 de Abril de 1935. À semelhança dos textos sobre Lisboa e o Funchal, também aqui as considerações sobre os destinos de viagem propriamente ditos são extremamente parcas. Após uma longa descrição do "excelente espírito de camaradagem" entre a "grande família dos viajantes KdF" e uma representação mistificadora e metafórica da "belíssima vivência para todos" proporcionada pelos "dias de tempestade" durante a travessia do Atlântico heroicamente domado pelo navio e turistas, as em si já poucas impressões sobre Ponte Delgada e São Miguel surgem irremediavelmente entrelaçadas com eventos participados por alemães:

Aber welche Farbenpracht tat sich vor unseren Augen auf! Sonne und Mond vergoldeten und versilberten das wilde Meer. Die Brecher rasten heran. Weiße Schaumkronen, die der Wind hinwegfegte, über grünen, blauen, violetten Wasserbergen! Nie gab es ein schöneres Erlebnis für uns als diese Tage im Sturm, nie offenbarte sich uns die Natur schöner und gewaltiger als im Kampf der entfesselten Elemente, und nie war das Vertrauen auf unser treues Schiff stärker in unseren Herzen lebendig als in den Stunden des Sturms. (...) Fünf Tage lang sahen wir kein Land. Am 10. April gegen 5 Uhr morgens klopfte es bei uns an der Tür der Kabine: 'Steht auf! Macht euch aus den Decken! Raus aus der Koje! Das Land! Ich sehe São Miguel!' Wir stürzten auf Deck. Da lag die Insel im Glanz der Frühsonne. Und nun ging keiner mehr in die Kabinen zurück. Hier wurde das Wunder Wahrheit: Mitten aus dem Ozean ragen Inseln auf, und diese Inseln werden wir besuchen! Noch ehe es Mittag wird, betreten wir diese fremde Erde! Herrlich liegt der Hafen von Ponte Delgada. Wir gehen vor Anker. Ein Boot kommt vom Lande. Es ist mit Blumen bis an den Rand gefüllt. Die Deutschen von Ponte Delgada kommen an Bord. 'Willkommen! Heil Hitler!' Dann das Ausbooten! Nach neun Tagen haben wir zum erstenmal wieder festen Boden unter den Füßen. Ausflüge im Auto nach dem herrlich gelegenen Kratersee von Sete Cidades [sic] und nach den heißen Quellen von Furnas wechseln mit Spaziergängen durch die Stadt. Unmöglich ist es, die Fülle der Eindrücke wiederzugeben. Nur ein repräsentatives Ereignis sei besonders genannt, das deutsche Platzkonzert auf dem Marktplatz von Ponte Delgada. Die Kapelle des Reichsluftschutzbundes überbot sich selbst. Die deutschen Urlauber erhoben grüßend die Hand, als die portugiesischen und deutschen Hymnen erklangen.<sup>202</sup>

A fórmula esvaziada da "abundância de impressões indescritíveis" com que o autor camufla o desinteresse ou a incapacidade de apreender e verbalmente descrever o estranho é, ao longo do relato, curiosamente preenchida com relativamente longas passagens de descrição enfática dos calorosos encontros com os poucos *Auslandsdeutsche* residentes nas ilhas açoreanas.

<sup>202</sup> In *Arbeitertum*, ano 5, nº 4, 15.05.1935, p. 12.

Em suma, a análise deste grupo de textos permite-nos afirmar que as representações jornalísticas da viagens KdF, a que formal e tipologicamente atribuímos o termo de "reportagens de viagens" - com as indispensáveis aspas -, se caracterizam por uma latente preocupação não tanto por informar sobre e narrar as impressões acerca de um país e cultura estranhos durante uma viagem mas antes por encenar, concretizar verbalmente, o ideário nazi. O relato de viagem publicado na imprensa, de forma mais evidente do que nos textos englobados no primeiro grupo tipológico, assume uma função claramente ideologizante em que se abdica de todo de uma "maquilhagem literária" em prol de uma discursividade - apesar de não excessiva e explicitamente politizada - manifestamente propagandística.

### 1.2.3. Os "relatórios de viagens" (*Spitzelberichte*)

O terceiro grupo tipológico do *corpus* é constituído por relatos de viagens redigidos pela mão de informadores, equitativamente recrutados do *Sicherheitsdienst* e da *Gestapo*, cuja "única tarefa", a partir de meados de 1936, altura em que se decreta a vigilância obrigatória em todas as viagens KdF ao estrangeiro, deveria basicamente ser a de "observar e relatar eventuais acções hostis ao Estado por parte dos turistas KdF e não a de detectar as fraquezas humanas dos viajantes como o alcoolismo, o relacionamento com mulheres, etc."<sup>203</sup>. A selecção destes "homens de confiança" (*Vertrauensmänner*) deveria obedecer a um critério que bem reflecte a organização deveras calculista e perfeccionista do "turismo para trabalhadores" preconizado pela KdF: os candidatos ideais seriam "os que para além da sua competência técnica necessitam de lazer e de descanso do serviço de gabinete e que, tendo-se evidenciado pela aplicação e bom comportamento, merecem uma viagem deste tipo."<sup>204</sup> Aliciados com este prémio, o que, aliás, reflecte exemplarmente a política laboral do regime segundo o método de "pão e jogos" mesmo neste sector do *terceiro Reich*, os *IMR* empenharam-se em projectar, numa linguagem de escrivão ou empregado de escritório, uma imagem detalhada e pretensamente autêntica das ocorrências e do ambiente entre o grupo excursionista durante a viagem. O rigoroso cumprimento - comportamento característico de uma "classe profissional" instruída para um seguidismo incondicional de acordo com o *Gefolgschaftsprinzip* - de um "esquema de observação"<sup>205</sup>, uma espécie de questionário proposto pelos serviços de informação da KdF, conferia aos "relatórios das viagens marítimas" uma estrutura

<sup>203</sup> *Überwachung von Reisen ins Ausland*: R 58/944.

<sup>204</sup> *Idem*. R 58/949.

<sup>205</sup> Wolfhard Buchholz, *op. cit.*, p. 232.

mais ou menos uniformizada, basicamente correspondente aos seguintes elementos constitutivos:<sup>206</sup>

- a) composição do grupo de turistas segundo suas profissões, rendimentos, faixa etária e local de residência;
- b) observação de comportamentos anti-patrióticos;
- c) anotação de tomadas de posição críticas em relação à organização da KdF;
- d) disposição geral e ambiente social entre a "comunidade de bordo";
- e) objecções e reparos a fazer e ocorrências invulgares;
- f) propostas para o melhoramento das viagens seguintes.

No entanto, e apesar do manifesto empenhamento dos informadores em descrever o decorrer da viagem o mais minuciosamente possível<sup>207</sup>, o grau de eficiência de uma vigilância rigorosa em relação às expectativas terá sido bastante baixo. O facto de por cada navio com lotações entre os 800 e 1.400 passageiros serem destacados no máximo dois informadores, cuja função de intervenção executiva era praticamente anulada pela obrigatoriedade da manutenção em absoluto segredo da sua identidade, a que ainda se poderá acrescentar o aspecto da relativa liberdade de movimentação dos excursionistas durante os passeios em Lisboa, no Funchal ou em Ponta Delgada e na Horta, terão certamente contribuído para que a área do relatório reservada às observações de acções e considerações de oposição ao regime ficasse quase sempre em branco ou fosse preenchida com a constantemente repetida frase do género:

Während der ganzen Reise konnten staatsfeindliche Umtriebe oder Machenschaften seitens der Urlauber nicht festgestellt werden.<sup>208</sup>

Exceptuando algumas poucas e insignificantes ocorrências ou atitudes "anti-patrióticas" por parte dos turistas da KdF, que alguns informadores acharam merecedoras de menção, como as seguintes anotações referentes a uma viagem marítima a Itália o demonstram,

Außerdem mußten Parteigenossen beim Anhören der Führerrede darauf aufmerksam gemacht werden, daß das Skatspiel während dieser Zeit zu unterbleiben habe.<sup>209</sup>

<sup>206</sup> Idem, p. 233 s.

<sup>207</sup> O facto curioso de o próprio Robert Ley, chefe supremo da DAF e sua suborganização KdF, ter sido acusado de traição à Pátria por um *IMR* que transcreveu no seu relatório excertos de um discurso proferido por Ley durante uma viagem marítima da KdF à Itália, efectuada em Julho de 1938, em que este terá divulgado confidências de Estado altamente secretas como a produção diária de 3 ou 4 aviões por parte da empresa de armamento *Junker*, reflecte o (sobre)empenhamento dos informadores. Este episódio é referido tanto por Wolfhard Buchholz, *op. cit.*, p. 233, como por Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 258.

<sup>208</sup> Cit. cf. Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 256.

<sup>209</sup> Idem, p. 257.



Unangenehm aufgefallen ist einerseits ein gewisser Mangel an Zurückhaltung verschiedener Frauen gegenüber Italienern, sowie auch die Herausforderung der nationalen Würdelosigkeit, indem verschiedene Urlauber Geld unter eine italienische Gruppe warfen und sich dann freuten, wenn sich diese darum prügelten.<sup>210</sup>

os observadores das viagens KdF representam nos seus "relatórios de viagem", modo geral, uma visão positiva do "comportamento exemplarmente bom dos *Volksgenossen*"<sup>211</sup>. As detalhadas descrições abrangem temas que vão desde a comida, passando pelas conversas de bisbilhotice a bordo, até às condições políticas e sociais nos países visitados. É, pois, precisamente este último aspecto que confere aos *Spitzelberichte* um papel de extrema relevância para os propósitos do presente trabalho, ou seja, a desmontagem dos modelos de percepção e representação de Portugal a partir de uma análise comparativa de três "gêneros" textuais do *Schrifttum* nazi: o primeiro com marcas "literarizantes" e, por isso, condicionado pela preocupação pretensamente artística; o segundo de índole publicístico, sendo, assim, determinado por objectivos claramente propagandísticos; o terceiro será o mais vincadamente ideológico, já que é condicionado pela intenção pragmática de informar "objectivamente" um número restrito de *insiders* do regime. Ao contrário dos dois primeiros grupos tipológicos, cuja discursividade é inegavelmente determinada pelas respectivas preocupações artística e propagandística, este último conjunto de textos, por estar desvinculado de qualquer objectivo explicitamente demagógico, isto é, por não se destinar ao domínio público, constituirá a projecção mais "pura" de Portugal em conformidade com um esquema de percepção pré-condicionado pela *Weltanschauung*, pelo "olhar guiado"<sup>212</sup>, nacional-socialista.

Apesar de no *corpus* analisado se poder constatar um certo condicionismo discursivo imposto pelo *medium* textual ("literatura", jornalismo, relatório secreto), o que possibilita estabelecer-se a esse nível uma *frouxa* tripartição, as diversas "visões" percepcionais e representativas de um mesmo objecto, neste caso o Portugal (re)visitado pelo nazismo, apresentam do ponto de vista tópico um esquema uniforme pré-formado pelo ideário colectivo político-cultural do nacional-socialismo. A análise desses tópicos pré-formativos constituirá a linha de orientação subjacente ao capítulo seguinte.

<sup>210</sup> R 58/50, p. 5.

<sup>211</sup> *Ibidem*.

<sup>212</sup> Victor Klemperer (*op. cit.*, p. 149), referindo-se ao verbo "schauen" enquanto raiz lexical do substantivo "Weltanschauung", faz uma interessante observação que para a presente análise dos modelos percepcionais subjacentes às representações textuais nos parece extremamente pertinente: "Bei dem Verb 'schauen' handelt es sich (in der Nazi-Sprache) um ein gelenktes Sehen, um eine Befriedigung und Inanspruchnahme des sinnlichen Auges, die in ihrer Grellheit zuletzt auf Blendung hinausläuft."

## 2. Ideologemas e tópicos pré-formativos

No entanto, e antes de aqui se passar à análise e apresentação das projecções de Portugal na "literatura de viagens KdF", convém enunciar, de forma sucinta, pelo menos alguns dos elementos constitutivos da *Weltanschauung* nazi subjacentes às percepções do alheio e suas formas de representação verbal. Se é, pois, verdade que a "visão do mundo" nazi-fascista se caracteriza por um inegável sincretismo ideário, cuja "originalidade não se baseou na invenção de novos tópicos mas na utilização de velhos conceitos de eficiência já comprovada"<sup>213</sup>, não se pode, porém, deixar de reconhecer certos princípios em torno dos quais gira a sua "ideologia". Esta compõe-se de um conjunto de abstrusos ideologemas, hermeticamente interligados e entrelaçados, baseados nos seguintes elementos.

a) O primeiro, provavelmente o mais visível e inteligível, já que constituía um sintoma internacional da época, é o *nacionalismo exacerbado*, na versão nazi-fascista, porém, "filosoficamente" alicerçado numa concepção biológico-rácica e sanguinária, orgânica e histórico-mi(s)tificante do *povo* alemão, com correspondência em conceitos-chave tais como *Sozialdarwinismus*, *Herrenmenschentum*, *Volkstum*, *Vaterland*, *Heimaterde* ou *Blut und Boden*, revestindo-se estes de formas verbais diversas insistentemente repetidas no discurso público da *Lingua Tertii Imperii* e, consequentemente, também detectáveis na "literatura de viagens KdF". Assim, os tópicos como *Volk* e *Gemeinschaft*, nas suas mais diversas variações e composições lexicais (*Volksgemeinschaft*, *Blutsgemeinschaft*, *Schicksalsgemeinschaft*, *Bordgemeinschaft*, *Urlaubsgemeinschaft*, *KdF-Gemeinschaft*, *volksfremder Boden*, *Kraft [durch Freude]*, *alte Kämpfer*, etc.), constituem nos textos estudados, independentemente do grupo tipológico a que pertencem, uma constante.

b) A *glorificação mistificante do passado germânico* e do presente da "nova Alemanha" com base numa concepção neo-romântica, anti-iluminista, anti-intelectual, irracional do processo civilizacional pode ser entendido como um outro ideograma basilar da *Weltanschauung* do *Terceiro Reich*. Este "misticismo e pseudo-historicismo"<sup>214</sup>, esta espécie de romanticismo usurpado para fins iminentemente políticos, reflecte-se na escrita nazi numa latente predilecção pela utilização de palavras emotivas com que se pretendia sugerir às massas de uma "sociedade desencantada" (Max Weber) e desumanizada uma (falsa) "alegria vital"

<sup>213</sup> Hannah Arendt, *op. cit.*, p. 566.

<sup>214</sup> Ernst Loewy, *op. cit.*, p. 60.

(*Lebensfreude*) que o nazi-fascismo alegadamente proporcionaria. Este degenerador processo de "sentimentalização"<sup>215</sup> a que a linguagem é submetida encontra no *corpus* analisado a sua expressão em chavões como *Freude, Glück, Wunsch, Traum, Paradies* ou *Erlebnis*, sendo este último, para Victor Klemperer, "a palavra emotiva mais forte e mais geral de que o nazismo se apoderou".<sup>216</sup> A viagem KdF é, pois, sistematicamente encenada como "grandiosa vivência", como "realização de um sonho ancestral dos alemães", como regresso efêmero ao bucolismo das "ilhas da felicidade". A "alegria" experienciada durante estes eventos da "*Kraft durch Freude*", que afinal, conforme o próprio nome da organização indica, seria um *meio* para a obtenção de "força", é representada pela repetidamente enunciada imagem das "caras sorridentes dos viajantes". No intuito de inverter a histórica *Innerlichkeit* alemã - essa alegada doença causada pelos racionalistas e iluministas - e de suprimir o complexo colectivo de inferioridade infringido pelos vencedores da I Guerra Mundial, esta patética exaltação da "força vital" (*Lebensbejahung*) encontra sua tradução verbal em lemas como "Ser alegre também é uma virtude!"<sup>217</sup> E haveria para tal melhores metáforas do que o secular estereótipo do *sol*<sup>218</sup>, o símbolo germânico de força e vitalidade<sup>219</sup>, e a "ancestral imagem do *navio*"<sup>220</sup> como sinal de segurança e estabilidade que, cruzando os mares rumo ao Sul, ia "conquistando passo a passo, parcela a parcela, o lugar ao sol a que o povo alemão, pelas suas capacidades e potencialidades, tem direito"<sup>221</sup>.

c) Mas o chavão metafórico do navio serviu, em conjugação com a imagem do mar, na "literatura de viagens KdF" também para verbalmente simbolizar um outro ideograma básico do nazismo: o (aparente) carácter revolucionário da *Bewegung*. O *movimento* seguro, heróico e magistral do navio (=Estado nazi) na sua *luta* através da *tempestade* sobre o *mar*, que "na tradição da literatura de viagens marítimas do período guilhermino surge como metáfora para a vida e para a guerra"<sup>222</sup>, constitui uma imagem simbólica - apesar de nada original - com uma forte carga mítica e sugestiva optimamente instrumentalizável para a atracção das massas e sua identificação com a pátria nazi. Jakob Schaffner demonstra-o explicitamente no seu relato de viagem ao colocar a seguinte frase na boca de uma "mulher simples" que participava numa viagem KdF a Portugal:

<sup>215</sup> Victor Klemperer, *op. cit.*, p. 246.

<sup>216</sup> *Ibidem*.

<sup>217</sup> Título de um artigo publicado na *Arbeitertum*, ano 6, n.º 1, 01.04.1936, p. 10.

<sup>218</sup> O culto germânico do sol expressa-se imagetivamente também no próprio emblema da organização KdF: a roda do sol (*Sonnenrad*).

<sup>219</sup> Victor Klemperer, *op. cit.*, p. 125: "Sonntag bezeichnet (in der *Lingua Tertii Imperii*) sozusagen eine gemeingermanische Eigenschaft."

<sup>220</sup> *Idem*, p. 157.

<sup>221</sup> *Arbeitertum*, ano 9, n.º 3, 01.05.1939, p. 12.

<sup>222</sup> Martina Emmons, *op. cit.*

Wie sagte die stille, einfache Frau: 'Unser Schiff, das ist jetzt wie Deutschland, das auch so ruhig und stark durch den Sturm seinen Weg fährt'.<sup>223</sup>

d) Para terminar esta breve inventariação dos "motivos ideológicos" constitutivos da eclética *Weltanschauung* do nacional-socialismo, que aqui limitámos apenas àqueles que na "literatura de viagens KdF" analisada se apresentam como *Leitmotive* exaustivamente repetidos - "a constante repetição parece, pois, ser um dos meios estilísticos principais"<sup>224</sup> da *Lingua Tertii Imperii* - não poderíamos deixar de mencionar o pateticamente exaltado "culto do chefe" (*Führerkult*). Às encenações literárias da extrema gratidão ao divinizado *Führer*, a quem os "turistas trabalhadores" da KdF deveriam a *alegria e felicidade* de poderem participar num "mágico evento", até então privilégio da burguesia, são concedidas nos relatos de viagens longas e enfáticas passagens, sendo a palavra final dedicada, modo geral, quer à Pátria:

"Heil Vaterland und Heimat, von jetzt an wissen wir erst recht, um was es geht!"<sup>225</sup>,

quer a Hitler em pessoa:

"(Am Ende der Reise) stimmen tausend deutsche Arbeiter ein: 'Dem Führer Sieg heil!'"<sup>226</sup>

São estes tópicos, afinal símbolos verbais dos ideogramas ou mitos políticos da *Weltanschauung* nazi, que formam a espinha dorsal do conjunto (apenas formalmente diferenciável) da "literatura de viagens KdF". A par dos "meios verbais geralmente primitivos" que "quase sempre se esgotam na utilização de metáforas e frases estereotipadas"<sup>227</sup>, por sua vez fundamentadas em figuras de estilo banalizadas pela infinita repetição de enumerações, aliteraões e hipérboles, é sobretudo a motivística ideologizada que melhor caracteriza o modelo de percepção e representação da viagem e do estranho no *NS-Schrifttum*.

<sup>223</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 55 s.

<sup>224</sup> Victor Klemperer, *idem*, p. 37.

<sup>225</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 127.

<sup>226</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 60.

<sup>227</sup> Ernst Loewy, *op. cit.*, p. 26.

#### IV. Percepção e representação de Portugal e dos portugueses na "literatura de viagens KdF"

Do que até aqui se tem vindo a afirmar, não será difícil depreender que a viagem em si, sobretudo a marítima, - afinal, a ancestral metáfora da vida, redenção e libertação - simboliza na escrita nazi a vontade mobilizadora da "nova Alemanha" por heroicamente buscar no mundo o "lugar ao sol" que alegadamente lhe competiria. Se nas canções sindicais da República de Weimar os motivos da *viagem* e do *sol* significavam ainda, e apenas, o caminho para a *liberdade individual*<sup>228</sup> e a igualdade social, nos versos, basicamente constituídos pelos mesmos tópicos, que entoam alto e bom som das bocas dos turistas a bordo dos navios KdF exprime-se já um inocultável chauvinismo nacionalista. A *liberdade* visada com este tipo de "viagem rumo ao sol" não seria portanto de ordem pessoal, mas *nacional*.

Begeisterte Männerkehlen und helle Mädchenstimmen singen Volkslieder. Heimatgesänge und nationalsozialistische Kampflieder. Text - Worte - gleichgültig - sie singen ja alle das gleiche Lied: Deutschland ist schön! Deutschland ist herrlich - Deutschland ist unser Vaterland - und wir, wir fahren der Sonne entgegen!<sup>229</sup>

"Os garantes d(ess)a liberdade alemã", simbolizados na "novela de viagem" de Biallas por dois aviões da Força Aérea que, "numa maravilhosa imagem, se aproximam como dois relâmpagos dos navios da KdF" à saída do porto de Hamburgo para saudarem e "se despedirem da Frota da Paz"<sup>230</sup>, seriam as forças militares. "Ao trabalhador alemão" caberia na viagem o papel de "representante da nação alemã no mundo"<sup>231</sup>, cuja "missão nacional" deveria consistir em "levar a alegria pelo mundo fora"<sup>232</sup>. "As bandeiras do *Terceiro Reich* que brilham num vermelho tom de sangue" e "os painéis (afixados nos cais) que anunciam: A Alemanha acompanha-vos!"<sup>233</sup> seriam as últimas impressões da pátria que os viajantes levariam consigo na sua "viagem missionária". Um magistralmente encenado espectáculo de massas da partida da frota KdF, ora de Hamburgo ora de Bremerhaven, deveria assim fazer lembrar os participantes eleitos destas viagens que não viajariam apenas como meros turistas, mas como "fanáticos divulgadores das ideias nacional-socialistas"<sup>234</sup>. Afinal, seria a sua "pátria, e não o seu porta-

<sup>228</sup> Cf. Martina Emonts, *op. cit.*, "Brüder, zur Sonne, zur Freiheit!" é uma dessas "canções de combate" do movimento trabalhista de Weimar.

<sup>229</sup> Hans Biallas: *op. cit.*, p. 12.

<sup>230</sup> Idem, p. 17.

<sup>231</sup> Idem, p. 14.

<sup>232</sup> Idem, p. 15.

<sup>233</sup> Idem, p. 14.

<sup>234</sup> Idem, p. 19.

moedas, que lhes abria caminho para o longe, o estranho, a alegria da vivência"<sup>235</sup> turística, dádiva pela qual os participantes deveriam manifestar sua profunda gratidão, sobretudo porque saberiam que "toda a Alemanha estaria com eles", independentemente do local "por onde caminhassem e pusessem seus pés". Num curto texto da antologia *KdF Das große Urlauberschiff*, Otto Paust despede-se da personagem Else Dirks, jovem empregada de comércio a bordo numa viagem marítima da KdF a Portugal, com as seguintes patrióticas palavras de reconforto:

Fahre, Else Dirks! Du stehst auf deutschem Boden. Dort, wo die Flagge unseres Reiches weht, ist Deutschland. Dort, wo du gehst und wo du stehst, ist Deutschland. Ganz Deutschland ist bei dir. Nirgends braucht sich ein Deutscher mehr zu schämen, Deutscher zu sein. Wir haben unsere Freiheit. Wir haben unsere Ehre wieder. Und wenn du in Lissabon bist oder in Madeira an Land gehst, so kannst du immer sagen: Eine Deutsche bin ich! Wie stolz kannst du auf dein Land und seine junge, jauchzende Kraft sein. Diese Kraft war es auch, die dich aus deinem Büro holte und hinaustrug in fremde Lande.<sup>236</sup>

A percepção da viagem, quadro espacial e temporal para a apreensão do estranho, ou seja, para a vivência da relação entre o próprio e o alheio, parece, assim, logo à partida - no sentido literal da palavra - viciada, pré-condicionada por uma visão ideológica insistente e sugestivamente imposta pela conhecida teatralidade nazi. Numa espécie de inversão ou - porque não? - perversão do sentido antropológico moderno da viagem como "potencial de inovação cultural"<sup>237</sup>, como impulso para a tomada de consciência do relativismo social e cultural do mundo, devendo por conseguinte contribuir para uma instrução de índole humanista e cosmopolita, na concepção nazi, o relacionamento com o estranho proporcionado pela viagem deveria produzir nos viajantes um incondicional nacionalismo que impreterivelmente levaria a uma ilusória auto-consciência da superioridade germânica. Seguindo a lógica da *Weltanschauung* nazi, o passo seguinte seria a dominação dos mares e terras anteriormente experimentados como espaços turísticos. A viagem KdF seria assim o prenúncio, aparentemente lúdico, da concretização da utopia totalitária do nazismo. Enzensberger, no seu ensaio (hiper)crítico do turismo e sua inerente dialectica, em 1961 certamente ainda muito "sensibilizado" pela usurpação política do fascínio irradiado pelo turismo para fins anti-civilizacionais durante o *Terceiro Reich*, projecta de forma radical a então

<sup>235</sup> Otto Paust, "Schließt auf die Ferne des Südens", in *op. cit.*, p. 6.

<sup>236</sup> Idem, p. 14 s.

<sup>237</sup> Peter J. Brenner: "Die Erfahrung der Fremde. Zur Entwicklung einer Wahrnehmungsform in der Geschichte des Reiseberichts", in Peter J. Brenner (org.): *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*, Frankfurt am Main, 1989, pp. 14-49, aqui: p. 27.

ainda bastante recente experiência para o fenómeno global do turismo de massas moderno que ele acusa de "parodia(r) a mobilização total".<sup>238</sup>

Poder-se-á, assim, formular desde já a tese de que, mesmo sendo toda e qualquer percepção e representação de um país e cultura estranhos pré-formadas por uma grande diversidade de "critérios que se cristalizam em sistemas políticos ou ideológicos"<sup>239</sup>, no caso da literatura de viagens KdF o esquema perceptual<sup>240</sup> e representativo do estranho, deixando pouquíssimos espaços de autonomia à apreensão e descrição do propriamente dito destino físico-geográfico da viagem, neste caso Lisboa, a Madeira e os Açores, parece atingir o estágio máximo de rigidez ou cristalização. Constituindo a Alemanha o verdadeiro alvo (mental) destas viagens marítimas - "o cuzeiro é", pois, "a paródia de viagem onde se vai de um sítio ao mesmo pelo caminho mais longo possível"<sup>241</sup> -, as "visões" de Portugal, das suas paisagens, da sua vida social e cultural, dos portugueses, surgem-nos como descrições pré-seleccionadas por um filtro ideologizante, por uma espécie de lentes moldadas à feição do ideário nazi. Assim, antes dos excursionistas descerem de bordo para o seu primeiro contacto com Lisboa, uma "região estranha, habitada por um povo estranho com outros hábitos e costumes"<sup>242</sup>, os *Reiseleiter*, responsáveis máximos durante a viagem a quem os turistas participantes segundo a demagogia paternalista do(s) fascismo(s) também chamavam carinhosamente de "paizinho", encarregam-se de, via altifalantes - "uma obra prima da tecnologia que serve como exemplo a toda a navegação"<sup>243</sup> -, dar aos viajantes as últimas instruções disciplinadoras sobre como se deveriam comportar em terra, fornecendo-lhes dessa forma os óculos para uma "visão correcta" do estranho:

Gern hören sich alle die Ermahnungen ihres 'Vati', wie der Reiseleiter von allen genannt wird, an. In kameradschaftlicher Weise setzt er ihnen auseinander, wie sie sich an Land zu verhalten haben, und gibt als seebefahrer Mann die notwendigen Erläuterungen über Geschichte, Vergangenheit und Gegenwart des Landes, das vor ihnen liegt, in leichtverständlicher und höchst interessanter Weise.<sup>244</sup>

<sup>238</sup> Hans Magnus Enzensberger: "Eine Theorie des Tourismus", in *Einzelheiten I. Bewußtseins-Industrie*, Frankfurt am Main, pp. 179-205, aqui: p. 199.

<sup>239</sup> Peter J. Brenner: *Der Reisebericht in der deutschen Literatur*, p. 27.

<sup>240</sup> Sobre a operacionalidade do conceito *esquema*, oriundo da Psicologia Cognitiva que se ocupa de processos da transformação de informações, no âmbito da temática hermenêutica da *percepção do estranho*, veja-se: Alexander Thomas, "Schema und Attribution", in Heinz Hahn/H. Jürgen Kagemann (org.), *Tourismuspsychologie und Tourismussoziologie. Ein Handbuch zur Tourismuswissenschaft*, Munique, 1993, pp. 215-220.

<sup>241</sup> Rui Rocha, "Os burgueses dos mares", in *Revista do Expresso*, 26.08.1995, p. 41.

<sup>242</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 28.

<sup>243</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>244</sup> *Idem*, p. 29.

Nos textos de literatura de viagem nazi estudados, as impressões acerca de Portugal ou são projectadas para a esfera do (politicamente inofensivo) exótico, do bucólico estereotipado, do incomensurável, do incomparável, do inapreensível, do irracional e - por isso - do instintivamente apetecível, apelando assim aos desejos latentemente apolíticos das massas, ou, quando comparáveis por analogia com a cultura de partida, são funcionalizadas quer para demonstrar aos "trabalhadores viajantes" quão bem se viveria na Alemanha nacional-socialista, quer para propagandear a alegada proximidade e afinidade entre dois Estados com regimes fascistas, fossem eles totalitário, como no caso alemão, ou apenas "tendencialmente totalitário"<sup>245</sup>, como no caso do "hibridismo"<sup>246</sup> do "fascismo togado"<sup>247</sup> e "clerical"<sup>248</sup> à portuguesa.

Esta multifuncionalidade da apreensão e representação literária do país visitado coloca, porém, os "relatores" das viagens KdF não raramente num dilema, que, aliás, reflecte de certo modo a "contradição interna do (nazi)fascismo"<sup>249</sup>: saciar os desejos exóticos das massas e aguçar o nacionalismo dos viajantes sem, ao mesmo tempo, deixar transparecer para os visitados um desejável chauvinismo ariano que em última instância justificaria uma nazificação, senão do mundo pelo menos, da Europa.<sup>250</sup> Por exemplo, a denúncia explícita das *de facto* miseráveis condições de vida num paupérrimo Portugal dos anos 30<sup>251</sup>, por um lado, poderia ser facilmente aproveitada para, a partir de uma comparação deveras favorável à Alemanha de então, intensificar o patriotismo alemão, por outro lado, era necessário demonstrar quão importante seria o papel que o regime salazarista estaria a desempenhar para a alegada ascensão política, económica, social e cultral do "novo Portugal" fascizado. Além do mais, um dos propósitos primordiais do turismo KdF, e de que o nazismo tinha feito sua bandeira internacional, seria o de pela sua "Frota da Paz" aproximar os povos europeus segundo o lema: *Volk kommt zu Volk!* Vejamos, de seguida, como os escritores incumbidos dessa tarefa concretizaram retoricamente os pré-requisitos político-ideológicos nas suas "impressões de viagem" e como este

<sup>245</sup> Fernando Rosas, "Um Estado tendencialmente totalitário", in Fernando Rosas (org.), *O Estado Novo* (1926-1974) [vol. 7 da *História de Portugal* de José Mattoso], Lisboa, 1994, p. 281.

<sup>246</sup> Manuel de Lucena, *O Salazarismo*, I, Lisboa, 1976, p. 126.

<sup>247</sup> *Ibidem*.

<sup>248</sup> Cf. Eric Hobsbawm, *A Era dos Extremos*, Lisboa, 1996, p. 120.

<sup>249</sup> Enzo Collotti, *op. cit.*, p. 39.

<sup>250</sup> Sobre as visões europeias do nazismo e salazarismo veja-se, por exemplo, o artigo de Luis Reis Torgal, "Salazarismo, Alemanha e Europa. Discursos políticos e culturais", in AA. VV., *Portugal auf dem Weg nach Europa*, Pfaffenweiler, 1995, pp. 193-219.

<sup>251</sup> Veja-se a este respeito, para além do contributo de Fernando Rosas: "Portugal, um mundo de coisas pequenas: a sociedade e a economia dos anos 30", in *O Estado Novo*, vol. 7 da *História de Portugal* (dir. de José Mattoso), pp. 19-117, Lisboa, 1994, o número da revista *História* (Ano XVIII/Nova Série, n.º 21, Junho 1996), dedicado à "pobreza urbana em Lisboa" durante o Estado Novo, nomeadamente, os artigos "A face sombria da capital" de Maria de Fátima M. Pinto (pp. 6-23) e "A Alcântara operária dos anos trinta" de Cláudia Leitão (pp. 24-39).



complexo esquema pré-formativo se reflecte nas representações textuais de Portugal.

## 1. As paisagens naturais e urbanas

### 1.1. Lisboa

As paisagens constituem, à primeira vista, o motivo contemplativo e descritivo mais adequado a uma representação especificamente literária de um país estrangeiro, em que a autonomia estética se sobrepõe ou anula mesmo os pré-condicionamentos iminentemente políticos. Poder-se-á imaginar objecto mais neutro, "natural" (*versus* cultural) por natureza, que uma paisagem? Dir-se-ia que não. No entanto, para os relatores das viagens KdF mesmo a natureza poderia ou deveria ser funcionalizada, podendo-se falar de uma verdadeira ideologização instrumental da percepção e representação "literária" da paisagem geográfica e arquitectónica no *corpus* textual estudado.

Conforme já pudemos constatar no livro de Schaffner em relação à instrumentalização da descrição das costas inglesa e francesa durante a passagem da frota KdF pelo Canal da Mancha para a demonstração do posicionamento no âmbito da política exterior da Alemanha nazi, nomeadamente nas suas relações com a Inglaterra e a França<sup>252</sup>, também na "novela de viagem" de Biallas a aproximação à costa lisboeta serve como motivo para a expressão metafórica do relacionamento político luso-alemão. Numa altura em que a Alemanha ainda não saberia ao certo o que poderia esperar de um "Estado Novo" português - na verdade, nunca o terá sabido ao certo até ao final da Segunda Guerra Mundial, já que a "indefinição"<sup>253</sup> ou ambivalência caracterizou o regime salazarista na sua longevidade única - a "difícil" entrada dos navios KdF na "temida barra" do "imponente porto" de Lisboa é literariamente encenada como penetração heróica em terras estrangeiras por parte dos turistas-marujos:

Lissabon liegt an der Mündung des Tajo, die sich hier zu einem gewaltigen Becken, einem wirklich natürlichen Hafen verbreitet. Sie verengt sich dann nach dem Meere zu wieder und ist fast völlig durch eine gewaltige Sandbank, die sogenannte Barre, versperrt. Da liegt nun im Morgengrauen die gesamte *Kraft durch Freude*-Flotte. (...) Gelbliche Gewitterwolken stehen am Himmel, die Wogen peitschen hoch empor, und Regenschauer auf Regenschauer rasselt hernieder. (...) Die Landschaft macht schon bei ihrem ersten Anblick einen ungewohnten und fremdartigen Eindruck. Allenthalben sind die Feldstecher gezückt und aufs Land gerichtet. Ab und zu huscht ein Sonnenstrahl über Meer und Küste und beleuchtet die fremdartige Schönheit dieses Landes, das mit wachsender Geschwindigkeit vorüberzieht. Die Flotte hat jetzt Kurs auf die Mündung des Tajo zu genommen. (...) Jetzt gehen die Schiffe über die gefürchtete Barre.

<sup>252</sup> *Ide* p. 50 s. deste trabalho.

<sup>253</sup> José Gil, *Salazar: A Retórica da Invisibilidade*, Lisboa, 1995, p. 45.

Steuerbord voraus liegt ein gestrandeter Dampfer, ein Zeichen, daß dies Wasser nicht ungefährlich ist. (...) Jetzt ist die schwierige Einfahrt überwunden.<sup>254</sup>

Ultrapassados os perigos físicos da barra e dissipadas as dúvidas, apenas existentes à distância, sobre a beleza do "país estranho" e o acolhimento de um "povo estranho", os aventureiros e audaciosos excursionistas deparam com a "maravilhosa imagem da paisagem meridional", turisticamente estereotipada, e uma calorosa recepção (militarista) de um - pela sua tradição civilizacional - respeitável "povo em ascensão":

Die Ufer sind nahe, und jede Einzelheit ist sichtbar. Die Hügel sind mit einem prächtigen, unvorstellbar saftigen Grün bewachsen. Weiß leuchten die Häuser, die übereinander an den sanft gewellten Abhängen liegen. Der Strand ist gelb, und weiße Wogenkämme rollen an ihm hinauf. Ein herrliches Bild, das erst dann zur vollen Wirkung kommt, wenn die Sonne hier und dort durchleuchtet und den Eindruck der südlichen Landschaft vollständig macht. Viadukte der Eisenbahn, die am Ufer entlang zieht, überbrücken die Täler, und oben zeigen die Masten einer Funkstation, daß der Pulsschlag der Welt auch hier gefühlt wird. Immer dichter stehen die Häuser und werden zu Dörfern und Stadtteilen, an denen die *Kraft durch Freude*-Flotte vorüberzieht. Diese hat Flaggenschmuck angelegt. Neben dem Banner des Dritten Reiches leuchtet die grünrote Flagge Portugals, und bunte Wimpel spannen sich von Mast zu Mast. Backbord liegen die beiden berühmten Badeorte Cascaes und Estoril. Jetzt sind die ersten Palmen zu sehen. Sie säumen die Straßen und ziehen als Ketten über die Hügel, so daß sich ihre bizarren Formen deutlich vom Himmel abheben. 'Achtung, Backbord zwei portugiesische U-Boote' - meldet der Lautsprecher. Da liegen sie, Blaugrau gestrichen, als Symbol des Wehrwillens eines Volkes, das mit fester Hand von einem Diktator geeint wurde. Sie erwidern den Gruß der *Kraft durch Freude*-Flotte und dippen ihre Flaggen.<sup>255</sup>

O autor prossegue com a representação das suas impressões da chegada à costa de Portugal, habilmente entrelaçando nela elogios ao passado e presente português. Ao estabelecer na descrição da passagem do navio pelo mosteiro de Belém uma explícita analogia entre o "passado heróico" dos povos visitante e visitado, Biallas confere à sua representação uma certa carga sugestiva pela qual terá pretendido produzir junto dos excursionistas, que então se sentiriam momentaneamente como turistas-navegadores, uma desejável identificação com os aventureiros e corajosos actos tanto de um Vasco da Gama como de um ditador moderno, a quem portugueses e alemães deveriam a revitalização da "gloriosa história" de ambos os povos. O seguinte extracto reflecte exemplarmente este modo de funcionalizar a percepção e descrição do *estranho* para fins endoutrinantes na esfera do *próprio*.

Unmittelbar am Ufer liegt das berühmte Kloster Belem. Hier ist die Stätte, an der Vasco da Gama seinen Abschied feierte, als er hinausfuhr in unbekannte Fernen, um den Seeweg nach dem Osten zu finden; eine Heldenfahrt, die zur Umschiffung Afrikas und zur Entdeckung des Kaps der Guten Hoffnung führte. (...) Hier fühlt jeder deutsche Arbeiter den Hauch der großen Vergangenheit des portugiesischen Volkes, das einst die

<sup>254</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 29 s.

<sup>255</sup> Idem, p. 30.

Weltherrschaft zur See innehatte. Auch dieses Volk hat sich wieder aufgerafft, und sein Diktator, der Ministerpräsident General Carmona<sup>256</sup>, ist gewillt, es zu einem Lande der Ordnung zu machen, wie es seiner einzigartigen Tradition entspricht. Und niemand hat für diese Bestrebungen soviel Verständnis wie gerade der deutsche Arbeiter. (...) Er weiß auch die heldische Vergangenheit eines anderen Volkes zu würdigen, denn der Führer hat ihn selbst gelehrt, wieder stolz zu sein auf die glorreiche Geschichte seines deutschen Vaterlandes.<sup>257</sup>

À semelhança de Biallas, que aproveita a aproximação físico-geográfica a um país estranho para uma breve excursão pela história portuguesa e alemã, também Schaffner confere à sua descrição da chegada à costa um significado místico-histórico. Assim, o "maravilhoso" panorama da "magnífica baía portuária" proporcionaria finalmente a vivência do mito meridional, a concretização do secular sonho, da ancestral "paixão do nortenho" pelo "fortemente amado sul", que ao longo dos tempos se manifestaria desde os movimentos migratórios dos Visigodos à actual "vivência real dos Vikings da KdF". No excerto que se segue, o autor demonstra a característica intencionalidade do nazismo de - aparentemente desmitificando - (re)mitificar, neste caso a imagem setentrional do sul, de uma forma pseudo-historicista:

An einer Morgenfrühe, als die Urlauber an Deck kommen, erblicken sie die portugiesische Küste. Das ist den meisten wie ein Traum. Wann in ihrem bisherigen Leben konnten sie auch nur daran denken, daß ihre Augen diesen geheimnisvollen, dunklen Strich mit der weißen, lockenden Linie zwischen Land und Wasser entlang tasten und wandern würden? Portugal - Süden - Palmen - ein Land voll von Wundern und Traumgestalten. Was weiß man eigentlich Genaueres davon? So gut wie nichts. Der Portwein kommt von dort; das ist ungefähr alles. Das übrige ist das Märchen, vor allem ist es der vom Nordländer so heiß geliebte und immer wieder gesuchte Süden. Das hat begonnen mit den Zügen der Westgoten und geht heute weiter in unverminderter Wirklichkeit der Sehnsucht. (...) Seit den Fahrten von KdF bildet sich hier am Westende des Kontinents in aller Stille eine neue Freundschaft heraus, eine Freundschaft von Volk zu Volk ganz unmittelbar auf dem realen Erlebnis der KdF-Wikinger.<sup>258</sup>

Jakob Schaffner continua a sua descrição da paisagem costeira vista à distância, encadeando algumas afirmações ambíguas, em que transparece um certo chauvinismo germânico, sobre o início de uma verdadeira amizade luso-alemã alegadamente proporcionada pelas viagens KdF:

Von der Dankbarkeit des deutschen Arbeiters für die Erschließung des Südens zu seinem Gunsten überträgt sich auch etwas auf das portugiesische Volk, und es scheint gegenseitig zu sein. Zuerst in der Geschichte erschienen die Römer an diesem Strand, dann kamen die Goten und die Normannen, nachher die Araber, ja, und jetzt sind also die Deutschen da. Sie treffen die Küste, geschichtlich gesprochen, in aufsteigendem

<sup>256</sup> Olhando à perfeição organizacional destas viagens, inclusive as táticas de propaganda internacional que lhes era inerente, surpreende este erro crasso na percepção da hierarquia política do Estado Novo. Uma explicação possível seria o facto de Salazar nunca ter dado a face em acontecimentos de intercâmbio do género KdF com a FNAT ou o SPN.

<sup>257</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 30 s.

<sup>258</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 68.

Zustand. Seit einigen Jahren führt in Portugal ein Mann, dessen Name mit Liebe und Ehrfurcht auf allen Lippen ist: Oliveira Salazar, der Premierminister, der langsam aber sicher das Land aus dem Sumpf der letzten Epoche herausleitet. Kein lieberer Anblick kann einem erwachenden Volk begegnen als ein anderes erwachendes Volk! Das ist noch ein Grund zur Freundschaft. Diesen Fahrten können noch sehr tiefe außenpolitische Wirkungen beschieden sein.<sup>259</sup>

Ao entrar na "maravilhosa baía", a bucólica "imagem ideal de um porto" que confere abrigo, segurança e "força vital", o discurso descritivo de Schaffner adquire uma certa aura místico-romântica, quase religiosa, que, já pela exagerada adjectivização, roça o limite do *kitsch*, conforme a seguinte passagem do texto demonstra:

Da baut sich geradeaus das Land hinan aus der lachenden Bucht heraus, zuerst die Stadt, Straßenzug um Straßenzug links und rechts vom Tejo aufwärts, einer über dem andern, dann Welle um Welle beiderseits die Hügel bis zur fern blauenden Sierra, hier Palmen, dort Wälder, hier Türme und Giebel, dort - Gott weiß, was es dort geben wird. Er wird auch wissen, warum dieses Land so inbrünstig die schöne Bucht mit dem Strom umarmt mit allen Inseln und seligen Schlupfwinkeln, mit stillen, wilden Sonderseen und heldischen Brandungen an schwarzen Felsenküsten. Schiffe liegen mitten im Gewässer vor Anker wie Träume. Masten von Seglern spielen melodisch mit den Linien von Ufer und Hügelzügen. Ist diese Landschaft nicht ein einziger Glockenton, so könnte sie einer sein. Langsam mit weiter, sicherer Gebärde nimmt uns der Tejo auf. Hinter uns liegt die Sturmfahrt. Hinter uns liegt der Chorgesang der Riesen. (...) Alles ist nun Offenheit, Stille, Weite, froh erschrockene Tiefe, Lebensgewißheit aus neuen Quellgründen, Abenteuerlust - und ein Appetit auf Leben und Dasein, der sich schon schwer bezwingen läßt.<sup>260</sup>

Depois da frota KdF passar pela Torre de Belém, o "sólido jazigo da ancestral tradição de Portugal"<sup>261</sup>, os navios atracam no cais de Alcântara, a partir de onde irá "derrama(r), em direcção ao interior deste país, a mais recente migração dos povos".<sup>262</sup> Enquanto que o misticista e neo-romântico Jakob Schaffner não parece demonstrar interesse pela zona portuária da "Alcântara operária dos anos trinta"<sup>263</sup>, alegando que a "chuva pesada não permitia senão fechar os cortinados" dos "carros abertos do eléctrico"<sup>264</sup> especificamente fretados para os excursionistas da KdF, Biallas aproveita uma breve descrição panorâmica do porto de Lisboa, onde numa imagem composta por elementos anacrónicos se confundem "as negras silhuetas da frota de guerra portuguesa, navios mercantis a vapor, lanchas e barcos com velas de tons vermelho-acastanhados"<sup>265</sup>, para na sua representação se aproximar da cidade de Lisboa que, "elevada sobre o porto", já à distância "revela

<sup>259</sup> *Ibidem*, p. 68 s.

<sup>260</sup> *Idem*, p. 69 s.

<sup>261</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 31.

<sup>262</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 70.

<sup>263</sup> Cláudia Leitão, *op. cit.*, p. 24.

<sup>264</sup> *Ibidem*.

<sup>265</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 31.

o seu carácter meridional"<sup>266</sup>. O esquema pré-formativo a que corresponderia uma "cidade do sul" compõe-se, tanto no relato de Schaffner como no de Biallas, basicamente dos seguintes estereótipos: "telhados rasos"; sacadas e varandas ladeadas por gradeamentos de "ornamentos grotescos", cujo "último grito é", para o irónico Schaffner, "o *Jugendstil*"; muitas estátuas, torres e cúpulas de igrejas e palácios; o mito das sete colinas sobre as quais, tal como Roma, Lisboa fora construída; a "paixão pela tauromaquia", que em Portugal "decorre de modo pouco perigoso", e a respectiva "praça de touros aberta, construída à maneira do anfiteatro romano"; o acentuado "multicolorismo, que só o sol meridional consegue produzir" - *Farbenpracht* é um *Leitmotiv* em todos os relatos estudados - proporcionado pela riqueza da flora que por sua vez se expressa verbalmente em *clichés*, tais como a onnipresença mítica de palmeiras - uma outra constante tópica destes textos -, de pinheiros e ciprestes, de glicínias e rosas; enfim, "todo o vale do Tejo é um berço de jardins em flor. (...) um oásis de palmeiras."<sup>267</sup>

Estas descrições panorâmicas de Lisboa a partir da "posição elevada" do navio KdF, que tanto se enquadram nos modelos de percepção do género *tableau* dos séculos XVIII e XIX como já se aproximam do estilo estereotipado das brochuras de turismo modernas, adquirem a sua especificidade no momento em que, no mesmo fôlego da representação literária de uma paisagem estranha e bucólica, se introduz premeditadamente elementos políticos, por exemplo, simbolizados pelo edifício da legação alemã e duas "gigantes bandeiras com a cruz suástica" que "ondulam" lá no alto "sobre a cidade". O seguinte excerto atesta, de forma paradigmática, a característica ideologização da percepção e descrição paisagísticas na "literatura de viagens KdF".

Noch dauert es eine Zeitlang, bis die Formalitäten erfüllt sind und bis die Landungsstege bereit liegen. Die Urlauber haben Zeit genug, vom hohen Bord der Schiffe aus, von wo sich ein guter Überblick bietet, die fremde Welt zu betrachten. Zwischen den Kranen und Lagerhäusschen auf den Hafenanlagen stehen Palmen. Überall wachsen Pinien, Zypressen und blühende Gärten mit einer Farbenpracht, wie sie nur die südliche Sonne hervorbringen kann. Hoch oben über der Stadt erhebt sich das Gebäude der Deutschen Gesandtschaft. Zwei riesige Hakenkreuzfahnen wehen darüber.<sup>268</sup>

Enquanto que Biallas introduz - de forma estilisticamente simplista, senão brusca - a "elevada" presença físico-geográfica e política da Alemanha em Portugal numa perspectiva de baixo para cima, ou seja, do e para o prisma do pequeno turista-trabalhador impressionado com a imponente e superioridade do edifício representativo do nacional-socialismo, Schaffner, invertendo a perspectiva, prefere

<sup>266</sup> *Ibidem*.

<sup>267</sup> *Vide* Schaffner, pp. 70-71 e Biallas, pp. 33-34.

<sup>268</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 32

evocar a legação alemã pela supravisão paisagística e política que esta permitiria. Comparando as "visões" proporcionadas por dois dos pontos mais altos da cidade, a Igreja do Carmo - esse "monumento comemorativo do tremor de terra e da decadência histórica" da antiga "hegemonia mundial portuguesa" que, "sob os raios do sol meridional", se "afundara como uma miragem" - e o edifício da legação, o autor, ao projectar simbolicamente o panorãma da paisagem para a esfera da política internacional, profetiza, no seu místico discurso paradigmático dos autores de literatura *völkisch-national*, um futuro de "lutas missionárias", a travar simultaneamente contra o Leste (comunista) e o Ocidente (democrático), das quais a "nova Alemanha" iria de certo sair vencedora.

Von der Terrasse über der hohen Zyklopenmauer (des Unterbaus der Carmokirche) hast du einen großen, prophetischen Blick über Stadt, Hafen, Tal und Meer, aber was er prophezeit, das weiß auch Salazar nicht, der heute lebende vielverehrte Reformator dieses Landes. Anders bietet sich der Blick, den die Deutsche Gesandtschaft von ihrer Höhe auf die inzwischen aufgefahrenen drei Schiffe von viere der heimatlichen Urlauberflotte hat und auf die leise Feuerspur der Geschichte, die sie aus dem Norden nach sich ziehen. Gleich unserer See in den letzten Tagen, so wallt und wogt ja das politische Meer Europas und der Geisterwelt über den alten Völkern seit der Friedensrede Adolf Hitlers. Wer dafür die Augen hätte, der könnte es kämpfen und schlagen sehen in der Luft, wie der Sage zufolge während der großen Schlacht über dem Lechfeld. Damals galt es dem Ostverhängnis, diesmal ist ein Versuch gemacht, des Westverhängnisses durch das Friedenswort Herr zu werden. Ein neues Ostverhängnis steigt ohnehin mit jeder Woche höher am Horizont herauf - dort weit hinter der lebendigen Zackenlinie der Sierra und noch über mehrere große Länder hinweg. (...) Die Gefahr brennt auch im Nachbarland Spanien, wo Klöster in Flammen aufgehen und die Scharen Stalins von Haus zu Haus ziehen, um bürgerliche Wohnungen zu demolieren. Das und noch vieles andere ist der Blick aus den Fenstern der Deutschen Gesandtschaft, in deren Garten Palmen im Seewind des Atlantischen Ozeans wehen, und auf deren Dach in zündendem hellen Rot mit der weißen Sonnenscheibe und dem Hakenkreuz die Fahne des Dritten Reiches unbedroht ins Weite wehen darf. Die Portugiesen sind nicht sehr gut auf die Spanier zu sprechen. Den bolchewistischen Kulturbankrott wollen sie ihnen nicht nachahmen. Unter einer Dattelpalme steht (der Arbeitertourist) Heinrich Hummel und ist sehr stolz: immerhin eine deutsche Dattelpalme.<sup>269</sup>

Um outro elemento não paisagístico, que em muitos dos textos analisados é quase que "organicamente" entrelaçado na descrição da costa e cidade lisboeta, é a colónia alemã. Se em *Volk zu Schiff* os *Auslandsdeutsche* só merecem menção no âmbito da representação das festas a bordo dos navios KdF, talvez por Schaffner enquanto suíço não valorizar tanto o encontro com pessoas que afinal não eram seus conterrâneos, dando provavelmente mais importância à vertente "internacionalizante" do nazismo, já na maioria dos outros textos analisados a presença junto aos cais de muitos dos então cerca de 900 alemães residentes em Lisboa constitui um aspecto bastante focado do panorama geral à entrada na "cidade estranha". Por exemplo, num breve texto da antologia organizada por

<sup>269</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 73 s.

Paust, a paisagem portuária parece, numa perfeita encenação, fundir-se por completo com a "paisagem humana" composta por diversas raças em que a alemã, os viajantes da KdF e os compatriotas lisboetas, "dominam a imagem":

Backbord (...) dehnt sich ein zartgrünes Land mit tausend Puppenhäusschen darin - Lissabon! Pforte des Kontinents nach dem schwarzen Erdteil, bunte Hafenstadt mit lachendem und mit weinendem Gesicht, Mosaik der Rassen und Völker, wie alle Hafenstädte der Welt! Drei mächtige Dampfer beherrschen das Hafenbild, und von jedes Dampfers Heck weht die Flagge des deutschen Reiches: die Flotte der Deutschen Arbeitsfront. Am Pier stehen Auslandsdeutsche. (...) Wir stehn wie regungslos und senden den deutschen Gruß zum Land hinüber, während die portugiesische Nationalhymne vom Achterdeck hertönt. Und gleich hintendrein braust das Lied der Deutschen und das Lied der Bewegung zum leuchtenden Himmel dieses fremden Landes empor, und die Soldaten und die Beamten und die Zivilisten am Kai grüßen unsere Flagge und unser Volk. (...) Die Tücher flattern im Winde, und die Kapellen schicken Grüße hinüber und herüber. Auf der Kommandobrücke steht unsere pommerische Spielschar und läßt die Fanfaren und die Landsknechtstrommeln tönen. Wie grüßen euch, Kameraden der Arbeit! Wir grüßen dich, gastfreundliches und wohl gesonnenes Volk!<sup>270</sup>

E também Biallas integra a colónia alemã na descrição das suas primeiras impressões acerca da paisagem lisboeta. Assim, imediatamente a seguir à sua representação de Lisboa vista à distância como cidade de "carácter inconfundivelmente meridional", de "cunho muito próprio", o autor encadeia, logo num dos primeiros momentos do contacto com o estrangeiro, um elemento pátrio:

Die Einfahrt nach Lissabon kommt in Sicht. Segelboote von ungewohnter Form kommen entgegen - hier sogar ein kleiner Kutter mit großer Hakenkreuzfahne, die grüßend im Winde knattert. Das sind Deutsche, Volksgenossen von der Deutschen Kolonie in Lissabon, die es sich nicht nehmen lassen, den deutschen Arbeitern weit hinaus entgegen zu fahren. Sie winken und jubeln, und von den Schiffen grüßen frohe Menschen jauchzend zurück.<sup>271</sup> (...) Am Hafen entlang zieht sich eine lange Kaimauer. (...) Eine Menge Menschen erwartet dort die Urlauber. Es sind die Mitglieder der Deutschen Kolonie, die vollzählig hier schon seit dem frühesten Morgen versammelt sind. Sie schwenken Tücher und empfangen die Sendboten der Heimat, die deutschen Arbeiterurlauber, mit begeisterten Zurufen. Hier nähert sich für sie, die in der Welt auf dem Vorposten des Deutschtums stehen, ein Stück Heimat.<sup>272</sup>

Finalmente chegava a hora do desembarque, o momento de conhecer *in loco* um país e povos estranhos. E, apesar de nos relatos de viagem KdF se pressupor demagogicamente uma atitude de abertura, de moldabilidade, por parte dos viajantes em relação ao estrangeiro e às impressões que uma viagem proporcionaria, paradoxalmente não se hesita em - pelo sim, pelo não - delimitar, mais uma vez e precisamente no último momento antes do contacto concreto com o novo, o esquema, a visão patriótica, que deveria pré-formar essas "impressões". Não fosse,

<sup>270</sup> Mario Heil de Brentani, "Wir von der Oceana", in Otto Paust, *op. cit.*, p. 48 s.

<sup>271</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 29.

<sup>272</sup> Idem, p. 31.

pois, a tomada de consciência do relativismo cultural pela percepção do estranho produzir efeitos indesejáveis para os propósitos nacionalistas inegavelmente subjacentes a estas "viagens de conversão" ao nacional-socialismo.

Die Stege werden freigegeben, und die deutschen Arbeiter gehen an Land, um - wohl zumeist zum erstenmal in ihrem Leben - ein fremdes Land als Touristen und Gäste kennenzulernen. Voll Erwartung betreten sie den Boden Portugals, erfüllt von dem Erlebnis ihrer Reise und bereit, alle neuen Eindrücke auf sich wirken zu lassen. Stolz fühlen sie sich als Vertreter des neuen, geeinten und starken Deutschlands.<sup>273</sup>

Nas "reportagens de viagem" publicadas no órgão da KdF, a *Arbeitertum*, a inculcação de uma "atitude correcta", de um desejado modelo perceptual, junto do trabalhador alemão no estrangeiro adquire uma ainda maior relevância. Poder-se-ia mesmo afirmar que neste género de textos de indole publicístico-propagandístico o discurso consciencializante dirigido aos muitos milhões que esperavam poder vir a experienciar as viagens marítimas da KdF ocupa o mesmo ou mais espaço do que as descrições da viagem e dos países visitados em si. Um breve excerto de uma dessas "reportagens" reflecte exemplarmente a insistência discursiva sobre o desejado "doseamento perceptual" na vivência de um país estranho, sobre a forma de apresentação e percepção, sobre o esquema a que o trabalhador alemão deveria corresponder em terras estrangeiras e a quem o deveria agradecer:

Im ganzen Schiff werden Pläne geschmiedet. Pläne, die den Landgang in Lissabon betreffen. Es ist das erstemal, daß die Urlauber fremdländischen Boden betreten. Freudige Erwartung liegt nun über der ganzen Gemeinschaft. Ein fremdes Land kennenzulernen, in das Leben eines fremden Volkes Einblick zu gewinnen, ist ein großes Erlebnis. Eines aber steht für jeden Urlaubskameraden fest: er weiß, daß er auf fremder Erde Repräsentant seiner Heimat und seines Volkes ist. Er ist sich auch bewußt, daß ihm damit ein Vertrauen entgegengebracht wird, das er nicht zuschanden machen darf. Er ist stolz darauf, das er als deutscher Arbeiter draußen in der Welt auftreten kann. Diese Erkenntnisse werden für sein Auftreten bestimmend sein. Dies ist sein Dank an den Mann, der dem deutschen Volke sein Ansehen und seine Machtstellung in der Welt wiedergegeben hat: Adolf Hitler.<sup>274</sup>

E quais seriam as "microvisões" de Lisboa representadas no conjunto de textos em análise? Como é que os relatores, desde "escritores da velha guarda", como Schaffner, passando por repórteres e escritores pseudo-poetas do género Biallas ou Paust, por "relatores de viagens" (*Reiseberichterstatter*) profissionais que escreviam para a imprensa de massas nazificada, até aos informadores dos Serviços Secretos nazi, os "homens de confiança (do regime) para as viagens", viram e descreveram a "cidade estranha" propriamente dita? O que desde já se pode

<sup>273</sup> *Ibidem*.

<sup>274</sup> "Wir stechen in See. Urlaubstage auf dem KdF-Flaggschiff", in *Arbeitertum*, ano 8, 15.05.1938, p. 12.



adiantar é que, apesar de ser possível detectar em todo o conjunto das categorias tipológicas estudadas<sup>275</sup> uma latente uniformidade tópica/motivística pré-formada pelos diversos ideogramas da *Weltanschauung* nazi, as representações da cidade de Lisboa apresentam uma certa diversidade tanto do ponto de vista estilístico como do da perspectiva perceptual e descritiva. Por um lado, como facilmente se pode imaginar, entre os registos de autores místicos/neo-românticos (Schaffner), ou seja, *völkisch-national*, e escritores do movimento nazi propriamente ditos (Biallas, Paust), estes últimos obviamente menos elitistas, mais populistas, há diferenças a detectar. Por outro lado, também entre estes e a discursividade iminentemente publicístico-propagandística dos *Reiseberichterstatter* podem ser reconhecidos determinados aspectos distintivos, para já não falarmos das óbvias características discursivas que separam o género de textos destinados a um grande público e aqueles secretamente redigidos para uma diminuta faixa de leitores, para uma elite dirigente do regime. Para além das grandes e evidentes diferenças a nível estilístico, de cuja valorização gradualista aqui abdicamos, pelas razões que ao longo deste trabalho têm vindo a ser evocadas, um outro aspecto nos parece merecedor de uma análise mais detalhada: a perspectiva, ou melhor, a diversidade de focalização nas representações descritíveis da cidade de Lisboa. Com outras palavras, o que é que os autores vêem, ou querem/podem perceber, na capital portuguesa? Genericamente, poder-se-á estabelecer quatro focos perspectivais, correspondendo estes respectivamente a cada um dos referidos "géneros" tipológicos. O mais elitista Jakob Schaffner confere à "alta cultura" portuguesa, nomeadamente à arquitectura, um grande espaço descritivo. Biallas, num estilo mais populista com que visa as massas, foca os lugares comuns, os *chlichés* turísticos constitutivos do "mito meridional", dando uma imagem folclórica, por vezes retrógrada, da cidade. As "reportagens" na *Arbeitertum*, podendo contar com o apoio imagético das fotografias, que, afinal, assim se costuma afirmar (erroneamente?) na era da imagem, "falam por mil palavras", quedam-se, ainda mais do que no relato de Biallas, pelos estereótipos do sul e sol, conferindo mais importância à representação verbal do "saudável ambiente de camaradagem entre a comunidade de bordo". Os "informadores secretos", por sua vez, preferem focalizar os aspectos sócio-políticos da vida quotidiana nas ruas da cidade. O estranho, mais concretamente a cidade estrangeira, assume nestes relatórios a clara função comparativística entre os estados sociais e políticos na Alemanha nacional-socialista e no Portugal indubitavelmente menos desenvolvido, vertendo o resultado da comparação, como é óbvio, a favor do regime alemão, devendo dessa

---

<sup>275</sup> Veja-se o capítulo III do presente trabalho.

forma contribuir para aumentar e solidificar o desejado chauvinismo nacionalista. A seguinte passagem de um *Spitzelbericht* atesta-o exemplarmente.

Die Urlauber sahen nicht nur die wunderbaren Naturschönheiten, sondern erhielten auch ein Bild von den zum Teil noch sehr schlechten sozialen Verhältnissen und dem Leben und Treiben ganz allgemein. Gerade das letztere wird für besonders wertvoll erachtet, da die Arbeiter hier in einem fremden Land ermessen konnten, was Deutschland in sozialpolitischer Hinsicht bereits erreicht hat. Am vorletzten Tag der Fahrt hielt der Kapitän in einem Schlußappell eine Rede an die Urlauber, in der er zum Schluß kam, daß trotz der gewaltigen Naturschönheiten und trotz der vielen neuen Eindrücke nichts über Deutschland geht.<sup>276</sup>

Já que este último tipo de relato de viagem se ocupa mais de aspectos políticos e sociais, das condições de vida dos portugueses - a que adiante dedicaremos um pequeno capítulo e em que voltaremos com maior pormenor aos *Spitzelberichte* - do que da paisagem urbana de Lisboa propriamente dita, detenhamo-nos um pouco nos textos de Schaffner e Biallas assim como em alguns excertos da antologia de Paust. Se é verdade que "nos textos é visível o desprezo pela cultura elevada"<sup>277</sup>, pelo menos no que diz respeito à grande maioria dos relatos analisados, já no que concerne o livro *Volk zu Schiff* ter-se-á de relativizar esta afirmação de Martina Emonts. Independentemente do que se queira definir por "cultura elevada", pensamos ser indiscutível inserir-se nesta "categoria" a arquitectura, os monumentos lisboetas, a que sobretudo Jakob Schaffner dedica minuciosas descrições. Discutível será - isso sim - a perspectiva, o olhar com que o autor em questão o contempla. Trata-se, pois, de uma "percepção estética" - se é que ainda faz sentido utilizar este conceito quando a estética deixa de ser autónoma - nitidamente ideologizada, senão mesmo funcionalmente politizada. Ao contrário da pouco diferenciada visão estética no que diz respeito à arquitectura lisboeta em *Der Sonne entgegen*, o que se traduz numa forma discursiva muito próxima da do tradicional guia turístico, Schaffner aproxima-se dos monumentos da cidade com um olhar de conhecedor de arte, sob um prisma aparentemente historicista e culto. Enquanto que Biallas procede a uma representação simplista que não estravaza os lugares comuns, em *Volk zu Schiff* a mera contemplação dos monumentos parece despertar os vastos conhecimentos artístico-enciclopédicos, históricos e políticos de Schaffner que ele canaliza, ou melhor manipula, nas suas descrições comentadas para os desejados fins ideológicos. Para ilustrar esta asserção tética *in concreto*, ou seja, nos próprios textos, bastará elegermos paradigmaticamente um objecto contemplativo comum aos diversos relatos de viagem em estudo - por exemplo, o Mosteiro dos Jerónimos - e analisarmos suas respectivas representações.

<sup>276</sup> *Überrwachung von Reisen ins Ausland*, R 58/950, p. 155.

<sup>277</sup> Martina Emonts, *op. cit.*

Surpreendente é o facto de em todo o conjunto dos cerca de quarenta textos que compõem a antologia *KdF. Das große Urlauberschiff* não se encontrar qualquer menção concreta a este *ex libris* lisboeta. A única e apenas tangencial referência resume-se neste livro a uma frase lapidar, em que se faz uma alusão subtil, aparentemente desmitificadora, à tradicional e forte presença do clero na sociedade portuguesa. O escritor-viajante setentrional não vê a secular "lenda negra" confirmada. Sem que no texto se teça mais alguma consideração acerca deste elemento constitutivo do histórico esquema meridional na mente do "homem do norte", arriscaríamos interpretar a seguinte breve afirmação de Max Barthel como uma tentativa de expressar o desejo visionário nacional-socialista de considerar o "novo Portugal" - afinal, um "país amigo" - como estando no caminho certo para o paganismo nazi-fascista.

Es gab viel zu sehen: Berühmte Klöster und Kirchen, aber keinen Mönch und keine Nonne auf der Straße.<sup>278</sup>

No texto de Biallas sempre se confere algumas frases ao "mosteiro de Belém", cujo conteúdo, no entanto, é pouco informativo, trantando-se antes de fórmulas esvaziadas, de estereótipos verbais de índole turística, que de uma descrição arquitectónica propriamente dita. Sobre este edifício, a última estação do circuito lisboeta efectuado pelos excursionistas da KdF, o autor diz no seu relato:

Zuletzt geht die Rundfahrt noch zum Kloster Belem. Die Arbeitskameraden finden hier ein typisch portugiesisches Bauwerk, das in maurisch-gotischem Stile gebaut ist. Ebenso aber finden sich Anklänge an die Renaissance. Der Eindruck ist überwältigend. Der Kreuzgang ist ein architektonisches Wunderwerk. Seine reiche Verschnörkelung zeugt von hervorragendem handwerklichen und künstlerischen Können. Auch die Klosterkirche selbst ist von Meisterhand geschaffen, und hier ist auch die Ruhestätte der portugiesischen Könige, Vasco da Gamas, des kühnen Seefahrers, und des berühmten portugiesischen Nationaldichters Camoes.<sup>279</sup>

Parecendo pouco interessado e/ou fraco conhecedor da arte arquitectónica - o que, por exemplo, se reflecte na sua designação da ornamentária manuelina como "floreado rico" - o autor conclui a sua curta descrição dos Jerónimos com uma referência "paternalista" aos "bem-educados", o que na óptica fascista significaria "disciplinados", órfãos que habitavam o mosteiro e com quem alegadamente os turistas alemães não tiveram dificuldade em estabelecer um contacto amistoso. Não seria, pois, pelo menos no discurso nacional-socialista, o objectivo destas viagens mais de índole "humanista" do que propriamente cultural? Afinal, não deveriam estas excursões contribuir para a aproximação, para o convívio e a camaradagem,

<sup>278</sup> Max Barthel: "Kleine Bilder von einer großen Fahrt", in Otto Paust (org.), *KdF. Das große Urlauberschiff*, pp. 62-71. aqui: p. 68.

<sup>279</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 38.

para o contacto humano entre os povos? Biallas não se esquece dessa (demagógica) "missão da comunidade dos turistas KdF", tratando de entrelaçar essa mensagem nas suas impressões acerca do mosteiro dos Jerónimos.

Die jetzigen Bewohner des Klosters Belem sind die Zöglinge eines Waisenhauses. Schüchterne, bei näherer Bekanntschaft aber liebenswürdige und gut erzogene schwarzäugige Knaben, die mit den deutschen Arbeitern schnell Freundschaft schließen.<sup>280</sup>

Curiosamente - ou talvez não - também Jakob Schaffner menciona, mas apenas de relance, na sua descrição bastante detalhada do mosteiro o encontro dos turistas com os órfãos da Casa Pia que "desfilavam" no claustro dos Jerónimos. No entanto, na perspectiva deste autor, ao contrário do exagero de Biallas, o contacto obviamente dificultado pelos diferentes códigos de comunicação não teria resultado de imediato em amizade mas apenas em simpatia mútua expressa por risotas de ambos os lados, o que por si só seria suficiente para o entendimento mútuo.

Im wunderbaren Kreuzgang versuchen eine Anzahl unsrer Urlauber mit aufmarschierten Waisenhauuszöglingen sich zu verständigen. Es kommt nichts dabei heraus als Gelächter von beiden Seiten, und damit versteht man sich sogar sehr gut.<sup>281</sup>

Com esta breve referência à margem da descrição do mosteiro, aparentemente de significância diminuta, o autor consegue transmitir, de modo muito hábil, um dos difusos ideologemas do ideário nazi: a "*alegria vital*" como essência da comunicação interhumana, como cimento da *Volksgemeinschaft*. O riso, as caras alegres dos turistas KdF, conforme já aqui foi dito, não é por acaso um dos *Leitmotive* dos relatos em análise. Trata-se de um exemplo apenas da contribuição retórica por parte da "literatura de viagens KdF" para a aura festiva, a "narcose de festividade"<sup>282</sup> a que a Alemenha foi submetida durante o *Terceiro Reich*. Mas voltemos à diferenciada "visão estética", à percepção e descrição arquitectónica do edifício dos Jerónimos de cuja história Schaffner parece bastante bom conhecedor. Impressionando seus leitores com dados detalhados acerca das diversas fases de construção e com datas concretas da história de Portugal, nomeadamente, "a noite de 7 para 8 de Julho de 1497 em que o navegador português Vasco da Gama rezara com os seus, (antes) de partir, festivamente despedido pelo rei Manoel, com três navios para as Índias Orientais"<sup>283</sup>, o autor não abdica de fornecer ao público da sua obra, "ao povo (alemão) que na sua maioria aqui [no mosteiro] vê pela

<sup>280</sup> *Ibidem*.

<sup>281</sup> Jakob Schaffner. *op. cit.*, p. 76.

<sup>282</sup> Konrad Ehlich. *op. cit.*, p. 20.

<sup>283</sup> Jakob Schaffner. *op. cit.*, p. 74 s.



primeiríssima vez um estilo sublime"<sup>284</sup>, uma explicação artística da ornamentária manuelina:

Manoel hat zwanzig Jahre an dem Kloster gebaut, ohne die Vollendung zu erleben, nicht einmal die geschlossenen Gewölbe der Kirche hat er gesehen. Er hat auch nicht die volle Ausbildung des sogenannten manuelischen Stiles erlebt, durch den dieser Klosterbau so merkwürdig und eigenartig ist. Der manuelische Stil ist eine Mischung von Gotik mit Renaissance, durchschossen von eigenwilligen und naiven Naturalismen wie Früchtegirlanden und dergleichen.<sup>285</sup>

Apesar de Schaffner sublinhar a unicidade e originalidade do "estilo manuelino (...) reconhecível, onde quer que seja, à primeira vista" não resiste à tentação de estabelecer na sua descrição do mosteiro analogias com a arquitectura germânica. O seu olhar de perito descobre no interior da igreja elementos nórdicos.

Auf verblüffend leichten, hohen, scharfgekanteten Säulen schwebt streng nordisches und sehr schönes steinernes Netzgewölbe.<sup>286</sup>

Perante o que ao longo deste trabalho se tem vindo a demonstrar, já não surpreenderá o facto de nesta representação verbal da arquitectura do Mosteiro dos Jerónimos se poder detectar a utilização maciça de um vocabulário nitidamente imbuido das vicissitudes lexicais da *Lingua Tertii Imperii*. A compacta sucessão, em apenas meia página<sup>287</sup>, de expressões tais como "material *orgânico*", "altamente *monumental*", "a cantante e *sorridente vida interior* desta casa de Deus", "a *ameaçadora e estremecedora profundidade* do coro" ou "a *vontade* sábia que aqui construiu" reflecte-o paradigmaticamente. Inesperada, isso sim, é porém a abstrusa ligação analógico que Schaffner estabelece entre o edifício e a respectiva ordem monástica dos Jerónimos e a medieval fortaleza *Marienburg* na Prússia oriental. Ambos vocacionados para missões a Leste - e Schaffner não parece querer distinguir entre a Europa oriental e o Extremo Oriente - teriam constituído os berços de "grandeza e glória" para os Impérios alemão e português. A vontade colonizadora, que na versão nacional-socialista se traduz no ideograma do *Lebensraum*, da aquisição de "espaço vital" em terras de povos eslavos, inferiores, de *Untermenschen*, aparece na descrição, ou antes, visão mística deste autor como ideia comum a estes dois povos, como laço de unidade histórica entre a colonização do Leste europeu pela ordem de cavaleiros alemã, a *Orden der Deutschritter*, durante a Idade Média e as viagens de descobrimentos por parte de Portugal no alvoroço da Era Moderna, enfim, como a divina missão mundial de

<sup>284</sup> *Ibidem*.

<sup>285</sup> *Ibidem*.

<sup>286</sup> *Ibidem*.

<sup>287</sup> *Idem*, p. 76.

alemães e portugueses. Já pelo seu inimaginável tom místico-patético, reflexo máximo do irracionalismo da *Weltanschauung* nazi, do rompimento com a tradição humanista e iluminista preconizado pelo *movimento* nacional-socialista, a passagem textual em questão merece ser aqui transcrita na função de exemplo paradigmático da demagogia universalista detectável no livro de Schaffner:

Ich denke ehrfurchtsvoll grüßend an die hohe Marienburg im fernen Ostpreußen. Nein, ich bin nicht untreu geworden: hier kann eine nordische Seele ja nicht wurzeln. Es sind nur die verwandten Umstände. Hier bei den Mönchen des Hieronymos wie dort bei den Deutschrittern ist aus einer Zweckmäßigkeit eine Klösterlichkeit geworden. An beiden Plätzen ist aus einem Dienst - Betreuung der nationalen Schifffahrt und Kultivierung des Ostens - Größe und Ruhm entstanden. Mehr brauchen wir nicht zu erfahren. Dieser Platz hat uns sein letztes Wort gesprochen. Wer mit dem Herzen hört, erfährt immer und überall das sonst Unerhörte, für das ein weltlicher Sinn kein Organ hat. Das Kloster ist ein großer Prediger in allen Sprachen.<sup>288</sup>

Enquanto que a vontade expansiva e colonizadora constitui na perspectiva de Schaffner um histórico elo unificador entre alemães e portugueses, outros fenómenos, porém, os separariam. Descrevendo um outro *ex libris* lisboeta, o Cemitério dos Prazeres, este e outros autores dos relatos de viagens em análise estabelecem uma relação contrastiva entre as diferentes formas do culto da morte setentrional e meridional. Ao contrário do que seria de esperar perante a seriedade do tópico da morte, o ao longo do seu texto predominantemente místico discurso de Schaffner cede nesta passagem sobre o "cemitério de mármore" a um tom de ironia, senão mesmo de escárnio chauvinista, em relação às sepulturas do "homem do Sul". Deixando transparecer na sua representação do cemitério a típica aversão fascista à cultura urbana, à civilização das grandes cidades, ou seja, submetendo a sua percepção ao esquema, à visão mística do *Blut und Boden*, do "sangue e solo", o autor compara os jazigos a "prédios da morte" com "pisos e compartimentos" semelhantes às casas das grandes cidades em que os alemães, e nesse aspecto os turistas estariam "unânicos". "não gostariam de estar mortos".

Einige von uns haben noch (...) den Marmorfriedhof besucht, dessen weiße Gräberstadt den Seefahrer schon von weitem grüßt: er ist sogar eine Art von Wahrzeichen Lissabons. So beiläufig und nebensächlich der Südländer lebt, und so belanglos seine Wohnung bei Lebzeiten ist, so prächtig und pompös muß seine Ruhestätte sein. Da tut es nicht gern einer unter einem Marmorgrab, und wenn er kein eigenes haben kann, so läßt er sich in eine Art von Mietshaus des Todes hineinschieben, das Etagen und Abteilungen hat wie die Häuser einer Großstadt. Da liegt er dann eng und zur Miete, in einem Safe der Ewigkeit sozusagen, und wenn ihm die Heimstatt nicht vorher wegen Baufälligkeit zusammenbricht, so ist er bei der Auferstehung um so schneller bei der Hand. Unsre Leute sind sich darin einig, daß sie hier nicht tot sein möchten. Der Friedhof nimmt einen ganzen ausgedehnten Teil des Berges ein und ist eine Stadt für sich.<sup>289</sup>

<sup>288</sup> Idem, p. 77.

<sup>289</sup> Ibidem.

Espantoso e que Schaffner, quase como se apercebendo da ofensa ao "pais amigo" que a supracitada passagem comportaria, tenta de imediato atenuar a sua atitude chauvinista já no parágrafo seguinte. Aproveitando o tema da morte para referir a alta taxa de mortalidade portuguesa, cuja causa principal seria a tuberculose e que "o novo governo" tentaria combater "com esforços heróicos", o autor insere no seu texto elogios endeusantes à pessoa de Salazar, ao "homem genial". O culto do líder, do *Führer*, e o "socialismo nacional", afinal, "a força mágica dos povos em ascensão", pelo qual também os portugueses estariam a enveredar, seriam, portanto, mais um elemento comum aos povos visitado e visitante. As afinidades entre os dois países parecem, assim, sobrepor-se às ligeiras divergências, como, por exemplo, a diferente forma de se sepultar os mortos. E, é assim que o autor consegue, mais uma vez, retoricamente solucionar o aqui já referido dilema interno do fascismo, o nacionalismo exacerbado enquanto elemento básico e constitutivo desta difusa ideologia. Num outro breve texto sobre Lisboa, inserido na referida antologia de Paust, também Max Barthel confere uma passagem de meia página à representação do "grandioso cemitério sobre o qual chamejam as negras labaredas dos ciprestes". Peremptório no reconhecimento da unicidade e estranheza do culto da morte por parte dos povos latinos, o autor descreve o cemitério com as seguintes palavras:

Die lateinischen Völker betreiben einen besonderen Totenkult. Der Friedhof in Lissabon zeigt Gräberstraßen aus Marmor. Manche Gräber tragen als Sinnbild eine kleine Pyramide, die auf vier Löwenfüßen steht, die meisten Gräber aber sind rechteckige Marmorkammern mit Gardinen vor den Fenstern, durch die man die übereinandergestapelten Särge sehen kann. Ein Professor hat von seinen Angehörigen als letzte Ruhestätte ein richtiges kleines Haus mit Fenstern, Treppen, Erkern und Verzierungen bekommen. Dort leuchtet neben einer Marmorkammer in wunderbarem Weiß die schmerzgebeugte Gestalt einer nackten Frau. Rosen blühen um ihre Hüften. Von den uns fremden, feierlichen Gräberstraßen geht der Blick über die Vorstadt hinunter zum Hafen und zum anderen Ufer des Tago, das sonderbar verworfene Hügel abschließen.<sup>290</sup>

Biallas, por sua vez, ao nem sequer mencionar o Cemitério dos Prazeres, facto estranho já que a localização elevada teria, por assim dizer, de saltar à vista na aproximação a Lisboa rio acima<sup>291</sup>, contorna a temática da morte, algo que, afinal, não se coadunaria com o ambiente alegre e bucólico, com um mundo de faz de conta, com a ficção da "alegria vital" encenada durante uma viagem turística. Assim, também não surpreende que nas "reportagens de viagem" publicadas na *Arbeitertum* não haja lugar para este *ex libris* de interesse arquitectónico e

<sup>290</sup> Max Barthel, *op. cit.*, in Otto Paust, *op. cit.*, p. 68.

<sup>291</sup> O Cemitério dos Prazeres também nos três filmes referidos sobre as viagens KdF a Lisboa e a Madeira merece uma focalização por parte dos realizadores, resultando, aliás, num belo efeito imagético.



antropológico que muitos dos excursionistas da KdF terão visitado *in loco*. Nos relatórios dos informadores não encontramos quaisquer referências ao cemitério.

Mas, continuemos com o roteiro dos turistas-trabalhores no seu *sightseeing* por Lisboa, quer acompanhados por compatriotas da colónia alemã quer "por conta própria", quer em eléctricos fretados pela KdF quer em táxis alugados por grupos de quatro ou cinco excursionistas, conforme em muitos dos textos se afirma, inclusive nos *Spitzelberichte*. Se em *Volk zu Schiff* os monumentos do *passado* ocupam praticamente todo o espaço descritivo, já em *Der Sonne entgegen* são as impressões do *presente* nas ruas da capital que predominam. Liberto da perspectiva (pseudo-)historicista, a partir da qual Schaffner descreve a cidade, o jornalista Biallas projecta uma imagem menos esteticista e elitista, mais folclórica, mais populista da capital portuguesa. Assim, nesta espécie de novela de viagem as paisagens urbanas raramente são contempladas e representadas sem a inclusão de uma presença humana, quer se trate de portugueses quer dos próprios turistas. Sem querermos para já tratar da representação da "vida lisboeta" e dos portugueses que Biallas entrelaça nas suas descrições de Lisboa - pois, noutro capítulo procederemos a uma análise mais aprofundada deste tema -, detenhamo-nos ainda um pouco nas suas considerações sobre alguns aspectos arquitectónicos. Para além das já citadas referências aos *ex libris* turísticos do Mosteiro dos Jerónimos e da Praça de Touros, dois outros motivos urbanos merecem a atenção do autor: a Praça do Comércio e a Avenida da Liberdade. As respectivas representações verbais, tratando-se basicamente de fórmulas estereotipadas, adquirem uma certa originalidade pelo facto do autor lhes imprimir um cunho intercultural: por exemplo, a povoação da referida praça por trajes bávaros. O excerto que se segue constitui desta especificidade da "literatura de viagens KdF" de relatar o estranho numa miscelagem de *clichés* turísticos com elementos de endoutrinação pátrio um exemplo deveras elucidativo. Mais uma vez, o estranho é percebido não apenas em *relação* com o próprio - o que, aliás, corresponderia ao processo normal de percepção do outro, visto que "o estranho não é uma qualidade, (...) é antes uma relação em que o contemplador se encontra com a sua experiência e seu conhecimento"<sup>292</sup>, conforme Dietrich Krusche afirma correctamente - mas sim em *função* do próprio. Esta ânsia missionária de "nacionalizar as massas"<sup>293</sup> pela viagem ao estrangeiro chega mesmo a atingir

<sup>292</sup> Dietrich Krusche, *Reisen. Verabredung mit der Fremde*, Munique, 1994, p. 138.

<sup>293</sup> *Die Nationalisierung der Massen: politische Symbolik und Massenbewegungen von den Befreiungskriegen bis zum Dritten Reich* (Berlim, 1993) é precisamente o título do interessante livro de George L. Mosse sobre as estratégias populistas das forças reaccionárias na Alemanha do século XIX e primeira metade do século XX para cativar as massas com base na mitificação do conceito *nação*. Apesar de Mosse não mencionar o papel do turismo KdF para tal propósito, pensamos ser perfeitamente enquadrável na "estetização da política" praticada pelo nazismo.



proporções patético-cômicas, conforme a descrição da Praça do Comércio o comprova:

Dann öffnet sich die Straße zu einem weiten Platz, der Praca do Comercio [sic]. Er liegt in einem nach dem Meere zu offenen Viereck von großen repräsentativen Gebäuden, offenbar staatliche Regierungsgebäude. In der Mitte ein Denkmal, das Reiterstandbild des Königs D. José I., wie aus der Inschrift hervorgeht. Noch keiner von den Arbeitskameraden, die den Platz betraten, hat jemals einen solch herrlichen Anblick genossen. Ringsherum laufen hohe Säulengänge, die von Rundbogen überbrückt sind. Auf der einen Seite tritt das Meer direkt bis an den Platz heran (...). Hier liegen Dampfer, Motorboote und Barken direkt am Kai. Gegenüber ist ein gewaltiges Tor erbaut, das die Gebäudereihe durchbricht und den Weg in die Stadt hinein freigibt. Dieser Platz ist wirklich ein architektonisch wunderbares Baudenkmal. Wenn die Sonne herniederbrennt und alles im blendend weißen Licht erstrahlt, das Meer schwarzblau leuchtet und der südliche Himmel darüber steht, (...) gibt das einen unvergeßlichen Eindruck für jeden Kameraden. Über den Platz gehen zwei deutsche Arbeiter in bayerischer Volkstracht. Es sind Holzfäller aus Oberbayern. Sie tragen auch in dieser Umgebung stolz ihr Kleid mit den 'Krachledernen', der graugrünen Joppe und der Weste mit den blanken Talern. Sie besitzen keinen anderen Anzug - und sie würden auch in keine andere Kleidung hineinpassen. Die verwunderten Blicke der Einheimischen kümmern sie wenig. Sie sind erschüttert und ergriffen von dem Gesehenen. Und doch, gerade jetzt, da sie die Schönheit einer fremden Welt sehen, scheint ihnen ihre ferne Heimat erst recht unvergleichlich gegenüber allem anderen, was die Welt zu bieten hat."<sup>294</sup>

Prosseguindo o passeio por "estreitas ruelas", por ruas cujo "ambiente é mais colorido e vivo do que na Alemanha, sendo, no entanto, mais barulhento e agitado"<sup>295</sup>, o narrador, após uma incursão pela parte folclórica da cidade e impressionado tanto pelo "estrondoso barulho causado pelas buzinas de automóveis, a gritaria dos comerciantes, as campainhas do eléctrico e todos os outros ruidos de uma grande cidade"<sup>296</sup> como pela retrógrada imagem de "mulas e burros", "carroças puxadas por pitorescos rapazes com mitras castanhas - um traje nacional português com o qual se depara constantemente", o que resultaria num quadro "que só um pintor conseguiria reproduzir", chega à "grandiosa" e cosmopolita Avenida da Liberdade, "a mais bela avenida do mundo".

Jetzt erreicht die Bahn die Avenida da Liberdade, (...) die schönste Straße der Welt, wie sie stolz von den Portugiesen bezeichnet wird, und die deutschen Arbeiter, die staunend ihre Herrlichkeit sehen, zweifeln keinen Augenblick an der Richtigkeit dieser Behauptung. Neunzig Meter breit erstreckt sie sich über einen Kilometer. In der Mitte liegt ein breiter Grünstreifen. Palmen und exotische Bäume, rote, blaue, violette, rosa und gelbe Blüten überwuchern alles. Sie klettern empor an den Häuserfassaden, sie

<sup>294</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 36.

<sup>295</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>296</sup> *Ibidem*. Curiosamente, o barulho de Lisboa, cuja intensidade parece situar-se acima do de outras cidades, não só terá impressionado Biallas. Assim, também Alfred Döblin durante a sua viagem de fuga ao nazismo para os Estados Unidos, com estadia forçada de alguns meses em Lisboa, constata na sua *Schicksalsreise* (Düsseldorf, 1993, p. 254 s.; versão portuguesa: *Viagem ao Destino*, Lisboa, 1996): "Lissabon ist industriell gesprochen, ein moderner Großbetrieb zur Erzeugung von Lärm." Um outro paralelo tópico entre os textos de Biallas e Döblin é constituído pelas referências à agressividade da condução por parte dos automobilistas lisboetas.

neigen sich über das glücksende [sic] Bächlein, das sich durch das Grün schlängelt, und sie finden sich um Arme und Beine der steinernen Standbilder und symbolischen Gruppen, die in der Mitte der Straße sich erheben.<sup>297</sup>

Para completar este impressionante quadro, esta encenação de uma harmoniosa síntese entre flora e arquitectura urbana, o autor mais uma vez não se esquece de pôr em palco o "trabalhador alemão" e de representar sua (desejada) consciência perceptual do estranho, instrumentalizando assim o objecto de contemplação para fins endoutrinantes.

Jetzt gehen die, welche schon ihre Bahrundfahrt gemacht haben, stolz auf der Prachtstraße einher. In jedem lebt das erhebende Bewußtsein: 'Welches Volk kann dem Ärmsten seiner Brüder die paradiesischen Gegenden der Welt zeigen, wie es das Deutschland Adolf Hitlers tut!' Gerade hier unter der Sonne des Südens, unter Palmen und blühenden Frühlingsblumen, im milden Klima eines gastlichen Landes brennt der Stolz auf ihre Heimat lustig und glutvoll in ihren Herzen wie nie zuvor! Deutsche Arbeiter schreiten über die schönste Straße der Welt! Ihre Augen leuchten, jeder Schritt ist sicher, und ihr Herz ist froh! Sie haben ein Stück Fremde gesehen.<sup>298</sup>

Por sua vez, no livro de Schaffner as referências às ruas e avenidas de Lisboa são escassas. Para além de constatar o contraste entre "a amplidão da parte nova da cidade" e "uma parte velha bastante apertada com ruelas íngremes" onde "ao lado de edifícios históricos se podem encontrar bairros de pobreza com muito povo pedinte"<sup>299</sup>, Schaffner, que aqui varia a perspectiva do narrador, passando à primeira pessoa do plural<sup>300</sup>, resume a sua descrição das vias e do carácter cosmopolita de Lisboa nas seguintes palavras:

Bald werden die Straßen breit und die Häuser hoch, und schon bekommen wir es zu fühlen, daß wir uns immerhin in einer Halbmillionenstadt befinden. Boulevards und Avenuen nehmen uns auf mit vierfachen Palmenreihen, mit prachtvollen Schmuckrabatten, in denen es blüht und prangt wie bei uns kaum im Sommer, mit Standbildern und Denkmälern, und als erst der Regen in der Hauptsache vorbei ist, (...) erleben wir zu unserer Überraschung, daß man hier überhaupt die Haltung einer Weltstadt einnimmt.<sup>301</sup>

Para terminar esta análise das representações da urbe e paisagens lisboetas no conjunto da "literatura de viagens KdF" estudado, não poderíamos deixar de presentear o leitor com uma pequena amostra do que na concepção nazi era entendido como sendo poesia. Segue-se um breve extracto de um poema de viagem da autoria de Otto Paust, com o título *Viertausend Meilen weit ging*

<sup>297</sup> Idem, p. 38.

<sup>298</sup> *Ibidem*.

<sup>299</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 71.

<sup>300</sup> Em quase todos os textos estudados pode constatar-se um constante saltitar da perspectiva narrativa entre primeira e terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural, o que poderá ser visto como uma especificidade filológica da "literatura de viagens KdF".

<sup>301</sup> Idem, p. 70.

*unsere Reise*<sup>302</sup>, em que a evidência do *cliché* meridional e do motivo do sonho atemporal e aspatial proporcionado pela viagem - afinal, a "eternidade", o *Tausendjähriges Reich*, é um dos ideogramas da *Weltanschauung* nazi - nos parece dispensar qualquer comentário interpretativo:

Wir haben die Stadt Lissabon gesehen.  
 Sie steigt aus dem Tajo hinauf in Terrassen.  
 mit Straßen, die steil wie zum Himmel gehen,  
 mit Häusern, die gleich Würfeln in Gärten stehen.  
 Buntes Leben in engen Gassen.

Wir gingen an Land - und die Stadt war schön.  
 Die Palmen neigten ihre Fächer.  
 Wir stiegen hinauf in Himmelshöh'n.  
 wir blickten über flache Dächer  
 hinunter zum Hafen, hinaus über Zeit und Raum.  
 und das Meer - es grüßte zurück wie ein silberner Traum.<sup>303</sup>

## 1.2. Estoril, Cascais e Sintra

A curta estadia em Lisboa era por grande parte dos turistas também aproveitada para visitar as redondezas da cidade, nomeadamente, as vilas de Sintra, do Estoril e de Cascais. Os meios de transporte utilizados para tal eram ou os automóveis privados dos membros da colónia alemã postos à disposição dos excursionistas da KdF ou os comboios e autocarros públicos, cujos bilhetes foram parcialmente pagos pelo Estado português. A escassez de moeda estrangeira - a *Devisenknappheit* é, pois, um tópico em muitos dos textos estudados - assim o obrigava.

Mas, observemos de perto as representações das impressões acerca destas incursões, podendo desde já adiantar-se que em todos os textos são unanimemente positivas. Um dos informadores, visivelmente desapontado com "o abandalhamento e a sujidade" da capital portuguesa e de grande parte dos seus habitantes, vê mesmo nas visitas a Sintra e ao Estoril uma verdadeira "compensação" para a desilusão que Lisboa teria constituído para a maioria dos viajantes.

Die Spannung auf Portugals Hafenstadt Lissabon war sehr groß. (...) Wir gingen am 30.10.1937 in Lissabon von Bord, um uns auf eigene Faust die Stadt anzusehen. Abends gab es wohl niemanden, der nicht über die Stadt enttäuscht war. Die Vervahrlosung und der Schmutz Lissabons und seiner Bewohner ist zum Teil derart stark, daß unsere Urlauber schwer erschüttert wieder an Bord kamen. Entschädigt wurden sie nur durch

<sup>302</sup> Este "poema de viagem" foi reproduzido em diversos números da revista da KdF *Arbeitertum*.

<sup>303</sup> In Otto Paust, *op. cit.*, pp. 119-125, aqui: pp. 122 s. Este poema também foi publicado integralmente na *Arbeitertum*, ano 6, nº 8, 15.07.1936, p. 16 s.

den Besuch der Vororte Cintra und Estoril, die mit ihren Prachtbauten und herrlichen gärtnerischen Anlagen einen wohltuenden Gegensatz zur Stadt Lissabon bilden.<sup>304</sup>

Nas reportagens de viagem da *Arbeitertum* estas vilas não merecem senão uma menção estereotipada e enumerativa no âmbito da lista dos locais visitados pelos turistas da KdF:

Viertausend deutsche Arbeiter (...) sind in den Straßen von Lissabon spazierengegangen, haben die maurische Burg und das Königsschloß von Cintra bewundert, über der sprühenden und donnernden Brandung bei Estoril, dem portugiesischen Nizza, gestanden.<sup>305</sup>

E, também Biallas não lhes dedica na sua "novela de viagem" mais do que uma breve passagem que não extravaza a forma de *clichés* turísticos.

Manche haben Ausflüge nach Estoril, dem berühmten Badeort, und nach Cintra, dessen Königsschloß ebenso berühmt ist, gemacht. Cintra mit seinem Park, in dem eine Blütenpracht duftet, wie sie noch niemand kannte. Deutsche Arbeiter haben auf dem Turm des Königsschlusses gestanden und einen Rundblick genossen, der von märchenhafter Schönheit war.<sup>306</sup>

Já para Jakob Schaffner a "incursão ao interior" adquire um elevado valor simbólico. A sua representação das vivências proporcionadas pelo passeio ao "famoso castelo mouro de Cintra", a "Carcavellos, o mais longo areal da Costa do Sol", ao "Estoril, a Niza portuguesa" e à "Boca do Inferno perto de Cascaes" reflecte manifestamente a visão místico-romântica deste autor. Superando a mera descrição turística ou de objectivação das paisagens naturais e arquitectónicas, este escritor *völkisch-national* confere às suas representações verbais uma dimensão quase que (político-)religiosa, em que é latente uma endoutrinante exaltação de valores constitutivos do ideário nazi, como o espírito de *luta*, a *vontade* (férrea), o *heroísmo* ou o culto neo-romântico da "natureza selvagem". As paisagens naturais e arquitectónicas constituem, portanto, neste texto um *pretexto* para a projecção literária da *Weltanschauung* nacional-socialista. O objecto de contemplação, seja ele um castelo, uma floresta, um jardim público ou uma paisagem marítima, é para os efeitos representativos submetido a um filtro, a um prisma perceptual, de que resulta uma imagem mítica e mística, ou seja ideologizada, perfeitamente coadunada com a "visão do mundo" nazi. Assim, por exemplo, a harmonia da paisagem do Estoril, composta por elementos alegadamente complementares, como o "deserto de pedras heróico" e a "magia" da bucólica e abundante flora

<sup>304</sup> *Überwachung von Reisen in das Ausland*, R 58/950, p. 78 s.

<sup>305</sup> "Mit der Flotte des Friedens nach Madeira", in *Arbeitertum*, ano 6, n.º 2, 15.04.1936, p. 11.

<sup>306</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 46.

meridional, é alegoricamente funcionalizada para evocar uma utopia organicista, biologicista, darwinista, do cosmos e da humanidade:

Estoril, das portugiesische Nizza, liegt an einer weit geschwungenen Felsenbucht, herwärts der Badeort, nördlich die trotzende Baumasse eines Forts, und mitten in einer heroischen Steinwüste, dicht daran gelagert, das grünend wallende und üppig blühende Wunder eines südlichen Kurparks mit Palmenalleen, mit mächtig entwickelten Araukarien, mit brennenden Judasbäumen, mit dem ganzen Zauber jenes gesegneten Breitengrades, der uns Nordländer immer wieder berauscht und mit unstillbarer Sehnsucht erfüllt. Stumm schauend und unausprechlich bewegt gehst du herum (...) in dieser Pflanzenwelt, (in der) du alles siehst wie durch ein Vergrößerungsglas und dazu noch verdoppelt und verdreifacht, Geranien, Löwenmäulchen, Studentenblumen, dazu Lorbeer, Steineiche, Mimosen im Freien als landläufige Naturgewächse.<sup>307</sup>

Mas se nesta detalhada inventariação descritiva da flora parece sobretudo reinar uma "embriagante" paz paradisíaca, na representação da Boca do Inferno, esse "verdadeiro palco do drama da natureza", Schaffner transforma a imagem paisagística num cenário místico-espiritual, num "submundo" pagão, em que o homem setentrional, ao identificar-se com o violento *espectáculo* natural, se vê plenamente realizado na sua heroica e eterna vontade combatente e transformacional. O seguinte excerto reflecte o latente *pathos* misticista da força e violência nas descrições deste autor pertencente à geração dos "velhos combatentes"<sup>308</sup>:

Die Küste behält längs der ganzen Fahrt ihren Charakter von schwarzer Felsenzertrümmerung mit weiß gischtender und unaufhörlich kochender und zuckender Brandungslinie, ja, er steigert sich immer noch heroischer hinauf, bis du in der Boca do Inferno bei Cascaes den Mittelpunkt des pathetisch-tragischen Aufwandes erreicht zu haben scheinst. Der Name sagt es schon: Inferno, Hölle, aber keine Feuerhölle, sondern eine Stein- und Wasserhölle. Da hat das Meer aus der granitenen Barriere gigantische Galerien und Brücken herausgeschlagen, einen ganzen ungeheuren Kessel mit senkrechten Wänden, mit Schluchten und Gängen, Terrassen und Trümmerfeldern, Vorplätzen, Toren und dem eigentlichen Theater des Naturschauspiels. Unter einer stehengebliebenen Felsenbrücke hindurch stürmt und donnert die Wassermasse Tag und Nacht und Flut um Flut durch ein schwarzes Steintor in den (...) lärmenden und brausenden Schlund herein. (...) Hier ist es finster und naß und schwarz. (...) Es tropft von riesenhaften Granitblöcken wie von nassen Ochsenmäulern. (...) Über der nassen Hölle schwebt ungewöhnlich dunkel der blaue Himmel, und da hast du ganz vergessen, daß es ein südlicher Himmel ist, dein Herz schlägt heiß und hoch, und irgend etwas jauchzt in dir jung und wundersam überlegen. Im Park von Estoril bist du eher kleinmütig geworden, aber hier fühlst du dich ganz und unbedingt, denn hier gibt es etwas zu bestehen. Dieser unaufhörliche Sturmangriff der lebendigen Wogen gegen die Felsenlager mit ihrem starren Ewigkeitsaufwand ist auch keineswegs ohnmächtig. Der Augenschein zeigt es, Bewegung ist hier, unaufhörliche Veränderung, Wandlung.

<sup>307</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 81.

<sup>308</sup> O tópico do "Alter Kämpfer" é, aliás, em *Volk zu Schiff* um verdadeiro *Leitmotiv* a que Schaffner dedica longas passagens. Pelo facto deste motivo ultrapassar as impressões de viagem sobre Portugal propriamente ditas, sendo, no entanto, um dos muitos ideogramas nacional-socialistas latentes na "literatura de viagens KdF", não lhe podemos dedicar no âmbito deste trabalho mais do que esta brevíssima nota.

Neugestaltung. Das Meer hat Zeit. Die Natur mißt der Ewigkeit gegenüber selber mit Ewigkeit.<sup>309</sup>

Não se satisfazendo com uma mera representação alegórica da "majestosa força" e resistência natural na sua eterna dinâmica e vontade de transformar - por si só já suficientemente explícita -, Schaffner não prescinde de um apelo directo à emoção, ao coração e à alma, deveras personalizado pelo característico "tu" da demagógica discursividade sentimentalista, ou seja, irracionalista, do nacional-socialismo, para fazer passar a sua mensagem:

Und du, heiß schlagendes Menschenherz mit deiner Sehnsucht und deinem Kampf, hast nicht auch du Zeit? Hat nicht dein innerster Gedanke Zeit und deine höchste, reinste Bestrebung? Deine Seele, stammt sie nicht aus dem Abgrund der gotthaften Ewigkeit und strebt sie nicht zurück in den Vaterschoß der Unendlichkeit? Überall auf der Erde ist prophetischer Boden. Du mußt nur das Gehör des Herzens öffnen und die Augen der Seele auf tun.<sup>310</sup>

Após a experiencição do poderoso espectáculo natural proporcionado pelo passeio à Boca do *Inferno*, a paisagem à volta de Sintra - "cidadezinha estreita, montanhosa, com jardins e flores, surgindo (aos turistas KdF) como que por um acto de magia"<sup>311</sup> -, a "maravilhosa floresta (circundante) com todos os seus jardins públicos(,) poderia ser designada como *paraíso*"<sup>312</sup>:

Drunten stehen Palmen, und es blüht quellend und drängend über alle Mauern hinaus. Hier ragt Baum an Baum an Felsenwänden hinauf. Felsbrocken liegen herum von Moos überwachsen. Alle Baumstämme haben grüne Mäntel von Efeu. Nichts ist kahl und nichts ist leer. Tief unten herauf leuchtet im Gewittervorlicht die grüne Ebene. Grüne Mauern, grüne Treppen, grün umwucherte Wasserläufe. Dazwischen stehen blühende Kamelien mit Blüten bald so groß wie unsre Pfingstrosen. Quitten wie brennende Büsche (...). Fern wallt das weißgrau aufgepeitschte Meer und blitzt die ewige Brandungslinie dieser Küste.<sup>313</sup>

Para além das exaltantes representações das aparentemente fortíssimas impressões causadas quer pela "infernai paisagem" da Boca do Inferno quer pela "abundantemente verdejante e romântico-selvagem serra"<sup>314</sup> de Sintra, um terceiro objecto de contemplação impulsiona o *pathos* místico-descriptivo do autor-narrador: o erroneamente designado "castelo mouro de Cintra". Pela descrição de Schaffner, não é certamente do Castelo dos Mouros que no texto se trata, nem tampouco do Palácio Nacional de Sintra. Comprovando os referidos filmes semi-documentais sobre as viagens KdF a Portugal as visitas dos Palácios Nacionais

<sup>309</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 81 ss.

<sup>310</sup> *Idem*, p. 83.

<sup>311</sup> *Ibidem*.

<sup>312</sup> *Idem*, p. 84.

<sup>313</sup> *Ibidem*.

<sup>314</sup> *Idem*, p. 83.

tanto de Sintra como da Pena por parte de grupos de turistas que viajavam no âmbito desta organização nazi, o objecto a que a representação do autor se refere só pode ser, porém, o Palácio da Pena. Esta equívoca designação pode ter que ver com a pouco vulgar coexistência de três castelos/fortalezas num espaço geográfico relativamente pequeno como o é o sintrense, o que terá confundido o autor. No entanto, se compararmos com a representação detalhada do Mosteiro dos Jerónimos, em que Schaffner "brilha" com os seus conhecimentos da história da arte portuguesa, esta imprecisão não deixa de ser curiosa, já que o instruído viajante parece cair ingenuamente na armadilha do epigónico jogo romântico, da ecléctica mistura de estilos constatáveis na arquitectura desse Palácio. Estranho é também o facto do autor, que nas suas descrições de outros monumentos não hesita em entrelaçar abstrusas analogias com a arquitectura e o espírito germânicos, não mencionar sequer os nomes nem do "patrão da obra" nem do seu arquitecto, porventura, ambos alemães: o rei Fernando de Saxe-Coburg-Gotha, segundo marido da rainha enviuvada D. Maria II, e o barão von Eschwege. A ausência deste tipo de informações, de factos histórico-culturais que teriam sido, sem margem para dúvidas, optimamente instrumentalizáveis para os inegáveis fins endoutrinantes subjacentes às viagens KdF e suas respectivas representações literárias, poderá apontar para a falta de fundamentados conhecimentos interculturais por parte deste poeta-viajante, deste turista instruído, em relação ao destino da viagem propriamente dito. Sintra, só muito recentemente nomeada Património da Humanidade, com o que se espera uma ainda maior projecção internacional, poder-se-ia concluir hipoteticamente, então ainda não seria um elemento constitutivo do esquema meridional, do *cliché* turístico, submerso nas mentes dos "alemães cultos", e, muito menos, nas das massas. No entanto, e apesar do Palácio Nacional da Pena aparentemente não fazer parte da visão pré-formativa do autor em relação a Portugal, Schaffner sabe mesmo assim canalizar as suas impressões deste monumento no sentido de produzir uma imagem perfeitamente enquadrada com a mística concepção nazi do mundo. Assim, logo à entrada pelo "arco (supostamente) mouro", "o todo, a unicidade" do Palácio da Pena irradiaria uma atmosfera que de imediato se repercutiria junto dos excursionistas, provocando uma "atitude" de respeito - *Haltung* é outro tópico predilecto do discurso nacional-socialista - por uma obra concebida com base em "poder e força humana, audácia espiritual, obstinação e ordem". Transposto o portal, o narrador depara com um "autêntico milagre" arquitectónico:

Vor dir steigt ein Wunder schlechthin auf. Ich kann nur sagen, was ich sah. Ich sah im Gewitterlicht schwebende maurische Goldkuppeln. Ich sah himmeln fliegende Mauern und Zinnen in allen Lagen, in allen Überbietungen und Überschneidungen. Ich sah Ragungen in jeder Richtung, in jeder Tiefe, Vorder- und Hintergründigkeit. Schwebende

Söller, wuchtige Bergfriede, zierliche Erker, gekuppelte Fenster, Treppen, Flanken von Bastionen, finster wehende Ecken und heiter lockende Terrassen, runde Türmer mit auflachenden Zwiebelkrönungen, laufende Wehrmauern mit Zackenkrone, Turm hinter Turm, Dach über Dach, graue Mauern von beklemmendem Absturz und mit schwindelndem Aufstieg, Mauern mit bemalten Fliesen, Bogengänge von einem liebenden Schwung, der das Herz in Bewegung bringt: das alles ist nur die rohe Skizze, aus der du den Geist ahnen kannst, der hier so märchenhaft überlegen getürmt und geschmückt hat.<sup>315</sup>

Verdadeiramente maravilhado com esta obra de arte que, sem que o autor o exprima de forma explícita, é alusivamente representada como *Gesamtkunstwerk*, Schaffner parece vê-se obrigado a justificar a sua fascinação por uma estética que ele julga ser e classifica de moura. Se tivesse tido a consciência da proveniência germânica tanto do comitente como do obreiro da profunda remodulação a que as ruínas do convento original de 1503 tinham sido submetidas em meados do século XIX, a descrição em si deste estranho conjunto arquitectónico, eclecticamente composto por elementos de estilo tão diversos como o mouro, o gótico e o manuelino, teria certamente sofrido uma sublimação (pseudo)literária cujo grau de exaltação apenas podemos imaginar. Perante a ignorância de Schaffner em relação à história real do Palácio da Pena, a sua admiração teria de ser legitimada pelo alegado poder espiritual e artístico da universalidade das "grandezas absolutas". Olhando à falta de elementos para uma propaganda intrinsecamente pró-germânica, também serviria um discurso demagógico, pseudo-humanístico, sobre o respeito do povo alemão em relação à "alta cultura" de outros "grandes" povos do mundo. Afinal, a doutrina sócio-darwinista da sobrevivência civilizacional do(s) mais forte(s) assim o justificaria.

Nein, hier war keine 'niedrige Kultur' am Werk, hier gestaltete nur ein anderer Grundsatz. Das Christentum war weder 'besser' noch höherstehend, sonst stände ich nicht da von Blitzen umloht wie all diese Zinnen und Türmungen und traumhaft verstrickt in Schauen und Denken, Begreifen, Fühlen und Vergleichen, und in den wässerigen Scheinen des stürzenden Gewitterregens umragten mich nicht stumm predigend und geisterhaft die großen Gestalten der nordischen Dome und Königsburgen. Auch sie sind nicht 'mehr', und sie wollen auch nicht mehr sein. Absolute Größen haben untereinander keine Ehrfurcht und keinen Geltungsneid. Sie sind Brüder und Schwestern, Geistkinder der gleichen allgewaltigen Vaternatur und seelischen Schöpfermacht in Süd und Ost, West und Nord.<sup>316</sup>

Para terminar a representação da sua aparentemente intensa vivência do Palácio da Pena, Schaffner, à boa maneira paternalista do "velho combatente", faz um apelo profético à crença e vontade de todos os "filhos das novas comunidades nacionais" para concretizarem seus "ancestrais sonhos" de grandeza e poder:

<sup>315</sup> Idem, p. 85.

<sup>316</sup> Idem, p. 85 s.



Und dies ist die Predigt der zauberhaften Burg im Lohen der Blitzscheine und im feurigen Flammensturz des Gewitterregens: Ihr Kinder der neuen Volksgemeinschaften, die Zeit ist vorüber, daß ihr Partei nehmen sollt für diese Erscheinung der Vergangenheit und Vorliebe züchten für jene Lebensgestalt. Ihr sollt einzig und allein Partei nehmen für reines, unbedingtes Leben, und leidenschaftliche Vorliebe sollt ihr fassen für Größe des Herzens und Hoheit des Geistes, (...) wie sie sich offenbaren (...) in den neuen Taten und Werken eurer Führer, deren Führer uralte Völkerträume sind und unaussprechliche Sehnsüchte von tausend versunkenen Geschlechtern. Die Geschlechter sind in Staub und Asche zerstoßen, die Träume leben unsterblich leitend weiter (...). Nur auf die Stimmen der Großen in der Welt sollt ihr horchen (...), um in unerschütterlichem Glauben und in flammender Liebe eure eigene Größe und Hoheit zu errichten.<sup>317</sup>

Tivesse Schaffner sabido da raiz alemã desse edifício-símbolo da *vontade* da "soberania do espírito", não teria ele podido poupar esta sua patética excursão místico-universalista? Não poderia a mensagem ter sido de um teor mais eminentemente nacionalista? Talvez. Mas, mesmo assim o autor consegue verbalizar e entrelaçar nas suas "impressões de viagem" uma outra mensagem ideológica do(s) fascismo(s): o(s) *Führer* conhece(m) e personifica(m) os desejos das massas: seguindo-o(s), estas encontrarão a sua plenitude. Enfim, é o endeusamento do chefe e a incondicional subjugação dos crentes.

O objecto de contemplação, independentemente da sua espécie, seu carácter e/ou história, ou melhor, da consciência que o autor dele tem, funciona portanto nas representações textuais não mais do que como um ponto de partida, um *pretexto*, para a verbalização do esquema pré-formativo que o autor preenche de acordo com sua intenção, neste caso, manifestamente endoutrinante. Todo e qualquer objecto parece facilmente transformar-se numa superfície de projecção para o ideário, para a *Haltung*, do "poeta". Assim, no momento da despedida de Lisboa, alegadamente tão calorosa quanto a recepção à chegada da frota KdF, com a presença de "toda a colónia alemã na margem" assim como de "soldados e funcionários (portugueses), fazendo continência junto do cais", "entusiasmadamente cantando-se os hinos nacionais e prestando-se, de braço erguido, a maior homenagem ao hino nacional português"<sup>318</sup>, o último olhar do relator sobre a cidade é dedicado à "bandeira com a suástica na Legação Alemã que lá bem no alto (...) saúda mais uma vez"<sup>319</sup> os "vikings da KdF". Mas, também o próximo destino geográfico dos paquetes da KdF, a ilha da Madeira, iria servir aos autores do *corpus* textual em análise como "fonte de inspiração", como impulso exterior para a desbobinagem discursiva de toda uma interioridade cristalizada num bem definido esquema ideológico, nomeadamente na *Weltanschauung* nacional-socialista.

<sup>317</sup> *Idem*, p. 86.

<sup>318</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 46.

<sup>319</sup> *Ibidem*.

### 1.3. Madeira

Após dois dias de permanência em terras lisboetas, durante os quais, "apesar de demasiadamente curtos, se viu o que se pôde ver em dois dias: a cidade, as pessoas, seus hábitos e costumes"<sup>320</sup>, a "Frota da Paz" zarpa de Alcântara e prossegue a sua rota do sul "ao encontro do sol" - é precisamente este o título da novela de viagem de Hans Biallas -, rumo à Madeira, essa "terra mágica em pleno oceano"<sup>321</sup>. Se já nas representações de Lisboa, cidade de "carácter meridional", se pode constatar uma exacerbada utilização funcionalista do mito do sul para a encenação da totalitária utopia transtemporal e transespacial, para a *mise-en-scène* do mundo de faz de conta, do mi(s)tico *Império Milenário*, que o nacional-socialismo oferecia à "comunidade do povo" alemão, a *ilha* da Madeira no seu todo transforma-se pela pena dos autores em estudo num verdadeiro símbolo da utopia bucólica, do paraíso insulano, cuja experiencição (turística) deveria ilusoriamente saciar o ancestral desejo das massas pelo exótico, pelo místico regresso ao estádio da inocência e pureza, ou seja, à harmonia da *comunidade* "natural", ao tal ideal nazi da *Volksgemeinschaft* alegadamente anterior e superior à *sociedade* de massas. O aqui já referido "poema de viagem KdF" de Paust sintetiza esta pela abusiva instrumentalização demagógica metaforização - a que também se poderia chamar "kitschização" ideológica - de um secular destino turístico num autêntico mito do Eden, versando da seguinte forma:

Zwei Tage an Land! Zwei Tage an Land!  
Und abermals nahm uns das Schiff bei der Hand  
Und führte uns weiter, dem Süden entgegen,  
Dem Süden mit seinen sonnigen Wegen,  
Mit seinem Duft, betäubend und schwer,  
Ein fernes Ahnen zog über uns her:  
Der Frühling ritt uns auf Wellen entgegen,  
Der Frühling kam zu uns noch auf dem Meer!

Madeira! Du Insel des Glücks, des Lichts,  
alle Schwere zerfließt vor dir zu Nichts!  
Lieblicher Garten aus Duft und aus Farben,  
einziger Acker, gesegnet mit Garben,  
die voll und reif alle Früchte tragen,  
buntschillender Traum wie aus Märchentagen.

Zwei Tage gelebt im Paradies.  
Zwei Tage durch Wunder und Träume gestiegen.  
Ja: Dies Land muß dem Herrgott am nächsten liegen.  
ein Kleinod in der Schöpfung Vlies!<sup>322</sup>

<sup>320</sup> *Ibidem*.

<sup>321</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 98.

<sup>322</sup> Otto Paust, "Viertausend Meilen weit ging unsere Reise!", in *KdF. Das große Urlauberschiff*, p. 124.

Enquanto que as descrições de Lisboa e suas redondezas projectam, apesar de ideologicamente pré-formadas e encenadas, uma imagem basicamente turístico-exótica da cidade, isto é, com menções aos locais e monumentos de visita aconselhada pelos tradicionais guias turísticos - alargando-se, no entanto, o roteiro também a elementos pátrios no espaço estranho, como o edifício da Legação Alemã ou a Escola Alemã, "maravilhosamente situada sobre a cidade e aconchegada entre palmeiras e florescentes arbustos meridionais"<sup>323</sup> -, de que resulta um quadro heterogêneo de traços tanto pitorescos como cosmopolitas aparentemente característicos da capital de um país com tão longa e respeitável tradição histórica e cultural, a maioria das representações literárias da Madeira, "a pérola do Atlântico"<sup>324</sup>, também não prescindindo de um vocabulário de cunho turístico com que se pretende transmitir a aura do exótico - de resto, deveras propícia à encenação mítica -, adquirem uma dimensão quase que religiosa. Se as projecções de Lisboa nos textos em análise, construídos na base de *clichés* turísticos, ainda se quedam pelo entrelaçamento sistemático de mensagens endoutrinantes camufladas sob diversas formas imagéticas (místicas, míticas, simbólicas, alegóricas e metafóricas), já nas representações da Madeira pode constatar-se que a própria ilha, ou seja, o objecto de contemplação em si, é no seu todo transformada em metáfora total(itária) do paraíso. A maciça utilização de conceitos de uma forte carga religiosa e, por isso, emotiva, como "paraíso", "milagre", "criação" e mesmo "Deus", em apenas alguns versos no poema supracitado reflectem paradigmaticamente o processo de metaforização sacralizante a que um local geográfico como a Madeira é submetido pela discursividade (pseudo)literária do nazismo. O que choca nesta sacralização verbal não é o *pathos* inerente à representação metafórica, nem tampouco a recorrência a ancestrais imagens, à mística e ao simbolismo do cristianismo, o que, aliás, atesta o arcaísmo literário, o retrogradismo da concepção cultural do nazismo, mas sim o facto de estes empréstimos serem, pela sua carga sugestiva, pragmaticamente, ou melhor, maquiavelicamente instrumentalizados para a encenação do *Scheinwelt* nazi, para iludir as massas de que o nacional-socialismo lhes ofereceria o "paraíso na terra" - e não só durante um curtíssimo período de poucos dias durante uma viagem KdF. A experienciação turística e representação literária da "ilha da

<sup>323</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 44.

<sup>324</sup> Este *cliché* encontrámo-lo não só em quase todos os relatos de viagens KdF estudados como também em muitos textos de promoção a Madeira nas mais diversas brochuras turísticas dos nossos tempos, facto que, por um lado, demonstra exemplarmente a típica usurpação instrumentalizante de ideários pré-existent na (re)produção cultural por parte do nazismo, e, por outro lado, reflecte a persistência e durabilidade de estereótipos verbais na percepção e representação do estranho em textos destinados a um público de massa.

felicidade"<sup>325</sup> deveria sugerir o prenúncio simbólico, a profecia metafórica de um futuro risonho para o "novo império milenar" sob o domínio do *Herrenvolk* alemão. Assim, na descrição da aproximação física à Madeira, a ilha surge como que uma revelação, um sonho, uma ânsia, emergendo por detrás de um "véu de desejos":

Die Sonne kam, und sekundenlang flogen bunte Schleier aus Gischt und Lichtbrechung über das Wasser wie die Traumschleier einer Sehnsucht. Hinter den bunten Traumschleiern entfaltete sich eine große Bucht. Die Stadt Funchal lag weiß am Strand und baute sich nach den gezackten Bergen auf. Schon am Kai leuchtete die Farbenglut des Südens.<sup>326</sup>

Esta estilização da Madeira, detectável em quase todos os textos analisados, nuns de índole mais turístico-exotizante noutros mais místico-bucolizante, consiste num processo que aqui pode ser globalmente denominado de "paraisificação". Sem que possam ser rigorosamente delimitados uns dos outros, tratando-se, pois, de subprocessos interpenetrantes, pode, porém, observar-se quatro modos básicos desta estilização paraisificante a que a ilha é submetida na "literatura de viagens KdF": (1) sacralização, (2) exotização, (3) erotização e/ou (4) turistificação de um espaço - por mais belo que seja - meramente geográfico. A extraordinária paisagem madeirense, enquanto impulso (exterior) de inspiração para os "poetas-viajantes", proporciona portanto representações estruturalmente alicerçadas num processo de mitificação paraisificante da ilha.

A *sacralização* literária da Madeira nas representações em análise consiste basicamente numa usurpação instrumentalista da simbologia e lexicologia bíblica, ou seja, do imaginário cristão. Para além de uma maciça recorrência a palavras com conotação religiosa nas descrições paisagísticas, conforme o podemos constatar no poema de Paust supracitado, pode detectar-se a para a mística concepção do mundo nacional-socialista característica perpetuação verbal do mito bíblico do *Império Milenar*, originalmente profetizado por Isaías, e do medieval sonho quiliástico de um *Terceiro Evangelho Império* como profecia anacrónica - baseada numa utopia simultaneamente restauracionista e futurista - do regresso a uma época de ouro, do alcançamento de um novo mundo (socialista) mais justo, conforme rezavam as doutrinas revolucionário-messiânicas de um Thomas Münzer no século XVI.<sup>327</sup> Nesta ordem de ideias, a "distante ilha" da Madeira preenche

<sup>325</sup> *Nach den "Glücklichen Inseln"* é precisamente o título do relato de viagem da autoria de Karl Busch (1940).

<sup>326</sup> Max Barthel, "Kleine Bilder von einer großen Fahrt", in Paust, Otto (org.): *op. cit.*, p. 69.

<sup>327</sup> Sobre a funcionalização de mitos cristãos na *Weltanschauung* e prática política nazis, veja-se, por exemplo, Ernst Bloch ("Zur Originalgeschichte des Dritten Reiches", in *Erbschaft dieser Zeit*, pp. 126-160) que afirma que "o nazismo (...) mobilizou para si a imagem de fé, a imagem quiliástica das revoluções de tempos passados" (p. 140).

todos os requisitos para uma encenação perfeita, para a construção literária da profética utopia nacional-socialista, ou seja, em última instância, para a funcionalização do irracionalismo com fins endoutrinantes e, por conseguinte, para a estabilização do poder apoiado num ancestral mito, num imaginário colectivo das massas. A representação literária da Madeira funciona, em suma, nos textos em análise, como alegoria sugestiva do "lugar ao sol", do paraíso terrestre, dos tempos áureos que se avizinhariam para o *ressuscitado* povo alemão. O seguinte extracto, em que se recorre de um modo simplista e populista - e, perversamente, sexista - à imagética do livro do *Genesis*, nomeadamente, ao fruto proibido e à figura de Eva, traduz expempramente este ecléctico processo de paraisificação - neste caso, simultaneamente de sacralização, exotização e erotização - detectável em grande parte das representações da Madeira na "literatura de viagens KdF":

Als wir nun auf der Insel gelandet waren, den Fußweg zur Talstation der Zahnradbahn zurückgelegt hatten und dann langsam den Berg hinaufführen, (...) stand plötzlich ein großes braunes Mädel mit fliegendem Haar auf dem Trittbrett und hielt uns einen ganzen Baumzweig mit Früchten in den Wagen. Keiner wußte zunächst, ob er mehr den Zweig oder das hübsche, schon beinahe erwachsene Eingeborenkind anschauen sollte. Da lag der Zweig mit den Früchten zwischen uns im Wagen, und das Mädel war fort wie eine visionäre Erscheinung. Nun sahen wir uns diese seltsamen Früchte näher an. Sie hatten etwa die Größe einer Pflaume, die Gestalt eines Apfels, eine gelbliche Farbe, und manche von ihnen waren mit rötlichen Backen geziert. Ein lockender Ruf ging von ihnen aus - aber keiner von uns kannte sie, (und) niemand wagte, sie zu kosten. (...) Mit einemmal - Entsetzen packte manchen: eine unserer Kameradinnen, ein frischer junger Mensch, deren Augen keck und selbstsicher in das Leben blickten, hatte in eine dieser Früchte gebissen. (...) Über das Mädchengesicht huschte etwas wie ein beglückender Schein, sie biß nochmals und immer wieder in die Frucht und sog den hervorquellenden Saft heraus. (...) Jetzt wagten auch wir anderen, diese Früchte zu essen. (...) Gewiß, diese Früchte mundeten uns herrlich - uns männliche Urlauber aber beschlich dabei doch ein nicht ganz angenehmes Gefühl, daß ausgerechnet eine Vertreterin des sogenannten schwächeren Geschlechts es gewesen war, die den Mut besaß und dadurch Gelegenheit bekam, auf der Insel der Glückseligen die erste große und schöne Entdeckung zu machen. Aber haben wir nicht schon davon gehört, daß es auch in früher, ganz früher Zeit eine Eva gewesen ist, die beherzt zuerst in eine unbekannte Frucht gebissen hatte?<sup>328</sup>

Mas voltemos à contemplação da paisagem madeirense propriamente dita, o tal elemento *exterior* impulsionador da construção representativa do estranho a partir de um olho *interior*, de uma visão por sua vez filtrada pelas lentes ideológicas da *Weltanschauung* nazi. Também as paisagens panorâmicas da Madeira, perspectiva aparentemente predilecta de Schaffner, são submetidas nos seus textos ao(s) mencionado(s) processo(s) de sacralização bucolizante. A seguinte passagem, em que o autor recorre explicitamente não só à imagética e linguagem sacral como à própria perspectiva, melhor, "supervisão" da Virgem Nossa Senhora e de Moisés para descrever o estado de alma de excepção proporcionado pela contemplação da

<sup>328</sup> Helmut Böttcher, "Die erste reife Frucht", in Otto Paust, *op. cit.*, p. 50 s.

paisagem, para profetizar os tempos dourados que se seguiriam aos incontornáveis tempos de luta, reflecte-o de forma paradigmática:

Dann sind wir auf der Höhe angekommen, von wo die Madonna auf einer Säule weit hinaussieht über das Meer und nach beiden Seiten auf den leben-übereichen, gesegneten Berghang. Wir schauen mit der Madonna. Wir schwimmen und träumen. Wir schweben und glauben zu dichten. Hier blüht ja selbst die See. Sie spinnt und lächelt. (...) In Katarakten stürzt die Sonne über Hänge, Hügel, Talschluchten und Terrassen herunter samt Wäldern und Gärten. (...) Wir treten in die kleine Kapelle, obwohl an ihr nichts zu sehen ist, einfach in einer Regung von Dankbarkeit. So schön und gut und sanft kann das Leben sein! So freundlich kann man einmal gewiegt werden nach allen Stürmen zu Wasser und zu Land im grauen, kühlen Norden. Wirklich vollkommen losgelöst steht man da herum. Arbeiter, aber gerade einmal kein Arbeiter. Angestellter, aber heute nicht die Spur angestellt, lebenslang kämpfender und alle Art von Not gewohnter Dichter - und heute einmal reich, frei und ganz überwunden habend. Es wird schon wieder anders kommen, alter Kämpfer. Da wartet in dem grauen Dunst der nördlich-gemäßigten Zone noch eine Strecke Arbeit. (...) wartet Streit und geistige Untreue, wartet wildwogendes Durcheinander der Zeit, in das du Ordnung sollst bringen helfen. (...) Aber heute und hier ist Frieden. Da stehst du wie Moses auf dem Berg und schaust mit den Augen des Geistes das gelobte Land.<sup>329</sup>

No seu *pathos* descritivo, Schaffner procede ainda a uma personificação erotizante da paisagem para enfatizar o prenúncio do paraíso - não celeste, mas terrestre, ou seja, - pagão que o misticismo nacional-socialista visionava.

Das Leben lacht dir wie eine liebende Frau, die so gütig und groß ist, daß sie dir mit ihrer Bereitschaft nicht einmal einen Zwang auferlegt. Drunten im Hafen liegen die Schiffe vor Anker gleich erfüllten Träumen, und die See leuchtet dir zu, unermäßig in Tiefe und Weite, wie die selige Ewigkeit selber, in die du hineingelangt bist, du weißt nicht wie, ohne Schmerzen und Todesnot, nicht einmal durch den Glauben, einfach durch die geistige Natur. O Maria, du bist gewiß voller Gnaden, aber du bist nur ein schwacher Funke aus dem Abgrund und Himmel der Gnaden, den wir in der Gottheit selber sehen.<sup>330</sup>

Esta sacralização semi-cristã na discursividade místico-religiosa de Schaffner alterna na sua representação da Madeira com longas e repetidas passagens em que uma certa exotização e erotização paisagística, em que o paradigma da *fertilidade* paradisiaca da flora, alegadamente causando um certo efeito de embriaguez junto dos turistas, se sobrepõe ao da religiosidade.

Mit dem Betreten der Insel hat uns ein eigentümlicher, träumerischer Gemütszustand befallen. Die meisten wissen nicht recht, wie sie in die Wagen der Zahnradbahn hineingeraten sind. Dann befanden sie sich auf einmal in Fahrt aufwärts durch paradiesische Gärten, überall Kamelien, Araukarien, Judasbäume, die *Canda Indica*, (...) Rosen, Nelken, Dahlien im Frühling, Iris, Kapuziner, die weiße Cala, die wir überhaupt nur in Töpfen kennen, Tausendschönchen, die großblumige Datura mit den Schweren, weißen Glocken, Pfirsichbäume mit Blüten und Früchten zu gleicher Zeit, hohe Ginsterbüsche, Mimosen, wie bei uns der Flieder, hängende Geranien an Mauern, wildwachsend, Glyzinien in der letzten Blüte und in märchenhaften Lasten, immer

<sup>329</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 101 s.

<sup>330</sup> *Ibidem*.

wieder Wände schwer hängend mit der Blume Bougainville. Winden - da kommt keiner nach mit Schen. Aber auf einmal schreit einer auf: Bananen! Ja, da stehen sie gärtenvoll. Pflanze neben Pflanze, übermannshoch, stoßige grüne Büsche mit einjährigen Trieben und großen, krautigen Blattwedeln, und jeder trägt seinen schweren Kolben halbreifer oder reifender Früchte oder milchweißer, rosa angehauchter Blüten, der seltsam animalisch aus der Blattscheide heraushängt. Wenn die Frucht reif ist, stirbt der Trieb ab, aber die Knolle in der Erde treibt schon einen neuen. Nebenan stehen Wipfelbäume mit Früchten in allen Zuständen. Auch die Beete der Gärten sind in allen Entwicklungs-Zuständen [sic]: auf dieser Insel wird gesät und geerntet ohne Aufhören, von Neujahr bis Silvester.<sup>331</sup>

Prosseguindo a sua descrição da abundância paisagística, desta "terra inesgotavelmente fértil"<sup>332</sup>, Schaffner não prescinde, mais uma vez, de entrelaçar referências pátrias, elementos místico-populares, e fazer alusões à alegada superioridade civilizacional de povos europeus, como o alemão e o português.

Wir fahren an Blumenterrassen und blühenden Lauben vorbei: ein paar Stangen, ein paar Schnüren, und da hängt schon ein kleines Paradies. Häuschen über Häuschen, Garten über Garten, Mauer hinter Mauer. Die Mauern sind dazu da, um die kostbare Erde festzuhalten. Da staunt der Nordländer wieder, besonders der Mensch der Ebene, welche Mühe und Arbeit in diesen Gartenterrassen steckt: die Moselländer wissen schon eher Bescheid. Pinien winken mit heldischen Häuptionen. Palmen gibt es hier nicht viel: sie wollen sie nicht, weil sie es ablehnen Afrika zu sein, sie sind Europa. Sie haben auch insofern recht, als die Bodengestaltung und Klima sie zum Beispiel von den kanarischen Inseln, wo alles rot und afrikanisch wild <sup>333</sup>ist, deutlich unterscheiden.<sup>334</sup>

Aliás, já na sua breve introdução histórico-geográfica à ilha da Madeira, conforme aqui pudemos constatar em relação à sua representação de Lisboa, o autor aproveita para reafirmar o espírito guerreiro, as aspirações expansionista e imperialista da Alemanha nazi, neste caso em relação a África.

Die Insel (Madeira) gehört zu Portugal. Über die Insel hinaus schweift der geistige Blick weiter nach der afrikanischen Küste hinüber: 600 Kilometer in der Luftlinie östlich liegt Marokko. Dort beginnt eine Welt für sich, aber längst keine Welt mehr, die uns nichts angeht, hat sie uns im Norden doch einige kräftige Erschütterungen verursacht, und dies Jahrhundert wird uns ihretwegen noch mehr schütteln und rütteln sehen.<sup>335</sup>

O pseudo-historicismo, esta tendência nacional-socialista para mi(s)tificando explicar o mundo a partir de uma visão organicista (*versus* materialista), também se reflecte nas representações da Madeira. Assim, na apresentação da história desta ilha Jakob Schaffner, numa espécie de hino ao regresso do mito, sua significância pelo seu enraizamento na "memória colectiva" e sua alegada predominância sobre o paradigma iluminista da racionalidade, não podia deixar de mencionar a sua origem lendária: a mítica Atlantis.

<sup>331</sup> Idem, p. 100.

<sup>332</sup> Idem, p. 98.

<sup>333</sup> O destaque gráfico é de nossa autoria.

<sup>334</sup> Idem, p. 101.

<sup>335</sup> Idem, p. 98.

Madeira ist durch die Portugiesen im 15. Jahrhundert entdeckt, oder vielmehr wiederentdeckt worden: die Alten werden die Insel schon gekannt haben. Sie war damals vollkommen unbewohnt: sie fanden sie als eine unberührte Meeresbraut im unendlichen Schmuck ihrer Blumen und Wälder. (...) Vielleicht gehört sie zu dem sagenhaften Gebiet des versunkenen Atlantis, von dem schon der griechische Philosoph Plato berichtete. Es ist heute wahrscheinlich geworden, daß hier wie in vielen anderen Fällen, über welche die Wissenschaft bisher hoch erhaben war, die Sage mehr als nur eine Sage, daß sie aufbewahrte Völkererinnerung ist.<sup>336</sup>

Curioso é que este autor, a par de cultivar uma perspectiva mi(s)tificadora do destino geográfico da viagem, também proceda ao mesmo tempo a uma certa *desmi(s)tificação* do estranho. Na seguinte descrição, a típica recepção madeirense dos turistas por parte das floristas e dos rapazes megulhadores em busca de moedas lançadas ao mar pelos viajantes é denunciada na sua dimensão de encenação turístico-folclórica.

Das erste, was uns empfängt, sind die Blumenfrauen in den behördlich für diesen Stand befohlenen alten, roten Trachten, beladen mit Kamelien in unwahrscheinlicher Größe und Farbenpracht, mit Lilien, mit Mimosen, auch mit Früchten, und alle mit einem hoffnungsvollen Lächeln auf den Lippen. Im Wasser springen die jungen Burschen nach hineingeworfenen Geldstücken, die sie unfehlbar wieder heraufbringen; die Münzen haben nicht einmal Zeit, bis zum Grund niederzusinken. Da ein Geldstück aber nicht senkrecht fällt, sondern im Zickzack hinuntergleitet, ist die Leistung nicht ganz so groß, wie sie scheint.<sup>337</sup>

O místico-romântico Schaffner demonstra, de resto, ao longo do seu relato de viagem um certo desprezo pelas representações turísticas dos lugares visitados. Deixando transparecer no seu texto uma auto-imagem de certo modo elitista de poeta, de artista sublime cuja visão se destingue da do turista comum, Schaffner, salvaguardando retoricamente os designios sociais das viagens KdF, projecta modo geral a representação turística, como a enunciação das diversas espécies de *souvenirs* madeirenses, para a perspectiva dos trabalhadores-viajantes. Este auto-distanciamento da percepção turística é, no entanto, habilmente aproveitado para evocar elementos *völkisch*, conforme o extracto que se segue o atesta:

Das Volk hat bereits sein Vergnügen gefunden. Da gibt es Sänften in Form von Hängematten an Stangen, von zwei Männern getragen. Niemand hat sie nötig, aber man läßt sich befördern, da sie doch einmal da sind. Die Hängematten sind aus einem blumigen Stoff gemacht und erinnern an die bunten Umhänge, worin im fernen Thüringen die Frauen ihre Kinder tragen. In den Kaufläden gibt es mächtige Strohhüte, Stiefel aus Eselshaut, Flechtereien, gestickte Taschentücher und Decken, blaue Tuchmützen mit einem langen Ausläufer. (...) bunte Taschen aus Tuch und mit Blumen bestickt, ganze Kleider, Zuckerrohrstangen, und von allem wird gekauft. Der Madeira(wein) läuft immer nebenher. Für den Abstieg stehen Schlitten zur Verfügung, zweiseitig, die durch zwei weißgekleidete Männer mit runden Strohhüten hinuntergeleitet werden. (...) Es ist unnötig zu bemerken, daß diese Abfahrt für die

<sup>336</sup> Idem, p. 98 s.

<sup>337</sup> Idem, p. 99.



Nordländer ein besonderes Gaudium bildet; ohnehin fährt keiner gern los, ohne photographiert zu sein. In einer Viertelstunde ist man in der Stadt drunten: die jüngeren Jahrgänge der Eingeborenen tragen darauf die Schlitten auf den Schultern wieder zum Ausgangsort zurück. Es gibt drunten anstatt Droschken auch Schlitten, von kleinen braunen Kühen und Stieren gezogen; (...) die Zugtiere sind bunt behängt, die Schlitten unter Baldachinen.<sup>338</sup>

A não identificação deste poeta com o turista vulgar é latente ao longo de todo o seu relato. As suas representações de Lisboa e sobretudo da Madeira caracterizam-se por uma perspectivização místico-bucolizante, com que se pretende transmitir uma imagem harmonizante de uma ilha paradisíaca. Esta premeditada sugestão - por via da discursividade literária - da vivenciabilidade de uma utopia, já temporariamente experimentada durante uma viagem proporcionada às massas pelo regime nacional-socialista, parece preocupar mais o autor do que fornecer uma imagem apenas turística dos destinos geográficos dos cruzeiros KdF. Porém, e ao contrário do que se poderia imaginar, a função desta bucolização da Madeira não se restringe a um mero anestesiamiento, a um calculístico embriagamento das massas com o fim último de as enquadrar com o ideário do nacional-socialismo. É que com a mensagem inerente à representação da experiencição do bucolismo madeirense não se visa apenas mostrar aos turistas alemães a possibilidade de viver o "paraíso na terra" da mesma forma que os madeirenses aparentemente o faziam. Consciente das diferenças entre os *modus vivendi* pacífico e "natural" dos "nativos" e o guerreiro dos germâncios, Schaffner, como que condenando a imobilidade anestesiante irradiada pela aura paradisíaca da ilha, adverte os leitores para a inevitabilidade de uma mobilização expansionista por parte dos alemães após o regresso à pátria: só pela luta se alcançaria o paraíso, o *Império Milenar*; seria esta a missão da "nova Alemanha", o que a distinguiria dos arcaicos e pacíficos ilhéus madeirenses.

Eine Schönheitslinie nach der anderen schwingt sich vor deinen Augen auf, immer die Küste mit dem Meer liebend und die Höhenlinie der Berge mit dem Himmel beseligt. Allein ist hier nichts und niemand. Diese Insel hat keinen Geschichtsschutt! Sie ist ein reines Naturprodukt. Hier herrschten keine Könige, keine Priester pflegten geheimnisvolle oder grauennhafte Kulte. Keine Kulturen lösten einander ab. Keine Helden raste durch das Gefild. Kein großes Geschlecht baute oder riß das gebaute der Alten oder Besiegten nieder. Die Menschen leben wie die Tiere oder die Blumen. Mächtige Fieber, die ganze Zeiten schütteln, sind unbekannt. (...) Man ist zwischen Blumen groß geworden und nicht zwischen wilden norwegischen Felsen und grauen Nebeln. Es sind stille, kleine, freundliche Südinsulaner und nicht lange, blonde, tatengierige Nibelunge, die der Mitternachtssonne ins Auge gesehen haben und dem Nordlicht und in deren Seele darum kein Schlaf mehr kommt. Und die nordischen Urlauber, die mit diesen Freudenschiffen kommen, was sind sie? Arbeitskameraden der neuen Zeit. Sie haben alle Augenfarben und Körpergrößen, und was wirklich in ihren Seelen schläft oder wacht, wer kann es sagen? Zu jeder Zeit wacht anderes und schläft anderes. So sprechen sie: (...) So hab ich's im Geiste begriffen./ Wir steigen wie aus

<sup>338</sup> Idem, p. 102 s.

gebrechlichem Kahn / hinauf zu eisernen Schiffen./Wohin uns nicht Trieb und nicht  
Glauben gebracht. / dahin führt uns das Werk: Zur Freiheit! Zur Macht!<sup>339</sup>

Por isso, a paisagem que melhor corresponde a uma concepção germânica é para o "velho combatente" Schaffner a paisagem vulcânica, o "teatro rochoso" no centro da ilha, que na sua visão perceptual se assemelha ao mundo pagão do norte e em que o autor encontra - o que quer que seja que isso signifique - "a infinidade da eternidade". A caminhada ao "núcleo vulcânico" da Madeira parece catapultar o poeta para uma dimensão transcendental de cuja vivência resulta a seguinte representação, de resto, muito semelhante à da Boca do Inferno, de um insustentável grau de *pathos* mistificante :

Du begreifst, daß du jetzt auf dem Felsenkern der Insel stehst. Heidnische Zackenlinien umzucken dich hoch auf allen Seiten wie in Stein erstarrte Blitze. (...) Eine riesige Vulkanschmiede umschwingt dich erloschen mit steinerner Majestät - ein Felsentheater von unbeschreiblicher Größe. (...) Dort, woher du kommst, blitzt das Meer an der hellen Südküste, nach der anderen Seite ist alles rauh und einsam, da sieht es unerwartet nach Nordwelt aus, düster, karg, lebensabgewandt. Selbst die Färbung der See setzt sich ab, auf der einen Seite lachend grün, auf der anderen streng blau. Darüber ziehen weiße Wolken wie Seelen: die winken den weißen Schaumlinien an beiden Ufern: So winkt die Ewigkeit der Unendlichkeit. Du aber stehst auf dem Gipfel des Lebens, das weite warme Land hinter dir, vor dir die schauernde Verschattung des Ungewissen und der Abstieg ins Dunkle, und bestimmt ist dir, daß dir mehr als je alles zum Sinnbild wird.<sup>340</sup>

Mas Schaffner não é o único autor a encontrar no interior vulcânico, na zona mais rude da ilha, analogias com o mundo germânico. Por exemplo, num texto inserido na antologia de Paust, o "poeta dos trabalhadores" (*Arbeiterdichter*) Max Barthel constata em relação à imagem bifronte da paisagem madeirense:

Wir fahren mit der Bahn aus der Blumenfülle und ihren Duftwolken tausend Meter hoch nach dem Terreiro da Luta [isto é, Terreiro da Luta]. Bald lag die weiße Stadt (Funchal) und das dunkelblaue Meer unter uns. Vor uns und über uns stand das zerrissene Gebirge (...). Bis zur halben Berghöhe gingen die blühenden Blumen mit (...). (Dann) dunkelten die ersten Pinien, bald wurden kleine Pinienwälder sichtbar. Diese Neupflanzungen an den steilen Hängen und in den Tälern crinnerten an den Thüringer Wald oder ans Erzgebirge.<sup>341</sup>

Enquanto que Schaffner procede na sua representação da Madeira a uma encenação místico-religiosa de um paraíso de duas faces, numa espécie de síntese de mundo celeste e submundo infernal - um mais bíblico, isto é, fértil, colorido, estático e pacífico, e por isso "tipicamente" meridional, outro mais pagão, ou seja, mais sombrio, frio, austero, portanto, simbolicamente setentrional -, metaforizando assim a concepção nacional-socialista da vida como *luta*, como *movimento*, na

<sup>339</sup> Idem, p. 106 s.

<sup>340</sup> Idem, p. 110.

<sup>341</sup> Max Barthel, *op. cit.*, p. 71.

"novela de viagem" de Hans Biallas e nas "reportagens de viagens" publicadas na revista de massas *Arbeitertum* a paraísificação da ilha dá-se primordialmente com base num processo de turistificação exotizante. Mais do que evocar a mitologia germânica e o espírito lutador dos (turistas) alemães, nestes textos pretende-se sobretudo exaltar a ancestral apetência dos povos nortenhos pelo exótico, pela vivência embriagante e efémera do mundo bucólico do sul. Instrumentalizando-se em parte a imagética e simbologia do Eden bíblico - sem que, no entanto, se atinja a dimensão religiosa do discurso de Schaffner -, a encenação da Madeira corresponde sobretudo no texto de Biallas basicamente à sua representação como paraíso geográfico, como utopia turisticamente experienciável. Os textos das "reportagens de viagens" na *Arbeitertum*, podendo contar com o não subestimável apoio sugestivo de uma grande quantidade de fotografias do "paraíso madeirense", caracterizam-se por uma repetitiva e estereotipada recorrência a *clichés* turísticos, tais como "a unicidade" da paisagem, "o invulgar cenário paisagístico", "a magia subtropical", "o sol radiante do sul que bronzeia intensamente". De resto, e à semelhança do que aqui já pudemos constatar em relação às representações de Lisboa, o objectivo primário destes textos jornalísticos é, mais do que representar o estranho, encenar a alegria reinante entre a "comunidade de bordo" durante a viagem. Os seus propósitos endoutrinante e propagandístico são obviamente mais explícitos e visíveis do que numa "novela de viagem" como *Der Sonne entgegen* em que se dedicada à ilha propriamente dita uma representação mais detalhada. Contrastando com o misticismo do discurso representativo de Schaffner, Biallas opta por uma descrição mais populista, mais turístico-folclórica da Madeira. Empenhado em representar a apazibilidade deste local de férias de que "muitos estrangeiros ricos, sobretudo Ingleses, fazem seu retiro paradisíaco"<sup>342</sup> - luxo de que agora também os trabalhadores alemães poderiam usufruir graças à política social do regime nacional-socialista -, também este autor explora o paradigma (paradisíaco) da exótica fertilidade vegetal.

Jedes Fleckchen Erde ist ausgenutzt. Der Boden ist so fruchtbar, daß er zweierlei Früchte auf einmal trägt. Staunend stehen die Volksgenossen von Rhein, Mosel und Saar (...) an den Hängen, (wo) das Zuckerrohr wächst. (...) Dort, wo Felsen und schroffe Abhänge jede Kultur unmöglich machen, ist alles überwuchert mit Kakteen, deren Stacheln jedes Eindringen unmöglich machen. Dazwischen wachsen - o Wunder - Geranien mit ihrer leuchtend roten Pracht wild aus den Felsen heraus. Auf Madeira ist auch die Heimat der Banane, deren riesige Blätter und grüne Fruchtbündel sofort erkannt werden (...). Das ist ungefähr das Bild, das sich dem Beschauer von Madeira bietet. Felsige Berghänge, gestaffelte Gärten - Blüten über Blüten, Bananen, Zuckerrohr, das wie ein Wald bis hoch hinauf zieht, Kakteen, Bodenfarn, Drachebäume, Magnolien und Palmen in den verschiedensten Arten und Formen. Weinberge, Kartoffeläcker, große Felder mit Zwiebeln vervollständigen das Bild eines großen Gartens, das dieses Land bietet.<sup>343</sup>

<sup>342</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 55.

<sup>343</sup> Idem, p. 54.

Habilmente aproveitando uma representação paisagística para mencionar a amabilidade da colônia alemã na Madeira, de que muitos dos seus membros se teriam posto à disposição para conduzir os excursionistas compatriotas nos seus automóveis ao interior da ilha, também Biallas recorre na sua descrição do exótico ao *cliché* (predilecto numa certa tradição alemã) da paisagem "selvagem-romântica".

Einige Kameraden haben durch die Freundlichkeit der Deutschen auf Madeira die Möglichkeit, herrliche Autofahrten ins Innere der Insel, ja quer hinüber bis auf die andere Seite zu machen. Ihnen wird erst der ganze wild-romantische Charakter dieses herrlichen Fleckchens Erde klar. Das verwitternde vulkanische Gestein ergibt einen sehr fruchtbaren Humusboden, der an den Hängen, wo er offen zu Tage liegt, im Lichte der südlichen Sonne rötlich erstrahlt. (...) Das ganze Innere der Insel, ihre Berge und Hänge, ist mit Massen von Lorbeerbäumen bedeckt (...). Wenn Sonnenschein darauf liegt, leuchten sie in einem wunderschönen Silbergrau, als wäre es ein Wald von Silberpappeln.<sup>344</sup>

No entanto, a paisagem natural não constitui para Biallas o único ponto de atracção da Madeira. Diferenciando-se significativamente das longas, exaustivas e enfáticas representações paisagísticas de Schaffner, a perspectiva do autor de *Der Sonne entgegen* focaliza a "ilha paradisíaca"<sup>345</sup> como um agradável lugar exótico de uma longa e merecida tradição turística e de que agora também "os camaradas de trabalho" alemães poderiam fruir:

Die Urlaubskameraden ziehen froh in die fremde Stadt (Funchal). Sie sehen gleich: ein Ort mit viel Fremdenverkehr. Die Verständigung ist hier besser als in Lissabon. Jeder, ob Händler, Polizist oder Chauffeur, ist auf Fremde eingestellt und weiß schon, was diese wollen. Schon auf der Mole (...) stehen die Händler mit kleinen Vogelbauern und piepsenden, zwitschernden grünen und gelben Vögelchen darin. Auch kleine Papageien von würdigem Aussehen befinden sich darunter. Neugierig werden die Arbeitskameraden, die an Land gehen, von den auf der Mole Herumstehenden gemustert. Sie wissen noch vom vorigen Jahr, daß dies deutsche Arbeiter und Arbeiterinnen sind, die in die Welt fahren. Dann aber empfängt die Urlauber der ganze Trubel des südlichen Lebens in einer Stadt, für die der Fremdenverkehr die hauptsächlichste Ertragsmöglichkeit bietet.<sup>346</sup>

Deixando o discurso eminentemente propagandístico e endoutrinante para um capítulo à parte, intitulado de *Abschied von Madeira* e em que o autor coloca o protagonista da sua "novela de viagem", o trabalhador ex-comunista Fritz Oldenkamp de Hannover, em cena para demonstrar o efeito catártico das vivências durante as viagens KdF:

<sup>344</sup> Idem, p. 53.

<sup>345</sup> Idem, p. 50.

<sup>346</sup> *Ibidem*.

(Oldenkamps) Gesicht ist verklärt, während er auf die nahe Stadt (Funchal) herüberschaut. (...) Schwarz heben sich die Gipfel der Berge vom Sternenhimmel ab, und er schaut hinauf zu den Sternen, die hier ein anderes Bild bieten als in der Heimat. Da packt ihn ein unendliches Sehnen und eine tiefe Liebe zu seinem Vaterland quillt in ihm empor. Deutschland, Deutschland über alles in der Welt - das ist sein Denken, und das, das schwört er hier, der deutsche Arbeiter Oldenkamp, das soll auch immer sein Tun in der Heimat bestimmen.<sup>347</sup>

a representação propriamente dita da Madeira por parte de Biallas queda-se *grosso modo* por uma dimensão mais pragmática, quase que apodémica. O relator, numa espécie de registo de guia turístico com um toque de folclorismo populista, destaca as vantagens das boas infra-estruturas da ilha e enuncia sumariamente os locais de visitas aconselháveis, fornecendo assim ao inexperiente trabalhador-viajante e ao potencial leitor desta literatura de massas informações de interesse para a desejada postura auto-confiante dos "representantes do povo alemão" durante as suas futuras viagens com a KdF:

In langen Reihen stehen die Autos, sie werden lärmend angepriesen zu einer Fahrt um die Insel und ins Innere. Autobusse halten, die für einen Escudo weit ins Innere fahren. Sie sind die einzige Verbindung auf der Insel, außer der Zahnradbahn, die aber nur für den Touristenverkehr bestimmt ist. Madeira hat viele Seltsamkeiten. Das Eigenartigste sind wohl die von Maultieren, Eseln und Ochsen gezogenen Schlitten. Alle Straßen in der Stadt und auf der ganzen Insel sind mit ganz kleinen (...) Lavabrocken gepflastert. Man geht stets wie auf einem Gitter. Wagen mit Holzrädern können hier nicht verkehren, außerdem würden sie auf den steilen Wegen bergauf und bergab unpraktisch sein. Seit uralten Zeiten hat daher die Bevölkerung allein den einfachen, hölzernen Schlitten als Verkehrsmittel. Erst das Auto hat ihn etwas aus dem Straßenbild verdrängt. Von der Bergstation der Zahnradbahn, für die jeder Urlauber eine Karte hat, bietet sich ein wundervoller Blick auf Funchal und das Meer. (...) Nicht weit entfernt, auf einem hohen Berg, liegt ein uraltes Kastell grau in grau, das schon zerfallen ist und von dem nur noch Ruinen herüberschauen. Die ganze Insel scheint ein einziger Felsen zu sein. Überall streben sie senkrecht aus dem Meer empor. Nur an einer Stelle bei Funchal liegt eine Badeanstalt an einem langen Streifen Strand. Es die *Lido* genannte städtische Badeanstalt, die auch von einigen Urlaubern besucht wird. Die Bekanntmachung, daß dort keine Haifischgefahr ist, zeigt erst recht, wie weit südlich und in welcher fremde Meere die Urlaubskameraden vorgedrungen sind. (...) Im Innern Madeiras ragen gewaltig die Berge empor. Der höchste Berg ist der *Pico Ouero* [isto é, Pico Ruivo] mit 1850 Metern. Meistens ist er auch - so wie heute - in Wolken gehüllt.<sup>348</sup>

Para além de indicar os preços concretos dos transportes públicos madeirenses, como o de uma volta à ilha de autocarro que "de resto fica muito barato, custando apenas 1 a 2 Escudos, o que equivale a 10 ou 20 *Pfennige*"<sup>349</sup>. Hans Biallas, director de redacção da *Arbeitertum* e chefe da secção de propaganda da KdF, conhecendo os desejos e preocupações concretos das massas, não hesita em abordar na sua "nóvela de viagem" temas tão *apoéticos* como a compra de

<sup>347</sup> Idem, p. 56.

<sup>348</sup> Idem, p. 51 s.

<sup>349</sup> Idem, p. 53.

*souvenirs*, sem, porém, deixar de aproveitar para fazer doutrinárias alusões sentimentalistas ao amor pátrio:

In den steilen und engen Gassen Funchals (...) ist die beste Gelegenheit, die üblichen Reisegeschenke mit nach Hause zu nehmen, denn dort warten Eltern, Frauen, Männer und Bräute auf ein Andenken ihrer Lieben und dürfen nicht enttäuscht werden. Die Geschäfte in Funchal sind angefüllt mit den Seltenheiten des Landes, die verhältnismäßig billig zu haben sind. So stehen denn überall die Arbeitskameraden im eifrigen Handeln mit den Verkäufern und erwerben für ein paar Escudos gestickte Taschentücher, Deckchen, riesige Strohhüte, wie man sie noch nie sah, und - *last not least* - Flaschen mit Madeirawein in schmucken Henkelkörbchen.<sup>350</sup>

A referência ao *ex libris* da ilha, o vinho da Madeira, com que Karl Busch inicia a sua espécie de mini-relato de viagem *Nach den "Glücklichen Inseln"*, introduzindo a Madeira logo na primeira frase como "a ilha portuguesa mundialmente conhecida em que cresce o vinho que lhe dá o seu nome"<sup>351</sup>, é no texto de Biallas populística e, de certo modo, anedoticamente encenada:

Die Freude, einzukaufen, ist bestimmt noch größer, als die Freude des beschenkten in der Heimat sein wird. Die Flasche mit dem starken, süßen Madeirawein wird für die Besitzer eine schwere Charakterprobe sein, wenn es gilt, sie unversehrte mit unverringertem Inhalt nach Hause zu bringen. Vom Fremdenverkehrsverein in Funchal hat jeder Urlauber ein Blättchen in deutscher Sprache erhalten, in dem er alles wissenswerte an Zahlen über Madeira erfährt. Dort heißt es u.a.: 'Infolge seines großen Alkoholgehaltes eignet sich der Madeirawein auch nicht zum Durststillen, sondern er muß mit Vorsicht genossen werden' - eine tiefe Wahrheit, die jeder, der sie nicht glaubt, erst zu spät an den müden Beinen und dem schweren Kopf anerkennen muß.<sup>352</sup>

O vinho da Madeira constitui, aliás, mesmo no texto do mais elitista Schaffner, em relação ao qual apenas afirma que "no local (de origem) tem um paladar completamente diferente do do produto que se compra no(s) países do) norte (da Europa)"<sup>353</sup>, um autêntico *leitmotiv* dos relatos de viagens analisados. O consumo do néctar madeirense parece em algumas das representações mesmo ter contribuído para o aumento do prazer experienciado durante a estadia na ilha paradisíaca. Assim, num poema de Barthel, o operário-protagonista versa - em dialecto berlinense - :

(...) Wir waren natürlich bald in Schwung!  
Mir haben den Madeirawein jetrunken.  
zwee Männer kamen von dot blaue Meer.  
sie haben uns mit offner Hand jewunken.  
zusammen tranken wir drei Flaschen leer!  
Im Jarten wuchsen Zuckerrohr und Feijen.  
und Mispeln jibt es, jelt und süß.

<sup>350</sup> Idem. p. 54 s.

<sup>351</sup> Karl Busch, *Nach den "Glücklichen Inseln"*, p. 20.

<sup>352</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 55.

<sup>353</sup> Jakob Schaffner *op. cit.*, p. 101.

du wirst im nächsten Jahr uff diese Berje steigen  
und selber sehn det Blumenparadies!<sup>354</sup>

Um outro "poema epistolar" da autoria do mesmo poeta, reflectindo paradigmaticamente a típica encenação literário-populista de uma face do nazismo a que aqui já chamámos de "fascismo patusco", exalta esta vivência bucólica da Madeira - e para cuja percepção idealizante o álcool não terá deixado de contribuir - da seguinte forma:

Ick bin, mein Schatz, in Portujal jwesen,  
die Portugiesen grüßen dich durch mir,  
und ick, mein Kind, ick grüßte si von dir!  
Du hast wohl in der Zeitung schon jelesen,  
der Wein da unten ist billiger als Bier.  
(...)  
Die Musik hat eenen Marsch jefingert,  
vom schönen Süden, wo die Rosen blühn!  
(...)  
Wir sinn durch eenen dollen Sturm jeschunkelt,  
wir haben, staune Kind, dem Wütterich jetrotzt,  
Madeira hat uns seinen Frühling vorjefunkelt.  
(...)  
Det war viel schöner, als ick mir det dachte,  
am dunklen Kap die Brandung weiß uns steil,  
und als ick eenen Ausflug zu die Fischer machte,  
da sachte mir een kleener Steppke: 'Heil!'  
Mir sinn in eenen Ochenschlitten hinjeschlittert,  
mir fuhren aan der Küste mit dem Autobus,  
Bananen reiften, cenmal hatt's jewittert,  
mir lachten in den silbern Rejenguß [sic]!  
Dann sinn mir mit der bahn emporjefahren  
wie feine Pinkels, det war, hach so schön,  
am schönsten war's, det wir jar keene Pinkels waren!  
Det andre mündlich! Jetzt uff Wiedersehn!

Em suma, pode constatar-se que no *corpus* textual em estudo a Madeira é encenada como "utopia geográfica"<sup>355</sup>. Na "literatura de viagens KdF" procede-se em todas as suas variantes "genéricas" a uma representação modo geral (hiper)positiva, ou seja, idealizante do arquipélago, dominando nuns textos os traços paradisiaco-sacralizantes, noutros as características turístico-exotizantes. Porém, nem todos os relatos de viagens KdF à Madeira obedecem a esta totalizante bucolização. Num pequeno texto da antologia de Paust, constituindo este a famosa excepção que confirma a regra, um dos viajantes, ao questionar-se sobre se os "nativos" seriam verdadeiramente felizes, procede a uma relativização - paradoxalmente (re)mitificante - da exacerbada paraisificação da Madeira em prol de um não menos hiperbolizado nacionalismo alemão. A utilização literária do

<sup>354</sup> Max Barthel, "Der dritte Brief des Eisendrehers", in Paust, Otto (org.): *op. cit.*, p. 61.

<sup>355</sup> Martina Emmonts, *op. cit.*

dialecto linguístico, com que numa característica demagogia populista se visa cativar o "homem simples", reforça formalmente o conteúdo patriótico do discurso deste céptico turista-trabalhador. Para terminar este subcapítulo sobre as representações da Madeira na "literatura de viagens KdF", eis uma prova da aberrante ridicularidade da concepção nacional-socialista de poeticidade:

Also Madeira, det is ja schon ne Sache, nee, dadruff lassick nicht kommen. Eene Werm wie inde Badestube. Det Meer sicht aus, wie uffde Postkartn. Taschentücha leßte dir andrehn vorrde Braut. Bananen futtaste, det die Schalen fliegen. Dann setzte dir in een Ochsschlittn. leß dir drin knipsn, bis der Ochse jrinst, und wennde obeb bei det Klamottendenkmal bist, von wode den herrlichen Blick uff die ganze Insel hast, denn biste weich wie Butta und waißt fast, dette noch nich mitn pa Postkarten vor zu hause anjebehn hast. (...) Ja, nach det Kartnschreibn sindwa in die komischn Schlittn den Berch runta. Und da sacht doch mein Mitfahra: 'Du, det is hier die jückliche Insel, die seelije Insel, sagnse.' (...) Erst hörick nich hin. Aba denn jeht mir een Licht uff. Seelich? Obse hier seelich sind? Ja, ick weeiß nich ... Denn habnwa uns ja son bißkn umjesehn. Fast allet jehört hier die Englenda. Und ob Betteln zude Seelichkeit jehört, weebick nich (...) Ick habse ooch essn sehn und hab vazichtet, ick dachte dran, det vor mir Berlin een janzet Ende mehr Seelichkeit is. Aba, sachtma nicht jejn Madeira. Es is schön. Ja, sehr schön. Aba als denn Deutschland kam ... wennde so wieda kommst. Mensch, det is dochne Sache. Und, sacht watta wollt, wat jeht denn üba son richtjen deutschen Frühling, also darin binick jadezu altmodisch ... Aba schön wart ... und obse da seelich sind oda nich, wat intressiert mir det ... aba det sachick euch, eijentlich jeht doch nischit üban Brunewald, wenndet erstmal wieda da lang jehst ... nich alleene, vasteht sich.<sup>356</sup>

A mensagem "poético"-política destinada ao público de massas, ao "novo" tipo de leitor e turista que o regime pretendia cativar, cunhar e dominar através do "turismo para trabalhadores" e suas respectivas representações "literárias", é estupidificadoramente simplista: a função primordial da viagem e do consequente contacto com o *estranho*, neste caso com a Madeira, por mais exótico e bucólico, por mais prometedor que pareça, é a de comprovar a beleza e grandeza do *próprio*, de confirmar o incondicional amor pela grandiosa pátria alemã. Enfim, estamos aqui inegavelmente perante um exemplo deveras paradigmático do fenómeno - tipicamente fascista - da instrumentalização populística da "arte literária" ao serviço da (anti-)educação nacionalista.

#### 1.4. Açores

No que diz respeito à representação de outro dos destinos turísticos da KdF a terras portuguesas, os Açores, mais concretamente as ilhas de São Miguel e do Faial, o *corpus* em análise restringe-se a apenas uma "reportagem de viagem" publicada na revista *Arbeitertum*. Esta escassez documental dever-se-á muito provavelmente ao facto de se ter organizado uma única "viagem atlântica" - sobre

<sup>356</sup> Martin Bethke: "Obse hier seelich sind!", in Paust, Otto (org.): *op. cit.*, p. 23.



apenas um navio, o *Oceana*, porventura, o pacote da KdF com o menor número de lotação (640) entre toda a "Frota da Paz" - aos arquipélagos açorianos, tendo esta decorrido entre os dias 2 e 21 de Abril de 1935. A razão factual desta unicidade não a conseguimos desvendar, no entanto, pensamos ser de alguma relevância para o presente estudo reflectir-se um pouco, mesmo que de modo especulativo, sobre os prováveis motivos que terão levado a KdF a excluir os Açores do seu programa turístico das "espectaculares" viagens marítimas. O relativamente baixo grau de eficiência mediática, de espectacularidade, dessas terras praticamente desconhecidas junto das populações do centro da Europa, que primavam pela ausência quase total de referências a seu respeito - à excepção de Ernst Jünger<sup>357</sup>, haveria até então outros poetas alemães de renome que já se tivessem pronunciado nas suas obras sobre estas ilhas?; e o tradicional *Baedeker*, aconselhava ou mencioná-las-ia sequer? -, poderá ter constituído uma razão para riscar da sua lista de ofertas de viagens este destino geográfico pouco "exótico", de clima bastante húmido e com temperaturas não mais que amenas, e, por isso, pouco propício à encenação do mito solar, de um mundo paradisíaco, de um *Scheinwelt*. Comparados aos sonhos colectivos associados a e desencadeados por sitios míticos do globo visados pela KdF, como a Madeira, Lisboa, a Itália ou mesmo África, os Açores, na verdade, não poderiam ter fornecido o cenário ideal para levar a palco a utopia totalitária do nazismo. Junto das massas, estas ilhas (demasiadamente) distantes - e, portanto, do ponto de vista financeiro, pouco rentáveis para a KdF - não apelariam à emoção, não despoletariam a pelo regime intencionada "alegria vital" e consequentes satisfação e identificação com a doutrina e política nacional-socialistas. Para além desta insuficiência dos parcos "requisitos" açorianos para a calculista teatralidade propagandística do turismo KdF, essas terras quase desertas praticamente não tinham atraído imigrantes. A colónia alemã, cujo controlo e enquadramento com o ideário nazi era, afinal, um dos vários alvos da actuação multifuncional da KdF, não ultrapassava em todo o território açoriano o número insignificante de oito famílias e cerca de duas dezenas de funcionários da empresa estatal *Deutsch-Atlantische Telegrafengesellschaft* sedeadada na Horta.<sup>358</sup> No entanto, na "reportagem de viagem KdF" em análise o "encontro alemão nos Açores", isto é, o convívio entre os turistas e a colónia alemã, e a jubilosa recepção por parte da população autóctone é

<sup>357</sup> Referimo-nos aqui às anotações no seu diário de uma "viagem atlântica" ao Brasil (Rio de Janeiro), efectuada em 1936, com escala de dois dias em Ponta Delgada. Em pouco mais de duas páginas, Jünger destaca no seu breve quadro dos Açores a flora abundante, a fauna marítima e a paisagem vulcânica deste "distante arquipélago" que lhe "parece uma imagem simbólica da nossa (isto é, alemã) situação (de então): como uma cadeia de vulcões que, nos extremos limites da Europa, se eleva entre desertos infinitos" [Ernst Jünger, "Atlantische Fahrt", in *Sämtliche Werke*, vol. 6, *Tagebücher II*, Estugarda, 1982, pp. 109-183; em relação aos Açores: pp. 115-118].

<sup>358</sup> Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 187.

sentimentalisticamente encenado como a experiência mais significativa de toda a viagem.

(In) Horta auf Fayal [sic] (...) waren wir Zeugen des schönsten deutschen Wiedersehens. Horta ist Stützpunkt der Deutsch-Atlantischen Kabelgesellschaft. Achtzehn deutsche Arbeitskameraden wohnen hier mit ihren Familien. Diesen Kameraden gehörte der Tag von Horta. Eine weißhaarige Mutter begrüßt ihren Sohn, ein Vater ruft: "Mein Junge, mein Junge!", zwei Schwestern liegen sich weinend in den Armen. Deutsche Begegnung auf den Azoren! Wir wurden mit einer Herzlichkeit ohnegleichen empfangen. Jubel bei den Deutschen. Jubel bei der Bevölkerung! Kein Auto auf der Insel, das nicht den Urlaubern zur Verfügung stand; kein Mensch, der sich nicht um uns bemühte. Die (örtliche) Zeitung *O Telégrafo* hieß uns in deutscher Sprache willkommen. Wir genossen eine herrliche Gastfreundschaft. Das Junggesellenheim der deutschen Kolonie stand uns offen. Wir wurden bewirtet. Man zeigte uns die Kabelstation, man bat uns in die Wohnungen. Der internationale Klub öffnete den deutschen Arbeiterurlaubern die Pforten seines prächtigen Hauses. Horta stand im Zeichen der Deutschen. Die Hakenkreuzfahnen wehten von den Häusern der Deutschen Kolonie. Und im Hafen lag das Schiff, unser Schiff.<sup>359</sup>

Insistindo na metáfora do navio, a bordo do qual "a camaradagem entre todos os excursionistas foi exemplar", e na imagem neo-romântica do "mar selvagem", cuja travessia proporcionaria à "comunidade" de turistas da KdF uma belíssima experiência:

Welche Farbenpracht tat sich vor unseren Augen auf! Sonne und Mond vergoldeten und versilberten das wilde Meer. Die Brecher rasten heran. Weiße Schaumkronen, die der Wind hinwegfegte, über grünen, blauen, violetten Wasserbergen! Nie gab es ein schöneres Erlebnis für uns als diese Tage im Sturm, nie offenbarte sich uns die Natur schöner und gewaltiger als im Kampf der entfesselten Elemente, und nie war das Vertrauen auf unser treues Schiff (...) stärker in unseren Herzen lebendig als in den Stunden des Sturms (...): Es war das Schönste, was wir erleben konnten!<sup>360</sup>.

o "repórter de viagem" dedica à representação dos destinos do pacote propriamente ditos, Ponta Delgada e Horta, apenas algumas frases, em que os eventos aparentemente mais representativos das "abundantes impressões" de viagem são constituídos por elementos pátrios: a jubilosa recepção por parte da colônia alemã e o concerto dado por uma orquestra da Força Aérea alemã na praça principal de Ponta Delgada:

Am 10. April gegen 5 Uhr morgens klopft es bei uns an der Tür der Kabine: "Steht auf! Macht euch aus den Decken! Raus aus der Koje! Das Land! Das Land! Ich sehe São Miguel!" Wir stürzten auf Deck. Da lag die Insel im Glanz der Frühsonne. (...) Hier wurde das Wunder Wahrheit: Mitten aus dem Ozean ragen Inseln auf, und diese Inseln werden wir besuchen! Noch ehe es Mittag wird, betreten wir diese fremde Erde! Herrlich liegt der Hafen von Ponte Delgada. Wir gehen vor Anker. Ein Boot kommt vom Lande. Es ist mit Blumen bis an den Rand gefüllt. Die Deutschen von Ponte Delgada kommen an Bord: "Willkommen! Heil Hitler!" Dann das Ausbooten! Nach neun Tagen haben wir

<sup>359</sup> "Kraft durch Freude - Azorenfahrt. 640 Arbeitskameraden aus allen Gauen fahren über den Atlantik", in *Arbeitertum*, n.º 4, 15.05.1935, pp. 10-13; aqui: p. 12 s.

<sup>360</sup> *Ibidem*.

zum erstenmal wieder festen Boden unter den Füßen. Ausflüge im Auto nach dem herrlich gelegenen Kratersee von Sete Citados [gemeint ist natürlich Sete Cidades] und nach den heißen Quellen von Furnas wechseln mit Spaziergängen durch die Stadt. Unmöglich ist es, die Fülle der Eindrücke wiederzugeben. Nur ein repräsentatives Ereignis sei besonders genannt, das deutsche Platzkonzert auf dem Marktplatz von Ponta Delgada. Die Kapelle des Reichsluftschutzbundes überbot sich selbst. Die deutschen Urlauber erhoben grüßend die Hand, als die portugiesischen und deutschen Hymnen erklangen. Abends fand ein Bordfest statt, bei dem wir die deutsche Kolonie und Vertreter der portugiesischen Behörden zu Gast hatten.<sup>361</sup>

Estas breves considerações, complementadas por quatro fotografias panorâmicas das ilhas de São Miguel e do Faial - obviamente, com a presença de turistas alemães -, constituem em si já todo o *corpus* da representação textual do destino desta viagem (aparentemente, apenas experiencial) aos Açores na "literatura de viagens KdF". Se olharmos, pois, ao facto de que na perspectiva nazi "o mais belo presente que se levou desta viagem" foi a experiência, feita em terras estrangeiras, de se "saber o que significa ter uma pátria" e que os participantes desta excursão marítima ficariam a saber a quem o deveriam, ao "homem que ao longo dos anos lutou pela alma do seu povo: Adolf Hitler"<sup>362</sup>, esta escassez no que diz respeito à descrição de um país estranho já não é de modo algum surpreendente. Mais do que *informar* sobre uma cultura estranha, as "reportagens de viagem" na revista da KdF deveriam (*des*)informar, (*des*)educar o povo num sentido chauvinisticamente patriótico, (*re*)conduzindo, assim, as massas desterradas à "nova Alemanha" nacional-socialista.

## 2. Os portugueses e suas condições de vida: "menos desenvolvidos, mas amigos"

Se tivermos em consideração que um dos objectivos principais, senão o primordial, dos cruzeiros KdF e suas respectivas formas de representação textual seria o de - numa perversa inversão do sentido antropológico da tomada de consciência do relativismo cultural pela viagem - *reconduzir* o povo alemão ao "porto seguro" que a Alemanha imbuidamente nazi representaria, o de fomentar a incondicional identificação com a pátria e seu governo, a imagem do povo visitado e suas condições de vida projectadas na "literatura de viagens" em estudo reveste-se de um interesse muito especial. Como é que os autores nazificados tentaram resolver nas suas obras o dilema, a contradição intrínseca ao facismo entendido como *movimento* internacionalizante, de se exaltar e incentivar os exacerbados valores nacionalistas sem se ofender os anfitriões? Se através do turismo KdF também se pretendia transmitir a fraudulenta consciência da superioridade

<sup>361</sup> *Ibidem*.

<sup>362</sup> *Ibidem*.

germânica, do *Herrenmenschentum* que a raça alemã constituiria, qual seria então a forma adequada para representar um povo e cultura estranhos? Como se poderia fazer passar a mensagem demagógica dos desígnios *interculturais*, segundo o lema populístico da aproximação entre os povos ("Volk kommt zu Volk"<sup>363</sup>), subjacentes às viagens ao estrangeiro sem, ao mesmo tempo, se desprezar a finalidade última da secção de turismo da KdF de consciencializar o próprio povo alemão da sua alegada primazia rática, do seu predomínio *total*? Na verdade, os autores em questão não conseguiram encontrar uma solução lógica e coerente para esta indissolúvel contradição inerente à própria irracionalidade da *alógica Weltanschauung* nacional-socialista e sua sentimentalística e demagógica retórica discursiva. É que as representações dos portugueses e suas condições de vida no *corpus* em análise resultam globalmente num quadro eclético, por vezes mesmo paradoxal, composto por elogiosas caracterizações dos traços positivos do povo português que alternam com afirmações chauvinistas, atingindo estas por vezes as proporções de um inocultável e perverso racismo vincadamente biológico. Esta visão chauvinística e racicamente pré-formada dos portugueses está patente em todos os textos, podendo, no entanto, distinguir-se diversos graus de intensidade a nível de sua expressão verbal. Se nuns se consegue detectar o ideograma da superioridade germânica sob formas "elegantemente" entrelaçadas, ou melhor, (pseudo)literariamente embaladas, como no caso do "romance de viagem" de Jakob Schaffner, noutros já não se demonstra qualquer preocupação em o reiterar ostentativamente sem se levar em conta que com isso se estaria a ofender um "povo amigo". Sobretudo na populística antologia de Otto Paust, de cujo público destinatário se parece pressupor na visão demofóbica do nazi-fascismo um certo défice de instrução literária para perceber alusões racistas poeticamente camufladas, encontram-se variadíssimos exemplos desta falta de sensibilidade intercultural, para já não se falar dos "relatórios de viagem" (*Spitzelherichte*) que, pelo seu carácter secreto e, por isso, não estando sujeitos a imposições retórico-demagógicas, projectam uma imagem "autêntica", isto é, nazificada, deveras desprezadora de um povo e sociedade "inferiores" aos alemães.

Tratando-se de "homens de confiança" (*Vertrauensmänner*) do regime, de nacional-socialistas convictos, os relatores secretos das viagens KdF procuram insistentemente as comparações, numa espécie de perversão do relativismo, entre a Alemanha e Portugal, centrando sua atenção não tanto sobre as "maravilhosas belezas naturais", ou seja, os elementos turísticos, mas antes sobre os aspectos "sombrios" da vida social portuguesa. O seguinte extracto atesta representativamente o empenho dos informadores em focalizar os elementos menos

---

<sup>363</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 32.

favoráveis de uma cultura estranha com a intenção de assim se fazer realçar, de um modo comparatístico-competitivo, as virtudes da "nova" sociedade alemã, de uma Alemanha *totalmente* transformada pela tomada do poder por parte dos nacional-socialistas:

Die Landaufenthalte waren insofern wertvoll, als es den Urlaubern dadurch möglich wurde, die Lebensgewohnheiten der Bewohner in Portugal und auf der Insel Madeira kennenzulernen. Da viele Urlauber außer den vorgesehenen Rundfahrten, die übrigens nur die Schönheiten vermitteln, auf eigene Faust Rundgänge und Ausflüge unternahmen, bekamen sie auch einen Eindruck von den Schattenseiten. Die soziale Lage der Bewohner Portugals und Madeiras wurde viel besprochen und Vergleiche angestellt. Gerade die Handarbeiter unter den Urlaubern stellten mit Stolz fest, daß sie mit den Portugiesen nicht tauschen möchten. Für die Förderung des Nationalstolzes bei den Urlaubern haben diese Landaufenthalte sichtlich beigetragen.<sup>364</sup>

O interesse calculista de se perspectivar numa cultura estranha predilectamente as más condições de vida das populações - e isto não por preocupações humanísticas de se denunciar as injustiças sociais mas por objectivos perversamente nacionalizantes, para fins de controlo total das massas - está patente em praticamente todos os *Spitzelberichte* analisados. Um outro relato demonstra-o de modo inequívoco:

Die Urlauber (...) sahen nicht nur die wunderbaren Naturschönheiten, sondern erhielten auch ein Bild von den zum Teil noch sehr schlechten sozialen Lebensverhältnissen und dem Leben und Treiben ganz allgemein. Gerade das letztere wird für besonders wertvoll erachtet, da die Arbeiter hier in einem fremden Land ermessen konnten, was Deutschland in sozialpolitischer Hinsicht bereits erreicht hat. Am vorletzten Tag der Fahrt hielt der Kapitän in einem Schlußapell [sic] eine Rede an die Urlauber, in der er zum Schluß kam, daß (trotz) der gewaltigen Naturschönheiten und trotz der vielen neuen Eindrücke nichts über Deutschland geht.<sup>365</sup>

O efeito *positivo* da observação de aspectos *negativos* em países e povos estranhos junto dos "turistas-trabalhadores" da KdF é, portanto, constantemente enfatizado nos relatórios secretos, conforme esta passagem de um *Spitzelbericht*, referente a uma viagem realizada no Outono de 1937, exemplifica de modo paradigmático:

Allgemein war sich der Großteil der Urlauber am Ende der Fahrt darüber klar, daß ein Vergleich in kultureller und politischer Hinsicht, wie auch in Bezug auf Sauberkeit und Lebenshaltung des Arbeiters zwischen beiden Ländern eindeutig zugunsten Deutschlands ausfallen müsse.<sup>366</sup>

Vejamos em que é que consistiriam afinal as "em comparação com a Alemanha" más condições sociais em Portugal. Quais teriam sido os males que os

<sup>364</sup> "Überwachung von Reisen ins Ausland" - R. 58/950.

<sup>365</sup> Idem.

<sup>366</sup> Idem.

informadores. "educados no sentido de andar pelo mundo fora de olhos e ouvidos bem abertos"<sup>367</sup>, presenciaram - aparentemente com agrado, já que sua observação era optimamente instrumentalizável para o desejado fomento do patriotismo alemão - nas suas breves estadias em "terras estranhas"? No extracto supracitado encuncia-se, de forma generalista, as insuficiências culturais e políticas, sem, no entanto, se explicar as suas proporções concretas, o que nos parece ser um indicador para o facto de os informadores preencherem, de modo *reprodutivo*, nas suas "impressões de viagem" um esquema xenológico *pré*-concebido, ideologicamente *pré*-formado. Sem querermos, obviamente, pôr aqui em causa a facticidade das paupérrimas condições de vida da população portuguesa durante os anos 30 (e não só nesse período) do Estado Novo, defendemos a tese de que a insistente focalização de determinados tópicos de carga negativa, como a pobreza, a mendicidade ou a sujidade dos sítios e pessoas visitados, reflecte no caso dos relatos em questão o efeito da percepção *pré*-constituída por um certo ideário, nomeadamente, o cristalizado na "ideologia" nacional-socialista da superioridade civilizacional dos alemães. Mas voltemos, após este breve parêntesis ligeiramente teórico, às "fontes", às percepções e representações dos portugueses e suas condições de vida pelos "homens de confiança" do regime nazi. O que nos dizem de "concreto" sobre a sociedade portuguesa de então, ou antes, sobre sua hetero-imagem na visão dos "espiões de viagem"?

Conforme já aqui foi dito, há vários tópicos, verdadeiros *Leitmotive*, comuns a praticamente todos os relatórios em análise. Começemos pelo da sujidade e falta de higiene de locais e pessoas, que os informadores detectaram sobretudo em relação a Lisboa. Eis alguns trechos, extraídos de diferentes relatórios, como exemplos da perspectiva miserabilista e intrinsecamente chauvinista dos informadores:

Die Verwahrlosung und der Schmutz Lissabons und der großen Masse seiner Bewohner ist zum Teil derart stark, daß unsere Urlauber schwer erschüttert wieder an Bord kamen.<sup>368</sup>

Die Häuser sowie das Volk machen durchweg einen schlechten, unsauberen und unhygienischen Eindruck, obwohl die Verhältnisse in der Stadt im Vergleich zu denen auf dem Land noch als gut anzusehen sind.<sup>369</sup>

Auffällig war (in Lissabon) (...) die in den Arbeitervierteln zu Tage tretende Armut und der ungeheure Schmutz. Ebenso bietet auch die Durchschnittsbevölkerung ein rassistisch schlechtes Bild.<sup>370</sup>

<sup>367</sup> Trata-se de uma afirmação de um informador em relação a si mesmo com que, ao demonstrar um grande orgulho profissional, parece querer reafirmar a sua convicção nazi, mais que não seja para agradar aos seus superiores (R 58/950).

<sup>368</sup> R 58/950.

<sup>369</sup> *Idem*.

<sup>370</sup> *Idem*.

Nestas últimas constatações não deixa de chocar a aparente leveza com que os autores estabelecem uma abstrusa analogia entre uma realidade físico-material e seres humanos. De certo modo, esta forma demofóbica e racista de se caracterizar, no mesmo fôlego, coisas e pessoas com os mesmos atributos está também subjacente à enunciação da pobreza material de grande parte da população lisboeta, cujo reflexo, a mendicidade, é descrita como sendo incomodativa, "extremamente insuportável para o estrangeiro". Assim, a pobreza e o grande número de pedintes não parecem desencadear junto dos excursionistas sentimentos de compaixão, de co-responsabilidades humanísticas, sendo antes percepcionados como algo de desagradável, como "chatice" que perturba a atmosfera cor-de-rosa da viagem turística.

Für den Ausländer ist besonders unerträglich die Kinderbittlerei. Es gab wohl keinen Reisenden, der nicht mehrmals von Kindern und Halbwüchsigen um deutsche Zigaretten und "Pfennige" angebettelt wurde.<sup>371</sup>

Um outro relator destaca a persistência dos mendigos na sua "vergonhosa" actividade que, conforme este espião de viagem afirma, fora de facto legalmente proibida pelo Estado Novo.<sup>372</sup>

Im Hafenviertel (von Lissabon) und im angrenzenden Stadtteil wird das Bild von herumlungernenden und bettelnden Arbeitslosen und Kindern beherrscht. Zigaretten und "Penny" sind selbst von den Kleinsten begehrte Artikel. Es ist unglaublich, mit welcher Ausdauer sie die Fremden begleiten, um eine Zigarette oder ein Geldstück zu erhalten, trotzdem das Bettelwesen vom Staat verboten worden ist.<sup>373</sup>

<sup>371</sup> Idem.

<sup>372</sup> Num artigo não assinado, publicado no *Diário de Notícias* de 23.03.1936 e intitulado de "A Cidade: a Miudagem e a Grandagem Anti-Turística", um "bom patriota" demonstra-se muito preocupado com a má imagem (turística) de Portugal que os mendigos projectariam junto dos excursionistas alemães, apelando por isso a atitudes mais severas para com os pedintes por parte das autoridades. Pelo facto de nele se reflectir paradigmaticamente o desprezo fascista pela esfera do humano em prol do "bem da nação", não resistimos a transcrever aqui pelo menos algumas passagens do referido artigo: "Nestes últimos dias, em que Lisboa andou cheia de turistas alemães, abundaram-lhes em volta os miudos - e também os grandes - importunos e pedinchões. Utilizava esta malta, no seu assédio aos visitantes, dois processos vergonhosos: ou a simples solicitação da moeda com afincos de carraça, ou o gesto de saudação, como elemento de lisonja, para cair em graças de cigarros ou dinheiro. Por outras palavras: praticavam a mendicidade, e aos estrangeiros davam tristíssima imagem do nosso País. (...) Porque não se impede, e até se tolera com benevolência e com sorrisos do cidadão, e mesmo da Polícia, um tal estado de coisas e modas tais de pessoas, não nos parece que vá por boa senda a apregoada causa do turismo português. Não devem os seus mentores ignorar que onde haja moscas, ou mendigos, o turismo é uma santíssima léria. Suprimir umas e outros é profilaxia necessária. Para os primeiros recomendam-se regras de higiene. Para os segundos posturas, bem cumpridas, e aqueles meios que vão, desde uma tapôna bem dada a umas horas ou dias de calabouço. Consentir miudagem e grandagem dessa, a fervilhar com impertinência ao derredor de estrangeiros que vêm aqui para ser deleitados e não incomodados, afigura-se-nos vergonha inadmissível e atitude anti-turística."

<sup>373</sup> R 58/950. O tópico, ou melhor, a imagem da mendigagem de moedas é, aliás, também aproveitada nos referidos filmes sobre as viagens da KdF a Portugal, em que se pode ver turistas

Este tópico da mendigagem de moedas e cigarros não o encontramos apenas nos relatórios dos "espiões de viagem" mas também em muitos dos textos da antologia de Otto Paust. Por se tratar de uma versão representativa deveras surpreendente, já que nela se inverte a conotação negativa da mendicidade com o intuito de a transformar funcionalmente num aspecto positivo para a propaganda nacionalista alemã, passamos a transcrever um trecho de um curto relato de viagem do livro *KdF-Das große Urlauberschiff* como demonstração da típica e "imaginativa" instrumentalização do estranho para fins doutrinantes na "literatura de viagens KdF":

"Penni. Penni. Zigarett [sic]!" Freilich, das war ein Bettlerkind; aber an der nächsten Ecke kommt ein gut gekleideter junger Mensch zu uns und streckt uns treuherzig seine braune Hand entgegen: "Zigarett, Señor!" Unmöglich ein Bettler! Wir versuchen es auf Französisch: "Parlez vous français, monsieur?" "I speak english!" antwortete der Portugiese. "And why you do'nt [sic] buy self your Cigarettes [sic]?" Da lacht er und erklärt uns, daß sie ihn umwerfen würden. Geld sei genug vorhanden; aber um eine *deutsche* Zigarette lohne es sich schon, einen Augenblick lang einen schlechten Eindruck zu machen ... und das hat er so charmant und überzeugend gesagt, daß von einem schlechten Eindruck gar keine Rede mehr sein kann! Er wäre recht beleidigt gewesen, hätten wir ihm wie den kleinen braunen Händen am Kai "Penni. Penni" gegeben.<sup>374</sup>

A mendicidade, quando não por necessidade mas pela vontade e pelo prazer de usufruir da "qualidade alemã" - mais que não seja, a de um cigarro alemão - parece portanto a este autor perfeitamente aceitável. Não é, porém, esta a perspectiva de um relator secreto que condena a atitude de "até os soldados portugueses, que deixaram uma impressão modo geral muito desleixada, mendigarem cigarros aos turistas (da KdF)"<sup>375</sup>. A lassidão e o desleixo do modo de vida dos portugueses, mesmo por parte dos agentes policiais que andariam de mãos nos bolsos ou leriam o jornal nas vias públicas, são também denunciados nas impressões de Portugal por parte dos espiões<sup>376</sup>, contrastando assim fortemente com as observações positivas na "novela" de Biallas em relação aos polícias e soldados portugueses que "causam uma boa impressão"<sup>377</sup>. Ainda outro informador suspeita da hipocrisia, economicamente calculista, subjacente à aparente simpatia dos portugueses para com os turistas alemães.

---

da KdF, rodeados de vivos motins de crianças portuguesas de mãos abertas, a distribuírem moedas.

<sup>374</sup> Otto Paust, *op. cit.*, p. 38 s.

<sup>375</sup> R 58/950.

<sup>376</sup> Cf. Bruno Frommann, *op. cit.*, p. 193.

<sup>377</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 35.



Der Empfang in Madeira war sehr herzlich. Es wurde auch allgemein über die Zuvorkommenheit der Portugiesen gesprochen. Man wird jedoch das Gefühl nicht los, daß hinter dieser Freundlichkeit der Portugiesen nur das zu machende Geschäft steht. Überall wurde mit "Heil Hitler" begrüßt, aber an diese Begrüßung auch gleichzeitig das Verlangen nach einer Zigarette oder nach Geld gesteckt.<sup>378</sup>

A imagem globalmente negativa da sociedade portuguesa projectada pelos *Vertrauensmänner für Reisen* nos seus relatórios contrasta, pelo menos à superfície e à primeira vista, com os relatos de viagem destinados ao público de massas com que, para além das intenções de auto-valorização psicológica dos alemães, também se pretende dar uma imagem relativamente positiva de um país e povo igualmente em ascensão, já que também estariam a seguir, guiados pelo "homem genial, Oliveira Salazar", o "bom caminho do nacionalismo social"<sup>379</sup>. No entanto, e apesar das preocupações da propaganda internacional subjacentes aos "romances e novelas" sobre as viagens KdF, também Schaffner e Biallas não conseguem - ou não querem - deixar de fazer transparecer nas suas representações dos portugueses uma certa concepção chauvinista. Assim, Schaffner entrelaça na sua descrição modo geral positiva de Lisboa aspectos negativos das condições de vida nessa cidade, relegando no entanto a sua denúncia, de forma hábil e "diplomática" - fenómeno aparentemente típico deste poeta - para a perspectiva e voz dos protagonistas turistas-trabalhadores do seu livro:

Der breitangelegten Neustadt drunten steht eine ziemlich enge Altstadt droben gegenüber. (...) Dort gibt es auch historische Winkel und Häuser zu sehen. Zeugen aus dem tiefen Mittelalter, daneben Armutsquartiere mit viel bettelndem Volk, das schreckliche Krankheiten offen zur Schau trägt. Hummel aus Hamburg brummt etwas von Schmutz, und Fritze aus Berlin kommt mit sich überein, daß hier keine Ordnung herrsche.<sup>380</sup>

Também a alegada leviandade e lassidão do modo de vida dos portugueses - percebidos na concepção guerreira do "super-homem germânico" como pouco exigentes e nada competitivos -, da sua forma de viver aparentemente pré-moderna, ou seja, subdesenvolvida, não escapam ao olhar dos "poetas de viagem". Comparando de modo contrastivo o significado da morte para os latinos e o "homem do norte", para os "inactivos, pequenos e simpáticos insulanos meridionais" da Madeira e os "altos, loiros e activos nibelungues"<sup>381</sup>, Schaffner refere-se à maneira dos portugueses encararem a vida, aqui exemplarmente representados pelos madeirenses, nos seguintes termos:

<sup>378</sup> R 58/950.

<sup>379</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 78.

<sup>380</sup> *Idem*, p. 71.

<sup>381</sup> *Idem*, p. 106.

(Auf) der glückseligen Insel stirbt man leichter als im Norden, weil man auch leichter gelebt hat. Je schwerer ein Leben, desto schwerer trennt man sich von ihm. (...) Nach allem, was ich höre, macht man sich hier nicht so sehr viel aus dem Sterben, und der Tod spielt lange nicht die herrschende Rolle wie im Norden. Man wird eben einmal krank. Ärzte gibt es hier kaum, also wird man auch sterben. Oder man wird alt, und Gott erlöst die Alten. Man bearbeitet sein Fleckchen Erde, braucht nicht viel und weiß wenig, nichts stachelt die Bedürfnisse auf, und die Vorbedingungen zu einem genüßreichen, zufriedenen Leben sind geschaffen.<sup>382</sup>

para, um pouco mais à frente, concluir na sua manifesta arrogância civilizacional:

Die Insel ist ein reines Naturprodukt. (...) Keine Kulturen lösten einander ab. (...) Die Menschen leben wie die Tiere oder die Blumen. (...) Was für große Ziele sollen hier geboren oder gefunden werden?<sup>383</sup>

Noutra passagem do seu relato, Schaffner alude ao estágio primitivo de homem de caverna dos madeirenses quando descreve o seu passeio ao interior da ilha.

In den Felsen wohnen Menschen. Ich weiß nicht, ob sie die Höhlen vorfanden oder hineinschieben. Dann bauten sie noch eine Wand mit einer Tür und einem Fenster, und da leben sie nun.<sup>384</sup>

Estas *visões* chauvinistas, que Schaffner sabe encadear no seu relato com uma relativa "elegância poética", como quando afirma que os turistas sentem em Lisboa a falta de condições para a "satisfação das necessidades espirituais, sem as quais o homem setentrional afinal não consegue viver"<sup>385</sup>, numa leitura atenta, constituem, porém, um autêntico paradoxo de ideias já que no mesmo livro se entrelaçam longas e enfáticas passagens de elogios à multissecular tradição cultural dos portugueses e sua proximidade e amizade com o povo alemão que "encontra a costa (portuguesa), do ponto de vista histórico, num estágio de ascensão"<sup>386</sup>. Contrastando de forma antonímica com os laivos de xenofobia patentes no seu relato, apesar de mais ou menos camuflados, este poeta ao serviço do nacional-socialismo empenha-se sobretudo em encenar a "nova amizade" luso-alemã solidificada pelas viagens KdF, "uma amizade de povo para povo, alicerçada na vivência real dos vikings da KdF"<sup>387</sup>. E, buscando mais afinidades entre estes dois povos, Schaffner encontra no feroz anti-bolchevismo comum aos dois países mais um elemento contemporâneo para a "representação literária" do fortalecimento do parentesco entre o Estado Novo e o *Terceiro Reich*, duas nações de "povos verdadeiramente humanos, democráticos e instruídos". Relatando o poeta a sua

<sup>382</sup> Idem. p. 104 s.

<sup>383</sup> Idem. p. 106.

<sup>384</sup> Idem. p. 108.

<sup>385</sup> Idem. p. 79.

<sup>386</sup> Idem. p. 68.

<sup>387</sup> *Ibidem*.

viagem efectuada durante a Primavera de 1936, numa altura em que na Espanha as tensões entre nacionalistas e republicanos/comunistas aumentavam de forma drástica, culminando na guerra civil que estalaria precisamente no Verão do mesmo ano, Schaffner aproveita para evocar e elogiar a imunidade dos portugueses em relação aos malévolos ventos marxistas que soprariam do país vizinho, sem, ao mesmo tempo, deixar de adverter também os seus leitores "germânicos", num tom deveras apelativo, para não sucumbirem à "demagogia" socializante e internacionalizante do bolchevismo:

Auf allen Gebieten regt es sich nun hier (in Portugal seit der Regierungsübernahme durch Salazar) zu neuen Formen und Ordnungen. Die Reisenden erklären, daß der Unterschied zu Spanien her sofort klar in die Augen springe. Der Wille verändert das Antlitz der Welt, der Glaube versetzt Berge, und die Liebe vermag alles. Immer wieder: wer ist der moderne Wundertäter in den erwachenden Völkern (wozu auch die Portugiesen gehören)? Der nationale Sozialismus. Überseht auch das nicht: eine marxistische Revolution mag so radikal und blutig und "international" verlaufen, wie sie will, immer wird und muß sie zuletzt (...) nach dem Naturgesetz die Gestalt eines *nationalen* Sozialismus annehmen (...). Das ist der Grund, warum hochstehende und vernünftige Völker (wie die Deutschen und Portugiesen) von vornherein den Weg der nationalen Revolution beschreiten (...). Das sind auch die wahrhaft humanen, demokratischen und gebildeten Völker.<sup>388</sup>

Este tópico do posicionamento rigorosamente anti-marxista de Portugal e das louváveis condições políticas num país de regime de "ditadura militar", de "tranquilidade e ordem"<sup>389</sup>, é realçado em praticamente todos os textos, assim também por Hans Biallas na sua "novela de viagem" em que se traça uma imagem globalmente positiva dos portugueses. Para além de se elogiar os soldados e polícias do país visitado - será que um turista "normal" repararia sequer nas autoridades, nas *forças* que velam pela *ordem* pública, ou dito de outra maneira, será que a escolha *deste* tipo de portugueses para efeitos de representação por parte do autor não constituirá um indicador para o facto de estarmos aqui perante a existência de uma (pré-)selecção da "realidade" estranha (pré-)condicionada e formada por uma ideologia e *praxis* política autoritárias e repressivas? -. Biallas e os outros autores da "literatura" em análise apresentam as portuguesas e os portugueses de forma bastante estereotipada, correspondendo assim aos hetero-*clichés* setentrionais dos povos meridionais.

Para além da pouco detalhada referência, em "dialecto patrio", mas simultaneamente também se mantendo o colorido folclórico-local do destino da viagem, à beleza das mulheres portuguesas na antologia de Otto Paust,

O Mädchen, sinn die Mädchen von Lisboa schön!<sup>390</sup>

<sup>388</sup> Idem, p. 78.

<sup>389</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 35

<sup>390</sup> Otto Paust, *op. cit.*, p. 52.

os poetas-viajantes fazem saber ao leitor alemão que a mulher portuguesa, tanto a lisboeta como a madeirense, está de todo ausente dos cafés e restaurantes, que "parecem ser assunto exclusivamente masculino"<sup>391</sup>, se veste predilectamente de preto<sup>392</sup> e que é capaz de, "oscilando as ancas", transportar "sobre a cabeça cargas gigantescas"<sup>393</sup>. Este último motivo do modo de caminhar das mulheres portuguesas - aparentemente exercendo um certo efeito de sedução junto dos viajantes masculinos - é também realçado por um outro "poeta".

Lastträgerinnen mit den verschiedensten Gütern in den Körben, die sie auf dem Kopfe tragen, pendeln mit den Hüften balancierend durch die Straßen.<sup>394</sup>

Em relação a esta e outras afirmações de Karl Busch sobre as portuguesas e os portugueses, já pela escolha de palavras e expressões como "portadora de cargas", "indígenas" ou "a população (madeirense) alimenta-se da pesca, de legumes, de bananas e toda a espécie de frutos meridionais e milho"<sup>395</sup>, não pode deixar-se de chamar a atenção para a carga de conotação exótico-imperialista/colonialista que encerram. Do mesmo modo que este autor submete a representação dos e das madeirenses a um esquema pré-formativo daquilo a que na mentalidade neo-colonizadora dos nacional-socialistas deveria corresponder um povo insulano, ou seja, o "exótico selvagem", também no que diz respeito à descrição da vida lisboeta se pode detectar a existência de um molde pré-constitutivo, de um certo folclorismo colonialista subjacente à percepção do "mundo do sul". O seguinte extracto constitui um bom exemplo de uma representação do estranho que obedece ao preenchimento esquemático de imagens preconcebidas, de estereótipos que, para efeitos de diplomacia, ou melhor de propaganda internacional, também podem ser utilizados numa espécie de inversão, de reflexo negativo, conforme aqui se pode constatar em relação aos tópicos da sujidade e da mendicidade "tipicamente meridionais":

In der großstädtischen Hafenstadt (Lissabon) herrscht buntes Leben. Verkaufsstände und Läden laden massenhaft zum Kauf ein, und die Autos hupen<sup>396</sup> immer noch wie früher im ganzen europäischen Süden. Fast lärmvoll erscheint den nordischen Urlaubern das gesamte Straßenbild. Trotzdem stellten alte Freunde des Landes eine Wandlung der inneren Haltung der Bevölkerung dar. Die Sauberkeit ist größer geworden, das

<sup>391</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 35.

<sup>392</sup> Jakob Schafner, *op. cit.*, p. 101.

<sup>393</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 34.

<sup>394</sup> Kari Busch, *op. cit.*, p. 22.

<sup>395</sup> Idem, p. 24.

<sup>396</sup> O tópico do barulho causado pelas buzinas dos automóveis, para além de na *Schicksalsreise* de Alfred Döblin (cf. nota 295 deste trabalho), também o encontramos no livro de Biallas (*op. cit.*, p. 37).

Bettlerunwesen so gut wie beseitigt, und auch auf anderen Gebieten herrscht wie in allen autoritären Staaten Ordnung.<sup>397</sup>

Um outro *clichê* - ou se quisermos, um outro elemento do esquema pré-constitutivo da imagem "germânica" dos portugueses - patente em vários dos textos do *corpus* em estudo diz respeito ao modo agressivo de condução dos automobilistas não só lisboetas como também madeirenses. Por se tratar aqui de um caso paradigmático do fenómeno da projecção de um estereótipo "lato" para uma subesfera bem circunscrita, isto é, que abrange não só os portugueses mas todos os povos latinos, passamos a citar, como exemplo apenas, duas breves afirmações de "poetas KdF" que se reportam a este tópico:

Die Autofahrer in Lissabon sind eine Klasse für sich. Unglaublich, wie sie im dichtesten Menschengewühl ihre Wagen geschickt und sicher im schnellsten Tempo durch die engen Straßen steuern. Trotzdem sind Unfälle, wie die (hier lebenden Auslands-) Deutschen sagen, äußerst selten. (...) Die Autos, Marken aus aller Herren Länder, besonders amerikanische und französische Fabrikate<sup>398</sup>, fahren in halsbrecherischem Tempo durch das dichteste Gewühl. Es wird links und rechts überholt.<sup>399</sup>

(Von Sintra aus) beginnt die Auffahrt nach den Höhen. (...) Du scheinst zu ertrinken oder wenigstens steckenbleiben zu sollen in einem üppig wuchernden und wildromantisch grünenden Bergwald, und dazu in Hohlwegen, jähren Kurven an Felswänden und über Niederstürzen, die der südländische Fahrer, um seine Kunst zu zeigen, immer in vollem Tempo nimmt.<sup>400</sup>

De resto, também a "típica" hospitalidade latina é - como doutra forma não seria de esperar - sobejamente explorada na "literatura de viagens KdF". Por todo o lado, os turistas alemães seriam bem recebidos pelos "indígenas" e não raramente cumprimentados com a saudação nazi:

Wir sehen nur freundliche Gesichter. Hakenkreuzfahnen, die von manchem portugiesischen Hause wehen, obgleich darin gar keine Landsleute wohnen. Menschen, die uns zunicken und den Arm heben: "Hei Hitta [sic]!" und "Auf Widerseh [sic]!"<sup>401</sup>

Num relato de viagem KdF, escrito por um membro da *Hitlerjugend* que participara no cruzeiro primaveril de 1936 à Madeira, pode ler-se ainda em relação à "calorosa recepção" dos turistas pela população:

<sup>397</sup> Idem, p. 50.

<sup>398</sup> Num outro relato de viagem KdF sobre Lisboa o autor afirma que "durante estes dias (em Lisboa) não vi(u) nem um único carro que não fosse moderno, os modelos mais recentes de automóveis alemães de baixa gama [*Kleinwagen*] estão aqui bem representados." [Otto Paust, *op. cit.*, p. 38]

<sup>399</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 35 e p. 37.

<sup>400</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 83.

<sup>401</sup> Otto Paust, *op. cit.*, p. 38.

Überall sind wir mit großer Herzlichkeit aufgenommen worden. Auf Straßen und Plätzen, in Geschäften und Hallen, überall begrüßte man uns mit "Heil Hitler!" Wie in Deutschland! Studenten übergaben uns Zettel mit der Inschrift: "Wir bewundern Hitler!"; einige Portugiesen erbaten sich sogar Hakenkreuzfähnchen, die sie dann zum Fenster heraushängten, um ihr Wohlwollen zu zeigen.<sup>402</sup>

Nos textos estudados não rareiam exemplos para a encenação deste *cliché* da calorosa receptividade humana por parte dos povos do sul da Europa. Não sendo de estranhar a insistente recorrência a este e outros estereótipos em contactos interculturais e suas representações textuais, é porém no mínimo surpreendente que no mesmo fôlego que se elogia determinados traços de um povo estranho se não prescinda de fazer realçar o avanço, a alegada superioridade da própria pátria sobre um país visitado, conforme se pode verificar no extracto que se segue:

Oft sind wir auch auf Madeira von wildfremden Menschen zu einem Glas Wein eingeladen worden. Wie oft sahen wir die Zeichen herzlicher Zuneigung zu Deutschland, und wir waren glücklich, in der Ferne das Lob unseres Vaterlandes zu hören. Und manche unserer Kameraden erkannten erst beim Anblick portugiesischer Arbeiter den ungeheuren Vorsprung, den sie vor den Schaffenden anderer Länder haben.<sup>403</sup>

A simpatia dos portugueses para com os excursionistas da KdF parece manifestar-se em todos os sítios e situações, desde os típicos contactos de rua, como o pedido de informações e o atendimento cordial em lojas comerciais, cafés e restaurantes<sup>404</sup>, passando pela encenação das "calorosas recepções e despedidas", com fogos de artifício, bandeirinhas, muitas flores, hinos nacionais alemão e português, como também pela pormenorizada e lisonjeira cobertura da visita dos turistas-representantes da nação alemã por parte da imprensa portuguesa<sup>405</sup>, até ao nível mais elevado de contactos com representantes oficiais do Estado português.

<sup>402</sup> Cit. cf. *Akten der deutschen Gesandtschaft in Portugal: NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude-Fahrten*, vol. 1. Nas actas não consta a fonte.

<sup>403</sup> Otto Paust, *op. cit.*, p. 70.

<sup>404</sup> Hans Biallas destaca na sua novela semi-ficcional um episódio que, segundo o autor enfatiza na única nota de rodapé em todo o livro, corresponderia a um "acontecimento verdadeiro ocorrido durante a primeira viagem à Madeira do ano de 1936" (p. 41) e que consistiria no seguinte: o protagonista da novela, Oldenkamp, decide passear sozinho pela baixa lisboeta onde, apesar de não ter gostado de um bife coberto com manteiga rançosa que lhe foi servido num restaurante, terá sido modo geral muito bem atendido por todos os empregados de lojas com quem contactou. A maior alegria experienciou-a, porém, num café em que tenta pedir, gesticulando na "sinalética da comunicação internacional", um jornal "Alemanha". Quando o empregado ouviu essa palavra até "se lhe riram os olhos" e, para espanto do turista, poucos minutos mais tarde colocou-lhe na mesa "o mais recente número do (jornal nazi) *Stürmer*" [no original esta frase é graficamente destacada], esse "bocado de pátria". Oldenkamp fica extremamente comovido já que a (re)acção do "bom e honesto português" lhe teria dado a "prova de que o esclarecimento sobre o perigo judeu ultrapassou largamente as fronteiras alemãs e de que a Alemanha, o povo alemão e com ele o operariado alemão, é em todo o mundo reconhecida como o suporte basilar da defesa feroz contra o domínio mundial dos Judeus." [Hans Biallas, *op. cit.*, p. 41].

<sup>405</sup> *Idem*, p. 44.

Biallas, por exemplo, destaca a presença alegre e participativa dos "representantes do povo português" na festa de bordo e o acompanhamento de um grupo de turistas durante um passeio pelas redondezas de Lisboa por parte do próprio "ajudante pessoal" do presidente português.

Der Frohsinn und die Freude kommen (auf dem Bordfest) zum Durchbruch. Musik, Tanz, Humor - Vorträge und Gesang in allen Räumen. Das ist ein froher Trubel (...). Auch die Vertreter des portugiesischen Volkes, die Offiziere und Mitglieder der Regierung<sup>406</sup> werden von dem lustigen Treiben angesteckt und bemühen sich eifrig, die Lieder eines rheinischen Dichters mitzusingen. Festlich geschmückte Räume, festlich gekleidete Menschen - die Freude herrscht an Bord und gibt neue Kraft für alle Volksgenossen. Die Flotte des Friedens trägt ihren Namen zu Recht! Die gastliche Aufnahme, welche die Urlauber in Portugal fanden, wurde durch eine besonders kameradschaftliche Haltung gekrönt. Im Auftrage des portugiesischen Staatspräsidenten fuhr dessen Ajutant persönlich einige Arbeitskameraden in seinem Wagen in die Umgebung von Lissabon. Mehrere Stunden war so einer der maßgeblichen Männer Portugals mit den deutschen Arbeitskameraden zusammen und unterhielt sich mit ihnen über ihre Eindrücke und über ihr Heimatland. (...) Die deutschen Arbeiter freuten sich sehr, hier einer hohen ausländischen Persönlichkeit einmal ein Bild von der neuen Betriebsgemeinschaft geben zu können, wie sie sich in Deutschland unter der nationalsozialistischen Führung entwickelt hat.<sup>407</sup>

Estes *Bordfeste*, palco ideal para a encenação tanto da camaradagem entre a "comunidade nacional" de "todos" os alemães como da "profunda" amizade luso-alemã, encontraram também na imprensa portuguesa enfáticas representações que, no entanto, pouco ou nada variavam de jornal para jornal e de excursão a excursão. Correspondendo portanto a um molde pouco imaginativo do noticiamento das festas de bordo-KdF por parte da imprensa fascizada do Estado Novo, bastará aqui citar exemplarmente uma breve passagem de um longo artigo publicado na edição de 17 de Março de 1936 do *Diário da Manhã*:

Recepção a bordo do (paquete KdF) *Saint Louis*:

A noite realizaram-se animados bailes a bordo dos três barcos, havendo recepção à colónia alemã e aos portugueses amigos dos alemães nos salões do *Saint Louis*. A bordo deste paquete compareceram, entre outros convidados, os srs. sub-secretário das Corporações, presidente do Município de Lisboa, eng.º Higinio Queiroz, etc. Numa pequena sessão solene, o director da excursão, Sr. Lefferentz [sic], falou da boa hospitalidade portuguesa e da aproximação luso-germânica, salientando o interesse [sic] do povo alemão por Portugal. O Sr. Ministro da Alemanha, também, na mesma ordem de ideias, focou em amáveis palavras o progresso de Portugal. Seguiu-se um sarau

<sup>406</sup> Na lista de convidados portugueses para a festa de bordo desta viagem primaveril de 1936 constam, de acordo com as actas da Legação Alemã em Lisboa (*Akten der deutschen Gesandtschaft in Portugal: N.S.-Gemeinschaft Kraftdurch Freude Fahrten*, Bd.1: 5.12.1935-31.12.1936), nomes sonantes da hierarquia política do Estado Novo, tais como António Ferro, o subsecretário de Estado do Ministério do Interior Dr. Rebelo de Andrade, o General Daniel Rodrigues de Sousas da Câmara Municipal de Lisboa ou o presidente da FNAT Higinio Queiroz, que a 31 de Outubro de 1937 iria ser condecorado por Hitler com o *Verdienstorden vom Deutschen Adler*.

<sup>407</sup> Hans Biallas, *op. cit.*, p. 45.

artístico por artistas alemães<sup>408</sup> que vêm a bordo, exibindo lindos números um grupo bávaro com os seus trajes característicos. A assistência aplaudiu entusiasticamente todos os números, retirando de bordo já de madrugada.

Enquanto que estas e muitas outras das representações textuais do ambiente alegre nos bailes a bordo dos paquetes da KdF são no *corpus* analisado modo geral instrumentalizadas no sentido de se produzir uma sugestiva encenação dos laços *intra e interculturais*, Schaffner surpreende-nos de certo modo ao descrever estas recepções como eventos "puramente nórdicos", parecendo assim querer realçar, em detrimento do valor internacionalizante dessas festas, sobretudo a essência "germânico-populista", o ímpeto de acção expansiva dos alemães que alegadamente também se reflectiria no temperamento festivo dos turistas da KdF:

(Das Bordfest) ist ein wirkliches, tiefes, gehaltreiches nordisches Volksfest, ein wenig wild, ein bißchen vom Zügel gekommen, denn das gehört dazu, stellenweise tiefsinnig vor lauter Begeisterung, auch ein bißchen breit und schließlich etwas laut, auch das ist nun einmal nicht anders, wo das losgelassene Gemüt am Ende ebenso beten wie die Eroberung einer halben Welt einleiten könnte.

No entanto, muito mais surpreendente, ou antes incomparavelmente mais chocante do que esta insistência endoutrinante em exaltar o espírito guerreiro dos excursionistas e das massas populares, afinal, o potencial leitor deste género de "literatura de viagens", é a visão racista subjacente às impressões dos "poetas KdF" sobre um povo com quem na retórica nazi se procurava a aproximação com base num aprofundamento bilateral dos laços de amizade. É que não foram apenas os informadores de viagem da KdF, "os homens de confiança" do regime nacional-socialista, que descreveram os portugueses como um povo que dava "do ponto de vista rácico uma fraca imagem". Para além do entrelaçamento de laivos chauvinístico-racistas que aqui já se denunciaram, nomeadamente nos dois maiores relatos de viagens KdF, ou seja, o semi-romance *Volk zu Schiff* de Schaffner e a semi-novela *Der Sonne entgegen* de Biallas, é sobretudo em alguns dos cerca de quarenta textos da antologia *KdF-Das große Urlauberschiff* que o esquema

<sup>408</sup> A partir de 1937, com a crescente aproximação luso-alemã baseada no anti-bolchevismo comum e perante o perigo comunista pela guerra civil em Espanha, os portugueses começam a colaborar também activamente nas recepções de bordo da KdF. Assim, segundo as referidas actas da Legação Alemã em Portugal (vol. 2), "o programa a realizar a bordo dos dois barcos" pela parte portuguesa consistiu em: "1. Orquestra Regional; 2. Grupo Típico Português - Corridinho - dança [sic] do Algarve; 3. Quarteto da Emissora Nacional; 4. Duo Lusitano - Fandangos - dança do Ribatejo; 5. Orquestra Regional; 6. Fados por Ercília Costa, acompanhada por um guitarrista e uma viola; 7. Duo Lusitano - Fado dansado - estilização [sic]; 8. Orquestra Regional; 9. Grupo Regional - Romarias - Dança do Douro". No entanto, não só aumentaram as participações portuguesas a nível artístico-cultural; também as representações institucionais sofreram um bem visível incremento. Assim, em 1937 já constam nas listas de convidados representantes oficiais de importantes instituições do Estado Novo, como a FNAT, o Instituto do Trabalho e Previdência, o SPN, o Grémio Nacional da Imprensa Diária, a Legião Portuguesa, a Mocidade Portuguesa, a Emissora Nacional e diversos organismos patronais.



ideológico da superioridade rática do "super-homem" alemão se manifesta de forma mais evidente. Aparentemente pouco preocupados com a demagógica discursividade do pendor pacifista, internacionalizante e interculturalizante das "viagens atlânticas", uma grande parte dos "poetas dos trabalhadores" nos textos coleccionados e editados por Paust não esconde a sua percepção e representação racicamente pré-condicionada de um povo e cultura estranhos. Se, numa atitude benevolente por nossa parte e para que não sejamos acusados de falta de abertura objectivizante nas investigações subjacentes ao presente trabalho, certas constatações em relação à fisionomia dos portugueses ainda poderiam ser circunscritas como sendo pré-formadas por uma visão de certo modo ainda definível como exótica, como no seguinte excerto da "novela de viagem" de Biallas:

Viele Dinge muten heimatlich an. Eine Kaianlage wird in der ganzen Welt ebenso aussehen wie in Hamburg oder in anderen deutschen Hafenstädten. (...) Anders die Menschen. Hier am Hafen von Lissabon sind alle Schattierungen vertreten. Vom hellen Braun, ja von weißer Gesichtsfarbe mit blonden Haaren und blauen Augen sind alle Farbschattierungen bis zum tiefsten Schwarz des Negers vertreten.<sup>409</sup>

no que diz respeito a outras "impressões de viagem" acerca dos portugueses já não restam margens para dúvidas de nos encontrarmos perante a manifestação pseudo-literária do mais puro, do mais bárbaro e perverso racismo inerente à própria *Weltanschauung* nazi. Aquando do contacto com o estranho, no momento da tentativa de se delimitar perceptualmente o alheio do próprio, a latente auto-convicção da superioridade rático-biológica dos alemães parece constituir nos textos em questão o elemento diferencial mais evidente. Esta visão dos portugueses racicamente preconditionada sobrepõe-se mesmo à demagógica retórica interculturalista da proximidade e amizade luso-alemã. O seguinte trecho, em que se transfere - de forma perversamente caricata - a auto-visão da essência guerreira e da força física do próprio para a perspectiva do outro, constitui disto um exemplo elucidativo.

Der Stolz des ganzen Schiffes sind die dreißig Männer von der Leibstandarte. Als sie in Dreierreihen durch Lissabon marschieren - und wir hinter ihnen her, recken die Passanten ungläubig die Köpfe hoch: Solche großen Menschen gibt es doch nur in den Fabelbüchern! Und die portugiesischen Soldaten grüßen die Kameraden vom fremden Land und freuen sich darüber, welches Ansehen diese prächtigen Kerle mit den hellen, verwegenen Gesichtern genießen!<sup>410</sup>

<sup>409</sup> Hans Biallas. *op. cit.*, p. 33.

<sup>410</sup> Otto Paust. *op. cit.*, p. 39.

Este motivo do soldado, aparentemente a "espécie" mais representativa do carácter de um povo, como que constituindo a medida pela qual se poderia avaliar a essência de uma determinada cultura, é constantemente retomado pelos diversos autores do livro *KdF-Das große Urlauberschiff* para se descrever a paisagem humana de um país estranho. E essa abstrusa comparação reverte obviamente a favor dos "faustosos homenzarrões" oriundos da Alemanha. Apenas os "altos jovens de olhos azuis" provenientes do norte de Portugal e, portanto, descendentes dos aventureiros povos germânicos que durante o período das grandes migrações tinham chegado à parte setentrional deste país ibérico conseguem melhorar um pouco a imagem fisicamente fraca dos portugueses, esse "mosaico de raças e povos"<sup>411</sup>.

Viele Soldaten sehen wir. Hellblaue, geschmeidige Gestalten - die Einheimischen von zierlichem Wuchse, die kräftigen, hohen jungen Männer aber, oft blond und blauäugig, so daß wir meinen, es seien Deutsche, aus dem Norden des Landes, aus Oporto, wo noch heute, nach Jahrtausenden, Gotensöhne wohnen und wo die Häuser eine andere Bauweise zeigen, unsere eigene, die nordische Bauweise!<sup>412</sup> Und wo die Gastfreundschaft und viele Landessitten nordischen Gesetzen unterstehen.<sup>413</sup>

O mesmo mito do norte de Portugal de essência germânica está na base da representação contrastiva dos madeirenses por parte de um outro "poeta de viagem" editado por Paust. Estabelecendo uma abstrusa analogia entre a paisagem floral e os habitantes da ilha, Mario Heil de Brentani descreve os autóctones da seguinte forma:

Seltsam hellfarben, zart und üppig sind die Eichen und die Fichten (auf Madeira); sie wuchern sinnensfroh zur Sonne, aber ihre Stämme und Äste haben keine Ähnlichkeit mit den knorrigen [sic] Brüdern in den nordischen Ländern. Und so sind auch die Menschen hierzulande. Freilich, die hellhaarigen, hochgewachsenen und blauäugigen Soldaten, die uns manchmal begegnen, stammen aus dem Norden des Landes, aus Oporto, wo einmal die alten Goten landeten, aber wir sahen auch kleine, geschmeidige Portugiesenkinder, die wir nach ihrem Gesicht und der hellen Farbe von Haut und Haar für Deutsche hätten halten mögen, und die doch von südländischem, zierlichen Wuchse waren. Kleine wehmütige Vision! - Brüder unserer Vorfäter zogen vor anderthalb Jahrtausenden hierher, und noch ist ihr Blut nicht untergegangen in den Rassen dieses Landes!

Lamentando a "degeneração" a que as sementes sanguíneas dos Godos teriam sido submetidas pela miscelagem de raças ao longo de milénio e meio, o autor conclui numa prospectiva pessimista:

<sup>411</sup> Idem, p. 48.

<sup>412</sup> O destaque gráfico é do original.

<sup>413</sup> Otto Paust, *op. cit.*, p. 49.

Noch sind Blick und Haltung des jungen Fischers den Menschen aus dem Norden verwandt; aber der Bruder hat eine Mullatin aus Lissabon zur Frau und seine Kinder sehen dich fremd an.<sup>414</sup>

O efeito de estranheza, a distância entre portugueses e alemães parece, assim, para este e outros "poetas das viagens KdF" constituir um fosso intransponível. Sem que o autor o afirme de forma explícita, pela lógica, as suas constatações alicerçam-se sobre a convicção de que os divergentes rumos biológicos que estes dois povos teriam tomado não possibilitariam uma verdadeira fusão amistosa, já que a essência "natural" do sangue dominaria, na doutrina rácica, sempre sobre a esfera da (inter)culturalidade, constituindo esta última afinal um elemento "artificial", um corpo estranho à visão "orgânica" do nacional-socialismo. No entanto, a latente ausência de racionalidade, coerência e lógica na *Weltanschauung* nazi e sua discursividade é algo que nunca parece ter preocupado seus incondicionais seguidores. Por isso, também não surpreende que Jakob Schaffner, ao representar a pomposa festa "intercultural" da despedida da Madeira, não prescindia de, por um lado, reiterar a alegada superioridade cultural, o avanço civilizacional dos alemães sobre os portugueses:

Sie waren noch einmal alle gekommen, die Deutschen und die portugiesischen Freunde. Noch einmal wurden geistig hungernde gespeist, denn auf der Insel gibt es nicht einmal Theater. Ein paar Striche Geige, ein paar Takte Schubert auf dem Flügel und einige deutsche Lieder genügen, um glänzende Augen zu machen: die Dichtung kam nicht einmal zu Wort.<sup>415</sup>

e, por outro lado, realçar, num patético discurso imbuído de palavras conotadas com campos semióticos tão incompatíveis como a guerra e o amor, a missão interculturalizante enquanto designio primordial das "viagens atlânticas" a bordo dos paquetes da "Frota da Paz":

Da konnte einer erleben, was Beziehung von Volk zu Volk ist. Eine brausende, blitzende Welle von herzlicher Kameradschaft nach der anderen durchdröhnt und durchglänzt die Decks; das Wort "Liebe" habe ich vermieden, aber auch Liebe ist darin und schwungvolles Bekenntnis der Zusammengehörigkeit auf Leben und Tod. Das Herz Europas ist nicht nur schöner sondern auch einiger und glücklicher geworden. (...) Solche Begegnungen (...) sind hohe Augenblicke der Volksfeier, ob sie in einem nördlichen oder einem südlichen Meer vorkommen. (...) Die Raketen, die von Schiff zu Schiff steigen, das tiefe, mächtige Brüllen der Sirenen, die Sprache der Flaggen und der Blinklampen - alles zusammen drückt immer wieder das eine aus: "Neue Zeit! Neue Fahrt! Neue Hochziele! Friede, Freiheit, Ehre!" Und weil das eine Sache ist, die ganz Europa angeht als Völkerbotschaft, darum ist sie auch für den ausländischen Gast so bewegend und sinnvoll.<sup>416</sup>

<sup>414</sup> Idem, p. 5 s.

<sup>415</sup> Jakob Schaffner, *op. cit.*, p. 118

<sup>416</sup> Idem, p. 121 s.

Falta saber se com "o embelezamento do coração da Europa" Schaffner se referiria ao *espírito* comum, a uma (inter)cultura europeia - por oposição a uma Europa na época dilacerada pelo cancro dos nacionalismos - ou ao coração *geográfico* da Europa, ou seja, ao vis(ion)ado *Terceiro Império* de tutela germânica. A leitura do "romance de viagem" *Volk zu Schiff* no seu todo pelo menos faz sugerir uma exegese no segundo sentido. De resto, a miragem profética deste poeta "místico-populista" (*völkisch-national*) parece ter-se concretizado, só que de forma diametralmente oposta à projectada, numa espécie de reflexo negativo: a pirotecnia festiva, os foguetes de artifício ir-se-iam transformar em foguetões bélicos e em terríveis bombardeamentos: em vez de "Paz, Liberdade e Honra", a política internacional do nazismo iria trazer à Europa *guerra, submissão e vergonha*. Os "novos tempos e os novos sentidos" teriam de esperar até à derrota de uma Alemanha que antes de avassalar grande parte dos países europeus pela guerra os quisera experienciar e dominar turisticamente.

## V. Os turistas da KdF vistos pela imprensa do Estado Novo

Quem não foi capaz de ou não quis entender o prenúncio totalizante subjacente ao turismo KdF e suas manifestações encenatórias foi o Estado Novo. É que o impacte provocado junto das populações lisboeta e madeirense pelos milhares de excursionistas alemães nas visitas da "*Força pela Alegria*, que superintende com grande inteligência nestas peregrinações culturais (...) pela terra portuguesa, alcançando assim plenamente um duplo objectivo: recompensar os operários alemães pelo esforço dispendido no resurgimento do III Reich e fortalecer ainda mais os laços de amizade que hoje ligam a Alemanha a Portugal"<sup>417</sup>, encontra na imprensa em maior ou menor grau controlada pelo regime salazarista<sup>418</sup> uma representação hiperbolizante, dando-se uma cobertura verdadeiramente apologética à demagogia internacionalizante da KdF e à política social da "nova Alemanha". Sendo certo que ao Estado Novo "interessava-lhe obviamente utilizar (o impacte mediático do turismo KdF a Portugal), em primeiro lugar, para propaganda internacional do (próprio) regime e, só muito cautelosamente, para divulgar os métodos e sucessos de outras experiências, ainda que politicamente afins, (já que) tendo em conta (...) o atraso da própria FNAT, a comparação com as realizações alemãs podia ser incómoda face ao nível e ritmo das coisas no Portugal de Salazar"<sup>419</sup>, a comunicação social fascizada - se é que este conceito

<sup>417</sup> *Diário de Notícias*, 31.10.1937.

<sup>418</sup> ... e, aparentemente, também bastante influenciável pelo Ministro da Alemanha em Portugal, já que nas actas da Legação alemã referentes às viagens KdF pode ler-se numa carta de von Huene dirigida a António de Menezes do SPN: "Es wäre wirklich schön, wenn Sie etwas Ihnen geeignet Erscheinendes (über die KdF-Besuche) in der Presse bringen würden und ich danke Ihnen im voraus herzlichst". E, no seu relatório sobre a viagem KdF de Março de 1936, altura da invasão da Renânia pelas forças militares nazi, destinado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, von Huene afirma: "Es gelang, alle großen (portugiesischen) Zeitungen zu einer Besprechung der Reise und der Ziele von der KdF-Organisation zu veranlassen und die KdF-Probleme füllten am Tag des Eintreffens der Flotte die Spalten, die in den letzten Tagen wüste Hetzmeldungen (bezüglich der Rheinlandbesetzung) gebracht hatten."

<sup>419</sup> José Carlos Valente, *op. cit.*, p. 16. Sobre as em comparação com as da KdF escassas actividades da FNAT durante os anos trinta, veja-se também o artigo comemorativo e "desdemonizante", isto é, de certo modo revisionista, sobre a FNAT ("a antecessora do INATEL") da autoria de Elsa Andrade: "60 Anos ao Serviço da Cultura, do Desporto e dos Tempos Livres" - surpreendente é a ausência no título de qualquer referência ao facto de a FNAT também ter estado "ao serviço da política do Estado Novo" -, publicado na revista do INATEL *Tempo Livre*, nº 52, Junho 1995, pp. 6-11. Segundo a autora, mesmo em finais dos anos quarenta a oferta turística proporcionada pela FNAT ainda era modesta, sendo composta por excursões e passeios dominicais para "ver a ponte de Vila Franca, a Lagoa Azul, o Guincho ou a Serra da Arrábida"; a ida a Fátima e o cruzeiro à Madeira constituem a novidade turística do ano de 1949, altura em que se "iniciam igualmente as viagens ao estrangeiro. São 93 os que vão nas duas digressões realizadas. Paris era o destino privilegiado. Em 1954, este sector (turístico) tinha já uma projecção diferente: as 172 saídas organizadas contaram com 9246 participações", ou seja, menos de metade do número de participantes nas viagens marítimas da KdF a Portugal efectuadas cerca de vinte anos antes. O campo de acção da organização dos tempos livres portuguesa, durante os anos trinta e quarenta, cingia-se primordialmente à manutenção de refeitórios económicos (Lisboa e Porto, 1936), "exclusivamente destinados a trabalhadores"

poderá ser utilizado num regime político que fomentava a *desinformação* - não poupou, porém, as oportunidades para divulgar a auto-imagem que a Alemanha pretendia projectar para o exterior por via das suas "viagens marítimas para trabalhadores". Neste sentido, não surpreende que, no dia a seguir à chegada da primeira "viagem atlântica" da KdF a Lisboa, *O Século* apresente, na sua edição de 17 de Março de 1935, em primeira página, e lado a lado, tanto um longo e prestigioso artigo sobre o evento KdF, adornado com uma boa dezena de fotografias da chegada a Alcântara dos paquetes da "Frota da Paz", dos "turistas-operários" alemães e das altas personalidades Robert Ley, o barão von Huene e o próprio Presidente da República Carmona durante a recepção dada pelo Chefe de Estado português, como também uma notícia sóbria intitulada de "A Alemanha adoptou o serviço militar obrigatório que o Tratado de Paz proibia", comentando-se no subtítulo que "a decisão do governo (sic) de Berlim equivale à (sic) denúncia das clausulas militares impostas ao Reich".

Para além de se poder detectar uma insistente evocação do tópico propagandístico do valor destas viagens para o "fortalecimento dos laços de amizade luso-alemã", para o qual inúmeros exemplos patentes na imprensa diária do Estado Novo aqui ainda poderiam ser fornecidos, mas dos quais aqui abdicamos por uma questão de brevidade e para não abusarmos da paciência do leitor. Não gostaríamos, porém, de concluir este trabalho, em que afinal se problematiza o fenómeno dos modos de percepção e formas de representação xenológicas, sem procedermos a uma análise, embora breve e muito sucinta, da imagem que os milhares de turistas que viajavam com a KdF projectaram na "opinião pública" portuguesa, pelo menos na da imprensa enquadrada com os ideais do regime. Observemos então um pouco mais de perto as formas de representação dos turistas alemães em alguns dos jornais da imprensa do Estado Novo.

Do mesmo modo que, conforme aqui se tem vindo a demonstrar, as representações de Portugal e dos portugueses pela pena dos "poetas de viagens KdF" são condicionadas por um determinado esquema ideológico e toda uma retórica demagógica a que se deveriam submeter, também a imagem das visitas-KdF e dos seus "turistas-trabalhadores" projectada pelos jornalistas dos principais diários portugueses dos anos trinta se apresenta como reflexo de um determinado

---

[apesar de nessa fase, segundo Jose Carlos Valente, "a FNAT acolher sobretudo sindicalizados urbanos de classe média, abrindo também as suas portas aos funcionarios públicos" (*op. cit.*, p. 11)], da colónia de férias *Um Lugar ao Sol* (Costa da Caparica, 1938), à organização de competições desportivas e à instauração de um Centro de Cultura Popular (Lisboa, 1936) e alguns *Centros de Alegria no Trabalho*. José Carlos Valente (*op. cit.*, pp. 11 e 16) indica, para além destas áreas de intervenção, também a significância da FNAT a nível da "acção de propaganda ideológica" durante o periodo em estudo, ao "apadrinhar o nascimento e apoiar logisticamente a Legião e a Mocidade" e "nacionalizar o 1º de Maio".

auto e hetero(pre)conceito. Dito de outra forma, as representações dos excursionistas alemães, ou seja, do estranho, coadunam-se perfeitamente tanto com a auto-imagem idealizante dos portugueses, que o regime estado-novista desejava inculcar à população, como também com os traços positivos da hetero-imagem pré-existente acerca do povo alemão. Podendo portanto falar-se de uma representação xenológica que se manifesta como duplo reflexo - de si mesmo e do alheio -, ambos prepositada e idealisticamente distorcidos, não surpreende que os portugueses se teriam sentido "extremamente lisonjeados" pela escolha de Portugal como destino de férias privilegiado pela Alemanha nacional-socialista. Assim, o género de afirmações como as que passamos a citar, a primeira extraída do *Comércio do Porto* de 20 de Março de 1935 e a segunda de *A Voz*<sup>420</sup> de 30 de Janeiro de 1936, constituem uma constante, um verdadeiro tema-estereótipo nos textos jornalísticos analisados:

É lisonjeiro (sic) para nós registar que Portugal é o primeiro país a receber esta embaixada de paz e trabalho.

A escolha do nosso país e da Madeira como destino das excursões é extremamente lisonjeiro para a nossa tradição de hospitalidade e para o nosso interesse turístico.

Nesta última passagem podemos já detectar dois outros *Leitmotive* típicos da relação jornalística acerca dos eventos da KdF: a *hospitalidade* - afinal um auto-*cliché* dos portugueses óptima e, por isso, constantemente instrumentalizado pela imprensa salazarista - e o *interesse turístico*, ou seja, económico e propagandístico. Dois breves trechos, um de *O Século* (21.3.1936) e outro do já citado *A Voz*, bastarão para demonstrar a calculística insistência neste auto-estereótipo nacional e nas alusões às vantagens financeiras que os turistas trariam ao país:

A excursão, que ontem entrou no Tejo, é a segunda, e tem tido, como a do ano findo, um êxito magnífico, sob os pontos de vista cultural e de recreio. O povo de Lisboa, com a sua proverbial hospitalidade, recebeu os excursionistas com o maior interesse e simpatia. Grupos de populares acompanharam os trabalhadores alemães nas visitas aos monumentos e miradouros da cidade ou aos arredores. Assim, durante o dia, as artérias principais, especialmente as da Baixa, tiveram um movimento extraordinário

O *Reichsbank*, para remediar a proibição de saída de moeda alemã para o estrangeiro (sic), autorizou que cada um dos excursionistas gaste em ambas as cidades portuguesas (Lisboa e Funchal) a importância de 20 marcos, o que perfaz uma soma de 160 mil marcos, isto é, cerca de 1.440 contos.

<sup>420</sup> Numa carta datada de 1.2.1936 e destinada à secção de turismo da KdF, a *Amt für Reisen, Wandern und Urlaub*, von Huene manifesta o seu contentamento pelo facto de até *A Voz*, "este jornal católico antigamente pouco afecto ao movimento nacional-socialista", se ter pronunciado de forma muito positiva sobre as visitas da KdF.

E também a imprensa madeirense faz realçar os dividendos económicos para a ilha advindos dos cruzeiros da KdF. Assim, no diário funchalense (*O Jornal* de 13 de Janeiro 1937 afirma-se:

A propaganda feita na Alemanha em favor da nossa terra é notável. Devemo-lo ao sr. Emil Gesche, digno representante do *Reich* nesta ilha, e às companhias de navegação dessa progressiva Nação. (...) São estes alemães que, uma vez no seu torrão natural, dizem maravilhas da Madeira, convencendo os seus conterrâneos a preferi-la nas suas viagens pelo mar. Os benefícios que resultam deste aglomerado de louvores, espalhados por cartazes e pelo cinema, são incalculáveis para o comércio e indústria madeirense. (...) Preparemo-nos para receber condignamente os 14.400 [o número é obviamente exagerado] excursionistas alemães, a fim de que o nome da Madeira continue cada vez mais a ganhar prestígio em toda a Alemanha.

Já António de Menezes, como alto-funcionário do SPN que era, tratando-se portanto de um homem habituado ao "polido" discurso da propaganda nacional e internacional, ao contrário da retórica vincadamente numérica dos jornalistas do *A Voz* e de *O Jornal*, evoca num longo artigo com o título peremptório "*A Kraft durch Freude e a Propaganda de Portugal*" esta questão dos benefícios materiais proporcionados pelas "amigáveis visitas" da KdF, "aquela organização de protecção ao operariado da Alemanha", numa forma discursiva menos quantitativa, mais "qualitativa", isto é, com maior elegância retórica e maior eficácia demagógica, camuflando interesses económicos e políticos sob a capa da divulgação da imagem cultural de Portugal por via do turismo:

A população de Lisboa já está habituada a estas visitas (da KdF) e é com carinho e interesse que as acolhe, curiosa das suas impressões e preferências e encantada com a alegria e a compostura dos milhares de excursionistas. Estes visitam a cidade em densos grupos, movimentam os cafés e as cervejarias. (...) Tratando-se a Alemanha do país que anualmente maior número de turistas nos envia, e que actualmente mais se entrega ao prazer das viagens - a KdF é ali o nosso melhor agente de propaganda. (...) Portugal tem no Dr. Roberto (sic) Ley - o criador da "KdF" e chefe da "Frente do Trabalho" - bem como na Secção de Viagens da agremiação operária, um dos mais dedicados admiradores e dos mais poderosos colaboradores na tarefa de tornar conhecidas as nossas belezas naturais e o carácter do nosso povo. (...) A propaganda turística de Portugal na Alemanha, nos últimos anos, tem sido levada a efeito na sua quási (sic) totalidade pela "KdF", pelos seus operários e pelos milhares de turistas alemães, que semanalmente nos visitam. A acção duma entidade organizada em Portugal, com esse fim, falta completamente. O resultado final é, assim, para nós, extremamente lisonjeiro, e faz aumentar a nossa simpatia pelo povo alemão e torna-nos especialmente gratos à "KdF".<sup>421</sup>

É no mínimo interessante verificar como este propagandista profissional sabe, ainda no mesmo artigo, também aproveitar, num registo sentimentalista de apelo ao amor-próprio dos leitores e seu patriotismo, a visão de Portugal e dos

<sup>421</sup> *Diário da Manhã*, 8.10.1937.



portugueses por parte dos estrangeiros - o autor mete-se, pois, como que na pele do *outro* - para agradar e cativar os *próprios* portugueses, auto-elogiando-os e sua "pátria" de forma deveras patética:

Quando regressam ao seu país, estes operários da "KdF" vão cheios do calor do clima do sul, vibrantes do acolhimento simpático da nossa população e impregnados com o bálsamo duma viagem de 15 dias na esfera azul do Atlântico. Durante meses, durante uns anos, Lisboa, (a) Madeira e Portugal são o assunto predilecto da sua conversa, o encanto das noites de visitas íntimas, a curiosidade satisfeita dos amigos à beira de sucessivas canecas de cerveja e do "Abendbrot", querem ouvir contar da luminosidade do nosso sol, da pureza do nosso céu, do exotismo das palmeiras que temos, do calor do nosso sangue e do ímpeto da nossa raça. Sobre as mesas da sala de estar há livros, gravuras, albuns de postais e de fotografias que lembram a viagem e dela falam, que atestam aos amigos o recente e invejável contacto com a gente e a paisagem do sul. (...) Enfim, poucos são - e disso temos prova testemunhal - os que não levam uma agradável impressão de curiosidade e de inédito, bordada sobre qualquer pormenor que lhes feriu a atenção e a nós passa despercebido, deixando-lhes no cérebro e no coração uma saudade, uma doce recordação que é a nossa melhor propaganda. Sobre esse ponto de vista nenhum povo como o alemão é mais grato e mais facilmente satisfeito, sabendo procurar a nota folclórica, colhendo-a com benevolência e ternura e exaltando-a com entusiasmo.

As várias estadias na Alemanha por parte deste inconfundível germanófilo e sua participação num cruzeiro da KdF aos fiordes da Noruega, a convite de Robert Ley e pelo mesmo pessoalmente acompanhado, parecem, na verdade, ter dado os seus frutos: Menezes aprendeu a "lição alemã" dos pais de todos os propagandistas, pois, nem Goebbels nem Hitler teriam sido capazes de instrumentalizar de forma superior sentimentos, *clichés* e auto-imagens para fins demagogicamente interculturalizantes. Sem que atinjam a perfeição psicologizante destes, há, no entanto, outros auto e hetero-estereótipos nacionais que sustentam a representação dos turistas da KdF no *corpus* textual aqui em estudo, tal como a por grande parte dos portugueses ainda hoje muito apreciada "disciplina germânica", tratando-se, aliás, de um dos valores basilares também da doutrina autoritária e repressiva do salazarismo e, portanto, na óptica do regime, de uma das características de um povo estrangeiro a realçar. Contentemo-nos para efeito ilustrativo com apenas dois curtos trechos paradigmáticos, escolhidos entre uma verdadeira avalanche do tópico *disciplina* alemã nos textos de imprensa analisados.

O aspecto a bordo dos três paquetes (da KdF) era o mesmo. Em todos haviam ordem e disciplina e alegria.<sup>422</sup>

Num relato da primeira "viagem atlântica" da KdF, um convidado especial a bordo, pelo tipo de discurso, tratando-se de um *jovem* colaborante do *Avante!*, o órgão da *Acção Escola Vanguarda* (organização antecessora da *Mocidade Portuguesa*) em que foi publicada a relação da travessia de Lisboa à Madeira e regresso,

<sup>422</sup> () *Século*, 21.3.1936.

comparando contrastivamente os comportamentos sociais português e alemão, constata:

Dansei (sic), ri e bebi como um bom portuguesinho. A certa altura, bota-se tudo a cantar. Aquilo é que era alegria e cerveja. Porém, ao contrário do que por vezes sucede cá na Nossa Terra, não houve a menor nota discordante, nem a mais pequena tropelia. Sempre a máxima correcção.<sup>423</sup>

Ainda de disciplina, mas de uma "disciplina político-nacional" falam Higino Queiroz, o então presidente da FNAT, e o barão von Huene nos seus discursos proferidos aquando de um almoço oferecido pela Legação alemã pela altura do cruzeiro KdF de Outono do ano de 1937 e parcialmente transcritos no *Diário da Manhã* (11.10.1937). Aludindo ao caos no país vizinho provocado pela guerra civil de Espanha, situação que levava a KdF a cancelar os seus cruzeiros outonal de 1936 e primavera do ano seguinte, já que, conforme as actas da Legação alemã, a probabilidade de "atentados bolcheviques" por refugiados comunistas em Portugal constituiria um risco demasiadamente elevado para os turistas alemães, tanto o Ministro alemão como Higino Queiroz enfatizam os tópicos de *ordem, disciplina e harmonia* e respectivas metáforas turísticas e patético-sentimentalistas como "qualidades" muito queridas a ambos os regimes. Dirigindo-se a von Huene, o representante português fê-lo da seguinte forma:

Nesta hora revolta de indisciplina e confusão V. Exa. não receou fazer aproar os seus barcos com milhares de trabalhadores a esta terra lusitana, onde a ordem e a disciplina reinam com tão clara naturalidade como se harmoniza com a atmosfera que aqui respiramos, a luz gloriosa do nosso sol. É que V. Exa. sabia bem que seriam recebidos de braços abertos, com o coração em festa, e que a singeleza da recepção seria suprida pela afectuosidade do acolhimento. Sêde pois bem-vindos na terra portuguesa e que esta escala seja nos vossos cruzeiros um porto seguro em que o lema da vossa organização encontre plena observância, retemperando moral e materialmente as forças dos vossos camaradas, cansados por um ano inteiro de trabalho, na alegria que aqui nunca faltará.

A *alegria* e boa disposição dos turistas alemães - não raramente aliadas ao *cliché* nacional (do consumo) da cerveja alemã - constitui outra constante motivística nas suas representações por parte dos jornais portugueses. O culto da festa, da exaltação da alegria de viver, da supremacia da emoção sobre a reflexão, exacerbadamente fomentado pelo(s) fascismo(s), também encontra sua encenação verbal nos textos aqui em questão. Convém no entanto salientar, já que de estereótipos nacionais na representação do outro estamos a tratar, que a *alegria* atribuída aos (turistas) alemães pelos jornalistas portugueses não representa de todo um *cliché* tradicional, tratando-se antes de uma pela doutrina nazi - e os

<sup>423</sup> "A caminho da Madeira com a *Deutsch (sic) Arbeitstront*", in *Avante!*, ano II (2a. série), n.º 23, 29.3.1935, pp. 4-6, aqui: p. 4.

portugueses salazaristas acolhem-na, já que era de interesse para a nacionalização das próprias massas populacionais - premeditada inversão da histórica "interioridade alemã" (*deutsche Innerlichkeit*), da revisão de uma auto-imagem traçada pelos complexos, simultaneamente, de inferioridade e superioridade<sup>424</sup>, um auto-conceito influenciado pela "vergonha impingida pelo ditado de Versalhes" e que, portanto, na óptica da ideologia nazi urgia corrigir, ou melhor, distorcer psicologicamente. A alegria é portanto uma característica constantemente apontada aos turistas alemães, e não só em relação ao ambiente festivo durante as recepções a bordo dos paquetes da KdF. Assim, já à chegada ao cais de Alcântara e, portanto, à distância a boa disposição a bordo dos barcos da KdF seria logo visível.

A alegria da chegada: quando o *Der Deutsche* se aproximou para atracar a charanga de bordo executou várias peças, enquanto os excursionistas agitavam, por entre exclamações entusiásticas, bandeirinhas portuguesas e "nazi". Espectáculo cheio de cor e imponência. (...) Do lado de terra os paquetes ofereciam um aspecto interessantíssimo, com os seus "deckes" apinhados de passageiros que riam e folgavam enquanto os altofalantes transmitiam gracejos do director da excursão, que fez espirituosas alusões ao atraso na chegada (causado pelo forte nevoeiro).<sup>425</sup>

Portanto, nenhum vestígio da histórica hetero-imagem da falta de humor e "sisudez" teutónicos. Antes pelo contrário, "os excursionistas apresentavam-se optimamente bem dispostos"<sup>426</sup>, de modo a que "a curta permanência dos operários alemães em Lisboa deixou na população a melhor impressão, quer pela forma correctíssima como sempre se portaram, quer pelo seu espirito alegre"<sup>427</sup>, "dando (mesmo) um aspecto animado e curioso à cidade, tanto mais que muitos dos excursionistas, como os homens e as mulheres da Baviera, vêm com os seus trajos característicos".<sup>428</sup> Conforme facilmente se pode constatar a partir de uma leitura dos diários da época, os jornalistas portugueses não prescindiram de conferir às suas representações de um povo estranho - mas bem-vindo - um determinado toque de colorido exótico, já que o populismo-folclórico constituía um elemento basilar da(s) demagógica(s) doutrina(s) fascista(s). Assim, não surpreende que na imprensa uniformizada do Estado Novo os turistas da KdF e "os trajos regionais (da Baviera)" tenham dado "uma nota bizarra e de cor à vida da capital, que vieram animar com a sua presença e sua simpatia por Portugal."<sup>429</sup> Um outro aspecto que teria chamado a atenção dos portugueses para os visitantes

<sup>424</sup> A este respeito, veja-se: Norbert Elias, "Der Zusammenbruch der Zivilisation", in *Studien über die Deutschen*, Frankfurt am Main, 1992, pp. 391-516.

<sup>425</sup> *Diário da Manhã*, 10.10.1937.

<sup>426</sup> *O Século*, 21.3.1936.

<sup>427</sup> *Diário de Notícias*, 23.3.1936.

<sup>428</sup> *Jornal de Comércio e das Colónias*, 21.3.1936.

<sup>429</sup> *Diário da Manhã*, 11.10.1937.

germânicos teria sido o facto de "percorrerem a pé as ruas da Baixa, sobraçando enormes embrulhos de uvas, que iam, lentamente, saboreando."<sup>430</sup> Mas que qualidade, a da "nossa" fruta portuguesa que os alemães saberiam portanto apreciar! E, para terminar as visões portuguesas acerca dos alemães, não poderiam obviamente faltar as observações das características físicas dos turistas germânicos. Como de outro forma não seria de esperar, alude-se à altura e robustez da "raça teutónica", sem se esquecer de, ao mesmo tempo, exaltar o culto fascista-populista do "nobre e honrado trabalhador":

Gordas damas, homens altos e fortes, faces duras e tisonadas de sol - homens de trabalho e não turistas ociosos e endinheirados - animaram a cidade.<sup>431</sup>

Mais uma vez, na representação do estranho, parece funcionar em pleno uma harmoniosa síntese, uma perfeita osmose de uma auto e hetero-imagem idealizadas, ambas correspondendo às exigências de doutrinas e práticas políticas senão idênticas - porque, de facto, não o foram -, pelo menos no que concerne às suas demagogias socializantes, estruturalmente parecidas.

Perante a inegável existência de uma forte corrente vincadamente anti-germanófila na opinião pública portuguesa dos anos 30 e 40, seria também certamente de interesse proceder a uma análise das representações dos eventos e turistas da KdF na imprensa *não* uniformizada, não enquadrada com os ideais doutrinários do regime estado-novista. No entanto, e tendo em conta que no presente trabalho nos quisemos limitar à tematização das percepções e representações do estranho pré-formadas por um determinado esquema ideológico, mais concretamente o(s) fascista(s), deixamos essa tarefa para futuras investigações a levar a cabo por outros interessados no tema - ou, quem sabe, pelo próprio autor deste estudo.

---

<sup>430</sup> *Diário Português*, (Rio de Janeiro), 23.10.1937. E no mínimo curioso verificar-se que o impacto mediático da presença dos turistas da KdF em Portugal chegou mesmo ao Brasil. Igualmente interessante é o facto do "apetite germânico" pela fruta meridional ser aproveitado também nos filmes da KdF e, como frequente adorno fotográfico, nos relatos sobre as "viagens atlânticas".

<sup>431</sup> *Ibidem*.

## VI. Conclusões

Que poderá concluir-se deste estudo acerca das "viagens marítimas para trabalhadores" sob a bandeira da cruz suástica e da análise das representações visionárias de Portugal e dos portugueses, de um país e povo estranhos, pela pena dos "poetas", "repórteres" e espiões viajantes afectos ao nazismo? Terá valido a pena insistir-se como germanista, mais uma vez, no empolamento mi(s)tico-poético, no *kitsch* (des)politizante que sustenta a "literatura de viagens KdF", enfim, na demagógica discursividade nacional-socialista, tratando-se afinal de um tema aparentemente já explorado por historiadores, politólogos e sociólogos e sobre o qual, segundo a opinião não só da crescente "nova direita", se poderia colocar definitivamente uma pedra tumular? Pensamos que sim; mais não seja pelo facto de com este trabalho se ter tentado contribuir para colmatar uma lacuna cuja existência se nos apresentava como incompreensível, senão mesmo inconcebível, sobretudo se se tiver em consideração que "quão intensivamente a investigação da literatura de viagens (em língua alemã) se ocupou das mais diversas facetas do género na República de Weimar, tão abruptamente termina o interesse no ponto onde se teria de ultrapassar o limiar para o *Terceiro Reich*"<sup>432</sup>.

No entanto, o interesse impulsionador pelo *corpus* estudado neste trabalho não se limitou a uma questão meramente quantitativa e filológico-positivista de se preencher um vazio na pesquisa histórico-literária. Numa tentativa de ultrapassar uma concepção demasiadamente delimitativa, e por isso inibidora, de "literatura" que, até ao momento, parece ter fortemente contribuído para a manutenção de uma fronteira moral, de um certo pudor, no que diz respeito à tematização da *pseudoliteratura* nazi, não podíamos tratar o conjunto de "*textos* de viagens KdF" numa óptica de análise poética cujos resultados teriam obviamente de apontar para a *aliterariedade*, para a *aculturalidade* constitutiva do nazismo, anulando-se assim o próprio objecto de estudo e, por conseguinte, o interesse e sentido da análise em si. Perspectivando a "literatura de viagens KdF" a partir do seu valor de testemunho acerca de mentalidades e ideologias, mais concretamente no âmbito xenológico, pensamos, pois, termos conseguido demonstrar, por um lado, que a percepção e representação do *outro* assenta nos textos analisados numa rigidamente cristalizada pré-selecção da "realidade" própria e estranha, neste caso a do *Scheinwelt*, do mundo de faz de conta visionado e encenado, isto é, ideologicamente construído pelo nazismo, e, por outro lado, que o(s) fascismo(s) não pode(m) ser entendido(s) e explicado(s) - e, portanto, "dominado(s)" (*bewältigen*) - se for(em) apresentado(s) "apenas" como monstruosidade, já que isso "seria uma banalidade

<sup>432</sup> Peter J. Brenner. *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*. Tübingen. 1990. p. 628.

isso "seria uma banalidade mais que gasta. (...) seria mesmo retirar-lhe(s) uma dimensão humana, minimizá-lo(s) e voltar a mitificá-lo(s)." <sup>433</sup> Ao reconhecer a factual popularidade do turismo KdF e respectiva "literatura" de viagens enquanto reflexo da capacidade do nacional-socialismo de fascinar, sugerindo às massas a experienciação "real" de uma "utopia geográfica" e exotizante, simbolizada no nosso objecto de estudo por Portugal e seus arquipélagos, tentámos - e esperamos tê-lo conseguido - desconstruir os ora simplistas, ora refinados mecanismos retórico-manipuladores com que os escritores de viagens nazis tencionaram incutir ao público-leitor suas idealisticamente distorcidas auto e hetero-imagens da "pátria alemã" e de um "país amigo". As viagens ao estrangeiro fascista ou fascizado organizadas pela "instituição de lazeres" KdF e suas respectivas representações "literárias" constituem, pois, um exemplo deveras elucidativo da racionalidade subjacente à maquiavélica funcionalização política de mitos, desejos e ânsias colectivos, para, apelando ao irracional, atrair, domar e enquadrar as massas com a *Weltanschauung* nacional-socialista, mesmo nos chamados tempos *livres*. A aspatialidade e atemporalidade pela qual se caracteriza a viagem e, por conseguinte, o estado comportamental de excepção, de "liquidez", em que o viajante se encontra no seu deslocamento da esfera do *próprio* para a do *outro*, na comparação, ora antonímica ora analógica, entre dois quadros socioculturais, fornecem precisamente os requisitos físico-materiais e psicológicos constitutivos de um palco e público ideais para a encenação da ficção totalitária de um *Império Milenar*. Por sua vez, as ancestrais e persistentes metáforas do mar, do navio <sup>434</sup>, da ilha, do sul e do sol <sup>435</sup>, com sua forte e facilmente instrumentalizável carga sugestiva de estabilidade, segurança, força, energia vital, harmonia paradisiaca e bucólica eternidade, em suma, da ilusória "comunidade do povo" (*Volksgemeinschaft*), por si só bastaram aos "poetas KdF" como arsenal imagético para uma "criação artística", melhor, artificial, basicamente destinada a fomentar novos desejos ou a saciar os sonhos das massas pré-existentes, o apetite pelo até então privilégio burguês da viagem com que o movimento trabalhista dos anos 20

<sup>433</sup> João Barrento, "A origem do nazismo no espírito do mito: inventário e herança do nacional-socialismo no Hitler de Syberberg", in *A Palavra Transversal. Literatura e Ideias no Século XX*, Lisboa, 1996, p. 206.

<sup>434</sup> Um exemplo actual da persistência de determinados símbolos e seu aproveitamento político é o facto de o mar e o navio - afinal, dois verdadeiros mitos nacionais - terem constituído um dos suportes imagéticos para a campanha das eleições presidenciais por parte de Cavaco Silva, cujos cartazes mostravam o mítico navio *Sagres* em pleno mar, sugerindo, assim, a estabilidade político-social prometida por esse candidato em caso de vitória.

<sup>435</sup> A recorrência ao símbolo do sol por Johannes R. Becher no poema do hino nacional da extinta RDA (com os versos "... daß die Sonne, schön wie nie, / über Deutschland scheint." terminam, quasi como refrão, a primeira e última estrofe) constitui um outro exemplo paradigmático da instrumentalização política - independentemente de se tratar dos campos da direita ou da esquerda - de persistentes cargas conotativas subjacentes a determinadas palavras.

já anteriormente tentara romper, no entanto, em proporções e com sucesso incomparavelmente menores aos obtidos pelo nazi-fascismo.

Sendo indiscutível que "a propaganda nazi aproveitou sobretudo a ânsia das massas pelo estado de harmonia"<sup>436</sup> - ambiente optimamente simulável durante a viagem e no contacto, funcionalmente delimitativo, com um mundo distante e exótico, correspondendo-se assim à histórica "tendência (não só) alemã para buscar um ideal no exterior da vida quotidiana"<sup>437</sup> - e tendo sido o impacte mediático do turismo ideológico da KdF sobre as opiniões públicas alemã e portuguesa mais que evidente, uma classificação reducionista das "viagens marítimas para trabalhadoras", apesar de uma comprovável sub-representação operária, como mera acção propagandística e suas representações literárias como simples *kitsch* não nos parece, porém, conforme tentamos demonstrar ao longo deste trabalho, a forma mais adequada para uma percepção e um entendimento *produtivos* das verdadeiras dimensões e repercussões das "viagens atlânticas" e suas representações textuais. É que, para além da sua inegável contribuição para a sustentação do poder político a nível interior e para a intensa e frutífera propaganda exterior junto de países de regimes ideologicamente - senão semelhantes pelo menos - próximos<sup>438</sup>, como no caso do Estado Novo dos anos 30, o turismo KdF teve implicações que ultrapassam o quadro histórico da época.

Com a popularização (basicamente mediática) da viagem, o regime nazi abriu caminho, sem que, no entanto, o intencionasse neste sentido, para o surto de democratização constatável no âmbito do turismo de massas no quase imediato pós-II Guerra Mundial. Sendo a índole das "viagens operárias" indubitavelmente mais nacionalizante do que *internacionalizante*, mais *desculturalizante* que *interculturalizante*, não supreende que na "literatura de viagens" nazi se encontrem mais auto-referências, mais elementos autopoieticos, do que considerações acerca do novo, do *outro* propriamente dito. A representação deste constitui-se portanto não só em relação com o próprio, mas sobretudo em função da sua auto-regeneração, podendo mesmo falar-se de uma voluntarista perversão do sentido antropológico da viagem durante o *Terceiro Reich*. E isto aparentemente com sucesso, já que o turismo KdF parece ter logrado, por um lado, exportar a

<sup>436</sup> Hannah Arendt. *op. cit.*, p. 561.

<sup>437</sup> Norbert Elias, *Studien über die Deutschen*. Frankfurt am Main, 1992, p. 425.

<sup>438</sup> Segundo Eric Hobsbawm (*op. cit.*, p. 122), citando o historiador Charles F. Dellzel (*Mediterranean fascism, 1919-1945*, Nova Iorque, 1970), "o governante reaccionário não fascista (...) Salazar alegou, em 1940, que ele e Hitler estavam ligados pela mesma ideologia". Esta afirmação parece, porém, contrastar com as investigações do *expert* em matéria do Estado Novo Luis Reis Torgal, segundo as quais "relativamente à Alemanha, (Salazar) somente procura compreender, em termos de xadrez político internacional, o seu regime, e mesmo a defesa do seu prestígio e até a sua ânsia expansionista, provocada pelo injusto do tratado de Versalhes, sem nunca - que se saiba - ter dirigido em relação ao *Führer* qualquer elogio especial." (*op. cit.*, p. 198).

imagem intencionalmente idealizada da "nova Alemanha" para o estrangeiro visitado - o estudo da imprensa enquadrada com o regime salazarista é disso um indicador - e, por outro, importar uma imagem exótico-turística de Portugal como país agradavelmente retrógrado, acolhedor e pacífico, que iria durar até aos nossos dias.<sup>439</sup> Numa perspectiva diacrónica, poder-se-á assim concluir que através das "espectaculares" e descomplexantes ofertas de "viagens para o povo" por parte da secção de turismo da *Kraft durch Freude* se inculcaram à sociedade alemã, a partir do exterior e de forma totalizante, hábitos e imaginários sociais que, apesar de na Alemanha pós-hitleriana se manifestarem progressivamente de modo diametralmente oposto ao intencionado pelo regime nazi, deixaram marcas latentes: a entre os alemães popularíssima viagem turística, em vez de incentivar o chauvinismo nacionalista visado pela KdF, é hoje cada vez mais entendida como forma da tomada de consciência do relativismo cultural, como *prática* imprescindível à aprendizagem *intercultural*. A forte intensidade de viajar, sobretudo para o estrangeiro<sup>440</sup>, por parte dos alemães, dos velhos e dos novos *Bundesländer*, parece-nos assim à partida um comportamento social deveras favorável à compreensão intercivilizacional, tanto mais se considerarmos a indelével facticidade de a própria sociedade alemã constituir um sistema social composto por inúmeros e variadíssimos elementos multiculturais, situação para o qual urge encontrar *modus vivendi* adequados a uma realidade que alguns (infelizmente, não tão poucos como seria de desejar) teimam em não aceitar.

Pensamos, no entanto, que a não por muito mais tempo adiável tomada de consciência *colectiva* deste fenómeno não pode passar apenas pela sua "vivência", sua experienciação turístico-folclórica. Se é, pois, verdade que a *praxis* e a teoria constituem partes complementares do conhecimento e da cognição e que o presente é produto da História, para terminar, não resistimos, mesmo correndo o risco de cair num certo *pathos* sócio-pedagógico, a reiterar a importância de se (re)insistir na análise de um "passado que teima em não querer passar". Enfrentemo-lo e deixemo-nos, também no âmbito das certamente bem intencionadas ciências e colóquios *interculturais* organizados em prol de uma harmoniosa convivência *internacional*, de tecer e projectar auto e hetero-imagens nacionais idealizantes e, por isso, facilmente funcionalizáveis para estratégias de esquecimento mal intencionadas. O fascismo é *de facto* um período constitutivo dos "oito séculos da amizade luso-alemã"; como tal não o podemos omitir,

<sup>439</sup> Veja-se a este respeito, Hans-Ulrich Thamer: "Ansichten einer Diktatur. Die Portugalrezeption in Deutschland 1933-1974", in *Zeitschrift für Kulturaustausch*, Estugarda, 1994/1, pp. 20-30.

<sup>440</sup> Segundo Rainer Wohlmann ("Entwicklung des Tourismus 1954-1991", in Heinz Hahn/H. Jürgen Kagelmann, *op. cit.*, pp. 10-16), mais de 70% dos destinos de viagens dos turistas alemães situam-se no estrangeiro, sendo a Áustria, a Itália e a Espanha os países mais visitados.



tornando-o assim num *tabu*. *Participar* activa e conscientemente na construção de um futuro comum, inevitável e desejavelmente multicultural, não sucumbir à anestesiante inércia provocada pela conjuntura do discurso resignativo sobre o "fim da história", implica necessariamente perceber e dominar o passado comum, desmitificá-lo não só nos seus momentos gloriosos, mas também nos vergonhosos.

Neste sentido, a análise das representações de Portugal na "literatura de viagens KdF" não só nos permitirá entender melhor a totalitária visão nazi do mundo como também nos poderá fornecer implicitamente - sobretudo quando complementada por um estudo (desejavelmente mais aprofundado do que o efectuado para o presente trabalho) da imagem da Alemanha projectada na imprensa fascizada do Estado Novo - determinadas pistas para uma (des)construção racional dos mitos colectivos subjacentes à ainda hoje dominante, porque cómoda, hetero e auto-imagem dos portugueses como povo de "brandos costumes", já que aparentemente apenas "plagiamos o fascismo e o hitlerismo"<sup>441</sup>. Só assim se poderá explicar a vergonhosa "infantilidade" criativa com que um conceituado estilista português dos anos 90 faz entrar Salazar na moda, introduzindo uma fotografia do ditador numa colecção de *T-shirts* estampadas "dedicada às figuras que, no seu entender, deixaram marcas na história portuguesa".<sup>442</sup> Fazendo companhia às outras quatro personalidades-símbolo eleitas pelo luso costureiro de sucesso, nomeadamente D. Afonso Henriques, o infante D. Henrique, D. Sebastião e Fernando Pessoa, o fundador do Estado Novo, revitalizado como espécie de ícone nacional, passará assim muito provavelmente a passear-se pelas ruas e mentes portuguesas de modo tão leve e tranquilo como os bandos de turistas da KdF durante a segunda metade dos anos 30.

---

<sup>441</sup> *Fernando Pessoa. Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*, org.: Joel Serrão, Lisboa, 1978, p. 85.

<sup>442</sup> Jorge Fiel, "Salazar entra na moda", in *Expresso*, 07.09.1996.

## Bibliografia

### Documentação de arquivo:

- *Akten der Deutschen Gesandtschaft in Portugal* (20/125: NS-Gemeinschaft "Kraft durch Freude"-Fahrten, 1935-1938; 20/126: Besuch der "Kraft durch Freude-Flotten", April 1938); Politisches Archiv des Auswärtigen Amtes (Bonn). [Actas da Legação Alemã em Portugal referentes a viagens KdF]
- *Akten: Überwachung von Reisen in das Ausland* ("Spitzelberichte"), Bestand R 58 - Reichssicherheitshauptamt, Bundesarchiv (Potsdam). [Actas e relatórios dos Serviços Secretos nazi referentes a viagens KdF ao estrangeiro.]

### Fontes impressas:

- *Amtlicher Führer zum Weltkongreß für Freizeit und Erholung. Hamburg 23.-30.Juli 1936.*
- *Arbeitertum* (revista quinzenal da organização nacional-socialista *Kraft durch Freude*), edições de 1934 a 1939.
- *Avante!* (órgão da *AEV*, edições a partir de Março 1935)
- *A Voz*, (1935-1939).
- *Bericht der Deutschen Arbeitsgemeinschaft für den Weltkongreß "Arbeit und Freude" in Rom 1938*, s.l.
- Biallas, Hans/Starcke, Gerhard (org.): *Leipzig. Das Nürnberg der Deutschen Arbeitsfront*, Munique, 1935.
- Biallas, Hans: *Der Sonne entgegen. Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*. Berlim, 1936.
- Busch, Karl (org.): *Nach den "Glücklichen Inseln". Mit KdF-Flagschiff "Robert Ley" nach der farbenprächtigen Welt von Madeira und Teneriffa*, Berlim, 1940.
- Busch, Karl (org.): *Unter dem Sonnenrad. Ein Buch von KdF*, Berlim, 1938.
- *Diário de Lisboa*, (1935-1939).
- *Diário da Manhã*, (1935-1939).
- *Diário de Notícias*, (1935-1939).
- Döblin, Alfred: *Schicksalsreise*, Düsseldorf, 1993 (1a. ed.: 1949); pp.239-270 (=14. Kapitel: "Portugal").
- Jünger, Ernst: "Atlantische Fahrt", in *Sämtliche Werke*, vol. 6. *Tagebücher IV*. Estugarda, 1982, pp. 109-183.
- Kahl, Werner: *Viagens do Operário Alemão*, (ed.: Serviço Alemão de Informação) s. l., 1941.

- Lafferentz, Bodo: *10 Jahre NS-Gemeinschaft "Kraft durch Freude" (Leistungsbericht)*, Berlim, 1943.
- Ley, Robert: *Ein Volk erobert die Freude. Leistungsbericht und Zielsetzung zum 4. Jahrestag der NS-Gemeinschaft "Kraft durch Freude"*, Berlim, 1937.
- Ley, Robert: *Kraft durch Freude*, Berlim, s. d. (1936).
- *Programm und Mitteilungen der NS-Gemeinschaft "Kraft durch Freude" - Gau Württemberg Hohenzollern*, Estugarda, edições de Junho 1935, Março 1936, Fevereiro 1937 e Junho 1937.
- *O Século*, (1935-1939).
- Paust, Otto (org.): *KdF. Das große Urlauberschiff*, Berlim-Dresden, 1936.
- Schaffner, Jakob: *Ein Volk zu Schiff. Zwei Seefahrten mit der KdF-Hochseeflotte*, Hamburgo, s.d. (1936).
- Selzner, Claus: "Kraft durch Freude als Idee", in *Rundbriefe des Amtes "Deutsches Volksbildungswerk" - Gau Württemberg-Hohenzollern*, 1938 / 1.
- von Hübenet, Anatol: *Die NS-Gemeinschaft "Kraft durch Freude". Aufbau und Arbeit*, Berlim, 1939.

**Filmes documentais** (situados no *Filmarchiv des Bundesarchives/Potsdam*):

- *Arbeiter heute* [filme propagandístico produzido pela *Deutsche Arbeitsfront-DAF* (*Frente de Trabalho Alemã*)], 1935.
- *Schiff ohne Klassen. Mit der "Wilhelm Gustloff" auf Fahrt* (filme propagandístico da *DAF*), 1938.
- "Streiks und Unruhen in aller Welt", in *Echo der Heimat, Folge 5* (noticiário cinematográfico produzido pela *DAF*), 1936.

**Literatura crítica:**

- AA. VV.: *Angst, Belohnung, Zucht und Ordnung. Herrschaftsmechanismen im Nationalsozialismus*, Opladen, 1982.
- AA. VV.: *O Estado Novo - Das Origins ao Fim da Autarcia. 1926-1959*, 2 vol., Lisboa, 1987.
- AA. VV.: *O Fascismo em Portugal*, Lisboa, 1982.
- AA. VV.: *Salazar e o Salazarismo*, Lisboa, 1989.
- Andrade, Elsa: "60 Anos ao Serviço da Cultura, do Desporto e dos Tempos Livres", in *Tempo Livre* (órgão do INATEL), Junho 1995, pp. 6-11.
- Arendt, Hannah: *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft*, Munique, 1986, (ed. orig.: New York, 1951).
- Barrento, João: "A origem do nazismo no espírito do mito: Inventário e herança do nacional-socialismo no Hitler de Syberberg", in Barrento, João: *A Palavra Transversal. Literatura e Ideias no Século XX*, Lisboa, 1996, pp. 203-213.

- Becher, J.A. Ursula: "Kraft durch Freude", in Studt, Christoph (org.): *Das Dritte Reich. Ein Lesebuch*, Munique, 1995, pp.126-129.
- Benjamin, Walter: "Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit" (Dritte Fassung), in *Gesammelte Schriften. Abhandlungen*, vol. I-2, (org.: Tiedemann, Rolf / Schweppenhäuser, Hermann), Frankfurt am Main, 1991, pp. 471-508.
- Benz, Wolfgang: "Die Inszenierung der Ekstase", in Benz, Wolfgang (org.): *Herrschaft und Gesellschaft im nationalsozialistischen Staat. Studien zur Struktur- und Mentalitätsgeschichte*, Frankfurt am Main, 1990, pp. 9-28.
- Berloge, Sabine: "Kraft durch Freude", in Benz, Wolfgang (org.): *Legenden, Lügen, Vorurteile. Ein Wörterbuch zur Zeitgeschichte*, Munique, 1993, pp. 119-121.
- Bloch, Ernst: *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt am Main, 1985, (1. ed.: Frankfurt am Main, 1959)
- Bloch, Ernst: *Erbschaft dieser Zeit*, Frankfurt am Main, 1985, (1. ed.: Zúrique, 1935).
- Brecht, Bertolt: "Aufsätze über den Faschismus 1933-1939", in *Gesammelte Werke*, vol. 20: *Schriften zur Politik und Gesellschaft*, (org.: Hauptmann, Elisabeth), Frankfurt am Main, 1967, pp. 179-265.
- Brenner, Peter J.(org.): *Der Reisebericht. Die Entwicklung einer Gattung in der deutschen Literatur*, Frankfurt am Main, 1989.
- Brenner, Peter J.: *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Forschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*, Tübingen, 1990.
- Broszat, Martin: *Der Staat Hitlers. Grundlegung und Entwicklung seiner inneren Verfassung*, Munique, 1992.
- Buchholz, Wolfhard: *Die nationalsozialistische Gemeinschaft Kraft durch Freude. Freizeitgestaltung und Arbeiterschaft im Dritten Reich*, diss., Munique, 1976.
- Denkler, Horst/Prümm, Karl (org.): *Die deutsche Literatur im Dritten Reich. Themen, Traditionen, Wirkungen*, Estugarda, 1976.
- Eco, Umberto: "O Protofascismo", in *Público* (suplemento *Leituras*), 21.10.1995, pp. 1-4.
- Ehlich, Konrad (org.): *Sprache im Faschismus*, Frankfurt am Main, 1989.
- Elias, Norbert: *Studien über die Deutschen*, Frankfurt am Main, 1992.
- Emmerich, Wolfgang: "Massenfascismus und die Rolle des Ästhetischen. Fascismustheorie bei Ernst Bloch, Walter Benjamin, Bertolt Brecht", in L. Winckler (org.): *Antifaschistische Literatur*, vol. I, Kronberg, 1977, pp. 223-290.

- Emonts, Martina: "*Força pela Alegria - O Mito da Ilha da Madeira na Versão Nacional-Socialista*", dact., (comunicação por publicar, apresentada no 3º Colóquio Internacional *Literatura de Viagens, Narrativa, História, Mito*; Funchal, 11 a 14 de Junho de 1995).
- Enzensberger, Hans Magnus: "Eine Theorie des Tourismus", in *Einzelheiten I. Bewußtseins-Industrie*, Frankfurt am Main, 1964, pp. 179-207.
- Frei, Norbert: *Der Führerstaat. Nationalsozialistische Herrschaft 1933 bis 1945*, Munique, 1987.
- Frei, Norbert / Schmitz, Johannes: *Journalismus im Dritten Reich*, Munique, 1989.
- Fromm, Erich: *Arbeiter und Angestellte am Vorabend des Dritten Reiches. Eine sozialpsychologische Untersuchung (1929-30)*, (ed.: Wolfgang Bonß), Munique, 1983.
- Frommann, Bruno: *Reisen im Dienste politischer Zielsetzungen. Arbeiter-Reisen und Kraft durch Freude-Fahrten*, diss., Estugarda, 1992.
- Glaser, Horst Albert (ed.): *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte*, vol 9: *Weimarer Republik-Drittes Reich: Avantgardismus, Parteilichkeit, Exil. 1918-1945*, Reinbek/Hamburg, 1983.
- Graf, Johannes: *"Die Notwendige Reise. Reisen und Reiseliteratur junger Autoren während des Nationalsozialismus"*, Estugarda, 1995.
- Hahn, Heinz / Kagelmann, H. Jürgen (ed.): *Tourismuspsychologie und Tourismussoziologie. Ein Handbuch zur Tourismuswissenschaft*, Munique, 1993.
- Harbsmeier, Michael: "Reisebeschreibungen als mentalitätsgeschichtliche Quellen: Überlegungen zu einer historisch-anthropologischen Untersuchung frühneuzeitlicher deutscher Reisebeschreibungen", in Maczak, Anton / Teuteberg, Hans Jürgen (org.): *Reiseberichte als Quellen europäischer Kulturgeschichte und Möglichkeiten der historischen Reiseforschung*, Wolfenbüttel, 1982, pp.1-31.
- Hobsbawm, Eric: *A Era dos Extremos. História Breve do Século XX. 1914-1991*, Lisboa, 1996.
- Hobusch, Erich: "Proletarische Gesellschaftsreisen mit dem Motorkabinenschiff *Baldur* um 1930", in Spode, Hasso (org.): *Zur Sonne, zur Freiheit! ...,* pp. 71-78.
- Jäger, Hans-Wolf: "Missionsreise eines Nationalsozialisten, Hanns Johst 1935", in Fuchs, Anne / Harden, Theo (org.): *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des internationalen Symposiums zur Reiseliteratur, University College Dublin 1994*, Heidelberg, 1995, pp. 542-551.
- Jaschke, Hans-Gerd: "Soziale Basis und soziale Funktion des Nationalsozialismus: Alte Fragen, neu aufgeworfen", in Otto, H.-U. / Sünder, H.

(org.): *Politische Formierung und soziale Erziehung im Nationalsozialismus*, Frankfurt am Main, 1991, pp. 18-49.

- Jost, Herbert: "Selbstverwirklichung und Seelensuche. Zur Bedeutung des Reiseberichts im Zeitalter des Massentourismus", in Brenner, Peter J.(org.): *Der Reisebericht*, Frankfurt am Main, 1989, pp. 490-507.

- Keitz, Christine: "Reisen zwischen Kultur und Gegenkultur. Baedeker und die ersten Arbeitertouristen in der Weimarer Republik", in Spode, Hasso (org.): *Zur Sonne, Zur Freiheit! ...*, pp. 47-60.

- Ketelsen, Uwe-K.: *Völkisch-nationale und nationalsozialistische Literatur in Deutschland. 1890-1945*, Estugarda, 1976.

- Ketelsen, Uwe-K.: *Literatur im Dritten Reich*, Schernfeld, 1993.

- Klemperer, Victor: *"Lingua Tertii Imperii". Die unbewältigte Sprache*, Munique, 1969 (1. ed.: 1949)

- Kracauer, Siegfried: *Das Ornament der Masse*, Frankfurt am Main, 1977.

- Kramer, Dieter: "Ferien für jedermann", in *Die Zeit*, 03.11.1995, p. 77.

- Krumbholz, Hans: "Zur Geschichte des Sozialtourismus: Die Anfänge der gewerkschaftlichen Ferieneinrichtungen", in Spode, Hasso (org.): *Zur Sonne, zur Freiheit! ...*, pp. 61-70.

- Kuin, Simon: "Alegria no Trabalho", in *Revista do Expresso* (24.09.1994), pp.36-37.

- Krusche, Dietrich: *Reisen. Verabredung mit der Fremde*, Munique, 1994.

- Loewy, Ernst: *Literatur unterm Hakenkreuz. Das Dritte Reich und seine Dichtung*, Frankfurt am Main, 1983.

- Leitão, Cláudia: "A Alcântara operária dos anos trinta", in *História*, ano XVIII (Nova série), nº 21, Junho 1996, pp. 24-39.

- Lucena, Manuel de: *A Evolução do Sistema Corporativo Português*, vol. I - *Salazarismo*, Lisboa, 1976.

- Marques, A. H. de Oliveira: *História de Portugal*, vol. III, Lisboa, 1986.

- Mason, Timothy W.: "Bändigung der Arbeiterklasse im nationalsozialistischen Deutschland", in AA. VV.: *Angst, Belohnung ...*, pp.11-53.

- Mason, Timothy W.: *Sozialpolitik im Dritten Reich*, Opladen, 1977.

- Matos, Mário: "Turismo nazi em Portugal (1935-1939)", in Marques, A. H. de Oliveira/Opitz, Alfred/Clara, Fernando (coord.), *Portugal-Alemanha-África. Do Colonialismo Imperial ao Colonialismo Político* (Actas do IV Encontro Luso-Alemão, Lisboa 1995). Lisboa, 1996, pp. 199-214.

- Mattoso, José (dir.): *História de Portugal*, vol. VII, *O Estado Novo* (org.: Fernando Rosas), Lisboa, 1994.

- Moeller, Hans-Bernhard: "Literatur zur Zeit des Faschismus". in Bahr, Erhard (org.): *Geschichte der deutschen Literatur. Kontinuität und Veränderung vom Mittelalter bis zur Gegenwart*, vol. 3: *Vom Realismus bis zur Gegenwartsliteratur*, Tübingen, 1988, pp. 327-432.
- Mommsen, Hans: "Nationalsozialismus als vorgetäuschte Modernität", in Mommsen, Hans: *Der Nationalsozialismus und die deutsche Gesellschaft*, Reinbek/Hamburg, 1991, pp. 405-427.
- Mosse, George L.: *Die Nationalisierung der Massen. Politische Symbolik und Massenbewegungen von den Befreiungskriegen bis zum Dritten Reich*, Berlin, 1993.
- Mühlen, Patrik von zur: *Fluchtweg Spanien-Portugal. Die deutsche Emigration und der Exodus aus Europa 1933-1945*, Bona, 1992.
- Opitz, Alfred: "Deutsch-portugiesische Kulturbeziehungen im europäischen Kontext. Überlegungen zur interdisziplinären Perspektivierung eines problematischen Forschungsbereichs". in Strosetzki, Christoph (org.): *Akten des Deutschen Hispanistentages. Göttingen 1991*, Frankfurt am Main, 1993, pp. 356-365.
- Opitz, Alfred: "Das 'innere Auge'. Zur Problematik der interkulturellen Imagination in der Reiseliteratur des 19. Jahrhunderts", in Thum, Bernd / Fink, Gonthier-Louis (org.): *Praxis interkultureller Germanistik. Forschung - Bildung - Politik. Beiträge zum II. Internationalen Kongreß der Gesellschaft für interkulturelle Germanistik*, Estrasburgo, 1991, pp. 659-668.
- Opitz, Alfred: "Friedrich von Sieburg: Estado Novo e Velho Portugal - um duplo retrato", in Xavier, A. Gama / Franco, C. António (eds.): *Aspectos da História Luso-Alemã*, Lisboa, 1990, pp. 103-110.
- Otto, Hans-Uwe / Sünger, Heinz (org.): *Politische Formierung und soziale Erziehung im Nationalsozialismus*, Frankfurt am Main, 1991.
- Otto, Hans-Uwe / Sünger, Heinz: *Soziale Arbeit und Faschismus*, Frankfurt am Main, 1989.
- Otto, Hans-Uwe / Sünger, Heinz: "Volksgemeinschaft als Formierungsideologie des Nationalsozialismus. Zu Genesis und Geltung von *Volkspflege*". in Otto/Sünger: *Politische Formierung ...*, pp. 50-77.
- Pais, José Machado: "Raízes ideológicas do Estado Novo", in *Vértice*, 13, Abril 1989, pp. 31-37.
- Paulo, Heloisa: *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN SNI e o DIP*, Coimbra, 1994.
- Payne, Stanley G.: "Fascismo, Modernismo e Modernização", in *Penélope*, 11, 1993, pp.85-102.

- Peukert, Detlev: "Zur Erforschung der Sozialpolitik im Dritten Reich", in Otto/Sünker: *Soziale Arbeit und Faschismus*, pp. 36-46.
- Pinto, António Costa: *O Salazarismo e o Fascismo Europeu. Problemas de interpretação nas Ciências Sociais*. Lisboa, 1992.
- Prahl, Hans-Werner/Steinecke, Albert: "Und morgen die ganze Welt? *Kraft durch Freude*", in *Der Millionen-Urlaub. Von der Bildungsreise zur totalen Freizeit*, Darmstadt/Neuwied, 1979, pp. 160-177.
- Prinz, Michael: "Wohlfahrtsstaat, Modernisierung und Nationalsozialismus. Thesen zu ihrem Verhältnis", in Otto/Sünker: *Soziale Arbeit und Faschismus*, pp. 47-62.
- Quintero, Alejandro Pizarroso: *História da Propaganda. Notas para um Estudo da Propaganda Política e de Guerra*, Lisboa, 1993.
- Reichel, Peter: "Ästhetik statt Politik? Zum Verhältnis von Kultur und Politik im NS-Staat", in *Politische Vierteljahrsschrift, Sonderheft*, 28, pp. 123-137.
- Reichel, Peter: *Der schöne Schein des Dritten Reiches. Faszination und Gewalt des Faschismus*, Frankfurt am Main, 1993. (1. ed.: Munique/Viena, 1991).
- Rosas, Fernando: "Cinco pontos em torno do estudo comparado do fascismo", in *Vértice*, 13, Abril 1989, pp. 21-29.
- Rostock, Jürgen / Zadnicek, Franz: *Paradies-Ruinen. Das KdF-Seebad der Zwanzigtausend auf Rügen*, Berlin, 1992.
- Sachse, Carola: "*Rationalisierung des Privatlebens*. Betriebssozialpolitik und Betriebssozialarbeit am Beispiel der Firma Siemens, Berlin (1918-1945)", in Otto / Sünker (org.): *Politische Formierung ...*, pp. 226-250.
- Schiedeck, Jürgen / Stahlmann, Martin: "Die Inszenierung des *totalen Erlebens*", in Otto / Sünker (org.): *Politische Formierung ...*, pp. 167-202.
- Schirò, Luís Bensaja dei: "Apontamentos para uma integração do fascismo salazarista no fascismo europeu", in *Vértice*, 13, Abril 1989, pp. 83-90.
- Scholdt, Günter: *Autoren über Hitler*, Bona, 1993.
- Schön, Heinz: *Die KdF-Schiffe und ihr Schicksal*, Estugarda, 1987.
- Spode, Hasso: "Arbeiterurlaub im Dritten Reich", in AA. VV.: *Angst, Belohnung ...*, pp. 275-328.
- Spode, Hasso: "*Der deutsche Arbeiter reist*: Massentourismus im Dritten Reich", in Huck, Gerhard (org.): *Sozialgeschichte der Freizeit*, Wuppertal, 1980, pp. 281-306.
- Spode, Hasso: "Die NS-Gemeinschaft *Kraft durch Freude* - ein Volk auf Reisen?", in Spode, Hasso (org.): *Zur Sonne, zur Freiheit! ...*, pp. 79-94.
- Spode, Hasso: *Zur Geschichte des Tourismus. Eine Skizze der Entwicklung des touristischen Reisens in der Moderne*, Starnberg, 1987.



- Spode, Hasso (org.): *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismusgeschichte*, Berlin, 1991.
- Studt, Christoph (org.): *Das Dritte Reich. Ein Lesebuch zur deutschen Geschichte 1933-1945*, Munique, 1995.
- Telo, António José: *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*, Lisboa, 1990.
- Thamer, Hans-Ulrich: "Ansichten einer Diktatur. Die Portugalrezeption in Deutschland 1933-1974", in *Zeitschrift für Kulturaustausch*, Estugarda, 1994/1, pp. 20-30.
- Torgal, Luís Reis: "Salazarismo, Alemanha e Europa", in AA VV. *Portugal und Deutschland auf dem Weg nach Europa*, Pfaffenweiler, 1995, pp. 193-219, (Actas do III Encontro Luso-Alemão: Bamberg, 1993).
- Vahsen, Friedhelm: "Freizeiterziehung im NS-Staat. Über die scheinbare Chance der persönlichen Glücksbefriedigung", in *Animation*, Maio/Junho 1987, Hannover, 1987, pp. 116-127.
- Vahsen, Friedhelm: "Nationalsozialistische Freizeiterziehung als Sozialpolitik", in Otto / Sünker: *Soziale Arbeit und Faschismus*, pp. 63-80.
- Valente, José Carlos: "A FNAT: das origens a 1941. Estado Novo e Alegria no Trabalho", in *História*, (Nova Série) ano XVII, nº 6, Março 1995, pp. 4-17.
- Wippermann, Wolfgang: *Europäischer Faschismus im Vergleich (1922-1982)*, Frankfurt am Main, 1983.
- Wippermann, Wolfgang: "Theorien undd Ideologien", in Glaser, Horst Albert (org.): *Deutsche Literatur. Eine Sozialgeschichte*, vol. 9, pp. 31-42.
- Wistrich, Robert: *Wer war wer im Dritten Reich? Ein biographisches Lexikon. Anhänger, Mitläufer, Gegner aus Politik, Wirtschaft und Militär, Kunst und Wissenschaft*, Munique, 1983.

## Anexo

### Estatística das "Viagens Atlânticas"<sup>443</sup> da KdF<sup>444</sup>

#### 1. Com escala de respectivamente dois dias em **Lisboa** e na **Madeira**:

- número total: **5**

duração/datas	composição de frota	nº de passageiros
15.03. - 30.03.1935	<i>S.L.</i> , <i>D.D.</i> , <i>O.</i> <sup>445</sup>	≅ 3.000
15.03. - 30.03.1936	" " " , <i>S.C.</i>	4.000
02.04. - 17.04.1936	" " "	4.000
04.10. - 20.10.1937	<i>W.G.</i> " " "	4.000

#### 2. Com destino exclusivo aos **Açores** (Faial e São Miguel):

- número total: **1**

02.04. - 21.04.1935	<i>Oceana</i>	640
---------------------	---------------	-----

#### 3. Cruzeiro com escala na **Madeira**, em **Tenerife** e **Lisboa**:

- número total: **1**

18.04. - 07.05.1939	<i>Robert Ley</i>	1.700
		-----
		<b>20.340</b>

<sup>443</sup> Para além das *Atlantikfahrten* da KdF a Portugal continental e arquipélagos, entre o povo também conhecidas como *Madeirareisen*, foram efectuadas mais sete viagens marítimas com destino à Itália (*Italienfahrten*), mas também com escala durante dois dias em Lisboa, mais um "cruzeiro primaveril" (*Frühlingsfahrten*) e dois outonais (*Herbstfahrten*) a bordo do imponente paquete exclusivamente construído para a KdF *Wilhelm Gustloff*, o primeiro "navio sem classes" baptizado com o nome de um alto-funcionário do NSDAP na Suíça assassinado por um judeu em 1937, com estadia de dois dias no Funchal. Estas viagens marítimas não estão incluídas na presente estatística que diz apenas respeito às "verdadeiras" *Atlantikfahrten*.

<sup>444</sup> Cf. Bruno Frommann, *op. cit.*, p 203 s.

<sup>445</sup> *S.L.*= *St. Louis*; *D.D.*= *Der Deutsche*; *O.*= *Oceana*; *S.C.*= *Sierra Cordoba*, *W.*=*Wilhelm Gustloff*.



## ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
2	rodapé	original	original
5	9	contribuído	contribuído
8	rodapé	previa	prévia
11	23	propagandístico	propagandístico
11	rodapé	Johannnes	Johannes
12	rodapé	afirma	afirma
17	17 s.	o tónico	a tónica
24	32	insistentemente	insistentemente
29	rodapé	ao fim e a cabo	ao fim e ao cabo
32	18	latente	patente
34	10	Friedes	Friedens
43	30	repararem	repararem
51	rodapé	<i>Vide</i> p. 11	<i>Vide</i> p. 13
51	rodapé	Matina	Martina
57	3	a que autor	a que o autor
58	17	pocuo	pouco
58	19	geeheimnisvoll	geheimnisvoll
67	27	estabelecer-se	estabelecer-se
70	7	<i>Lingua Tertii Imperii</i> - não	<i>Lingua Tertii Imperii</i> -, não
71	7	competeria	competiria
74	23	cultral	cultural
74	rodapé	Vejas-se	Veja-se
75	rodapé	<i>Vide</i> p. 50 s.	<i>Vide</i> p. 55 s.
76	26	dipppen	dippen
80	6	panorâma	panorama
81	16	Wie	Wir
83	24	<i>chlichés</i>	<i>clichés</i>
85	16	trantando-se	tratando-se
85	23	Kreuzzgang	Kreuzgang
87	10	à primeira vista" não	à primeira vista", não
87	23	analógico	analógica
93	4	interpretaivo	interpretativo
96	6	característio	característico
97	3	vêr	ver
97	13	germâncios	germânicos
98	11	vêr-se	ver-se
103	10	expemplarmente	exemplarmente
103	11	detéctável	detectável
106	12	megulhadores	mergulhadores
106	24	visitadaos	visitados
106	26	destingue	distingue
111	38	voltá	volta

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
115	12	prenunciado	pronunciadoo
120	5	encuncia-se	enuncia-se
121	rodapé	miudos	miúdos
126	rodapé	cf. nota 295	cf. nota 296
129	19	Betriebsgemeinschaft	Betriebsgemeinschaft
130	7	supreende-nos	surpreende-nos
130	26	nomeadamente	nomeadamente
131	19	econtrarmos	encontrarmos
134	10	terríves	terríveis
135	rodapé	antecessorra	antecessora
136	15	Para além de se poder detectar	Pode detectar-se
137	9	privilegiado	privilegiado
137	33	portuguesesas	portuguesas
141	rodapé	<i>Diário da Manhã</i>	<i>Diário da Manhã</i>
145	23	induvidavelmente	indubitavelmente
145	25	supreende	surpreende
145	última	sucesso	sucesso
147	4	necesssariamente	necessariamente
150	20 s.	Der Reisebericht ...	<i>Der Reisebericht ...</i>
151	19	"Die notwendige Reise.	<i>"Die notwendige Reise".</i>
156	ponto 1)	Deve acrescentar-se 1 viagem:	21.04.-07.05.1938 c/ 3.000 passageiros



## ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
2	rodapé	original	original
5	9	constribuído	contribuído
8	rodapé	previa	prévia
11	23	propagandístico	propagandístico
11	rodapé	Johannes	Johannes
12	rodapé	afirma	afirma
17	17 s.	o tónico	a tónica
24	32	insistentemente	insistentemente
29	rodapé	ao fim e a cabo	ao fim e ao cabo
32	18	latente	patente
34	10	Friedes	Friedens
43	30	repararem	repararem
51	rodapé	<i>Vide</i> p. 11	<i>Vide</i> p. 13
51	rodapé	Matina	Martina
57	3	a que autor	a que o autor
58	17	pocuo	pouco
58	19	geeheimnisvoll	geheimnisvoll
67	27	estabelecer-se	estabelecer-se
70	7	<i>Lingua Tertii Imperii</i> - não	<i>Lingua Tertii Imperii</i> -, não
71	7	competeria	competiria
74	23	cultral	cultural
74	rodapé	Vejas-se	Veja-se
75	rodapé	<i>Vide</i> p. 50 s.	<i>Vide</i> p. 55 s.
76	26	dipppen	dippen
80	6	panorâma	panorama
81	16	Wie	Wir
83	24	<i>chlichés</i>	<i>clichés</i>
85	16	trantando-se	tratando-se
85	23	Kreuzzgang	Kreuzgang
87	10	à primeira vista" não	à primeira vista", não
87	23	analógico	analógica
93	4	interpretaivo	interpretativo
96	6	característio	característico
97	3	vêr	ver
97	13	germâncios	germânicos
98	11	vêr-se	ver-se
103	10	expemplarmente	exemplarmente
103	11	detéctável	detectável
106	12	megulhadores	mergulhadores
106	24	visitidaos	visitados
106	26	destingue	distingue
111	38	voltá	volta

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
115	12	prenunciado	pronunciadoo
120	5	encuncia-se	enuncia-se
121	rodapé	miudos	miúdos
126	rodapé	cf. nota 295	cf. nota 296
129	19	Betriebsgemeinschaft	Betriebsgemeinschaft
130	7	supreende-nos	surpreende-nos
130	26	nomeadmente	nomeadamente
131	19	econtrarmos	encontrarmos
134	10	terríves	terríveis
135	rodapé	antecessorra	antecessora
136	15	Para além de se poder detectar	Pode detectar-se
137	9	privilegido	privilegiado
137	33	portuguesesas	portuguesas
141	rodapé	<i>Diário da Manhã</i>	<i>Diário da Manhã</i>
145	23	induvidavelmente	indubitavelmente
145	25	supreende	surpreende
145	última	sucessso	sucesso
147	4	necesssariamente	necessariamente
150	20 s.	Der Reisebericht ...	<i>Der Reisebericht ...</i>
151	19	"Die notwendige Reise.	<i>"Die notwendige Reise".</i>
156	ponto 1)	Deve acrescentar-se 1 viagem:	21.04.-07.05.1938 c/ 3.000 passageiros



Mário Manuel Lima de Matos

Mário Manuel Lima de Matos

As viagens marítimas da organização nazi *Kraft durch Freude* a Portugal (1935-1939):  
turismo, literatura e propaganda

## ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
2	rodapé	original	original
5	9	constribuído	contribuído
8	rodapé	previa	prévia
11	23	propagandístico	propagandístico
11	rodapé	Johannnes	Johannes
12	rodapé	afirma	afirma
17	17 s.	o tónico	a tónica
24	32	insistentemente	insistentemente
29	rodapé	ao fim e a cabo	ao fim e ao cabo
32	18	latente	patente
34	10	Friedes	Friedens
43	30	repararem	repararem
51	rodapé	<i>Vide</i> p. 11	<i>Vide</i> p. 13
51	rodapé	Matina	Martina
57	3	a que autor	a que o autor
58	17	pocuo	pouco
58	19	geeheimnisvoll	geheimnisvoll
67	27	estabelecer-se	estabelecer-se
70	7	<i>Lingua Tertii Imperii</i> - não	<i>Lingua Tertii Imperii</i> -, não
71	7	competeria	competiria
74	23	cultral	cultural
74	rodapé	Vejas-se	Veja-se
75	rodapé	<i>Vide</i> p. 50 s.	<i>Vide</i> p. 55 s.
76	26	dipppen	dippen
80	6	panorâma	panorama
81	16	Wie	Wir
83	24	<i>chlichés</i>	<i>clichés</i>
85	16	trantando-se	tratando-se
85	23	Kreuzzgang	Kreuzgang
87	10	à primeira vista" não	à primeira vista", não
87	23	analógico	analógica
93	4	interpretaivo	interpretativo
96	6	característio	característico
97	3	vêr	ver
97	13	germâncios	germânicos
98	11	vêr-se	ver-se
103	10	expemplarmente	exemplarmente
103	11	detéctável	detectável
106	12	megulhadores	mergulhadores
106	24	visitadaos	visitados
106	26	destingue	distingue
111	38	volta	volta

continuação →

Página	Linha	Onde se lê	Deve ler-se
115	12	prenunciado	pronunciadoo
120	5	encuncia-se	enuncia-se
121	rodapé	miudos	miúdos
126	rodapé	cf. nota 295	cf. nota 296
129	19	Betriebsgemeinschaft	Betriebsgemeinschaft
130	7	supreende-nos	surpreende-nos
130	26	nomeadmente	nomeadamente
131	19	econtrarmos	encontrarmos
134	10	terrives	terríveis
135	rodapé	antecessorra	antecessora
136	15	Para além de se poder detectar	Pode detectar-se
137	9	privilegido	privilegiado
137	33	portuguesesas	portuguesas
141	rodapé	<i>Diário da Manhã</i>	<i>Diário da Manhã</i>
145	23	induvidavelmente	indubitavelmente
145	25	supreende	surpreende
145	última	sucesso	sucesso
147	4	necesssariamente	necessariamente
150	20 s.	Der Reisebericht ...	<i>Der Reisebericht ...</i>
151	19	<i>"Die notwendige Reise."</i>	<i>"Die notwendige Reise."</i>
156	ponto 1)	Deve acrescentar-se 1 viagem:	21.04.-07.05.1938 c/ 3.000 passageiros